



**UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA**  
**CENTRO REGIONAL DE BRAGA**  
**Faculdade de Ciências Sociais**

**A Solidão dos Idosos**  
**na Dinâmica do Envelhecimento**

**II Ciclo de Estudos em Gerontologia Social Aplicada**

Vera Lúcia de Almeida Amaral Rodrigues

**Sob orientação de**

Prof. Doutor Eduardo Jorge Gomes da Costa Duque

**Braga, 2013**



## DECLARAÇÃO DE HONRA

### Entrega de Dissertação

*Vera Lúcia de Almeida Amaral Rodrigues*, aluna número 232611106 do *Mestrado em Gerontologia Social Aplicada*, declara por sua honra que o trabalho apresentado é de sua exclusiva autoria, é original, e todas as fontes utilizadas estão devidamente citadas e referenciadas, que tem conhecimento das normas e regulamentos em vigor<sup>1</sup> na Faculdade de Ciências Sociais e que tem consciência de que a prática voluntária de plágio, auto-plágio, cópia e permissão de cópia por outros constituem fraude académica.

Braga, 25 / 11 / 2013

---

(assinatura)

---

#### <sup>1</sup> Artigo 13º do Regulamento de Avaliação

##### **Fraude**

1. A fraude em qualquer prova de avaliação implica uma classificação final de zero valores e impedirá o aluno de se apresentar a qualquer forma de avaliação na mesma unidade curricular na mesma época de exames em que a fraude ocorreu.

2. A ocorrência de fraude terá de ser comunicada, pelo docente responsável pela avaliação e respetivo vigilante, à Direção da Faculdade com especificação das seguintes informações: tipo de prova de avaliação, data, nome e número do aluno em causa e descrição sumária da ocorrência anexando eventuais comprovativos da fraude.

3. A ocorrência destas fraudes será objeto de averbamento no processo do aluno.

## **Velho**

*Parado e atento à raiva do silêncio  
De um relógio partido e gasto pelo tempo  
Estava um velho sentado no banco de um jardim  
A recordar fragmentos do passado*

*Na telefonia tocava uma velha canção  
E um jovem cantor falava da solidão  
Que sabes tu do canto de estar só assim  
Só e abandonado como o velho do jardim?*

*O olhar triste e cansado procurando alguém  
E a gente passa ao seu lado a olhá-lo com desdém  
Sabes eu acho que todos fogem de ti pra não ver  
A imagem da solidão que irão viver  
Quando forem como tu  
Um velho sentado num jardim*

*Passam os dias e sentes que és um perdedor  
Já não consegues saber o que tem ou não valor  
O teu caminho parece estar mesmo a chegar ao fim  
Pra dares lugar a outro no teu banco do jardim*

Mafalda Veiga

## AGRADECIMENTOS

Esta parece ser a melhor parte da dissertação, talvez por ser a mais fácil. Tenho muito a agradecer a todos os que colaboraram com tanto empenhamento ao longo do tempo. É pena que as palavras sejam tão pobres para retratar a dimensão de certos sentimentos que nos assolam em momentos importantes da nossa vida, tal como é este.

Gostaria de agradecer a todos aqueles que, ao longo do caminho, estiveram sempre presentes através do seu apoio, estímulo, motivação, conselhos e sugestões, nomeadamente, aos amigos, colegas, professores e alunos, cuja lista de nomes seria demasiado extensa para apresentar aqui. Obrigada a todos! Aos amigos da caminhada, aos que me ensinaram a interpretar o mundo, aos que criticaram com o intuito da construção, aos que me deram alento nos momentos de desânimo e cansaço e a todos os que acreditaram em mim.

Não obstante, gostaria de agradecer de forma especial:

Aos meus pais, que sempre lutaram ao longo da sua vida para me poder dar um futuro melhor. A vós, pais, que tanto frio passastes, que tanto calor suportastes, dedico-vos este sonho com muito amor!

Ao meu orientador académico, Prof. Doutor Eduardo Duque, que com muito carinho me acompanhou e me mostrou os caminhos que deveria seguir, apesar de todas as minhas dificuldades.

À Santa Casa da Misericórdia de Vizela pelo acolhimento, pelas aprendizagens que me permitiu. Ao Sr. Provedor Domingos Vaz Pinheiro, pela abertura imediata, apoio e

disponibilidade. Às técnicas e funcionários, pelo carinho imenso que sempre me transmitiram. E é claro, não poderia deixar de agradecer a todos os idosos e familiares, que foram fundamentais para a realização da pesquisa empírica.

Aos grandes amigos: Dr.<sup>a</sup> Patrícia Iglésias, Dr.<sup>a</sup> Maria Emília Meireles, D. Maria Vicência Sarrato, Dr. António Costa Gomes e Vasco Themudo que foram “anjos” na minha vida, que me apoiaram na realização deste trabalho.

A todos o meu Muito Obrigada!

## RESUMO

O presente estudo pretende fazer uma leitura e compreender as estratégias que os idosos, que estão inseridos nas respostas sociais, adotam para combater a solidão. Pretende-se, assim, decifrar a percepção que o idoso tem relativamente ao estado de solidão; conhecer as estratégias que esses idosos adotam para combater a solidão e entender se as instituições, onde os mesmos são acolhidos, estão preparadas para atenuar o sentimento de solidão nos idosos.

Para tal, realizou-se o estudo na Santa Casa da Misericórdia de Vizela, que contou com a participação de 63 idosos, com idades compreendidas entre os 54 e os 92 anos ( $M=76,89$ ), bem como dos seus familiares.

Por um lado, recorreremos à metodologia quantitativa para perceber a dimensão de solidão a que os idosos estão sujeitos; por outro lado, à metodologia qualitativa de forma a perceber a relação entre os idosos e seus familiares, quer quanto ao lugar que estes ocupam nas suas vidas, quer aos laços afetivos existentes entre ambas as partes. Aos idosos aplicou-se um inquérito por questionário e aos familiares foi aplicada a entrevista.

O conceito de solidão tem um carácter intuitivo, pois cada pessoa analisa o seu estado de solidão, tendo em conta a situação a que se encontra exposta, sendo que, para muitos, o termo *solidão* significa estar só. O facto de por vezes os idosos vivenciarem a solidão, poderá estar relacionado com a monotonia dos seus hábitos, uma vez que já não têm uma atividade laboral e possuem algumas limitações físicas; outro aspeto poderá ser a falta de convívio com a família ou amigos, bem como com os seus pares. As pessoas idosas que referem vivenciar solidão, associam este sentimento à falta de amor, afeto, companhia, isolamento e abandono da família, principalmente dos filhos e netos.

**Palavras-chave:** Envelhecimento; Idoso; Família; Solidão.

## ABSTRACT

The current study aims to establish a reading and understanding on the strategies that the elderly, who are integrated in the Social Answers, adopt to fight loneliness. It is, thus, intended to decipher the perception that an elderly has, regarding the state of loneliness; to get to know the strategies that those elderly adopt in order to fight loneliness and to understand whether the institutions, where they live, are prepared to soothe the feeling of loneliness that they have.

For that, a study was carried out at Santa Casa da Misericórdia in Vizela, and 63 elderly aged 54-92 (M=76,89), took part in it along with their relatives.

On the one hand, we made use of the quantitative methods to perceive the dimension of loneliness to which the elderly are subjected to; on the other hand, we made use of the qualitative methods in order to understand the relationship between the elderly and their relatives, whether it is about the place they have in their lives or the affectionate bonds between both parts. A survey was conducted using a questionnaire for the elderly and an interview for their relatives.

The concept of loneliness has an intuitive character, for each person analyzes their state of loneliness, taking into consideration the situation they are exposed to; which, for many, the term solitude means to be alone. The fact that, at times, the elderly experience loneliness could be related with the monotony of their habits, since they no longer have work and they have some physical limitations; another aspect could be the lack of time spent together with family and friends as well as their peers. The elderly that state they experience loneliness relate this feeling to the lack of love, affection, company; and to the isolation and abandonment from their family, mainly their children and grandchildren.

**Key-words:** Aging; The elderly; Family; Loneliness.

## SIGLAS/ABREVIATURAS

CD – Centro de Dia

Ed. – Edição

*et al.* – Entre outros

INE – Instituto Nacional de Estatística

IPSS – Instituição Particular de Solidariedade Social

Lda - Limitada

M – Média

N. – Número

Pp. – Páginas

SAD – Serviço de Apoio Domiciliário

SCMV – Santa Casa da Misericórdia de Vizela

SPSS – *Statistical Package for Social Sciences*

Vol. – Volume

## ÍNDICE

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>14</b>
<b>CAPÍTULO I: FORMULAÇÃO DO PROBLEMA .....</b>	<b>18</b>
1.1. Justificação e Viabilidade do Estudo .....	19
1.2. Objetivos do Estudo .....	21
<b>CAPÍTULO II: FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA .....</b>	<b>23</b>
2.1. Envelhecimento .....	24
2.2. O Papel da Família .....	29
2.3. O Lugar do Idoso .....	36
2.4. A Solidão nos Idosos .....	40
2.5. Hipóteses de Investigação .....	52
<b>CAPÍTULO III: FASE METODOLÓGICA .....</b>	<b>54</b>
3.1. Opção pelo Método e Desenho de Investigação.....	55
3.2. Universo .....	58
3.3. Instrumentos de Recolha de Dados .....	60
3.4. Tratamento e Análise de Dados .....	65
3.5. Considerações Éticas .....	66
<b>CAPÍTULO IV: APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS .....</b>	<b>68</b>
4.1. Apresentação dos Resultados .....	69
4.2. Discussão dos Resultados Obtidos .....	96
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>111</b>
<b>BIBLIOGRAFIA .....</b>	<b>118</b>
<b>APÊNDICES .....</b>	<b>128</b>

## ÍNDICE DOS APÊNDICES

**Apêndice I:** Pedido de Recolha de Dados

**Apêndice II:** Tabela de caracterização da População

**Apêndice III:** Consentimento Informado

**Apêndice IV:** Inquérito por Questionário

**Apêndice V:** Guião de Entrevista

**Apêndice VI:** Tabelas diferenciadas por Respostas Sociais

**Apêndice VII:** Grelha da Análise de Conteúdo

## ÍNDICE DOS QUADROS

**Quadro I:** Sentimentos associados à solidão ..... 45

**Quadro II:** Média das Idades ..... 69

## ÍNDICE DOS GRÁFICOS

<b>Gráfico I:</b> Apoio dos familiares .....	70
<b>Gráfico II:</b> Visita aos idosos .....	71
<b>Gráfico III:</b> Fins-de-semana na família .....	72
<b>Gráfico IV:</b> Épocas festivas na família .....	73
<b>Gráfico V:</b> Frequência de telefonemas .....	74
<b>Gráfico VI:</b> Satisfação com a sua vida .....	75
<b>Gráfico VII:</b> Sentimento de solidão .....	76
<b>Gráfico VIII:</b> Sentido da vida .....	77
<b>Gráfico IX:</b> Sentimento de inutilidade .....	77
<b>Gráfico X:</b> Rotina matinal .....	78
<b>Gráfico XI:</b> Sociabilização .....	79
<b>Gráfico XII:</b> Interesse pela vida .....	80
<b>Gráfico XIII:</b> Sentimento de tristeza que leva ao choro .....	81
<b>Gráfico XIV:</b> Esperança no futuro .....	81
<b>Gráfico XV:</b> Sentimento de felicidade .....	82
<b>Gráfico XVI:</b> Inter-relação existente .....	83
<b>Gráfico XVII:</b> Camaradagem .....	84
<b>Gráfico XVIII:</b> Sentimento de pertença .....	85
<b>Gráfico XIX:</b> Ligação com as pessoas que rodeiam os idosos .....	86
<b>Gráfico XX:</b> Sentimento de exclusão .....	87
<b>Gráfico XXI:</b> Sentimento de retração .....	88

<b>Gráfico XXII:</b> Importância da compreensão .....	89
<b>Gráfico XXIII:</b> Interajuda .....	90
<b>Gráfico XXIV:</b> Importância da prática da animação sociocultural .....	91
<b>Gráfico XXV:</b> Gosto pelas atividades desenvolvidas .....	92
<b>Gráfico XXVI:</b> Animação Sociocultural vs Tempo Livre .....	93
<b>Gráfico XXVII:</b> Animação sociocultural vs sociabilização .....	93
<b>Gráfico XXVIII:</b> Participação nas atividades .....	94
<b>Gráfico XXIX:</b> Motivação para realizar as atividades de animação sociocultural .....	95

---

## INTRODUÇÃO

---

*“Se uma pessoa sentir quando está morrendo que, embora ainda viva, deixou de ter significado para os outros, essa pessoa está verdadeiramente só”*

(Elias, 2001)

Esta dissertação foi elaborada no âmbito do Mestrado em Gerontologia Social Aplicada da Faculdade de Ciências Sociais da Universidade Católica de Braga. Elaborou-se um Projeto de Dissertação sob orientação do Prof. Doutor Eduardo Jorge Gomes da Costa Duque.

Dada a abrangência do tema do envelhecimento, a opção pela elaboração de um estudo na área da solidão na vida dos idosos deve-se ao facto de se tratar de uma problemática em constante crescimento na sociedade moderna e que tem merecido uma grande reflexão pública. Isto porque o ser humano é um ser sociável por natureza. No entanto, parece haver pessoas mais sociáveis que outras, ou seja, dependendo das próprias características de cada indivíduo, ele pode necessitar de estar mais ou menos só. Segundo alguns estudos, apesar do ser humano não estar feito para viver na solidão, em determinados momentos da vida cada pessoa necessita de estar isolada ou sozinha. Apesar disso, ninguém gosta de sentir solidão. A pertinência deste estudo sobre a temática da solidão na vida dos idosos, ganha relevo à medida que assistimos a uma evolução do índice de envelhecimento.

Envelhecer depende de fatores como a história pessoal, a carga genética, a alimentação, o tipo e a quantidade de trabalho realizado durante a vida, o ambiente afetivo e as circunstâncias sociais e económicas em que se viveu. Perante isto, percebe-se que se trata de um fenómeno biopsicossocial, daí advêm as dificuldades sentidas pela sociedade em lhe dar respostas. Enriquecer a última etapa da vida, introduzindo nela um sentimento de bem-estar e de sentido

para a vida dos idosos, é um grande desafio para a sociedade, perante o envelhecimento populacional que se está a desenvolver.

Além de atual, este estudo é também pertinente, já que acompanha um momento específico da sociedade que se refere à evolução do índice de envelhecimento. De um modo particular, este interesse surgiu do contacto direto com idosos institucionalizados em Lares e à constante referência ao tema da solidão sentida, mesmo estando diariamente rodeados de pessoas. Esta motivação de foro pessoal foi reforçada pelo enriquecimento transmitido pelos autores que abordaram esta temática e fundamentaram o caminho a seguir na presente investigação.

Deste modo, julgamos pertinente estudar as estratégias que os idosos, inseridos em respostas sociais, adotam para combater a solidão.

O presente estudo encontra-se dividido em quatro capítulos, sendo que no primeiro será feita a formulação do problema de investigação, onde será justificada a viabilidade do estudo, bem como a questão e os objetivos da investigação.

No capítulo dois, e como forma de enquadrar teoricamente o problema de investigação, será feita uma abordagem aos temas mais relevantes para servir de suporte ao resto do estudo. Assim, será feita uma análise ao conceito de envelhecimento, ao papel da família, ao lugar do idoso e por fim à solidão nos idosos, ponto central do estudo. Serão apresentadas as hipóteses do estudo.

O capítulo três irá ter como ponto de abordagem o processo metodológico, onde será apresentado o desenho da investigação e o universo, seguidamente os instrumentos de recolha de dados, o tratamento e análise dos dados e as considerações éticas.

Finalmente, o quarto capítulo pretende apresentar os resultados obtidos no estudo e a discussão dos mesmos, sendo as entrevistas realizadas aos familiares/amigos um complemento aos inquéritos realizados pelos idosos.

Nas considerações finais é efetuada uma reflexão global onde se recuperam sinteticamente todo um conjunto de factos considerados essenciais nesta pesquisa, enunciando a problemática, expõem-se a partir dos objetivos e hipóteses, os resultados encontrados. Assim, pode ser constituída uma proposta de pesquisa para o futuro, pois uma investigação é tão importante pelos resultados quanto pelas questões que esta levanta.

---

## **CAPÍTULO I: FORMULAÇÃO DO PROBLEMA**

---

*Convém não dissociar a velhice da vida em si – a velhice é, em suma, a cena final desta peça que é a existência.*

(Cícero)

Neste capítulo será apresentada a justificação, viabilidade e objetivos do estudo realizado na Santa Casa da Misericórdia de Vizela (SCMV). Estas etapas serão descritas com o objetivo de fazer um enquadramento do que se pretende abordar ao longo da temática em estudo e de evidenciar a importância da problemática escolhida, sendo este passo muito importante para se compreender todo o processo de investigação.

### **1.1. Justificação e Viabilidade do Estudo**

A investigação científica é um processo que permite resolver problemas ligados ao conhecimento dos fenómenos do mundo real, no qual vivemos; é um método particular de aquisição de conhecimentos, de forma ordenada e sistemática de encontrar respostas para as questões que necessitam de investigação (Fortin, 1999). Segundo a mesma autora, qualquer investigação tem como ponto de partida uma situação considerada problemática, que causa mal-estar, inquietação e que por consequência, exige uma explicação ou pelo menos uma melhor compreensão do fenómeno observado.

No projeto de elaboração deste estudo, uma das principais questões a ter em consideração foi a necessidade de afunilar a problemática em análise, de forma a tornar exequível a proposta de investigação. Portanto, a grande questão que se colocou foi a de compreender um pouco mais a dinâmica do envelhecimento, partindo do pressuposto de que há idosos que vivenciam

a solidão quer em sua casa, quer em lares, e há outros idosos que nestes mesmos locais vivenciam um ambiente de serenidade, visto que as reformas e a doença na idade avançada levam a grandes retiradas da vida ativa. Surge, assim, a preocupação de conhecer quais as estratégias que os idosos, inseridos em respostas sociais, adotam para combater a solidão, visto que, com a retirada do mercado de trabalho, se sentem muitas vezes desorientados, ao terem que adaptar-se a um novo estilo de vida.

A escolha do tema “A Solidão dos idosos na dinâmica do envelhecimento” surgiu na sequência da atividade exercida enquanto Assistente Social, desenvolvida na SCMV. Neste contexto, é-se constantemente confrontado com pedidos de integração de idosos em Lar, Centro de Dia (CD) ou no Serviço de Apoio Domiciliário (SAD). Na realização das visitas domiciliárias depara-se com um grande número de idosos que vive em contexto de solidão. Ao confrontarmo-nos com este contexto vivencial, há uma preocupação que se refere aos sentimentos que os idosos vivenciam, tais como: tristeza, apatia, tédio, baixa autoestima, desinteresse por tudo, inclusive pela vida. Sabe-se que esta situação vivencial leva a uma progressiva degradação tanto física como psíquica, podendo conduzir mesmo à morte.

Através da experiência em contexto profissional, verifica-se que em alguns casos a família não tem uma participação tão ativa quanto seria desejável. A família é na verdade o *habitat* natural do ser humano, que desempenha um papel importante em qualquer estágio da vida, principalmente na velhice, sendo que a população em estudo é proveniente de meios rurais fortemente marcados por valores culturais que valorizam o papel primordial da família. Inerente a estas constatações sente-se a necessidade de realizar um estudo que vise clarificar o acompanhamento social e afetivo dos idosos em ordem ao seu bem-estar.

Enquanto Assistente Social, reconhece-se que este é um papel fulcral na sociedade, pois

*“a prática do Serviço Social tem estado centrada, desde o início, na satisfação de necessidades humanas e no desenvolvimento do potencial e recursos humanos. O Serviço Social é uma profissão cujo objetivo consiste em provocar mudanças sociais, tanto na sociedade em geral como nas suas formas individuais de desenvolvimento. Os profissionais de Serviço Social dedicam-se ao trabalho em prol do bem-estar e da realização pessoal dos seres humanos; ao desenvolvimento e utilização disciplinada do conhecimento científico relativo ao comportamento das pessoas e das sociedades; ao desenvolvimento de recursos destinados a satisfazer necessidades e aspirações individuais, coletivas e à realização da Justiça Social” (Tavares, 1999:23).*

Na área do envelhecimento, o Assistente Social deve zelar pelo bem-estar integral dos seus utentes. Todos temos um projeto de vida, que, por vezes, é difícil de identificar e realizar – o técnico de Serviço Social terá a função de agente facilitador que irá responder às necessidades de cada utente dos seus serviços. Procura ajudar os indivíduos a resolver os seus próprios problemas, quer através dos seus próprios recursos, promovendo a mudança de atitudes, quer através da mobilização dos recursos da comunidade.

Perante a problemática identificada e tendo em conta que uma boa questão de partida deve ser clara, exequível e pertinente de modo a ser operacional, tendo em vista servir de fio condutor da investigação (Quivy & Campenhoudt, 2005), formulou-se a seguinte questão de investigação:

*“Que estratégias adotam os Idosos, que estão inseridos nas respostas sociais, para combater a solidão?”*

## **1.2. Objetivos do Estudo**

Um projeto, enquanto intenção de algo a realizar, pressupõe sempre a existência de objetivos, entendidos como patamares que se pretendem alcançar, da mesma forma que, esta verbalização dos objetivos permite, por um lado, a possibilidade de um olhar crítico sobre o estudo, quer durante a sua execução, quer no seu encerramento metodológico (avaliação

final); por outro lado, só o estabelecimento das metas a alcançar permite a elaboração do quadro de análise ao qual obedecerá o estudo (Boutinet, 1996).

O objetivo de um estudo permite orientar a investigação, sendo “(...) um enunciado declarativo que precisa a orientação da investigação segundo o nível dos conhecimentos estabelecidos no domínio em questão” (Fortin, 1999:100).

Assim, para este estudo, definiram-se os seguintes objetivos:

- Perceber a noção de solidão que o idoso tem relativamente ao sentimento de solidão;
- Conhecer as estratégias que os idosos, que estão inseridos nas respostas sociais, adotam para combater a solidão;
- Entender se as instituições estão preparadas para atenuar o sentimento de solidão nos idosos.

Uma vez formulado o problema de estudo e avaliada a sua relevância, o passo seguinte consiste em sustentar teoricamente o estudo, etapa que alguns autores chamam de elaboração do marco teórico ou quadro teórico. Isso implica analisar e expor as teorias e as pesquisas consideradas válidas para o correto enquadramento do estudo (Rojas, 2001, *cit. in Sampieri et al., 2007*).

---

## **CAPÍTULO II: FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA**

---

*“A pessoa é muito mais do que a simples expressão das suas atuais condições físicas e de saúde, uma vez que a dimensão mental e experiencial também agem e se modificam a cada instante”*

(Letterman)

Neste capítulo pretende-se apresentar o enquadramento das questões teóricas centrais que concorrem para a compreensão da solidão dos idosos na dinâmica do envelhecimento e as hipóteses do estudo. É importante, contudo, salientar a ideia de que se trata da construção de um objeto complexo pelas suas dimensões científicas e filosóficas, como se constata através da revisão da literatura, a qual revela a prevalência de diferentes visões acerca deste fenómeno, radicadas em diversas visões do mundo. A abordagem realizada procederá nestas circunstâncias a uma identificação e apresentação das diferentes perspetivas.

## **2.1. Envelhecimento**

Atualmente, segundo diversos estudos efetuados pelo Instituto Nacional de Estatística (INE), tem-se verificado um envelhecimento da população e este traduz-se no aumento da proporção de pessoas idosas face ao conjunto. O envelhecimento promoveu sempre a reflexão dos homens, quer na sua aspiração face ao eterno, quer na sua perplexidade face à morte e ao sofrimento. Com o decorrer dos tempos, as atitudes perante as pessoas idosas e o conceito de envelhecimento, as relações sociais e culturais, têm-se vindo a alterar. A velhice e o envelhecimento têm vindo a adquirir nos últimos anos grande pertinência na sociedade, em grande medida devido à evolução sociodemográfica mundial. “É sobretudo a partir da

segunda metade do séc. XX que este fenómeno se coloca com mais acuidade” (Silva, 2001:169).

O envelhecimento populacional é hoje um fenómeno mundial. O aumento da esperança de vida não é mais um privilégio dos países desenvolvidos. Entretanto, somente nas últimas décadas, é que voltaram a sua atenção para as questões científicas, políticas, económicas, culturais, sociais e de saúde provocadas por esse fenómeno, em grande escala. Desde a década de 80, observa-se que a maioria dos idosos vive em países do terceiro mundo, facto que se opõe à crença de que a longevidade está associada somente aos países mais desenvolvidos como ocorre na Europa ou na América do Norte (Veras *et al.*, 2000, *cit. in* por Gaioli, 2004).

Assim, o envelhecimento é considerado um fenómeno central nas sociedades europeias e, naturalmente, Portugal não constitui exceção. Nascer, crescer, amadurecer e envelhecer são características de todos os seres vivos, sendo o envelhecimento uma parte integral e natural da vida. A forma como se envelhece e experimenta este processo não depende apenas da constituição genética, mas também da forma como se vive.

Dada a tendência para o crescimento da população idosa, Portugal enfrenta atualmente uma realidade que começa a ganhar um impacto social relevante: baixas taxas de natalidade e mortalidade, acompanhadas pelo aumento significativo dos idosos no conjunto da população do país (Paúl & Fonseca, 2005).

Na perspetiva de Nazareth (*cit. in* Paúl, 1997), este aumento da população idosa não se deve ao aumento da esperança média de vida, dado que esta se prolonga devido à diminuição da mortalidade nos primeiros anos de vida, e não nos últimos, considerando como causa principal do envelhecimento das populações o declínio da fecundidade. No caso concreto de

Portugal, este facto acentuou-se devido ao movimento migratório. Numa ótica semelhante, Rosa (*cit. in* Pimentel, 2001:45) considera que,

*“O aumento do número de idosos dependentes leva a uma pressão sobre os sistemas de apoio formais e informais, sendo necessário criar respostas adequadas. Também a diminuição da natalidade implica que a percentagem de jovens na população total tenda a decrescer. Esta realidade reflete-se quer na organização familiar, tornando a rede de parentesco menos extensa e com menos possibilidade de partilhar encargos que estão normalmente associados à coabitação com um idoso, quer na organização económica, implicando a diminuição percentual da população ativa na população total e, conseqüentemente, uma redução dos recursos económicos disponíveis para manter os sistemas de proteção social”.*

Estes acontecimentos reforçam a urgência de desenvolver meios para melhor atender às dificuldades deste grupo populacional em crescimento (Sousa & Figueiredo, 2003).

Segundo Freitas (2011:15), o envelhecimento demográfico resulta, assim, do

*“aumento da proporção das pessoas idosas na população total. Deve-se a uma transição demográfica, ou melhor, à passagem de um modelo demográfico de fecundidade e mortalidade elevadas, para um modelo em que os dois fenómenos são baixos. Dá-se o estreitamento da base da pirâmide de idades com uma diminuição de jovens e o alargamento do topo com um aumento dos idosos”.*

Em Portugal, esta é uma realidade bem evidente e, segundo projeções do INE, a situação agravar-se-á nas próximas décadas (Gonçalves & Carrilho, 2007). O processo de envelhecimento está diretamente proporcional ao aumento da longevidade, uma vez que a esperança média de vida do homem tem vindo a aumentar progressivamente e o conceito de idoso tem também evoluído (Almeida, 2006). O aumento do número de idosos, bem como a maior longevidade do ser humano, não devem ser considerados um problema, pois são conquistas decorrentes do processo de envelhecimento social. Cabe, pois, à sociedade criar condições para que o homem, ao viver mais tempo, possa usufruir de melhores condições de vida, considerando as alterações normais do processo de envelhecimento (Gaioli, 2004).

Posto isto, poderíamos perguntar: afinal, o que é o envelhecimento?

Antes de mais, pode-se defini-lo como o conjunto de processos que o organismo sofre após a sua fase de desenvolvimento. Os efeitos do envelhecimento não são homogêneos, ou seja, as pessoas idosas são muito diferentes entre si (Fontaine, 2000). De acordo com Pereira (2010:8) “as manifestações de envelhecimento de cada indivíduo são desenvolvidas e/ou condicionadas pelas características pessoais e pelo ambiente familiar, social e económico que o rodeia”.

Barreto (1984), por sua vez, refere que envelhecer é uma parte importante de todas as sociedades humanas, pois reflete não só mudanças biológicas, mas também sociais e culturais, por isso, urge estudar melhor esta idade para melhor a compreender e dar resposta às suas necessidades.

A pessoa comporta diferentes dimensões, entre elas a biológica, psicológica, sociológica, cultural e espiritual e interage com o ambiente que o rodeia. Nesta conceção, a pessoa idosa resulta, normalmente, da fixação de uma idade cronológica que é comumente aceite a partir dos 60 ou 65 anos, idade que tem vindo a perder algum sentido social, uma vez que a longevidade e a qualidade de vida destas pessoas se vai alterando, criando uma nova perceção do fenómeno de envelhecimento (Moniz, 2003). Assim, para Giddens (2004), o processo de envelhecimento está associado a alterações relacionadas com a aparência e com as capacidades físicas e não tanto com a idade cronológica. Por este motivo, Ermida (1999) afirma que cada pessoa envelhece de forma única e a um ritmo que é só seu.

Segundo Costa & Lastra (1999:43), “envelhecer é um processo de diminuição orgânica e funcional não decorrente de acidente ou doença e que acontece inevitavelmente com o passar do tempo”. Segundo outras perspetivas, o envelhecimento é um processo que acompanha toda a vida humana, de deterioração endógena e irreversível da estrutura e funcionalidade de vários órgãos e tecidos. É, igualmente, reconhecido que o envelhecimento é influenciado por fatores

intrínsecos e extrínsecos, sendo os primeiros os fatores inerentes ao próprio indivíduo e os segundos inerentes ao meio ambiente. Trata-se de um fenómeno inevitável, inerente à própria vida, equivalente à fase final de um programa de desenvolvimento e diferenciação (Martins, 1999; Santos, 2002; Santos, 2008). Como nos refere Cabral (1990, *cit. in* Duque, 2003:2), o “individualismo apresenta-se como uma conceção de vida em sociedade, em oposição ao coletivismo e ao totalitarismo”.

Walsh (1989, *cit. in* Sousa & Figueiredo, 2003:109) define de modo curioso, contudo realista, a forma como a aproximação da velhice é sentida: “a velhice é temida quase tanto como se teme não viver suficientemente para a atingir”. De forma idêntica nos menciona Duque, (2012:120-121) ao referir que “do ritmo vital à quantidade de coisas que o sujeito deseja realizar e que está acima das possibilidades técnicas de aumento da aceleração, o que traduz subjetivamente a sua sensação de falta de tempo, no medo de perder alguma coisa ou na obrigação de se adaptar continuamente ao que ele não conhece ao certo”. Para este sentimento contribui, substancialmente, a forma como a sociedade ocidental estereotipa e, conseqüentemente, desqualifica os idosos (Duarte *et al.*, 2005, *cit. in* Santos, 2008).

Segundo Quaresma *et al.* (2004), a velhice não tem de ser por si só um problema, podendo ser apenas um período da vida categorizado segundo a idade. O que poderá ser problemático é a ausência, insuficiência ou inadequação de respostas sociais para a satisfação das necessidades humanas básicas diárias, ou uma articulação deficiente entre o indivíduo idoso e a sociedade. Neste contexto, os idosos podem adotar estratégias inadequadas para a sua saúde física e mental.

Hoje em dia, torna-se difícil designar onde começa e acaba a terceira idade, uma vez que se antigamente o que se tinha em conta era a idade da reforma (65 anos), atualmente isso não

acontece porque as pessoas reformam-se cada vez mais cedo, por motivos que não se prendem com a idade, mas sim pelo desemprego, situações incapacitantes e reformas antecipadas, o que torna difícil distinguir quem é e não é uma pessoa idosa (Duarte *et al.*, 2005, *cit. in* Santos, 2008).

Os diferentes conceitos apresentados sobre o envelhecimento refletem que envelhecer é uma realidade a que todo o ser humano fica sujeito quando atinge esta etapa de desenvolvimento do seu ciclo vital. O envelhecimento tem sido uma matéria muito debatida. Apesar das relações intergeracionais se terem alterado devido ao envelhecimento demográfico, à mobilidade geográfica e social dos jovens, às alterações das condições femininas, à precarização das condições de vida e ao crescimento dos serviços formais do idoso, a família continua a ser a sua principal fonte de apoio (Pimentel, 2001), mesmo estando estes institucionalizados. O apoio familiar é imprescindível ao equilíbrio biopsicossocial do idoso, uma vez que esta instituição tem como função favorecer um envelhecimento adequado e feliz.

Desta forma, o envelhecimento da população portuguesa vem colocar também novos desafios às famílias, uma vez que, tal como refere Figueiredo (2007), estas têm um papel fundamental na assistência e na manutenção do idoso no seu contexto habitual.

## **2.2. O Papel da Família**

Refere-nos Freitas (2011:18) que “o envelhecimento demográfico já tem e continuará a ter um impacto direto nas relações no seio familiar, na equidade entre as gerações, nos estilos de vida e na economia das nações. Simultaneamente à globalização e urbanização, este fenómeno pode vir a afetar toda a população”.

Independentemente da classe social que ocupa, o indivíduo sente o impacto da chegada da velhice, havendo preocupação face às possíveis limitações da saúde, ausência de trabalho, desprestígio social, solidão e preconceito. Diante dessa realidade, o apoio da família é importante, uma vez que esta pode auxiliar a tomar decisões no que se refere às necessidades físicas, psíquicas e sociais dos seus idosos. Porém, há uma série de fatores que interfere na permanência destes junto aos seus. Muitas vezes, homens e mulheres, que não se encontram no mercado de trabalho devido exclusivamente à sua idade, têm dificuldade em se adaptar a essa nova fase da vida. Alguns procuram apoio e auxílio na família; outros procuram redirecionar-se, mesmo sem ajuda da família, agindo sozinhos; há também aqueles que buscam numa instituição um novo rumo para a sua vida e existem ainda aqueles que são desprezados pelos seus e deixados numa instituição.

A verdade é que, ao longo dos últimos anos, a família tem vindo a sofrer grandes transformações na sua estrutura e dinâmica. Antigamente era um espaço privilegiado alicerçado no modelo da família alargada, hoje, o seu espaço está cada vez mais reduzido a duas gerações, limitando o suporte e proteção aos idosos (Silva, 2001).

O mundo contemporâneo favorece o modelo familiar que dá prioridade ao imediato, à satisfação dos momentâneos prazeres da vida, perdendo-se, em consequência, o sentido dos compromissos e tornando-se desta forma a família numa estrutura instável. “As mudanças não ocorrem exclusivamente nas estruturas, atingem em particular as mentalidades e as atitudes, (...) as famílias não são mais o espaço por excelência de afetividade e de amor, muito menos de realização pessoal” (Fernandes, 1994:1154). As pessoas estão cada vez mais condicionadas pelos locais de trabalho, onde acabam por tomar as refeições. As crianças e os idosos crescem e vivem nos espaços coletivos que lhe são impostos, com poucas ligações ao ambiente

familiar (Cabral, 1994). “Vivemos uma época especialmente acelerada: uma experiência que se faz presente em muitos aspetos da vida, quer individual quer coletiva. Para isso, terá contribuído a tecnologização da sociedade (...) As novas tecnologias propiciaram uma cultura do presente sem profundidade temporal” (Duque, 2012:118).

Segundo Paúl (1997), a família é o espaço por excelência de socialização, onde as relações intergeracionais contribuem para a assimilação e transmissão de valores e normas sociais. A qualidade destas interações pode ser determinante para o fortalecimento dos níveis de saúde, sociais, profissionais e emocionais dos diferentes elementos que compõem a família (Pinto, 2009).

Por sua vez, segundo Saraceno (1992:12) “a família revela-se como um dos lugares privilegiados de construção social da realidade, a partir da construção social dos acontecimentos e relações aparentemente mais naturais”. Imaginário (2008) defende que a estrutura da família não faz referência nem ao número de elementos nem a uma qualquer atividade, mas ao tipo de vínculo existente entre os elementos de uma convivência, destacando-se entre eles o vínculo de afinidade, de consanguinidade, de casamento e de dependência.

A sociedade moderna, caracterizada pela disseminação do modelo capitalista, desencadeou migrações pendulares das zonas rurais para as grandes metrópoles. As elevadas concentrações populacionais conduziram inevitavelmente a reestruturações arquitetónicas, foram criados novos conceitos habitacionais, apartamentos com reduzidas dimensões. Fatores como a redução das áreas habitacionais, entrada das mulheres no mercado laboral, o aumento da taxa de divórcio, a diminuição da taxa de fecundidade, o aumento de uniões de facto, o crescimento dos nascimentos fora do casamento, a opção de grande parte dos jovens viver

sozinhos e o aumento da esperança de vida, condicionam substancialmente a permanência dos idosos no agregado familiar dos descendentes (Pinto, 2009). “Num futuro próximo, viver mais tempo representará contar com menos ajudas dos descendentes” (Fernandes, 2004:20)”.

De acordo com Pimentel (2001:48),

*“nas sociedades ditas tradicionais, as redes de interação eram, na maioria dos casos, suficientemente fortes para garantir um apoio efetivo àqueles que dela necessitavam, particularmente os idosos. Atualmente em contextos rurais, e em alguns bairros mais antigos e tradicionais das grandes cidades, ainda encontramos formas de solidariedade baseadas em relações comunitárias”.*

Hespana (*cit. in* Pimentel 2001:48) “constata que, em determinados meios rurais, a família e a comunidade continuam a desempenhar um papel importante na prestação de cuidados a idosos e que estes se mantêm integrados no seu contexto familiar e social. Mas a tendência é a de uma diminuição dessas formas de solidariedade”. De acordo com Quaresma *et al.* (2004:20), os estilos de vida, a forma como expressamos a afetividade, o modo como nos relacionamos com os familiares, vizinhos ou amigos, depende dos contextos socioculturais em que vivemos.

Menciona Guedes (2012:16) que,

*“a família em Portugal ainda é o grande suporte dos idosos, importa reconhecer que, em boa medida, muitas das responsabilidades que outrora se situavam no domínio familiar passam a pertencer ao Estado, exigindo-se que este crie medidas e equipamentos de resposta aos vários problemas e necessidades dos idosos”.*

Na perspetiva de Virton (1968), o espaço geográfico é um fator essencial nas relações sociais, uma vez que provoca uma grande proximidade ao nível social, quer ao nível das relações, como dos meios de vida. A proximidade contribui para a quebra do isolamento próprio da idade e para o desenvolvimento de toda uma série de atividades que fazem com que o idoso se sinta ainda um elemento válido para a sociedade. Para Martins (2006), além dos problemas de saúde e da perda de autonomia, o principal fator para a institucionalização do idoso é o

isolamento, a inexistência de interações que facilitem a integração social e familiar. A instituição surge como alternativa quer para a família, quer para os idosos.

Quando falamos de família, independentemente dos nossos ideais e convicções, temos de visualizar todo o conjunto de relações que aproximam as pessoas, que as fazem coexistir e cooperar e que constituem um pilar de apoio e felicidade (uniões de facto, famílias de acolhimento, monoparentalidade, etc.). Estamos perante uma multiplicidade de estruturas familiares onde a imagem dos mais velhos é muitas vezes desvalorizada. Entre os restantes elementos da família e os mais idosos desenvolve-se a mesma diversidade de relações que se estabelece entre os demais elementos do mesmo agregado, e as interdependências variam, consoante os afetos, as disponibilidades, as condições socioeconómicas de vida, as perdas de autonomia, os problemas de saúde, enfim, toda uma história de vida (Passeira, 2008).

Conforme nos refere Passeira (2008:21),

*“o ritmo de vida acelerado, o duplo ou triplo emprego, a educação dos filhos, as obrigações sociais, as horas de lazer e o tempo gasto na cultura não deixam margem para cuidar dos que estão mais frágeis. Por vezes, a solução mais fácil para resolver os problemas dos idosos e respetivas famílias, é o recurso à família artificial. A insuficiência de estruturas de apoio temporário, o deficiente apoio domiciliário e a solução rápida com o recurso à institucionalização sem pensar no apoio à família e respetivo idoso contribuem assim para o afastamento de gerações”.*

Os cuidados que os idosos exigem acarretam dispêndios temporais que a sociedade moderna não tolera. À medida que a idade avança, a dependência cresce de forma proporcional, a elevada dependência de terceiros conduz a uma sobrecarga familiar, sobrecarga expressa na impotência sentida por parte dos membros familiares para lidar com a dependência física e degeneração cognitiva do idoso. A falta de tempo para a prestação de cuidados, associada à incapacidade para lidar com os novos desafios que os tratamentos de um dependente acarretam, podem conduzir subtilmente para a emersão de conflitos internos na relação familiar (Pinto, 2009).

Como podemos constatar, na terceira idade ocorrem transformações ao nível dos papéis sociais, exigindo adaptação do idoso às novas condições de vida (Figueiredo, 2007). É aqui que as relações sociais têm um papel fundamental na prevenção da solidão e na promoção do envolvimento social (Teixeira, 2010). Um dos aspetos mais importantes é o apoio da família, amigos e participação em atividades sociais, sendo que os baixos níveis de contactos podem associar-se a uma qualidade de vida pobre. Na atualidade, há um grande número de idosos que vivem sozinhos, que perderam o cônjuge ou companheiros de toda uma vida, ou perderam os amigos próximos que foram falecendo (Freitas, 2011).

No entender de Pimentel (2001:67), a família surge como “a rede alargada de parentes, como um grupo de parentes com os quais o idoso mantém um conjunto de trocas e interações mais ou menos intensas”. Os parentes são os indivíduos com os quais o idoso se relaciona por laços de sangue ou aliança, embora, em determinados casos, se possa incluir pessoas que estão apenas próximas afetivamente do idoso (Pimentel, 2001). No entanto, a imagem do idoso só, abandonado e sem recursos, tem vindo a tornar-se comum. “Mas, a par desta imagem, vulgarizou-se também a ideia de que, há alguns anos atrás, quando a família era uma instituição forte e estável, o idoso não era alvo de discriminação e de abandono” (Pimentel, 2001:33).

De acordo com Leandro (2001), a singularidade da família consiste no facto de esta ser profundamente instituída. A particularidade dos laços entre os parentes torna o uso de outros recursos institucionais pouco pertinentes nas relações entre os agentes. Na ótica de Goode (*cit. in* Leandro, 2001:153) a família “não é uma realidade estática nem um dado adquirido pois é ‘objeto’ de uma análise dinâmica e interage com as diversas transformações económicas, sociais e culturais que propiciam a mudança”. Segundo Imaginário (2008:69), “é

um dado adquirido que a família tem sido sempre o primeiro e principal grupo de apoio emocional que serve de suporte à pessoa, existindo também uma interdependência de afetos e emoções”. Como recorda Leme & Silva (2000, *cit. in* Imaginário, 2008:68) “em família valem de modo incondicional (...) independentemente da minha utilidade ou rentabilidade social, política, económica, profissional”.

De acordo com Imaginário (2008:69), “é fundamental ter-se um conhecimento acerca do papel das famílias em relação aos seus membros idosos. (...) A contribuição da família para com este grupo etário é tão importante que se defende a nível mundial que nenhuma instituição possa substituir a família na prestação de apoio ao idoso”. Esta mesma opinião é também partilhada por Minuchin (1990, *cit. in* Imaginário, 2008:69) que menciona que “uma das principais funções da família é a de apoiar os seus membros”.

A Fundação Aga Khan (2008:161), recorda que,

*“a compreensão do papel da família na prestação de cuidados a idosos constitui uma temática com crescente pertinência social, o que tem dado origem a um vasto conjunto de investigações recentes, de carácter académico ou solicitadas por entidades que trabalham no terreno com a população idosa. A sua crescente importância deriva essencialmente de dois fatores: em primeiro lugar, do significativo envelhecimento da sociedade portuguesa e mundial, originando novas problemáticas; em segundo lugar, as progressivas transformações das estruturas e dinâmicas familiares”.*

Como refere Imaginário (2008:70), “para sobreviver, o ser humano, em qualquer altura da vida, precisa estabelecer relações e laços afetivos, precisa de amar e ser amado, no decurso das sucessivas alterações”. O apoio familiar é imprescindível ao equilíbrio biopsicossocial do idoso, uma vez que a família tem como função favorecer um envelhecimento útil e participativo. Contudo, é de referir que um idoso dependente na esfera familiar altera indiscutivelmente o movimento natural do ciclo de vida familiar, podendo ocorrer mudanças a nível da individualidade e da autonomia de todos os elementos da família, bem como alguns poderão ter necessidade de alterar ou mesmo desistir de alguns projetos de vida, contribuindo

tudo isto para modificar a estrutura da família e para criar novas relações entre os seus membros (Imaginário, 2008).

Na realidade, a família precisa de um período de adaptação para aceitar e administrar com serenidade a nova situação, de forma a respeitar as necessidades dos pais e evitar que se sintam um encargo para os filhos. Daí a importância do idoso concentrar esforços para, nos mais diversos sentidos, não se entregar à inatividade evitando o mais possível o sentimento de dependência da família que tanto aflige o idoso.

Segundo Martinez & Correia (1997, *cit. in* Imaginário, 2008:71),

*“é no seio da família que os idosos se devem sentir apoiados mesmo nas situações em que é impossível partilhar o mesmo teto, sendo os laços afetivos mais importantes que propriamente o espaço físico ‘...tem-se vindo a verificar um declínio de entreajuda e de respeito pelos idosos (...) mudança de valores, levando a que o idoso seja considerado frequentemente, um encargo familiar e social improdutivo’”.*

### **2.3. O Lugar do Idoso**

Para os idosos, o viver na comunidade ou em instituições implica dois estilos de vida bem diferentes. Viver na própria casa é sinónimo de independência. Esta exprime a sua integridade pessoal. A residência de longos anos de vida assume várias funções no quotidiano de qualquer pessoa. No caso concreto do idoso, verifica-se uma segurança objetiva contra a adversidade do meio ambiente e segurança subjetiva contra o medo. A residência é um local de intimidade e privacidade individual e familiar. É, pois, um lugar de identidade uma vez que a decoração, os móveis e o ambiente refletem a individualidade; um “poço” de lembranças, permitindo a continuidade entre o passado e o presente. Deve-se acrescentar que cada casa está inserida numa comunidade e se conjuga num ambiente de rotinas e conhecimentos, cuja rutura implica alterações nos estilos de vida. Esta mudança do local de habitação prejudica a funcionalidade

nas atividades de vida diária, uma vez que exige uma readaptação num período em que as capacidades estão diminuídas e os vínculos demasiado acentuados.

No entanto, há exceções. A casa pode ser uma fonte de vulnerabilidade para o idoso. No caso em que se constata este facto, a possibilidade de realojamento é entendida como favorável. Alguns dos motivos que podem levar à institucionalização são a morte de um dos cônjuges, após uma queda ou uma doença e a localização da sua habitação. Qualquer um destes motivos precede quase sempre a institucionalização, apontando o lar de idosos como a opção mais viável.

Entende-se aqui como processo de institucionalização a saída de casa. Este processo pode ser longo ou curto e acarreta um conjunto de fases, que vai desde a decisão da institucionalização à escolha de um lar e verificação de condições de adaptação/integração daquela que será a nova residência. A decisão de institucionalização deve ser tomada de forma clara e tendo como principal objetivo o cuidado do idoso, garantindo-lhe a sua qualidade de vida (Sousa *et al.*, 2004:129; 130).

Segundo o que Joana Guedes transmitiu no VI Congresso Português de Sociologia, *Mundos Sociais: saberes e práticas*, acerca dos “Desafios Identitários Associados ao internamento em Lar”, na generalidade, consideramos a família o meio ideal para envelhecer, assim como é o lugar desejado para viver em todas as outras fases anteriores à velhice. Atribuímos à família, diz a autora, características de aconchego, segurança, identidade agradáveis e, mesmo quando os conflitos começam a surgir, é ali que devemos estar. A característica mais relevante da família contemporânea, no fim da vida, é o evidente entrecruzar de gerações, pessoas de diferentes idades relacionando-se e pensando na futura ou atual situação de velhice. No entanto, nos dias de hoje, tem-se verificado uma diminuição dos familiares disponíveis para

prestar estes cuidados. Este facto deve-se ao decréscimo da natalidade e ao aumento da população idosa. Acresce ainda que o aumento das mulheres com carreiras profissionais no trabalho alienado ou “por conta de outrem” implica uma menor disponibilidade para tomar a cargo cuidados prolongados. Como nos refere Duque (2012:122), “Hoje ninguém tem tempo”.

A perspetiva Durkheimiana, analisada por Leandro (2001), acerca da família considera que os laços de filiação se vão enfraquecendo na família contemporânea. Considera ainda que, com a passagem das relações patrimoniais às de trabalho e às de função, a relação intergeracional poderá ficar algo comprometida. A família, ao longo dos tempos, tem vindo a sofrer grandes mudanças ao nível da sua estrutura. Anteriormente era o espaço privilegiado de solidariedade intergeracional, dado o modelo de família alargada. Hoje, o seu espaço está cada vez mais reduzido a duas gerações, constituindo-se na maioria das vezes como famílias nucleares. Verifica-se que, no modelo de família alargada, esta garantia a proteção dos mais velhos até ao fim da sua vida; contrariamente, no modelo de família nuclear, as pessoas idosas encontram-se cada vez mais sós, a viver com os seus cônjuges ou em instituições. Dado este modelo assumir cada vez mais relevância na nossa sociedade, existe uma maior predominância de idosos nesta situação. Deste modo, constata-se que a família tem vindo a sofrer alterações ao longo do século XX, essencialmente a partir da segunda metade, demonstrando-se o respetivo impacto de forma mais negativa junto das pessoas idosas, ao nível da solidariedade familiar.

Considerando a importância da família no processo de crescimento de qualquer indivíduo, pode-se afirmar que a ausência dela representa grande perda para os idosos, como refere Fernandes (2004). Neste sentido, cabe aos membros da família entender essa pessoa no seu

processo de vida, de transformações, conhecer as suas fragilidades, modificando a sua visão e atitude sobre a velhice e colaborar para que o idoso mantenha a sua posição junto ao grupo familiar e à sociedade.

Na realidade, a família precisa de um período de adaptação para aceitar e administrar com serenidade a nova situação, de forma a respeitar as necessidades dos pais e evitar que se sintam um encargo para os filhos. Daí a importância do idoso concentrar esforços para, nos mais diversos sentidos, não se entregar à inatividade evitando o mais possível o sentimento de dependência da família. O papel da família é importante em qualquer estágio de vida. É particularmente importante nos dois períodos polares: no período da infância e adolescência e na velhice.

O apoio familiar é fundamental para quem enfrenta a velhice, como também noutras faixas etárias. Barros (2002:197) refere: “se os mais novos devem encontrar na família o primeiro suporte psicossocial, com mais razão as pessoas idosas necessitam desta instituição fundamental para sua qualidade de vida”. As relações de proteção e apoio constituem uma importante dimensão das funções básicas da família que, de acordo com Collado (2003, *cit. in* Silva, 2006:45), “a proteção orienta-se inicialmente de pais para filhos, devendo variar de conteúdo e de intensidade, adaptando-se às necessidades evolutivas destes, para se transferir depois para os idosos e os que têm necessidades especiais”.

Na verdade, quem atua junto de estruturas de acolhimento de pessoas idosas, como foi o nosso caso, sabe como é difícil mobilizar as famílias para a participação no quotidiano do idoso, quer ele esteja no seu seio familiar, quer esteja institucionalizado.

## 2.4. A Solidão nos Idosos

Segundo Teixeira (2010), a solidão é um fenómeno complexo de significado amplo e subjetivo, sobre o qual existem diversas abordagens teóricas e metodológicas que têm realçado diferentes causas e manifestações da mesma. É, assim, fundamental fazer uma revisão sobre algumas das definições de solidão, para melhor compreender este fenómeno, de modo a ajudar a conhecer as formas de a evitar, ou de a combater quando já estabelecida.

De acordo com Ussel (2001),

*“o ser humano é um ser sociável por natureza. No entanto, parece haver pessoas mais sociáveis que outras, ou seja, dependendo das próprias características de cada indivíduo ele pode necessitar de estar mais ou menos só. Apesar do ser humano não estar feito para viver na solidão, em determinados momentos da vida cada pessoa necessita de estar isolado ou sozinho. Apesar disso, ninguém gosta de sentir solidão”.*

Segundo Freitas (2011:19), “os mais jovens têm a perceção de que a solidão é um sentimento muito presente nos mais velhos. É também comum fazer-se uma associação direta entre a velhice e a solidão, visto que se considera normal a existência deste sentimento por parte do idoso”. De acordo com Cacioppo & Patrick (2009:23), “os sentimentos crónicos de solidão podem desencadear uma cascata de eventos psicológicos que aceleram realmente o processo de envelhecimento”.

Num estudo sociológico da solidão, Ussel (2001) refere que é necessário tomar em consideração que o trabalho e a família são os dois eixos centrais que estruturam e definem a existência humana. Assim, o suceder de uma qualquer transformação nestes dois eixos pode originar diversos problemas, quer de âmbito instrumental, quer emocional, entre os quais se deve incluir o sentimento subjetivo de solidão.

Neste contexto, Pais (2005:145) refere que “as reformas da vida ativas (...) originam, por vezes, verdadeiras retiradas da vida. A solidão transforma-se numa espécie de bolha pessoal que não se dissipa quando com outras se acumulam nos chamados lares de idosos”. Das observações realizadas por Pais (2005) em alguns lares, destaca-se que nem sempre os idosos convivem com a solidão ou o abandono. Alguns lares proporcionam um ambiente de tranquilidade e familiaridade que os satisfazem. De um modo geral, Oliveira (2005) diz que estar num lar não significa necessariamente uma fatalidade porque um idoso que fique com a família, não sendo apoiado, pode sentir muito mais a solidão do que estando institucionalizado. Como nos indica Pais (2005:155) “é na mediação da convicção íntima da existência do outro e da experiência da sua ausência que pode surgir o sentimento da solidão”.

Para Jones (*cit. in* Monteiro & Neto, 2008:85), “a solidão é consequência das deficientes competências sociais das pessoas sós, que resultam em relações interpessoais significativas”. Segundo Monteiro & Neto (2008) a solidão não é simplesmente o que se sente quando se está sozinho.

*“É a perda ou diminuição de interação com o outro, pois até no meio da multidão a pessoa se sente só, vazia, excluída de um grupo, alienada, não amada pelos que a rodeiam, que não tem ninguém com quem partilhar as suas preocupações e as suas experiências, que tem dificuldade em fazer amizades para além de simples ‘conhecimento’”* (Monteiro & Neto, 2008:88).

Esta problemática não é nova. Como nos refere Monteiro & Neto (2008:85), “a solidão tem vindo a ser estudada sob várias perspetivas devido à importância que ressalta das relações interpessoais”. Hawket *et al.* (*cit. in* Monteiro & Neto, 2008:85) sublinham que “a experiência da solidão inclui sentimentos de isolamento, sentimentos de desligamento e sentimentos de não pertença”. Fernandes (2000), por sua vez, define a solidão como sendo uma experiência subjetiva que pode ser sentida não só quando se está sozinho, mas quando se está na companhia de pessoas com as quais não se deseja estar. As queixas de solidão acontecem quando o tipo de relações que se tem é reduzido e pouco satisfatório.

Posto isto, a solidão tem sido vista como um dos maiores problemas das pessoas de idade e aumentou consideravelmente nos últimos anos em virtude do aumento da esperança média de vida. Segundo Freitas (2011), têm sido feitas investigações que demonstram que não há uma relação direta entre solidão e pessoas idosas. Há, antes, fatores quer pessoais, quer sociais, que contribuem para a solidão. Está constatada a maior vulnerabilidade dos idosos para experimentarem solidão, sendo este um dos aspetos que pode afetar a saúde e segurança dos mais velhos. As expectativas que cada idoso tem relativamente aos contactos sociais determinam o seu sentimento de solidão. É um sentimento subjetivo, relacionado com a qualidade da interação social e não com a quantidade dos contactos estabelecidos.

A este propósito, refere-nos Freitas (2011:20-21) que,

*“o sofrimento dos mais idosos, provocado pelo sentimento de solidão, é considerado como uma das experiências mais penosas e problemáticas a que se torna urgente responder. Este sentimento não acontece só em casos de vivências isoladas, mas também no seio das próprias famílias e em instituições, onde há, frequentemente, falta de comunicação, participação social e afetiva”.*

Sousa *et al.* (2004:46) refere que a

*“solidão é uma noção (sentimento) subjetiva, refere-se à percepção de privação de contactos sociais ou falta de pessoas disponíveis ou com vontade de partilhar experiências sociais e emocionais. Essencialmente, trata-se de um estado em que o sujeito tem potencial vontade para interagir com os outros, mas não o faz, isto é, há discrepância entre o desejo e a realidade das interações com os outros”.*

Para as mesmas autoras a relação entre solidão, isolamento e viver sozinho é complexa uma vez que todos os conceitos estão relacionados, sem serem sinónimos. Assim, o facto de existir uma grande rede social, não quer dizer que não possa existir solidão; viver sozinho não significa estar sozinho, nem em solidão, no entanto, a ligação com a solidão é maior, ou seja, “nem todos os que vivem sozinhos estão isolados, mas a maior parte dos isolados vivem sós” (Sousa *et al.*, 2004:39-40).

Dentro desta mesma interpretação, está Soares (2005) que refere que, à primeira vista, a palavra solidão indica situações de desamparo e abandono. Quando se revela necessário tomar decisões importantes ou quando é preciso fazer uma escolha, estas situações levam quase sempre à solidão. A solidão é um tema muito vasto que nos leva a depararmo-nos com uma série de investigações quando pensamos sobre o tema. O autor refere que as questões são muitas, no entanto, menciona também que se pode constatar que a vida moderna aguça esse estado de vazio indefinido.

Segundo Neto (2000:322), a solidão é “...uma experiência comum e é um sentimento penoso que se tem quando há discrepância entre o tipo de relações sociais que desejamos e o tipo de relações sociais que temos”.

Ainda apoiados em Neto (2000:322-323), vamos apresentar algumas definições de solidão a partir de várias perspectivas. Segundo Sullivan (1953), a solidão “(...) é a experiência excessivamente desagradável e motriz ligada a uma descarga desadequada da necessidade de intimidade humana, de intimidade interpessoal”, Lopata (1969), por sua vez refere que “a solidão é um sentimento sentido por uma pessoa... (experienciando) um desejo por uma forma ou um nível de interação diferente do que se experiencia no presente”, Weiss (1973) fala da solidão como ausência de relação, diz ele “a solidão é causada não por se estar só, mas por se estar sem alguma relação precisa de que se sente a necessidade ou conjunto de relações”. Este mesmo ângulo é também partilhado por Perlman & Peplau (1981) que definiram o termo solidão como “uma experiência desagradável que ocorre quando a rede de relações sociais de uma pessoa é diferente nalgum aspeto importante, quer quantitativa quer qualitativamente”. Também Young (1982) fala da solidão como ausência de relação, quando a define como

*“a ausência ou a ausência percebida de relações sociais satisfatórias, acompanhada de sintomas de mal-estar psicológico que estão relacionados com a ausência atual ou percebida (...). Proponho que as relações sociais possam ser tratadas como uma classe particular de reforço*

(...). *Por isso, a solidão pode ser vista como uma resposta à ausência de reforços sociais importantes*”.

Rook (1984) diz que a solidão é

*“uma condição estável de mal-estar emocional que surge quando uma pessoa se sente afastada, incompreendida, ou rejeitada pelas outras pessoas e/ou lhe foram parceiros sociais apropriados para as atividades desejadas, em particular atividades que lhe propiciam uma fonte de integração social e oportunidades para intimidade emocional”*.

Todas estas definições de solidão mostram que se trata de um fenómeno complexo, muitas vezes escondido e de difícil percepção. Nesta perspetiva, Rossel (2004) defende que só ganhando a intimidade, depois de marcar uma identidade, se pode superar o isolamento, pois, só assim, se poderá ter um “eu” mais intenso, mais decisivo e confiante.

Tal facto leva Fernandes (2007:31) a dizer que a

*“solidão é um construto complexo, que facilmente se pode confundir com isolamento, abandono, incomunicação, clausura” e resulta de “fatores situacionais e de características pessoais, o modo como cada um de nós encara as diversas situações da vida e como lidamos com o nosso quotidiano vai fazer com que nos sintamos mais ou menos sós e que a solidão nos atinja com maior ou menor intensidade”*.

De acordo com Neto (2004), num artigo publicado no Diário de Notícias a 06 Dezembro de 2004, solidão procura solidão e à medida que o tempo vai passando, quanto mais uma pessoa se isola, mais isolada quer estar. Quando as pessoas se apercebem que a sua companhia é a solidão, o seu rosto entristece, a alma enfraquece e o seu pensamento parece ser invadido por um forte pesar. A sua vida torna-se num cenário deprimente e não existe esperança para o futuro.

Neto (2000) refere que apesar de vários autores terem tentado definir o conceito de solidão, não há uma definição que seja mundialmente aceite pelos especialistas. Este termo tem significado intuitivo para a maior parte das pessoas (Neto, 1992). Todavia, segundo Peplau & Perman (1982, *cit. in* Neto, 2000) nas definições atribuídas à solidão, há três aspetos comuns que são partilhados por outras definições presentes na literatura: (1) a solidão é uma

experiência subjetiva que pode não estar relacionada com o isolamento objetivo; (2) esta experiência subjetiva é psicologicamente desagradável para o indivíduo; (3) a solidão resulta de uma forma de relacionamento deficiente.

Rubenstein & Shaver (1982, *cit. in* Neto, 2000), através de um inquérito realizado na população em geral, encontraram quatro conjuntos de sentimentos que as pessoas diziam ter quando estão sós: desespero, depressão, aborrecimento impaciente e auto-depreciação. Ao observarmos o quadro que se segue, apresentado por Neto (2000), apercebemo-nos da complexidade da solidão, encontrando nele toda uma série de sentimentos suscetíveis de a ela se associarem.

**Quadro 1.** Sentimentos associados à solidão (Neto, 2000)

Desespero	Depressão	Aborrecimento impaciente	Auto-depreciação
Desesperado	Triste	Impaciente	Pouco atrativo
Aterrorizado	Deprimido	Aborrecido	Severo consigo
Desamparado	Vazio	Desejo de estar noutra local	Estúpido
Assustado	Isolado	Inquieto	Envergonhado
Sem esperança	Pesaroso	Zangado	Inseguro
Abandonado	Melancólico	Incapaz de se concentrar	
Vulnerável	Alienado		
	Desejo de estar com uma pessoa particular		

Segundo Neto (2000), têm sido identificadas diversas formas de solidão associadas a diversos sentimentos. Por exemplo, Weiss (1973, *cit. in* Neto, 1992; 2000) distinguiu a solidão social, em que uma pessoa se sente insatisfeita e solitária por causa da falta de uma rede social de amigos e de pessoas conhecidas, da solidão emocional, em que se está insatisfeito e solitário

por causa de uma relação pessoal, íntima. O mesmo autor refere que a solidão emocional é a forma mais dolorosa de isolamento. Esta também é vivenciada por alguns idosos, principalmente aqueles que não têm uma companhia íntima (Fernandes, 2007; Teixeira, 2010).

Na solidão, encontra-se uma constelação de sentimentos associados: um primeiro fator de classificação foi avançado por Moutakas (1961, *cit. in* Neto, 2000), fazendo a distinção entre ansiedade-solidão e ansiedade existencial. Segundo o autor, a ansiedade-solidão é aversiva e resulta de “uma alienação básica entre homem e homem”, ao passo que a solidão existencial faz parte integrante da experiência humana, implicando momentos de auto-confrontação e proporcionando auto-crescimento. Um segundo fator de classificação referido por vários autores é o fator tempo.

Existem outros fatores associados à solidão, entre eles destaca-se a idade, género, estado civil e estatuto social.

Relativamente à *idade*, existe o estereótipo de que as pessoas idosas são solitárias (Neto, 1992). Segundo investigações recentes, a tendência geral que se encontra é para a solidão diminuir com a idade, pois, à medida que os anos avançam, a vida social da pessoa tem tendência a tornar-se mais estável, acarretando a idade maiores habilidades sociais (Neto, 2000).

Quanto ao *género*, é frequentemente assumido do ponto de vista do senso comum que a mulher é muito mais emotiva que o homem e, conseqüentemente, com maior tendência para reações, emoções negativas. Contudo, estudos sobre a solidão não são concludentes face ao género. Quando se recorre à avaliação direta, o sexo feminino tende a assinalar mais solidão que os homens. A reticência dos homens em assinalarem solidão está em consonância com os

estereótipos sexuais, segundo os quais não se espera que os homens expressem as suas fraquezas emocionais (Neto, 1992).

Relativamente ao *estado civil*, segundo Weiss (1982, *cit. in* Neto, 1992) as pessoas não casadas sofrem mais de solidão comparativamente a pessoas casadas. Pode estar relacionada com a perda da relação conjugal ou mesmo pela sua ausência (Neto, 2000). Parece que a solidão nas mulheres não casadas era maior nas pessoas viúvas e divorciadas que nas solteiras (Neto, 1992).

Quanto ao *estatuto social*, a solidão é mais comum em pessoas pobres do que em pessoas de mais alto nível económico, pois, as boas relações podem manter-se quando existe tempo e dinheiro para atividades de lazer (Weiss, 1982, *cit. in* Neto, 2000).

Segundo Neto (2000), a solidão pode ser encarada enquanto traço de personalidade, sendo as pessoas solitárias as que referem sentimentos frequentes e intensos de solidão. Pode também encarar-se enquanto estado psicológico em que as pessoas experienciam a solidão durante diferentes lapsos de tempo em diferentes momentos da sua vida. É de referir que um indivíduo pode ter momentos de solidão ou ter uma experiência com a solidão, ou ainda, pode ser uma pessoa só ou sentir-se sozinha. Segundo Cacioppo & Patrick (2009:22), “em determinados momentos da vida, quase todos sentimos as amarguras da solidão”. De acordo com os mesmos autores (2009:25), “é preciso ter em mente que todos nos podemos sentir sozinhos de vez em quando e isso só significa que somos humanos. (...) A solidão só se torna preocupante quando dura o suficiente para criar um ciclo contínuo e auto-reforçado de pensamentos, sensações e comportamentos negativos”.

Num estudo conduzido por Barroso (2006), com quarenta idosos não institucionalizados e quarenta institucionalizados, com o fim de comparar a depressividade e sentimentos de

solidão de acordo com o contexto habitacional dos idosos, verificou-se, no que se refere aos sentimentos de solidão, que os idosos institucionalizados sofrem maiores níveis de solidão, comparativamente com os que vivem em comunidade. Os idosos residentes em lares tendiam a sentir-se mais sós e insatisfeitos, afastados das suas redes sociais, com os dias monótonos e sem esperança ou investimento no futuro. Já os idosos a residir na comunidade se não tiverem o apoio adequado para a realização das tarefas do dia-a-dia e afeto, também acabam por ser invadidos pela solidão.

Pinto (2009:100) diz-nos que,

*“ao contrário do que acontece com os Lares, o exercício profissional dos prestadores de apoio domiciliário, não se encontra regulamentado. A génese desta profissão encontra-se enraizada nas redes informais de apoio, a sociedade civil organiza-se de forma a suprir as lacunas existentes na cobertura Estatal às necessidades sentidas pela população. A insipiência de equipamentos que consigam dar resposta às solicitações ao nível dos cuidados dos idosos, aliado à fraca criatividade de respostas por parte do Estado, das Instituições Particulares de Solidariedade Social (IPSS) e dos privados, no que respeita aos cuidados com os idosos, obrigou à criação de uma resposta anteriormente prestada pela família e pelas redes de vizinhança, sempre com carácter de voluntariado”.*

Barroso (2006) no seu estudo registou diferenças estatisticamente acentuadas entre a solidão nos idosos institucionalizados com níveis superiores de solidão, do que os idosos que viviam em contexto comunitário. Relativamente aos sentimentos de solidão, confirmou-se a existência de diferenças significativas em termos estatísticos para o estado civil, sendo os solteiros e divorciados a assumirem níveis mais elevados de solidão do que os casados; ao nível da perceção pessoal de preocupação familiar e dos amigos bem como na receção de visitas dos amigos, sendo aqueles que tinham menos contacto e perceção de preocupação dos amigos e familiares, quem apresentou mais sentimentos de solidão.

Dado o facto de os idosos preferirem estar em suas casas, leva King (*cit. in* Barroso, 2006:5) a referir que “a maioria dos idosos resiste à ideia de deixar a sua casa, mesmo face a uma realidade de declínio físico e incapacidade para viver de forma independente, sendo sentida

como uma perda de identidade, é o seu espaço que fica para trás”. Assim, os sentimentos de solidão variam de acordo com o contexto habitacional onde se encontra o idoso. Contudo, não significa que pelo facto de se encontrarem nas suas casas não sejam vítimas de isolamento por parte de familiares e amigos.

Segundo Botelho (*cit. in* Barroso, 2006), tanto a perda de familiares como o seu afeto propicia a solidão. Barroso (2006) salienta também que os idosos que possuem uma percepção de maior preocupação por parte dos familiares e amigos mostram menos sentimentos de solidão. Então, entende-se que a falta de afeto e o abandono na velhice pode levar a um sentimento de tristeza e de solidão, por vezes, provocado por circunstâncias relativas a diminuições das capacidades físicas, que, por sua vez, levam a um distanciamento, podendo levar ao isolamento social.

Segundo Pais (2005), a solidão sente-se porque existe a necessidade do outro. Para os idosos é extremamente incómodo verificar que já não têm significado para os outros. De acordo com o autor, grande parte dos idosos é deixada em instituições pelos familiares e com o passar do tempo acabam por os abandonar. A família sem tempo e condições para cuidar do idoso dá essa responsabilidade à instituição mas, nem sempre o idoso vê esta situação de forma positiva, uma vez que deixa de ter atenção e apoio familiar, pode ficar frustrado e leva a sentimentos de insegurança, instabilidade e solidão.

As condições de vida, geralmente solitária da maioria dos nossos idosos, estabelecem-lhes a aceitação de limitações. Desta maneira, a solidão diminui no idoso a preocupação consigo mesmo, levando por vezes a uma má alimentação, tanto em qualidade como em quantidade. Assim, todos estes fatores podem interferir amplamente, nos sentimentos dos idosos.

De acordo com as referências já mencionadas anteriormente, podemos dizer que o idoso e a solidão andam frequentemente a par, quer pelas incapacidades que os acompanham, quer

pelos sentimentos que são desenvolvidos, bem como pelos seus próprios preconceitos e atitudes sociais mais comuns para com este grupo etário.

Deste modo, o sentimento de solidão surge associado à diminuição das redes sociais. É um conceito que se encontra fortemente relacionado com o isolamento social e com o viver só (Sousa *et al.*, 2004), pois a presença de uma vasta rede social não significa a existência de relações próximas ou a ausência de solidão; viver sozinho não significa estar sozinho ou sentir solidão, pois como já foi referido, nem todos os que vivem sozinhos estão isolados, embora a maioria dos isolados vivam sós (Figueiredo, 2007).

Assim sendo, percebe-se que a solidão é um termo que tem um significado intuitivo para a maior parte das pessoas. Cada pessoa, perante cada situação exposta, analisa o seu estado de solidão. Muitas vezes o termo solidão é o mesmo que estar só. Seria um erro defender que o significado de solidão seja o mesmo para todas as pessoas, quando cada uma lhe atribui o próprio significado. Diz Fernandes (2007) que à semelhança do amor, a solidão é um conceito vago, revestindo-se assim de muitos significados, dependendo da forma que aparece e do modo como cada um lida com ela.

Quando uma pessoa se sente sozinha, experiencia sentimentos de angústia, insatisfação, exclusão, abandono e desamparo. Tal, não significa que sintamos a solidão sempre do mesmo modo, pois diferentes pessoas, perante situações diferentes, podem experienciar diferentes sentimentos de solidão (Fernandes, 2007).

Na verdade, vemos que a solidão representa, atualmente, um dos problemas mais frequentes da nossa sociedade, resultante do conceito de vida da sociedade moderna que tende a valorizar tudo o que é material, ficando em segundo plano a função afetiva (Santos, 2008).

Sousa *et al.* (2004) identificam vários fatores que se associam à solidão: a reforma, migração, dependência ou outros eventos que contenham o sentimento de perda de papéis anteriores importantes. Invariavelmente a institucionalização, ou andar em sistema de rotatividade pela casa dos filhos, reforçam os sentimentos de solidão. O fraco estado de saúde, física e por vezes mental, em especial a depressão, fortalecem a solidão e o isolamento. Mas, neste caso, a relação é mútua: a solidão causa problemas de saúde e vice-versa. No que se refere aos rendimentos, há pouca investigação; no entanto, a tendência é que aqueles que têm mais dinheiro sintam menos isolamento e solidão. A espiritualidade tem-se revelado um fator protetor em relação à solidão e isolamento social (Pereira, 2010).

Para além disso, ao relacionar solidão e isolamento social com recursos do idoso e acontecimentos de vida, verifica-se que as pessoas que vivem sós estão mais vulneráveis a sentir solidão, pelo que a solidão e o isolamento sejam mais comuns nos idosos (Figueiredo, 2007). Neste contexto, compreende-se que o isolamento possa promover a solidão, embora esta se relacione mais com aspetos qualitativos, já que os idosos podem ter uma rede social extensa e sentirem-se sós, se esta não corresponder às suas necessidades (Jong-Gierveld & Raasdschelders, 1982, cit. *in* Monteiro & Neto, 2008). De acordo com Cacioppo & Patrick (2009:47), “com o tempo, se nos deixarmos aprisionar pela solidão, este padrão complexo de comportamento contribui para nos isolarmos mais ainda”.

Quanto à questão do isolamento, Maia (2002:216) refere que “o significado vulgar de isolamento remete para afastamento”. E este pode ser físico (indivíduo que vive afastado de alguém ou de algo) ou psicológico (estado psíquico de um indivíduo que se sente moralmente só ou perdido) (Freitas, 2011).

De acordo com Fontinha (2010:34-35), no quotidiano, o isolamento é encarado como uma situação que se desencadeia quando os pensamentos, sentimentos e ações estão menos sujeitos aos modelos de ordem social. O mesmo representa uma separação relativamente às atividades interpessoais, tais como, falar, partilhar e amar. Em todos os períodos da vida, esta separação é acompanhada por um sentimento de solidão e aborrecimento.

Em jeito de conclusão, Calado (2004:72) diz-nos que o

*“desafio é lutar contra este estado de coisas. O melhor lugar para o idoso é a sua própria casa, junto da sua família, dos seus amigos, dos seus vizinhos. Mas será necessário repensar as relações da vida quotidiana, as interações entre os indivíduos, novas formas de ação coletivas e novas políticas sociais e de solidariedade, que possibilitem e incentivem uma vida de proximidade mais convivial e mais fraterna”.*

Não podemos negar que a sociedade mudou, deixou de ser tao comunitária, como o era antigamente; os filhos têm de sair para ganhar a vida e nem sempre têm as condições desejáveis para servirem de retaguarda aos seus familiares mais velhos.

## **2.5. Hipóteses de Investigação**

Tal como se tem apreendido ao logo do ensino académico, um projeto de investigação científica decorre num primeiro momento pela formulação do problema, seguidamente da formulação das hipóteses. Estas últimas constituem, segundo Quivy & Campenhoudt (2005), a melhor forma de organizar com ordem e rigor a investigação. As hipóteses fornecem uma resposta antecipada ao problema de investigação. O principal papel destas consiste em fomentar o “fio condutor” para explicar os factos, que podem ser verdadeiros ou falsos, para mais tarde serem comprovados ou refutados no campo empírico, tal como pressupõe a pesquisa. Saliente-se que uma hipótese se apresenta sempre como uma resposta provisória a uma pergunta ou a um problema e deve ser sempre verificada.

Tendo em mente as diversas perspectivas analisadas, e a nossa questão orientadora acerca da relação do tipo de vida do idoso ao longo do seu processo de envelhecimento com a solidão e as estratégias que adotam para combater a solidão, consideramos que reunimos as condições fundamentais para a construção das hipóteses do nosso estudo.

Neste sentido, as hipóteses que irão conduzir a presente investigação são as seguintes:

**Hipótese<sub>1</sub>:** Quanto maior a participação do idoso em atividades lúdicas, menor o nível de solidão.

**Hipótese<sub>2</sub>:** O acompanhamento social e afetivo dos idosos gera maior bem-estar neles.

---

## **CAPÍTULO III: FASE METODOLÓGICA**

---

*“A terceira idade é uma dádiva de Deus e chegar a ela é um privilégio”*

(João Paulo II)

Neste capítulo, tendo em atenção os objetivos e as características deste trabalho, menciona-se a metodologia utilizada ao longo do estudo. Apresenta-se uma descrição sistemática de todo o processo de investigação implementado para a concretização do estudo. A seguir, damos a conhecer o método e desenho para a elaboração desta investigação, os instrumentos e, posteriormente, a forma de recolha e tratamento da informação.

### **3.1. Opção pelo Método e Desenho de Investigação**

Por investigação científica entende-se o processo que permite a resolução de problemas ligados a fenómenos reais, contudo, está inteiramente ligada a conhecimentos teóricos que pautam a verificabilidade dos mesmos. É um método particular de aquisição de conhecimentos, uma forma ordenada e sistemática de encontrar respostas para questões que necessitam duma investigação (Fortin, 1999). Assim, no âmbito de uma investigação, a existência de uma metodologia é a fase essencial no processo, na medida em que é considerada o caminho para o desenvolvimento e concretização dos objetivos de investigação. Esta é vista como a ciência que estuda as técnicas de investigação e os métodos científicos (Pardal & Correia, 1995).

A metodologia define-se como um conjunto de métodos e técnicas, caracterizados pelo seu rigor e sistematização, que conduzem à realização do processo de investigação científica. Na presente investigação, atendendo aos objetivos apresentados, a fim de os podermos alcançar, é

nossa intenção efetuar uma análise que tenha por base uma combinação de técnicas metodológicas de índole qualitativa e quantitativa. Assim, para a recolha de informação, optou-se por instrumentos variados: observação direta não participante, inquérito por questionário aos idosos e entrevista aos seus familiares. O tratamento dos dados quantitativos será realizado com base no programa estatístico *Statistical Package for Social Sciences* (SPSS) e recorrer-se-á à análise de conteúdo para o tratamento da informação qualitativa.

Desta forma, por um lado, recorre-se à metodologia quantitativa para analisar o estado de solidão a que os idosos estão sujeitos, por outro lado, à metodologia qualitativa de forma a perceber a relação entre os idosos e os familiares, quer quanto ao lugar que estes ocupam nas suas vidas, quer quanto aos seus laços afetivos.

O desenho de investigação quantitativo para Fortin (2009:214) é “um plano que permite responder às questões ou verificar hipóteses e que define mecanismos de controlo, tendo por objetivo minimizar os riscos de erro”. Posto isto, optar-se-á por um desenho não experimental transversal já que a recolha de dados será feita num único e determinado momento temporal, não existindo um período de seguimento dos indivíduos. Propomos também para este estudo um alcance explicativo/causal na medida em que se “pretende estabelecer as causas dos acontecimentos, factos ou fenómenos estudados” (Sampieri *et al.*, 2007:105).

No estudo que ora se apresenta, estão igualmente subjacentes aspetos qualitativos. Relativamente ao desenho de investigação qualitativo, segundo Sampieri *et al.* (2007:15), ele “dá profundidade aos dados, à riqueza interpretativa, à contextualização do ambiente, aos detalhes de experiência única. Também oferece um ponto de vista ‘recente, natural e holístico’ dos fenómenos, assim como flexibilidade”.

A metodologia qualitativa permite compreender melhor o significado dos fenómenos, no contexto das experiências vividas pelos indivíduos em estudo, como também entender o processo mediante o qual as pessoas constroem as suas perceções sobre os factos, não deixando de atender à sua herança cultural, valores, estilos de vida, hábitos e crenças. Segundo Flick (2005), os traços essenciais da investigação qualitativa são a correta escolha de métodos e teorias apropriadas; o reconhecimento e análise de diferentes perspetivas; a reflexão do investigador sobre a investigação, como parte do processo de produção do saber; a variedade dos métodos e perspetivas. “O investigador que orienta a sua investigação através do método qualitativo preocupa-se com a compreensão absoluta e abrangente do fenómeno em pesquisa (...) observa, descreve, interpreta e aprecia o meio e o fenómeno tal como se apresenta, sem procurar controlá-los. Esta investigação visa descrever ou interpretar e não avaliar. Permite a produção de dados nas próprias palavras das pessoas, faladas ou escritas, e na conduta observada” (Imaginário, 2008:93).

De acordo com Sampieri *et al.* (2007:15), “a mistura dos dois modelos potencializa o desenvolvimento do conhecimento, a construção de teorias e a resolução de problemas”. Posto isto, optar-se-á por apresentar primeiramente os dados relativos à dimensão quantitativa, sendo que a esta se seguirá a apresentação dos dados referentes à dimensão qualitativa.

Segundo Fortin (1999:322), “a triangulação define-se como uma estratégia para colocar em comparação dados obtidos com a ajuda de dois ou vários processos distintos de observação, seguidos de forma independente no seio de um mesmo estudo”. Optou-se pela triangulação de dados, já que, segundo o mesmo autor (1999), este método permite, através de fontes de

informação diversas, estudar um mesmo fenómeno, ou seja, permite a “combinação de metodologias no estudo dos mesmos fenómenos” (Carmo & Ferreira, 2008:201).

A triangulação permitirá, assim, a interconexão de ambas as realidades, as quais nos darão uma visão mais integrada e de conjunto da realidade em estudo. Além do mais, estamos certos de que esta análise em nada ferirá as especialidades de ambos os modelos, uma vez que eles serão tratados individualmente no seu momento particular. Pelo que a análise sistémica permitirá a integração de ambas as partes e uma compreensão mais profunda e alargada da razão de ser da solidão nos idosos.

A metodologia em Serviço Social tem o objetivo de organizar as práticas de intervenção. É uma atividade que se ocupa dos vários métodos e técnicas e estabelece a mediação dos conceitos com a prática empírica. É necessário ser-se profissional consciente e capaz de pensar nos pressupostos, hipóteses e valores não explícitos em que apoia a sua ação, no seu modo de agir e intencionalidade. É igualmente importante e fundamental a teoria, que permite a leitura da realidade, na organização da experiência e da prática para se saber em que direção agir, tendo bem claro quais os paradigmas que orientam o profissional e que o condicionam na ação, circunstâncias que o leva a perceber o que se faz e o porquê da intervenção.

### **3.2. Universo**

Como refere Guerra (2000:129), “a metodologia de projeto tem como pressuposto que qualquer objetivo de intervenção é constituído com base no conhecimento da realidade, sob pena de não ser adequada ou realista”, contudo, “o conhecimento das dinâmicas sobre as quais se pretende intervir é um problema complexo que exige conhecimentos teóricos e

metodológicos com alguma profundidade”. O Serviço Social, para além de abranger uma vertente mais prática, implica ainda uma componente investigativa, tendo como objetivo crucial conhecer de modo aprofundado a realidade em estudo, para posteriormente intervir de modo oportuno e adequado a esta. Assim sendo, de acordo com Baptista (2001:44), é evidente que, “para se fazer de uma determinada situação um objeto de intervenção, tem que se fazer dela objeto de conhecimento”.

A população sobre a qual nos debruçámos, ou seja, que foi objeto deste estudo, é constituída pelos idosos que frequentam a Resposta Social Lar, CD e SAD da SCMV (IPSS, sediada na Freguesia de S. Miguel das Caldas, Concelho de Vizela), e os critérios sobre os quais penderam a escolha dos idosos foram três, a saber: ser utente da Instituição, estar lúcido e aceitar participar no estudo.

Posto isto, a população do nosso estudo foi constituída<sup>2</sup> por um total de 63 pessoas, destas, 30 idosos estão inseridos na resposta social Lar, 9 em Centro de Dia e os restantes 24 em Apoio Domiciliário. Destas 39 são do género feminino e 24 do género masculino. Estes dados revelam as características do perfil sociodemográfico da população idosa, isto é, a maioria dos idosos são do sexo feminino (Santos, 2002; Oliveira, 2005). A maioria encontra-se viúvo (34 idosos) e apenas 6 pessoas estão solteiras. Geograficamente, observa-se que a maioria dos idosos provém de Vizela (33 idosos), seguidamente de Guimarães (15 idosos). Esta população é, sobretudo, analfabeta (28 idosos) ou tem apenas a escolaridade básica (27 idosos), e somente 8 sujeitos têm formação superior. Na Instituição vivem 47,6% dos elementos, os restantes vivem em casa própria, sozinhos ou com família, em casa de familiares ou casa arrendada, mas sozinhos.

---

<sup>2</sup> Tabela de caracterização da População no Apêndice II

### 3.3. Instrumentos de Recolha de Dados

Fortin (1999:41) define que,

*“a colheita de dados efetua-se segundo um plano pré-estabelecido. É a colheita sistemática de informações junto dos participantes, com a ajuda dos instrumentos de medida escolhidos. Nesta etapa, deve-se precisar a forma como se desenrola a colheita de dados bem como as etapas preliminares que conduzem à obtenção das autorizações requeridas para efetuar o estudo no estabelecimento escolhido”.*

Neste contexto, se por um lado nos propomos recorrer ao paradigma empírico-analítico, através da aplicação de inquéritos por questionário, não deixaremos de recorrer ao paradigma interpretativo, que nos permite valorizar o significado das ações humanas e da sua prática social, factos compreendidos através da observação e das entrevistas.

Considera-se pertinente utilizar como instrumento de recolha de dados a aplicação de inquéritos por questionário<sup>3</sup>, que consiste numa interrogação sistemática de um conjunto de indivíduos, normalmente representativos de uma população, com o objetivo de proceder a inferências e generalizações. Segundo Quivy & Campenhoudt (2005:188) “consiste em colocar a um conjunto de inquiridos (...) uma série de perguntas relativas à situação social, profissional ou familiar, às suas opiniões, à sua atitude em relação a opções ou a questões humanas e sociais, às suas expectativas, ao seu nível de conhecimentos ou de consciência de um acontecimento ou de um problema”. Fortin (1999) diz-nos que este instrumento permite organizar, normalizar e controlar os dados, de modo a que as informações procuradas possam ser colhidas de forma rigorosa.

---

<sup>3</sup> Inquérito por Questionário no Apêndice IV

Uma outra técnica usada será a entrevista semi-estruturada<sup>4</sup> aos familiares. A entrevista semi-estruturada, ou semidirigida segundo Quivy & Campenhoudt (2005), caracteriza-se pela existência de um guião previamente preparado que serve de eixo orientador ao desenvolvimento da entrevista, mas a entrevista em si permite uma relativa flexibilidade. As questões podem não seguir exatamente a ordem prevista no guião, sendo possível inclusivamente, colocar questões que não se encontram no guião, em função do que se considera mais pertinente, o objetivo a abordar ao longo da entrevista. No entanto, em termos genéricos, a entrevista seguirá o que se encontra planeado. Consiste numa interação verbal animada de forma flexível pelo investigador e assemelha-se a uma conversa, em que os termos gerais sobre os quais deseja ouvir o respondente, o que permite extrair uma compreensão rica do fenómeno em estudo.

Segundo Ribeiro (1999), a entrevista consiste na recolha de informação através de conversa ou de questões colocadas diretamente aos entrevistados, a informação obtida através da entrevista dificilmente será obtida de outra forma. Consiste num momento complementar que visa testar as hipóteses. A entrevista possibilita a obtenção de uma informação mais rica, ao mesmo tempo que não exige um “informante” alfabetizado. Esta técnica tem a virtualidade de permitir que a informação recolhida seja profunda, da mesma maneira que, sendo realizada presencialmente, permite ao entrevistador uma maior perceção das reações do entrevistado às questões efetuadas, permitindo-lhes captar um maior número de informação, como refere Bell (2004), a forma como determinada resposta é dada (o tom de voz, a expressão facial, a hesitação, etc.) pode transmitir informações que uma resposta escrita nunca revelaria.

---

<sup>4</sup> Guião de Entrevista no Apêndice V

Para Savoie-Zajc (2003:281) a entrevista consiste “numa interação verbal entre pessoas que se envolvem voluntariamente em igualdade de relação, a fim de partilharem um saber experienciado e isto, para melhor compreender um fenómeno de interesse para as pessoas implicadas”. Desta forma, o objetivo da entrevista é o de chegar à compreensão de uma certa realidade, de um certo fenómeno, sendo esta intenção a do investigador, pois o entrevistado é convidado a fazer parte do estudo, porque é considerado possuir esta competência, este saber específico que o investigador tenta compreender melhor.

O guião previamente preparado serve de eixo orientador ao desenvolvimento da entrevista, onde se procura garantir que os diversos participantes respondam às mesmas questões, não exigindo uma ordem rígida nas questões, mas que todas sejam pertinentes para a entrevista. O desenvolvimento da entrevista adapta-se ao entrevistado, mantendo, contudo, um elevado grau de liberdade na exploração das questões.

A entrevista como técnica de atuação do Assistente Social, consiste na compreensão das situações e o seu contexto, vivenciadas pelos sujeitos. Este profissional dedica os seus conhecimentos e ações em prol dos sujeitos, sem qualquer discriminação, garante a privacidade e a confidencialidade da informação recolhida através das entrevistas (Tonon, 2005).

Numa primeira fase, foi aplicado um pré-teste quer do inquérito quer da entrevista a idosos e familiares. “É importante que as perguntas sejam claras e precisas, isto é, formuladas de tal forma que todas as pessoas interrogadas as interpretem da mesma maneira” Quivy & Campenhoudt (2005:183). É importante aplicar um pré-teste para assegurarmos que as perguntas estão bem formuladas e são bem compreendidas pelos inquiridos. Depois de aplicado o pré-teste do inquérito, optou-se por cortar três questões que se tornavam repetitivas

e acrescentou-se uma nova questão. Ao aplicar o pré-teste da entrevista, não se verificaram problemas quer ao nível da compreensão das questões, quer ao nível da aceitação do guião de entrevista por parte dos entrevistados (Quivy & Campenhoudt, 2005).

Em todo o processamento desta investigação, a observação será utilizada na pesquisa conjugada com as técnicas aplicadas. A observação é considerada uma recolha de dados para conseguir informações sobre determinados aspetos da realidade. Na opinião de Carmo & Ferreira (2008), a observação seleciona informação pertinente, através dos órgãos sensoriais e com recurso à teoria e à metodologia científica, a fim de poder descrever, interpretar e agir sobre a realidade em questão. Ela ajuda o pesquisador a identificar e obter provas a respeito de objetivos sobre os quais os indivíduos não têm consciência, mas que orientam o seu comportamento. A observação constitui, neste contexto, um processo necessário e de extrema importância para obtenção de inúmeros dados que possam ser pertinentes para a investigação. Esta técnica é a única que capta “os comportamentos no momento que eles se produzem em si mesmos, sem a mediação de um documento ou de um testemunho” (Quivy & Campenhoudt, 2005:196).

A observação aplicada será a observação direta do tipo não participante. A observação direta que, como afirma Quivy & Campenhoudt (2005:164), “é aquela em que o próprio investigador procede diretamente à recolha das informações, sem se dirigir aos sujeitos interessados”, e observação não participante que, como afirmam Carmo & Ferreira (2008:120), aquela em que o observador “não interage de forma alguma com o objecto de estudo no momento em que realiza a observação”. Os sujeitos não sabem que estão a ser observados, assim sendo, nesta observação constata-se uma situação como ela realmente

ocorre, sem existir qualquer interferência do investigador, como tal, esta técnica permite o uso de instrumentos de registo sem influenciar o objeto do estudo.

A análise documental é também uma técnica decisiva para a pesquisa em Ciências Sociais e Humanas e foi determinante na investigação que aqui damos a conhecer, já que nos permitiu inserir no âmbito da pesquisa. E se é decisiva, é naturalmente indispensável já que se trata de uma técnica que reelabora conhecimentos e cria novas formas de compreender os fenómenos. É, portanto, condição necessária que os factos sejam mencionados, pois constituem os objetos da pesquisa, mas, por si mesmos, não explicam nada (Sá-Silva *et al.*, 2009). O investigador deve interpretá-los, sintetizar as informações, determinar tendências e, na medida do possível, fazer a inferência. May (2004, *cit. in Sá-Silva et al.*, 2009) diz que os documentos não existem isoladamente, mas precisam ser situados numa estrutura teórica para que o seu conteúdo seja entendido.

Foi também elaborado um consentimento informado<sup>5</sup> para o entrevistado assinar como tomou conhecimento do estudo em que foi incluído e como compreendeu a explicação que lhe foi fornecida acerca da investigação realizada. É de salientar que todas os entrevistados assinaram o consentimento e autorizaram a gravação de voz da entrevista, permitindo deste modo uma escuta mais atenta. Este consentimento tem como objetivo, no caso concreto, prover a possíveis sujeitos a informação necessária para que eles possam tomar uma decisão sobre participar ou não, voluntariamente, no estudo. Do ponto de vista ético, portanto, a exigência do consentimento informado visa a que a autonomia dos sujeitos seja respeitada, bem como se observem os princípios de beneficência e justiça (Hardy *et al.*, 2002).

---

<sup>5</sup> Consentimento Informado no Apêndice III

### 3.4. Tratamento e Análise de Dados

Como já se referiu, para a análise dos dados quantitativos, recorrer-se-á ao programa estatístico SPSS, uma vez que é um *software* concebido essencialmente para a análise estatística de dados das ciências sociais, humanas e de saúde. Segundo Fortin (1999:42), a análise de dados “permite produzir resultados que podem ser interpretados pelo investigador”.

Para o tratamento dos dados qualitativos, obtidos das entrevistas, deitar-se-á mão à análise de conteúdo<sup>6</sup>, que segundo Bardin (2004:7) é, sinteticamente, “um conjunto de instrumentos metodológicos cada vez mais subtis em constante aperfeiçoamento, que se aplicam a discursos extremamente diversificados”. O autor salienta ainda que a análise de conteúdo não deve ser utilizada apenas para proceder a uma descrição do conteúdo das mensagens, pois a sua principal finalidade é a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção (ou receção), com a ajuda de indicadores. Esta técnica oferece a possibilidade de tratar de forma metódica informações e testemunhos que apresentam um certo grau de profundidade e de complexidade, como é o caso das entrevistas (Quivy & Campenhoudt, 2005).

A análise de conteúdo é, por isso, uma técnica que se justifica de todo no nosso estudo, uma vez que consiste na desmontagem de um discurso e na produção de um novo discurso através de um processo de localização-atribuição de traços de significado, resultado de uma relação dinâmica entre as condições de produção do discurso e as condições de produção da análise” (Vala, *cit. in* Imaginário, 2008:107).

---

<sup>6</sup> Grelha da Análise de Conteúdo no Apêndice VII

### **3.5. Considerações Éticas**

Por este ser um trabalho de investigação que envolve diretamente pessoas, levantam-se questões de ordem moral e ética. Segundo Fortin (1999:113), “a ética coloca problemas particulares aos investigadores decorrentes das exigências morais que, em certas situações podem entrar em conflito com o rigor da investigação”. De acordo com a mesma autora (1999:114) a ética é “o conjunto de permissões e de interdições que têm um enorme valor na vida dos indivíduos e nestes se inspiram para guiar a sua conduta”. Foi por isso, nossa preocupação, respeitar e proteger os direitos e liberdades das pessoas que neste trabalho participaram.

A investigação deve assentar, assim, em princípios éticos. Desta forma, os participantes no estudo têm direito aos cinco princípios do código de ética da investigação, que para Fortin (1999) se resumem nos seguintes pontos: à autodeterminação, que se baseia no princípio ético do respeito pelas pessoas, segundo o qual qualquer uma é capaz de decidir o seu próprio destino; à intimidade, a pessoa apresenta liberdade de decidir sobre a informação que quer fornecer à investigação; ao anonimato e à confidencialidade, os dados devem ser tratados de tal forma que nenhum dos respondentes, através da informação dada, seja reconhecido quer pelo investigador quer pelo leitor do relatório; à proteção contra o desconforto e prejuízo, este direito corresponde às regras de proteção do participante do estudo contra inconvenientes que lhe possam fazer mal ou prejudicar; e ao tratamento justo e equitativo, o indivíduo tem direito de ser informado sobre o fim e o objetivo da investigação. De acordo com Carmo & Ferreira (2008:284) a “fidelidade aos dados recolhidos e aos resultados a que chega, não enviesamento das conclusões constituem regras fundamentais de toda a investigação”.

Com a constante preocupação de respeitar e proteger os participantes nesta investigação, foi feito o pedido formal de autorização para a realização deste estudo. Esta autorização<sup>7</sup> foi solicitada junto do Sr. Provedor da Instituição. Desta forma, foram respeitados todos os direitos e liberdades dos participantes, acima enunciados, sendo que todos os indivíduos cooperantes foram informados quanto aos objetivos do estudo e sobre a garantia do anonimato e confidencialidade dos dados recolhidos.

---

<sup>7</sup> Pedido de Recolha de Dados no Apêndice I

---

## **CAPÍTULO IV: APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS**

---

#### 4.1. Apresentação dos Resultados

A população alvo deste estudo é constituída por 63 pessoas idosas (das quais 30 em Lar, 9 em CD e 24 a usufruir dos serviços do SAD), com idades compreendidas entre os 54 e 92 anos, com média de 77 anos, situando-se na denominada velhice dos “idosos - idosos” que, habitualmente, é uma fase de vida de grande fragilidade que necessita de cuidados especiais (Neugarten, *cit. in* Fonseca, 2006).

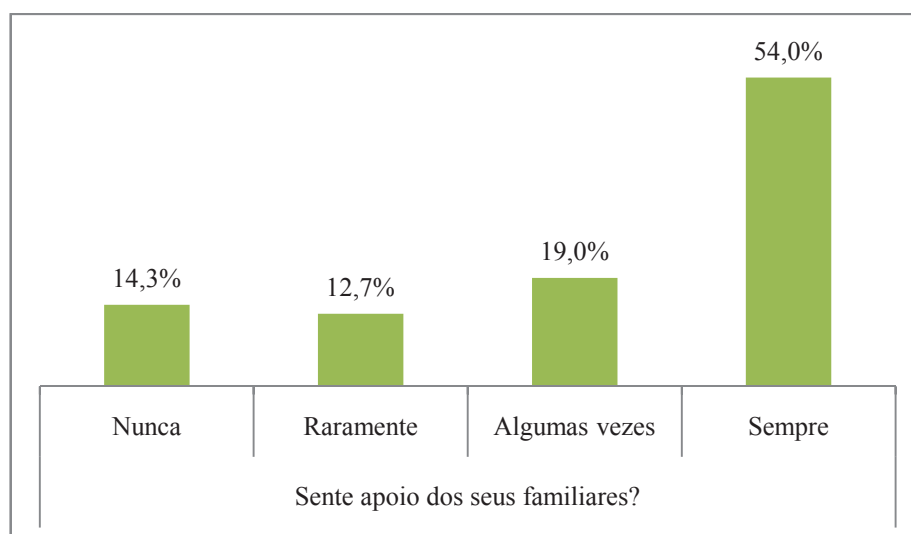
**Quadro N° II: Média das Idades**

	<b>N</b>	<b>Mínimo</b>	<b>Máximo</b>	<b>Média</b>
<b>Idade</b>	63	54	92	76,89

Os resultados que doravante se apresentam são a conclusão dos inquéritos aplicados aos idosos e das entrevistas aos seus familiares. Apresentaremos os resultados de forma paralela, ou seja, sempre que possível, apresentaremos, primeiramente, as respostas aos inquéritos<sup>8</sup> e, em segundo lugar, as entrevistas.

---

<sup>8</sup> Os gráficos que agora se apresentam encontram-se em tabelas diferenciadas por respostas sociais no Apêndice VI.

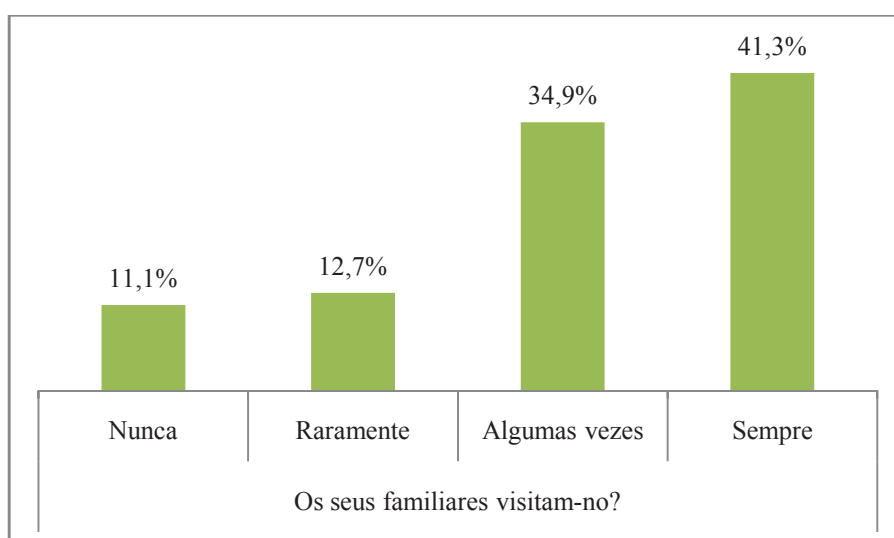
**Gráfico I:** Apoio dos familiares

Ao analisar o gráfico I, observa-se que a maioria dos idosos inquiridos (54%) sente “sempre” o apoio dos seus familiares, no entanto, 14,3% diz “nunca” sentir o referido apoio. Será pertinente referir que uma percentagem dos idosos que se encontram integrados na resposta social Lar, dizem que sentem sempre apoio, porque consideram a instituição como a sua família e todo o apoio que necessitam a todos os níveis é-lhe prestado pela instituição e não diretamente pelos familiares.

Nas entrevistas realizadas aos familiares, estes mencionam que por mais atenção, carinho e apoio que lhes prestem nunca é suficiente, pois, os idosos, dada a sua frágil situação, estão sempre desconsolados, pelo que exigem sempre maior atenção. “(...) *nunca é suficiente. Acho que ela quer sempre mais do que aquilo que a gente lhe dá. Acha que é sempre pouco, por mais que lhe dê, por mais que lhe faça, acha sempre pouco (...)* Imagina-se a ficar sozinha e quer mais (...)” (E3,2); “(...) *para ela não, porque para ela é sempre pouco. Mesmo que a gente lhe dê muita atenção e assim, para ela é sempre pouco (...)*” (E3,44).

Uma visita amiga de uma idosa que não recebe visitas de familiares refere, “*Gosto muito dela por ela também ser uma pessoa sincera e de estar assim muito sozinha na vida. De viver muito sozinha. Eu assim sempre que posso estou com a senhora. Dou-lhe todo o carinho que posso*” (E19,49).

**Gráfico II:** Visita aos idosos

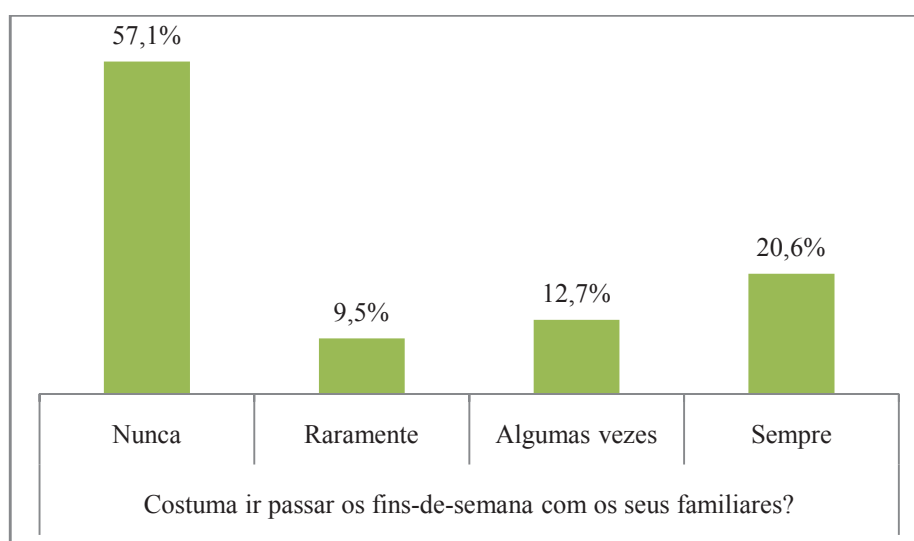


Relativamente às visitas recebidas pelos idosos, 41,3% refere que é “sempre” visitado, contudo, 23,8% diz “nunca” ou “raramente” ser visitado. No cômputo geral, é expressiva a percentagem das visitas dos familiares, porém, estas podem dever-se ao facto dos idosos estarem a viver com familiares, razão pela qual têm mais visitas do que os idosos institucionalizados. Alguns idosos que também referiram ser visitados são-no não por familiares, mas por amigos.

Quanto à frequência das visitas, apuramos, através das entrevistas aos familiares, que, na maioria dos casos, fazem-no semanalmente, não por coação externa, mas por vontade explícita. Há alguns familiares que os visitam com menor frequência, porque estão no

estrangeiro, residem longe ou têm limitações físicas. “No Porto, era mais esporádico. Mas agora visito-os todos os dias” (E4,1); “Bom... antigamente vinha a Portugal duas vezes por ano (...)” (E4,4); “Não venho muitas. Agora venho mais porque estão cá os dois. Antes tinha que me dividir (...)” (E4,7); “(...) os meus tios já têm um patamar de idade dos 70 para cima e já têm muita dificuldade em conduzir. Alguns já nem conseguem conduzir. Isso faz com que a distância entre eles seja uma rutura” (E14,45). Um visitante que antes visitava o familiar, mas que após o seu falecimento continua a visitar os idosos menciona “(...) Conheço-o de o ver aqui. Há aqui idosos que estão sempre à espera de ver chegar alguém. E ele é um deles” (E15,24).

**Gráfico III:** Fins-de-semana na família

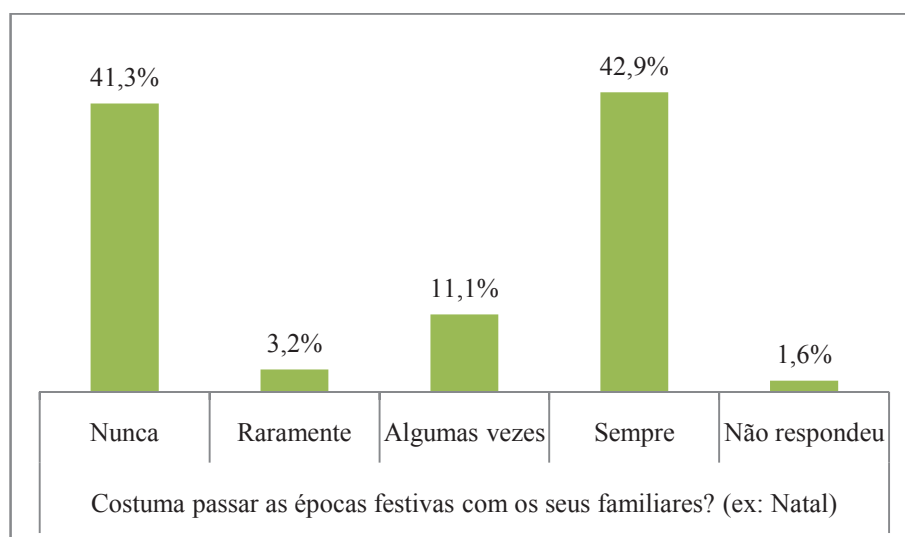


Quando questionados sobre se têm por hábito passar os fins-de-semana com os familiares, a maioria dos idosos (57,1%) refere que os fins-de-semana não são passados com a família, contra os 20,6% que dizem passar “sempre” o fim-de-semana com os seus familiares. Estes

dados devem-se ao facto, como referido no gráfico anterior, de alguns idosos viverem com os familiares passando, naturalmente, o fim-de-semana em família.

Por sua vez, os familiares referiram que levam os seus idosos para o ambiente familiar especialmente nas grandes festas, sendo que, nos fins-de-semana ordinários, os idosos permanecem na instituição.

**Gráfico IV:** Épocas festivas na família



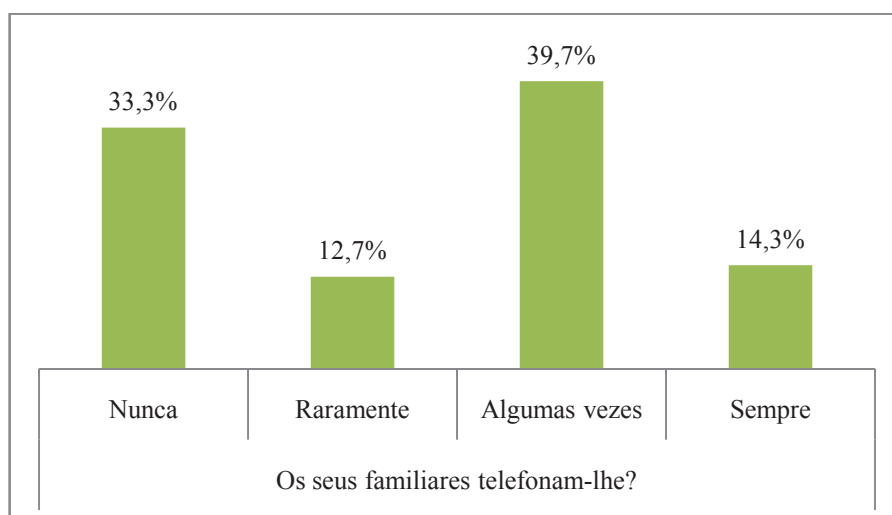
No que se refere às épocas festivas, temos aqueles que dizem que passam “sempre” com a família (42,9%) e aqueles que, em menor número, ainda que com pouca diferença, dizem que “nunca” passam com a família (41,3%). Os idosos, como mencionado anteriormente, que vivem com os familiares acabam por passar, naturalmente, as épocas festivas com eles.

As entrevistas ajudaram-nos a compreender que existem três tipos de razões que levam os idosos, nos períodos festivos, a permanecerem na instituição: ou são pessoas que têm limitações acentuadas a nível de saúde, ou porque as casas têm barreiras arquitetónicas que os impedem de andar, ou ainda porque eles próprios não querem ir para os seus familiares.

A este propósito, referem-nos os familiares: “*Antes levávamos sempre. Por exemplo, agora vem a Páscoa (Pai é Testemunha de Jeová). Eu queria levar a minha mãe, mas não vou poder levar os dois, mas deixá-lo cá sozinho... Ele diz que não quer ir, diz para levar a minha mãe, mas não sei até que ponto...*” (E8,7); outro testemunho diz: “*Ela própria não quer ir*” (E8,36).

Relativamente às acessibilidades, o argumento é o seguinte: “*Levamos nas festas a casa do meu irmão. A minha casa tem escadas e a minha mãe tem medo de subir. Na casa do meu irmão a carrinha entra lá dentro*” (E8,6); “*O meu pai não trago é mais complicado porque a casa tem muitas escadas. Se fosse um rés-do-chão trazia. A minha mãe trago, ainda no Natal veio. Se não fosse isso, ele podia vir até ao fim-de-semana*” (E8,39).

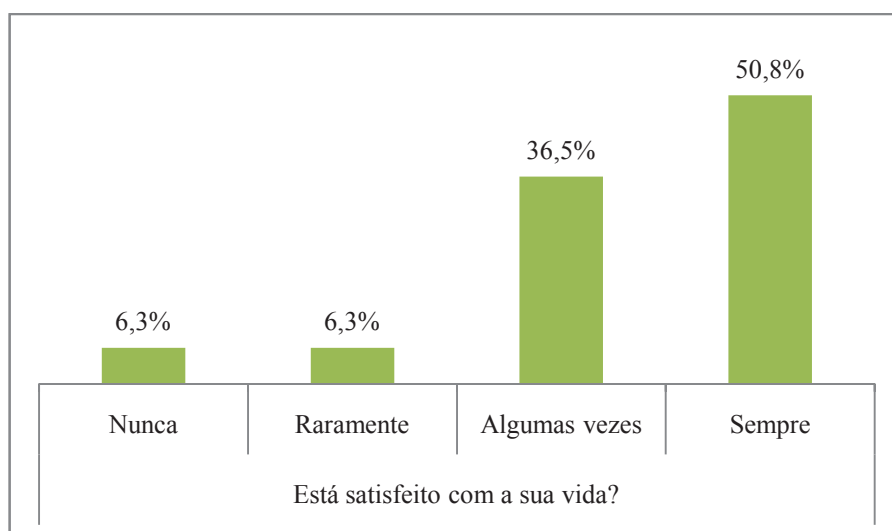
**Gráfico V:** Frequência de telefonemas



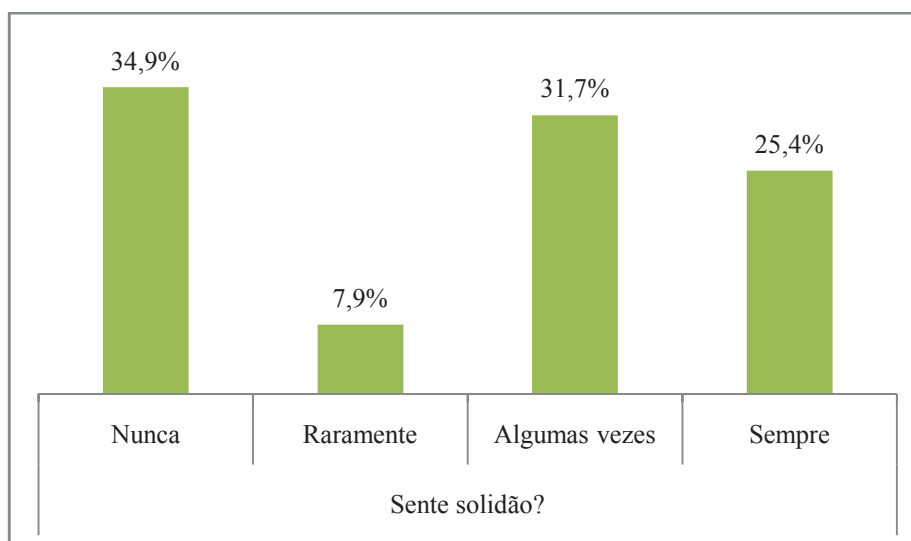
Os telefonemas não são muito usados pelos familiares para contactar com os seus idosos, pois apenas 14,3% falam “sempre” ao telefone. Uma das justificações do baixo número de telefonemas, deve-se ao facto de os utentes do CD ou SAD viverem com os familiares, como

tal, não consideram necessário o recurso ao telefone. Por outro lado, alguns familiares dos idosos que estão institucionalizados, como visitam com frequência o Lar, entendem não haver necessidade de realizar telefonemas. “*Não, porque passo cá todos os dias*” (E7,17); “*Não. Como moro aqui venho cá*” (E7,35); “*Não. Como eu sei que se acontecer alguma coisa que me ligam, então não tenho a preocupação de ligar (...)*” (E7,39).

**Gráfico VI: Satisfação com a sua vida**

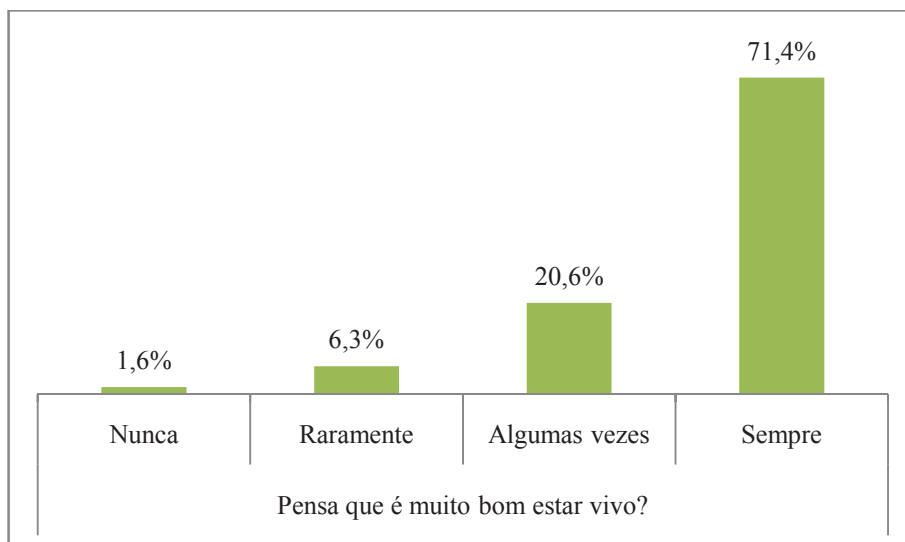


Relativamente à satisfação com a vida, os idosos referem estar satisfeitos (50,8%). Contudo, enquanto se observava o grupo apercebemo-nos que alguns dos que referiam estar satisfeitos com a vida, mencionavam que “tem que ser assim”, que “não há mais nada a fazer”, ou seja, verifica-se que, no geral, acomodaram-se à sua situação de vida, não procurando viver esta etapa com objetivos que lhes deem prazer.

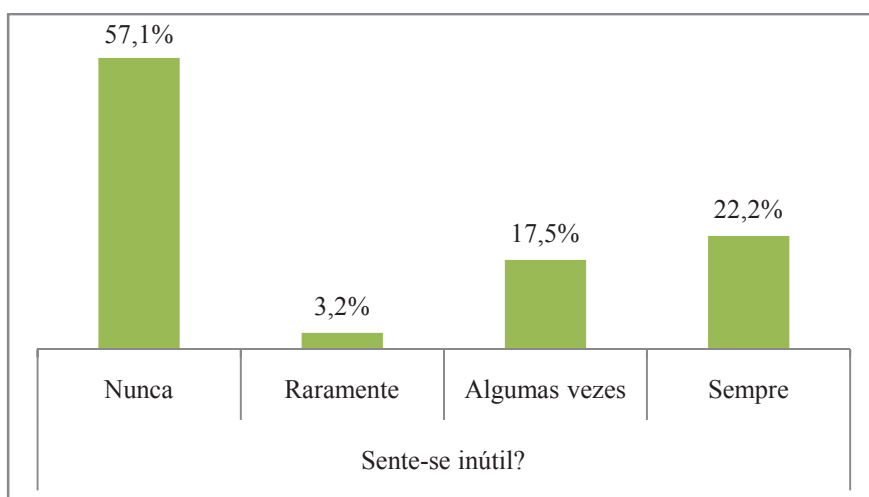
**Gráfico VII: Sentimento de solidão**

Quando questionados sobre se sentem solidão, verifica-se que os idosos se dividem entre os que dizem que nunca sentem solidão (34,9%) e os que sentem a solidão algumas vezes (31,7%). Em menor número, cerca de um quarto da população (25,4%), diz que sente sempre solidão.

Constata-se que, não obstante, se poder considerar que 34,9% é uma percentagem alta, esta deve-se ao facto de alguns gostarem de estar sós “no seu cantinho”, a ler, rezar, entre outros fatores mencionados: “(...) fui a primeira pessoa a dar conta da solidão em que a minha mãe está. Prontos. Eu ia lá todos os dias almoçar. O meu irmão só vai lá quando troveja. A minha irmã não, é capaz de passar lá dia sim, dia não, consoante o trabalho. Mas, pronto, achei que estava a ficar muito deprimida, chorava por tudo e por nada (...)” (E1,2); “(...) Desde que eu casei e fui para Matosinhos, para ela foi uma desgraça. Roubaram-lhe a filha daqui e foram para longe” (E1,14); “(...) Estamos longe uns dos outros (...)” (E1,20); “(...) eu tenho pena desta pessoa, apesar de ela ser fraca (...) Ela sente-se abandonada (...) Os filhos não ligam, incluindo o marido” (E1,28); “Não sei. Ela também não demonstra. Isola-se muito” (E3,38).

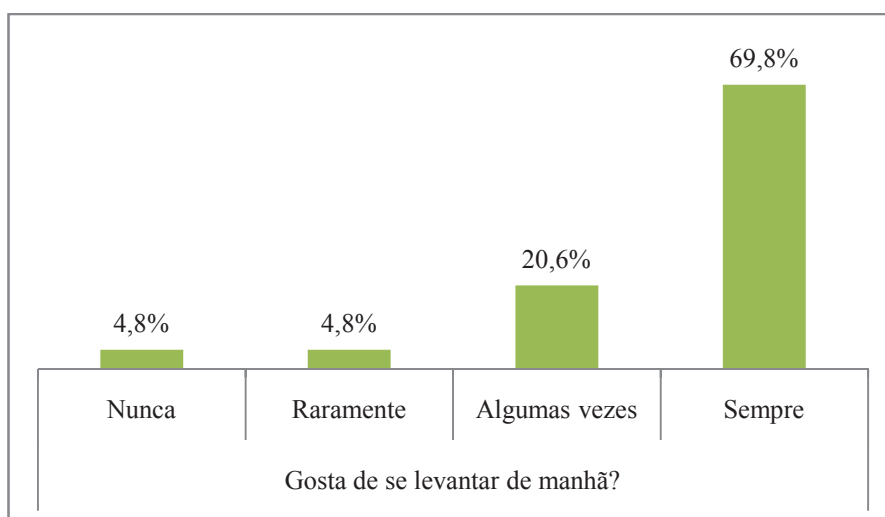
**Gráfico VIII: Sentido da vida**

Diante da questão se é bom estar vivo, uma expressiva maioria de idosos está segura de que é bom estar vivo. Verifica-se através da observação que a vertente espiritual é uma grande referência que dá suporte a esta certeza: “Deus deu-nos a vida, é Ele que no-la há-de tirar”, “Deus assim o quer”, “Temos que andar cá até o Senhor nos levar”.

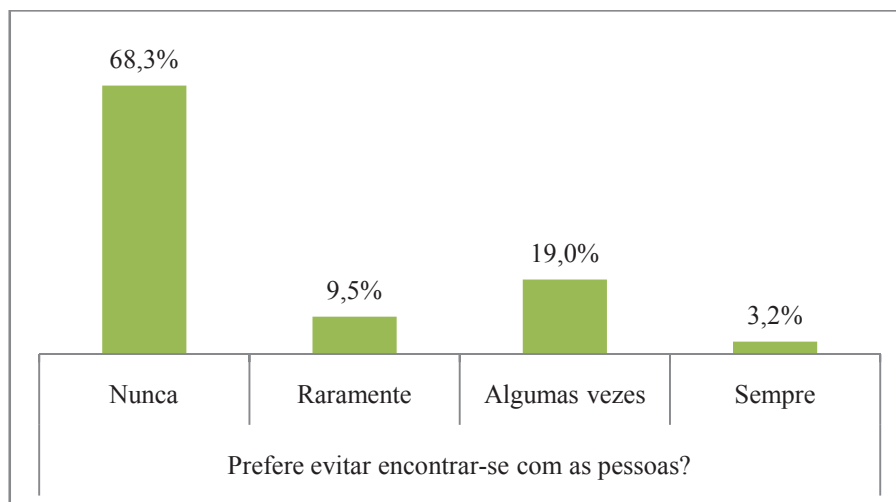
**Gráfico IX: Sentimento de inutilidade**

E porque a vida faz sentido, uma maioria de idosos (57,1%) refere que “nunca” se sente inútil. Porém, é relevante os 22,2% que referem sentir-se inúteis. O argumento é fácil, já que na idade em que se encontram e com o estado de saúde muitas vezes fragilizado, não podem fazer nada, nem tão pouco ajudar os filhos, que seria em tantos momentos bem necessário, daí que a questão “que ando eu aqui a fazer” se impõe como um raciocínio vital.

**Gráfico X: Rotina matinal**



Relativamente à questão de gostarem de se levantar de manhã, uma larga maioria de idosos (69,8%) refere que gosta “sempre” de o fazer, sendo que um grupo bem mais reduzido (20,6%) refere que somente “algumas vezes”. A vontade explícita de se levantar de manhã deve-se ao facto de os idosos serem na maioria do mundo rural, e como tal, desde pequenos, adquiriram o hábito de se levantar cedo. Além disso, na instituição recolhem-se sempre mais cedo, facto que também ajuda a que o dia comece mais cedo.

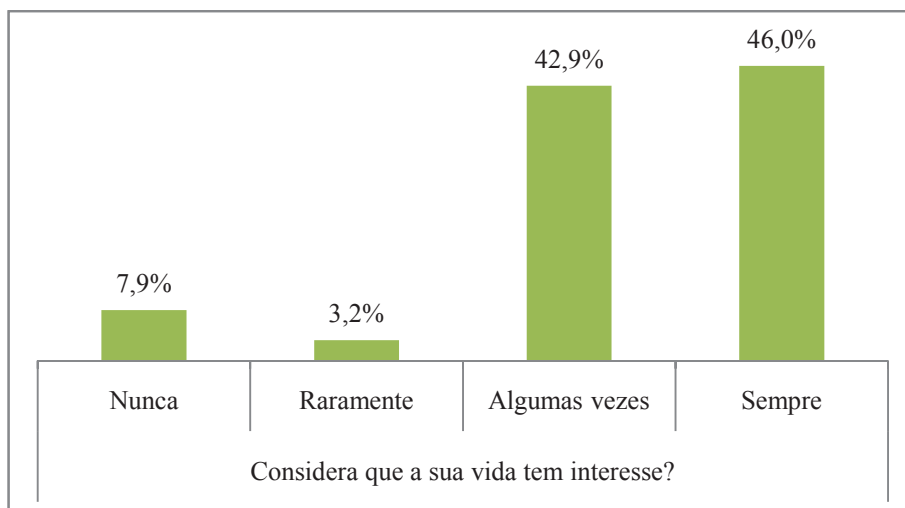
**Gráfico XI: Sociabilização**

É do senso comum haver pessoas que têm maior facilidade em socializar-se do que outras e, paradoxalmente, pessoas que, por razões diversas, evitam as relações pessoais. Esta é a temática que aqui se pretende averiguar. Os resultados mostram-nos que uma larga maioria de idosos não evita o encontro com os outros, o que revela que eles privilegiam o contacto e a relação humana. É interessante perceber que há quem mencione que as relações pessoais são muito sensíveis, referindo que há colegas que são mais ciumentas por se dar melhor com algumas do que com outras, por isso, por vezes, é preferível estar sozinha, para não ter chatices com ninguém.

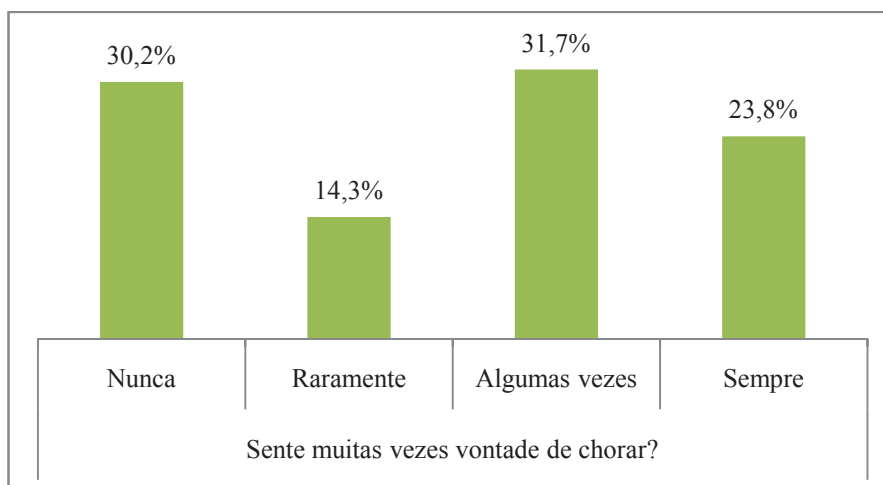
*“(...) Ela isola-se muito... Ela gosta de conviver com pessoas, mas não o faz com medo de se chatear, como às vezes eles se chateiam nos jogos das cartas...” (E8,34); “(...) Às vezes fico preocupada, porque ela quer atenção toda para ela e queixa-se dos idosos, que eles têm ciúmes dela, faz espécies de birras, isola-se” (E12,21); “(...) Uma coisa que também me deixa a pensar é perceber que ele não se junta aos amigos. O Lar convida-o para as festas e ele não quer ir, porque tem lá um ou outro que lhe mandam bocas e ele não gosta” (E12,47).*

A contribuir para a integração comunitária, estão os animadores da instituição que, segundo os idosos, são a chave essencial para haver um generalizado bom ambiente entre todos.

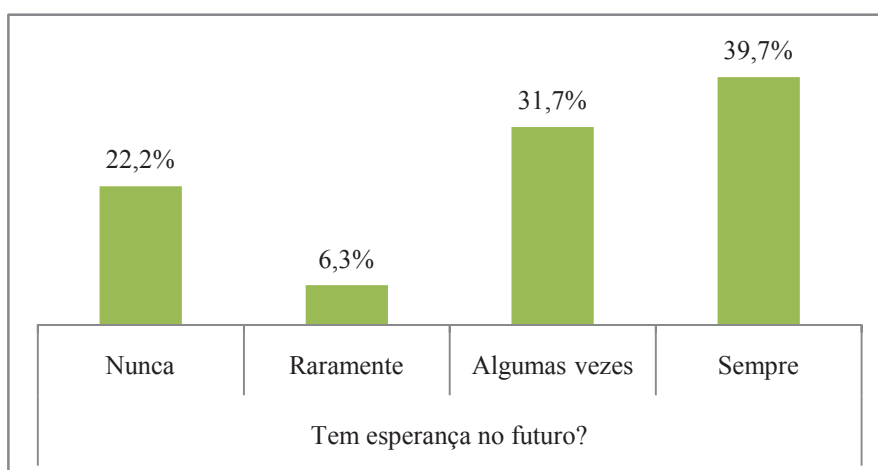
**Gráfico XII: Interesse pela vida**



No que respeita ao facto dos idosos considerarem a sua vida interessante, podemos verificar que 46,0% referiram que as suas vidas têm “sempre” interesse e 42,9% referiram “algumas vezes”. A verdade é que os idosos que têm mais visitas são os que vêm a sua vida de forma mais interessante, para tal contribui a visita dos netos que lhes dão sorrisos e fazem-nos querer viver com ânimo. “(...) *Eu bem vejo que se não puder vir aqui, ela fica logo preocupada*” (E3,42); “*Todas as semanas, às vezes várias vezes durante a semana. E ela fica toda contente, principalmente quando vêm os netos e a irmã de quem ela gosta muito, porque cresceram juntas*” (E4,3); “*Difícilmente há um dia em que não a veja. Ela está sempre à espera que alguém a visite e se não vier ela fica triste*” (E4,31); “(...) *Venho só ao domingo. Se não puder vir tenho que lhe telefonar, se não ela fica logo doente*” (E4,42).

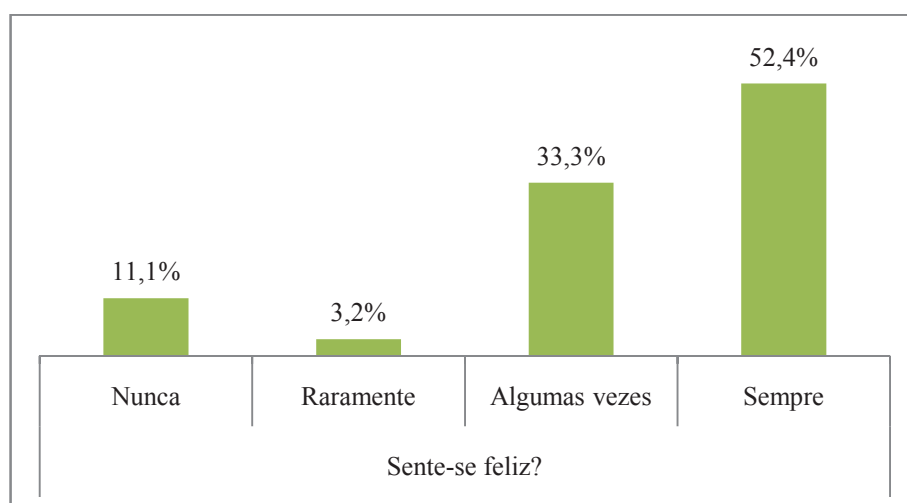
**Gráfico XIII:** Sentimento de tristeza que leva ao choro

Quando questionados se sentem muitas vezes vontade de chorar, 23,8% idosos responderam que “sempre” e 31,7% “algumas vezes”, desabafam alguns que é porque não queriam ir para o Lar, não porque não gostam de estar no Lar, pois são bem cuidados, mas porque preferiam estar com a família ou até sós na sua casa, outros porque gostavam de ser mais vezes visitados pela família, pois alguns até têm com frequência visitas, mas são sempre da mesma pessoa. 30,2% dos idosos referem que “nunca” sentem vontade de chorar, contra 14,3% que referem “raramente” têm vontade de o fazer.

**Gráfico XIV:** Esperança no futuro

Quando se pergunta ao idoso sobre a sua esperança no futuro observa-se, uma vez mais, a importância que os idosos dão à vertente espiritual. Verifica-se que 39,7% dos idosos têm sempre esperança no futuro e 31,7% afirmam-nos com regularidade. Ao que apuramos, estes valores estão diretamente relacionados com a sua religiosidade e esperança em Deus. Relativamente aos idosos que responderam “nunca” (22,2%) ou “raramente” (6,3%), a justificação surge pela desesperança face aos acontecimentos que conhecem pelo mundo envolvente, revelando maior preocupação com os descendentes do que propriamente consigo.

**Gráfico XV:** Sentimento de felicidade



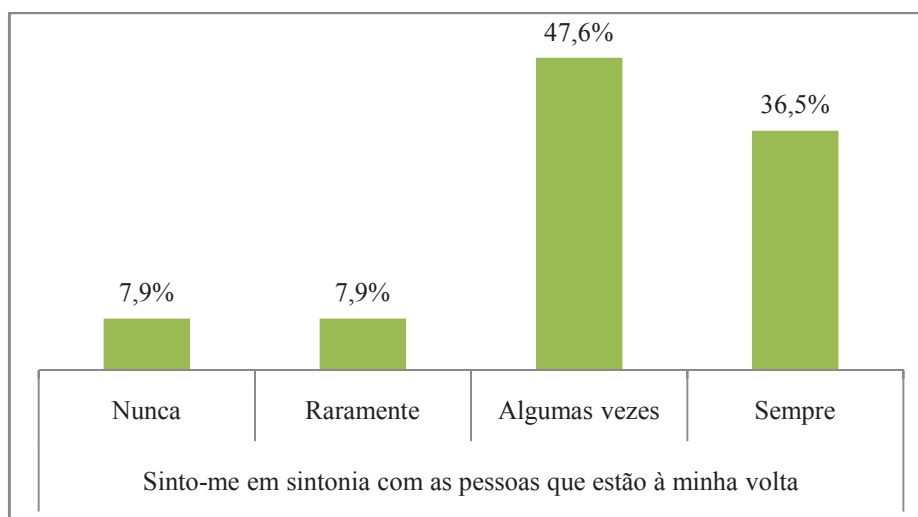
No que respeita ao facto de se sentirem felizes, podemos verificar que 52,4% dos idosos inquiridos referiram sentir-se “sempre” felizes. Houve, inclusive, quem referiu que no Lar está melhor porque nunca teve em casa o carinho como tem no Lar.

*“(...) Agora a minha mãe diz que precisa de ter atenção durante a noite, que lhe façam um chá e não quer estar a incomodar os filhos durante a noite. Então diz que não quer ir, que estranha a cama, que depois não tem ninguém se for preciso alguma coisa... Eu acho que são desculpas, não sei, acho que ela aqui sente-se mais protegida durante a noite. Ela nas festas*

*vai e vem, não quer ficar. Vai de manhã e vem à noite. Quando chego ao Lar ela está sempre com amigas no quarto, com uma postura alegre, algo que não acontecia quando estava em casa. Andava sempre triste e apagada” (E8,14).*

*“(...) Quando me toca a sair com a minha mãe eu convido-a sempre, mas ela diz que está sempre doente... diz que tem diabetes... Já sabe como é. Não posso fazer mais nada, mas acho que ela prefere ficar no Lar e que isso é desculpa para não ir a casa” (E8,23).*

**Gráfico XVI: Inter-relação existente**



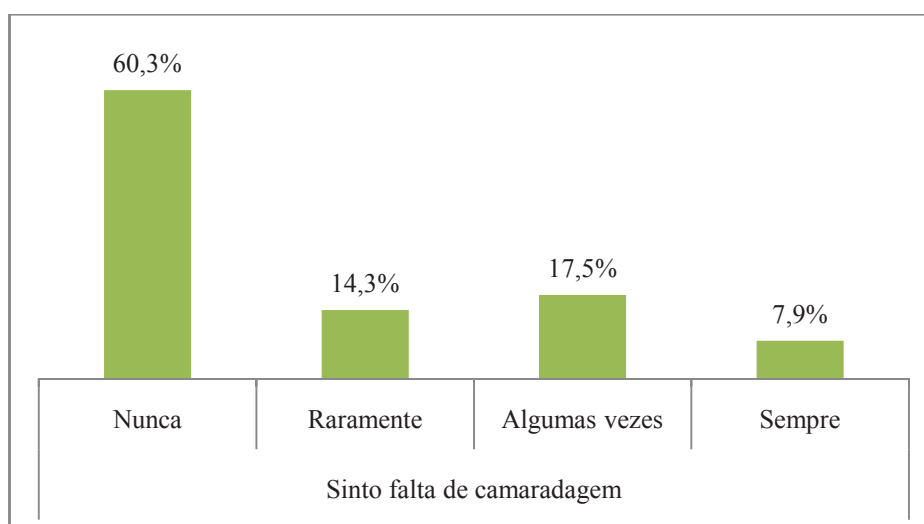
Ao tentar perceber se o idoso se sentia em sintonia com as pessoas que estão à sua volta, constatou-se que quase 50% dos inquiridos se sentia integrado no seu meio, contra um número significativamente menor (7,9%) que referiu sentir-se mais desprotegido. De facto, segundo os familiares, há pessoas que se sentem mais desprotegidas em parte devido aos traços de personalidade que definem muito a forma de ser da pessoa.

*“Crescemos na mesma freguesia. Depois a nossa amizade veio de eu ter pena dela, olhando a ela ser uma pessoa só, depois tinha problemas nas pernas, custava-lhe andar. Sabe que ela*

*também tinha cá um feitio... Ela era mazinha...(...)" (E2,36); "(...) É daquelas pessoas que tratam mal todas as pessoas, ela é mesmo má, ruim de si. Mas depois anda sempre dentro da Igreja. Por isso nunca fizemos nada juntas. Deve reparar aqui que ela não quer fazer nada, (...)" (E17,12).*

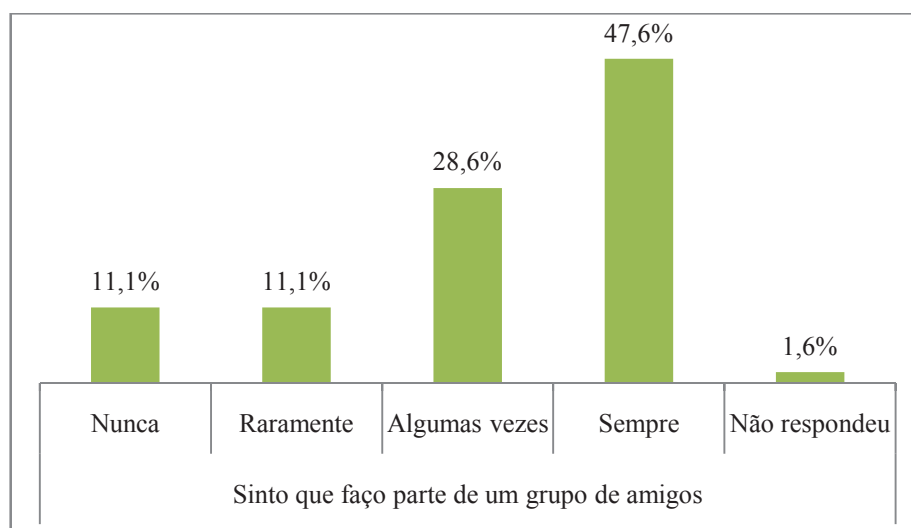
Mais uma vez podemos concluir que grande parte dos que referem estar em sintonia, são os que vivem com familiares, sós, mas com uma boa vizinhança ou os idosos que estão institucionalizados, mas que se abriram a novas amizades. *"Há! Não muitos, mas há. Os familiares de lá são poucos e visitavam-nos pouco. Dois casais amigos visitavam-nos. Os vizinhos, de momento eram mais familiares que os próprios familiares"* (E6,1); *"Amigos sim, tem muitos. Ela mora à beira da estrada e as pessoas que passam vão falando e às vezes juntam-se à porta, e às vezes são quem lhe deitam a mão. Familiares, tem poucos. Tem as irmãs, mas têm a vida delas, têm netos também"* (E6,53).

**Gráfico XVII: Camaradagem**



Tentamos perceber se os idosos sentem falta de camaradagem e a maioria deles refere “nunca” ter falta de companheirismo, sendo que somente 7,9% manifesta que não pode contar com a presença dos colegas. Tal como nos mostram os números, a percentagem de pessoas que refere ausência de companheirismo é a mesma que diz que não está em sintonia com as pessoas que as rodeiam. Ao cruzar estas variáveis com as sociodemográficas, especialmente com a residência, verificou-se que os idosos que se sentem mais desprotegidos, ou seja com falta de companheirismo, são os que vivem sozinhos nas suas próprias casas. Referem ainda alguns visitantes amigos, “*Por estar sozinha. Eu passava por ela na rua e via que era uma senhora muito sozinha, a quem quase ninguém ligava*” (E18,49); “*Procuro que seja uma relação de amizade. Compensar, de certa forma, os familiares. Quebrar a solidão que muitos sentem*” (E19,24).

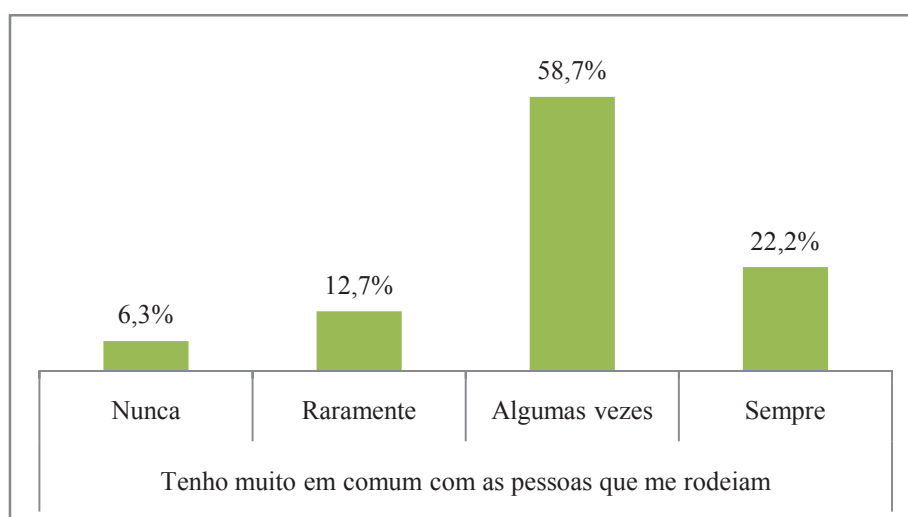
**Gráfico XVIII:** Sentimento de pertença



Relativamente ao facto de os idosos sentirem que fazem parte de um grupo de amigos, quase a maioria deles referiu convictamente sentir-se membro de um grupo de amigos e, a este propósito conseguimos perceber, através das entrevistas, que o facto de se conseguir criar

amizades, numa idade já avançada e numa casa que não é a que viveram anteriormente, é essencial para dar sentido à vida. “*Sim. Há um menino de quem ela cuidou desde pequenino, desde os três meses. Vai lá muita vez. É como um neto. E os pais com ele frequentemente a visitam (...)*” (E6,2); “*Ele aqui tem muita gente amiga que o vem visitar (...)* Ele sempre deu muita importância aos amigos” (E6,8); “*Tem dois casais amigos que quinze em quinze dias, três em três semanas vão visitá-la. Já enquanto o meu pai era vivo, iam lá quase sempre. Tem uma afilhada que vai lá dormir. E tenho uma irmã chegada a ela*” (E6,50).

**Gráfico XIX:** Ligação com as pessoas que rodeiam os idosos



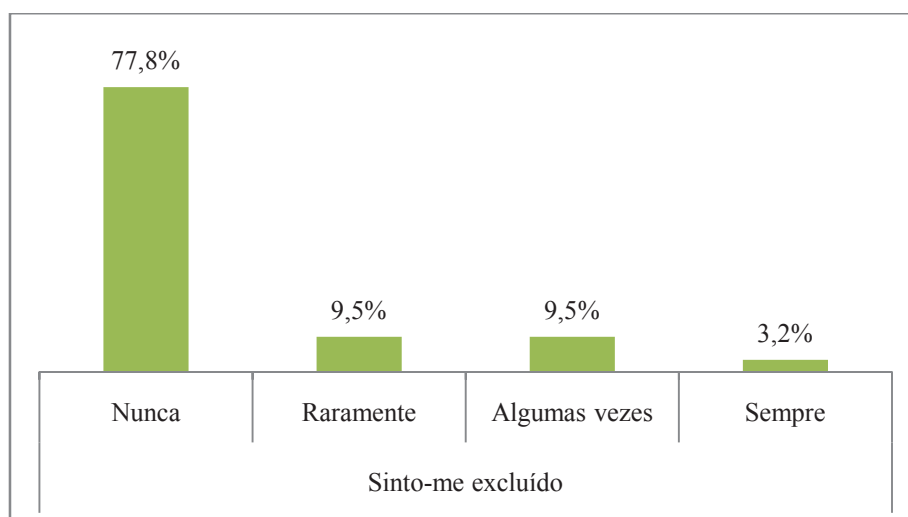
Constatamos que a maioria dos idosos refere ter muito em comum com pessoas que os rodeiam; aliás, tal facto, seria expectável, já que tiveram toda uma vida para partilhar afinidades, seja com vizinhos, amigos, pessoas do trabalho, entre outros; porém, as nossas entrevistas permitiram-nos concluir também que, mesmo não sendo os idosos propriamente fáceis de lidar à medida que a idade vai passando - “*Nós lidamos com ele, mais eu, mas é difícil lidar com os idosos*” (E1,57), vão-se tornando mais próximos, especialmente com os

cuidadores informais (a família, amigos, vizinhos) ou cuidadores formais (técnicos e colaboradores de lar), já que são estes que têm que os acolher, daí o muito em comum.

*“(...) Agora a minha mãe diz que precisa de ter atenção durante a noite, que lhe façam um chá e não quer estar a incomodar os filhos durante a noite. Então diz que não quer ir, que estranha a cama, que depois não tem ninguém se for preciso alguma coisa... Eu acho que são desculpas, não sei, acho que ela aqui sente-se mais protegida durante a noite (...)” (E8,14).*

*“(...) Nós levávamos, porque ele ao princípio com as canadianas ainda andava um bocado, mas com a cadeira e usa fralda, ele próprio não quer sair. (...) mas agora ele mesmo é que não quer ir, porque não se sente bem e diz que nós não conseguimos fazer o que as meninas daqui fazem. Que são muito cuidadosas” (E8,17).*

**Gráfico XX:** Sentimento de exclusão



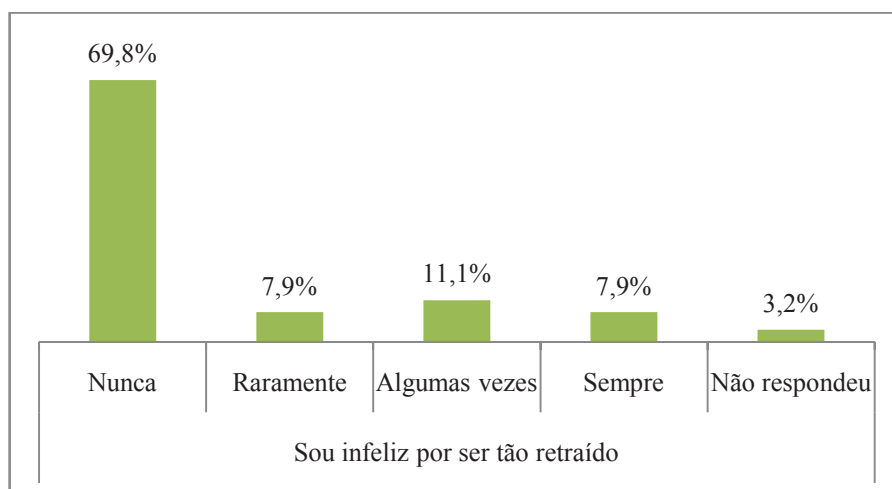
Quando se coloca a questão se se “sente excluído” a maioria dos idosos (77,8%) responderam “nunca”, demonstrando assim um bom relacionamento com as pessoas à sua volta. De facto, os idosos têm consciência da fase de vida em que estão e que não têm nada a ganhar em criar

complicações com os que estão ao seu redor. Como nos dizia a frase da entrevista que citamos anteriormente, mesmo não sendo fácil lidar com os idosos (E1,57), nota-se que eles se esforçam para se dedicar um pouco aos outros.

*“(...) A gente nota que ela precisa de carinho. Ela fala muito da D. “L” que é a melhor amiga aqui no Lar e a ajuda em tudo o que ele precisa... está sempre preocupada com ela e dá-lhe muito apoio...”* (E3,15).

*“Eu acho que sim. Nós sabemos das limitações que ela tem, precisa de uma atenção especial. Ela diz muito bem daqui. Diz que tem muitas professoras boas, que são as funcionárias. Sempre que estou com ela diz ‘aqui estou feliz e contente’”* (E3,16).

**Gráfico XXI:** Sentimento de retração



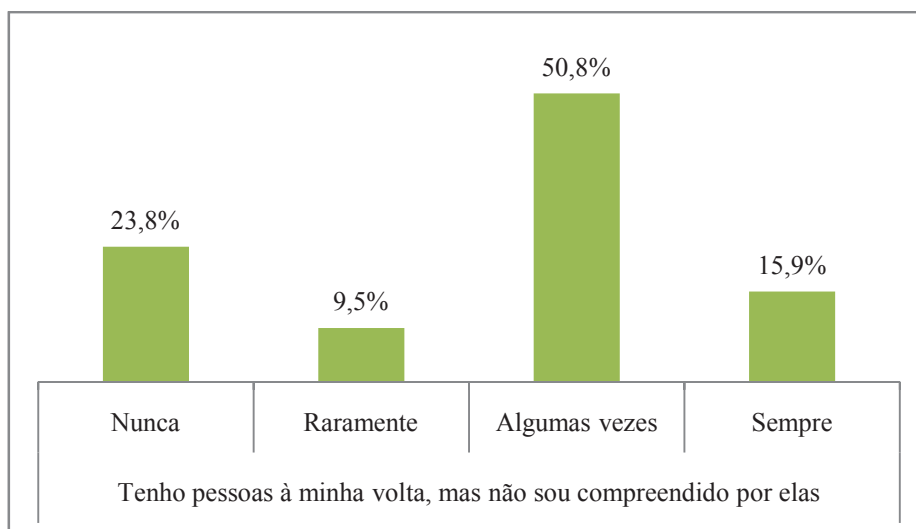
Quando se coloca a questão se “é infeliz por ser tão retraído” a maioria dos idosos (69,8%) responderam “nunca”. Contudo, por várias vezes, verificamos, através da observação, que um grupo de idosos é bastante reservado, preferindo - muitas vezes como autodefesa - não interagir com os outros idosos. Alguns familiares referem que, por vezes, os idosos estão no seu canto, recatados, em silêncio e quando lhes perguntam porque é que se encontram assim,

referem que assim também não têm problemas com os outros; não se pronunciam sobre o que veem, logo, também não criam inimigos.

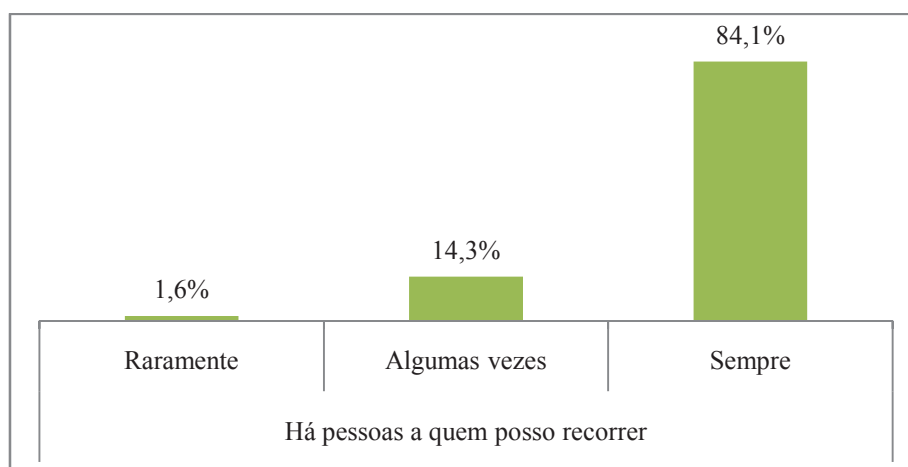
“(…) Ela isola-se muito... Ela gosta de conviver com pessoas, mas não o faz com medo de se chatear, como às vezes eles se chateiam nos jogos das cartas” (E8,34);

“Não. Fica sempre aqui. Eu também fico lá sozinha. (...) Mesmo que a viesse buscar ela não ia. Ela já aqui diz que não vai para a mesa jogar nem nada, porque diz que às vezes eles até parecem tolinhos a discutir por coisinhas de nada” (E8,18).

**Gráfico XXII:** Importância da compreensão



No contexto que temos vindo a explorar, que versa a integração do idoso no seu meio, considerou-se pertinente perceber se os idosos sentem que as pessoas que os rodeiam os compreendem e pelo que se pode aferir, a maioria deles referem que “algumas vezes” não se sentem compreendidos. Esta maioria explica-se sobretudo pela rigidez de pensamento que se manifesta muitas vezes por teimosia e persistência.

**Gráfico XXIII: Interajuda**

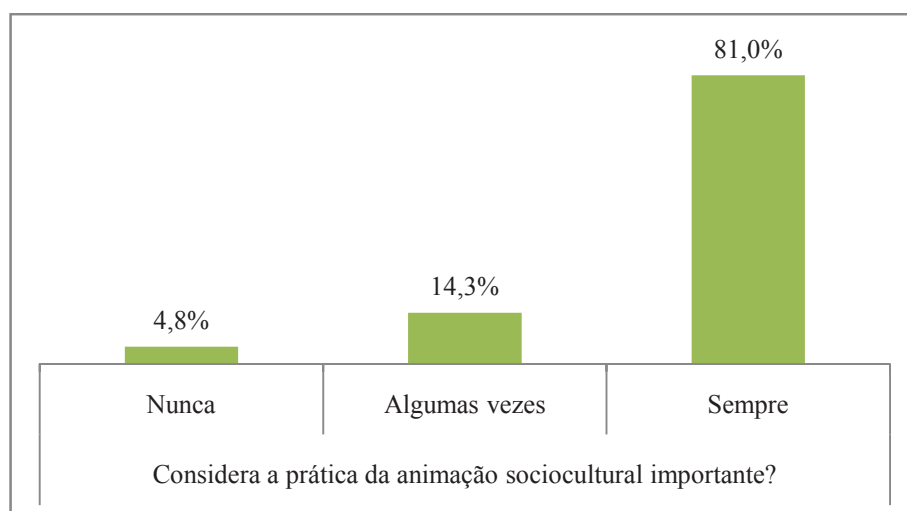
Se em todas as idades a entreajuda é bem apreciada, muito mais notável se torna à medida que a idade vai avançando, uma vez que, por natureza, os mais velhos precisam de maior apoio. Posto isto, tentamos perceber se o idoso considera que tem alguém a quem recorrer e, neste sentido, observou-se que a maioria dos idosos inquiridos (84,1%) tem pessoas a quem possam recorrer, no entanto, uma percentagem menor mas significativa (14,3%), diz poder recorrer “algumas vezes”. Será pertinente referir que uma percentagem de idosos que se encontra integrada na resposta social Lar, refere com muita frequência aos seus familiares que consideram a instituição como a sua família e, como tal, veem-na como um recurso disponível a quem recorrer.

*“(...) decidi vir para aqui. Podia ter ficado em minha casa, mas a situação dele... a hemodiálise é de muita responsabilidade e ele preferiu vir para aqui porque tinha outra assistência” (E1,8).*

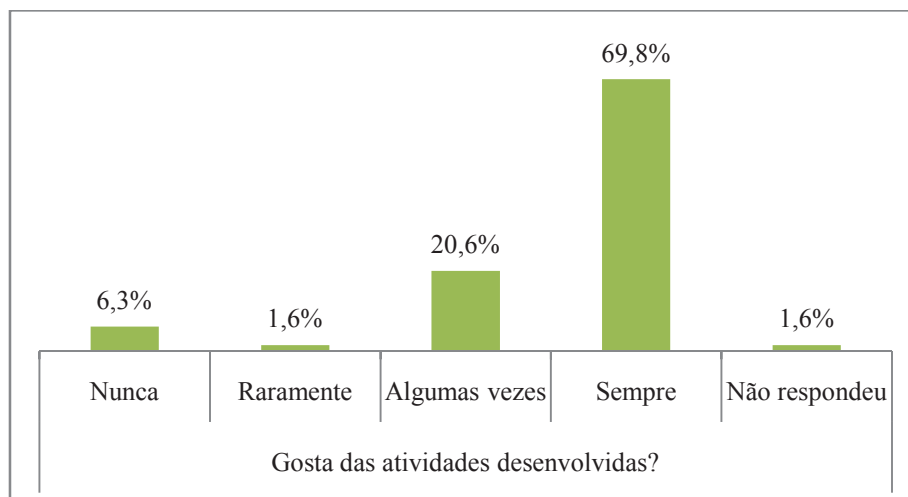
*“(...) Quando o meu falecido pai faleceu, ela estava em minha casa, depois começou no Centro de Dia em S. Miguel e depois mais tarde quis vir para aqui de noite. Achava que*

estorvava. Agora diz: *‘ainda bem que vim para aqui, aqui tenho quem me deite a mão’ (...)*” (E1,42).

**Gráfico XXIV:** Importância da prática da animação sociocultural



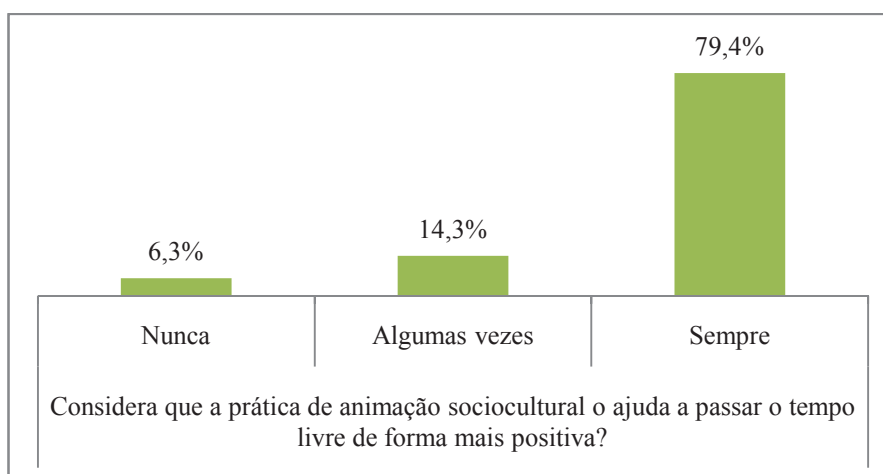
Observamos que a prática da animação sociocultural para 81% de idosos é “sempre” importante, enquanto somente uma pequena percentagem de 4,8% refere “nunca” a considerar importante. Torna-se pertinente mencionar que apesar dos idosos considerarem a animação importante, uma grande percentagem dos que assim o referiram, não participam nas atividades, revelando, assim, grande falta de motivação ao mesmo tempo que se justificam com uma vida cheia de afazeres. *“Geralmente não a visitamos, porque ela anda sempre na rua. (risos) Não pára. Ela própria visita as pessoas. É uma pessoa que tem sempre coisas para fazer. (...) anda na Universidade Sénior, anda na natação, na ginástica. Não pára...”* (E6,25); *“(...) Deve reparar aqui que ela não quer fazer nada, porque tem muitos terços para rezar e depois que não tem tempo (...)*” (E17,12).

**Gráfico XXV: Gosto pelas atividades desenvolvidas**

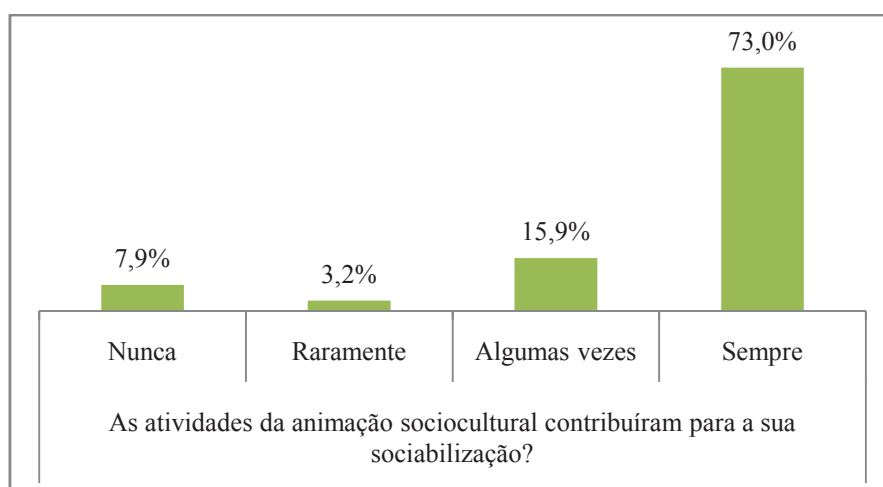
Ao questionar os idosos quanto ao gosto pelas atividades que desenvolvem, 69,8% respondeu que gosta “sempre”, 20,6% “algumas vezes”, 6,3% que “nunca” gosta. Alguns idosos gostam das atividades realizadas, de apreciar os outros a trabalhar, não obstante eles mesmos não participarem por entenderem não ter capacidade ou não a terem na realidade. Um grupo de idosos considera que veio para o Lar para descansar, pois já trabalharam uma vida inteira.

*“(...) Já agora no Lar ela não que participar. Está sempre à volta do meu pai. Já o meu pai tenho pena, porque ele tem dificuldades auditivas, pois ele é que gostava muito de participar nas atividades” (E10,1).*

*“(...) A minha avó andava sempre com a lida da casa. Não me lembro assim de muita coisa. Agora, a minha avó quer estar sossegada aqui no Lar. Podia ir conosco, estar com os meus filhos, mas diz que está cansada, que agora é a vez dela descansar” (E10,40).*

**Gráfico XXVI: Animação Sociocultural vs Tempo Livre**

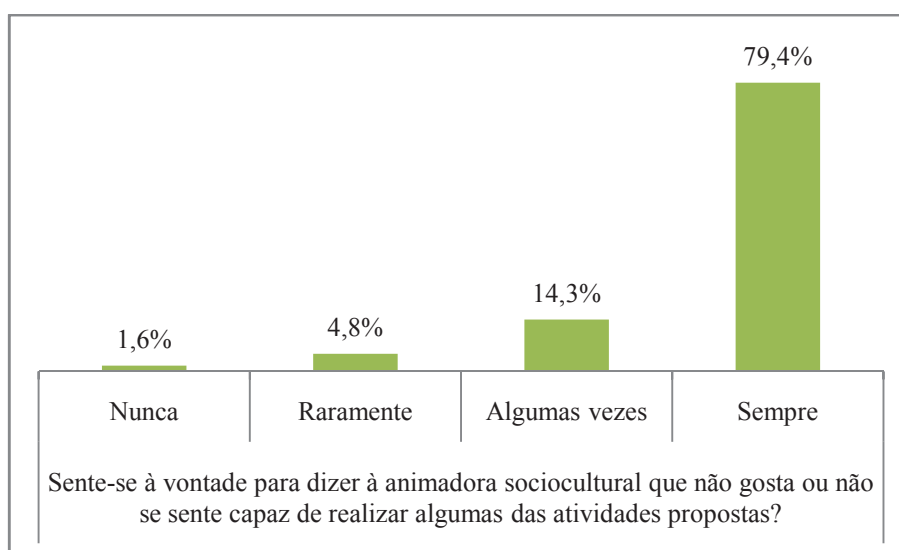
Ao inquirir os idosos acerca da sua opinião sobre se a prática de animação sociocultural ajuda a passar os tempos livres de forma mais positiva, uma larga maioria dos idosos (79,4%) foi convicta neste entendimento; cerca de 14% expressou uma atitude mais oscilante e somente 6,3% mencionou “nunca”. Recorrendo à observação, bem se percebe de que há um grupo de idosos que é renitente à prática de animação sociocultural e que é este mesmo grupo que apresenta dificuldades de relacionamento com os seus pares.

**Gráfico XXVII: Animação sociocultural vs sociabilização**

Quanto à questão se as atividades da animação sociocultural contribuíram para a sociabilização dos idosos, um alarga maioria respondeu afirmativamente; 15,9% “algumas vezes” e uma pequena percentagem nunca” ou “raramente”, corroborando assim os resultados anteriormente observados.

Ao tentar perceber porque é que há pessoas que não vêm a animação sociocultural como um meio de sociabilização, houve um familiar que nos referiu “(...) *Ele é uma pessoa autónoma, dinâmica (...) Gosta muito do espaço dele, não é conflituoso (...) Não gosta de participar em festas nem nada. Não é dado a convívios, socializações, nem nada*” (E1,43).

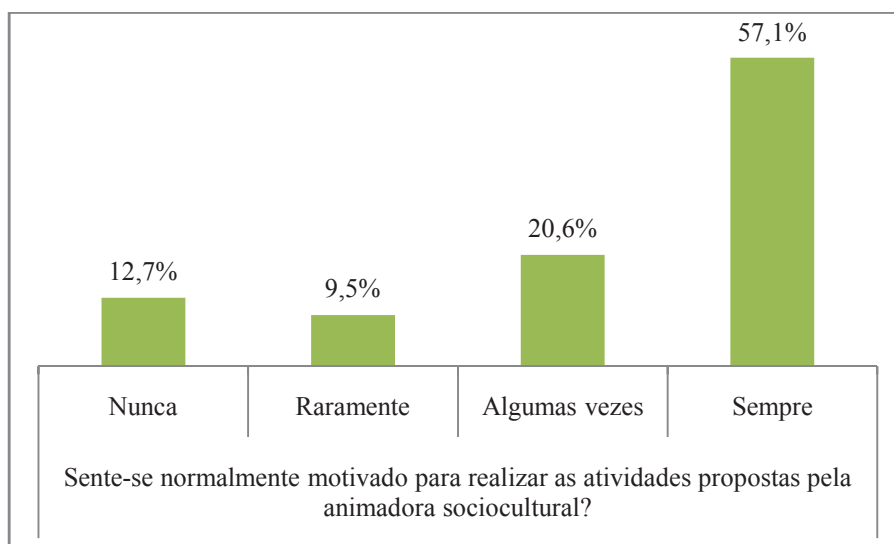
**Gráfico XXVIII:** Participação nas atividades



Na participação de atividades é determinante perceber se o idoso se sente à vontade para dizer à animadora sociocultural que não gosta ou não se sente capaz de realizar algumas das atividades propostas, 79,4% sentem-se “sempre” à vontade para dizer à animadora que não pretendem realizar as atividades. No entanto, de acordo com a observação realizada verifica-

se que alguns idosos participam nas atividades apenas para satisfazer a animadora, enquanto outros se desculpam com “não poder” para não participarem.

**Gráfico XXIX:** Motivação para realizar as atividades de animação sociocultural



No que se refere à motivação dos idosos para a realização de atividades socioculturais, aferimos que 57,1% diz-se “sempre” motivado e somente 12,7% menciona “nunca” estar motivado. Ao tentar perceber a razão desta desmotivação, apercebemo-nos, através dos familiares, de duas razões: por um lado, que se prende com a convicção de que os idosos ao irem para o lar querem descansar, uma vez que trabalharam a vida toda; por outro lado, e dado que muitos deles se dedicaram exclusivamente às atividades relacionadas com a agricultura, não estão agora capacitados para aprender novas atividades.

*“(...) vocês mandam os convites para as atividades. Eu digo-lhe sempre para ela vir, mas só quer vir quando é festas, porque se for atividades em que tenha que fazer alguma coisa, diz que não quer porque não sabe fazer o que vocês mandam e que não é agora que vai*

*aprender, que não tem cabeça. Ela contou-me que uma vez estiveram a ensinar a escrever o nome e que ela já não consegue (risos). Não a consigo convencer a vir...” (E3,31).*

*“Era trabalhar no campo. (risos) Foi o que nos ensinaram (risos). A doutora vê que agora ela está sempre agarrada à malha e não faz mais nada. Íamos para o campo e depois em casa era costura com a minha mãe” (E10,18).*

*“(...) Quando podíamos passávamos o dia todo juntos (choro) (...) Tudo acabou... A minha mãe agora não quer fazer nada, não a conseguimos convencer a sair conosco. Tem sempre desculpas, nós sabemos que são desculpas. Para não fazer nada conosco diz sempre que lhe dói isto ou aquilo... (choro)” (E10,60).*

Após a apresentação dos resultados do inquérito aos idosos, das entrevistas aos seus familiares e da observação, procederemos agora à discussão dos mesmos, onde se procurará ler estes mesmos resultados à luz do nosso enquadramento teórico.

#### **4.2. Discussão dos Resultados Obtidos**

Após a apresentação dos resultados, impõe-se agora a sua conseqüente discussão, pois, tal como refere Ribeiro (1999), o objetivo da discussão é discutir e interpretar os resultados, sem perder de vista a questão da investigação.

O nosso trabalho teve como guia orientador a pergunta *“Que estratégias adotam os idosos, que estão inseridos nas respostas sociais, para combater a solidão?”*. A análise e interpretação dos inquéritos e das entrevistas foram realizadas como um todo, considerando, no entanto, as particularidades de cada um, pois são dois instrumentos distintos de informação e como tal têm de ser considerados dessa mesma forma. Assim, os inquéritos foram tratados

através do programa *SPSS* e as entrevistas foram submetidas à análise de conteúdo. Em todo o processo de investigação recorreremos à observação direta não participante que contribuiu para esclarecer alguns pontos que tanto os dados adquiridos pelos inquéritos como pelas entrevistas nos iam levantando.

Ao longo da análise, foi-se verificando que cada momento vivido constituía um momento de significado, tanto para os idosos inquiridos como para os familiares entrevistados, independentemente da existência da descrição ou não de outros momentos. Assim, as descrições dos participantes foram consideradas como vivências de diversos momentos e foi-se verificando que cada momento poderia evidenciar elementos do fenómeno em estudo.

Por uma questão de sistematização do trabalho e afim de uma melhor perceção do mesmo, estabeleceram-se alguns objetivos entre os quais: *perceber a noção de solidão que o idoso tem relativamente ao sentimento de solidão*. Na análise aos inquéritos, apercebemo-nos que os idosos, embora estando numa fase avançada da idade, consideram que estão a viver uma boa fase da vida, apesar de sentirem, de alguma forma, abandono por parte dos seus familiares, pois, alguns queixam-se que os familiares não vão lá, não lhes ligam, mas eles próprios consideram que a vida tem que ser assim e que é este o seu fim, pois já não podem trabalhar. Apesar de não manifestarem diretamente que sentem solidão, ao preenchermos os inquéritos, bastantes idosos utilizaram algumas expressões que podemos considerar sinónimos de solidão, tais como: estar sozinho, viver só, não ter com quem falar, estar isolado, sentir-se abandonado, não ter família e amizades e o sentimento de vazio pela perda do conjugue.

Alguns idosos partilham com os familiares os sentimentos supracitados: “(...) *Muitas vezes ela me disse que se sentia abandonada e muito sozinha. Diz que nunca mais foi a mesma coisa desde que o pai faleceu. Diz que ele nunca a deixou só como nós fazemos. Não entende*

*que as nossas vidas foram construídas noutra cidade e que não é possível prestar-lhe toda a atenção que ela deseja” (E1,14); “(...) Diz que não tem família, que não tem quem a visite, nem tem ninguém para conversar (...)” (E1,38).*

Mas esta percepção não é unilateral, os seus familiares mencionam de forma idêntica o que anteriormente foi observado no dia-a-dia na convivência com os idosos, *“Somos muito cúmplices, muito mesmo. Tanto que eu acho que fui a primeira pessoa a dar conta da solidão em que a minha mãe está (...) achei que estava a ficar muito deprimida, chorava por tudo e por nada (...) revolta-me, acho que ela já não tem aquela vontade de fazer as coisas (...)” (E1,2); “(...) apesar de ela ser fraca (...) Apoio-a em tudo. Ela sente-se abandonada. Eu estou a fazer o meu dever” (E1,28); “(...) Ainda hoje jogamos. É um costume de família. O meu pai é que já não participa. Desde que a minha mãe faleceu, não faz nada, nem televisão quer ver. Sentiu muito a morte da minha mãe” (E10,48); “(...) acho que está ali um bocado abandonado. Por exemplo, arranjei-lhe aquele cão abandonado que anda lá que ele gosta muito de animais. A cadela é muito brincalhona” (E13,47); “(...) O problema dele é a perda de sociabilidade, faz hemodiálise 4 vezes ao dia, limita-lhe muito as saídas e o que ele sente aqui é essa perda de sociabilidade. Ele sempre teve uma vida social muito ativa. Ele gostava muito de estar com os amigos, de sair, de festas” (E3,8).*

Neto (2000) refere que o conceito de solidão tem um carácter intuitivo, pois cada pessoa analisa o seu estado de solidão, tendo em conta a situação em que se encontra exposta, sendo que para muitos o termo solidão significa estar só. O facto de por vezes os idosos vivenciarem a solidão, poderá estar relacionado com a monotonia dos seus hábitos, uma vez que já não possuem atividade laboral, possuem já algumas limitações físicas; outro aspeto poderá ser a falta de convívio com a família ou amigos e relações de pares. As pessoas idosas que referem

vivenciar a solidão, associam este sentimento à falta de amor, afeto, companhia, isolamento e abandono da família, principalmente dos filhos e netos.

Ficou também a ideia de que os idosos sentem que a vida tem muitos ganhos, essencialmente de experiências; todavia, registamos também que a velhice trás consigo muitas perdas, memórias positivas que vêm ao presente, mas que não voltam à realidade. Cabe aqui lembrar Teixeira (2010) quando refere que no mundo atual a solidão é associada à perda de algo e ao saudosismo desse algo que se perdeu. Na sociedade moderna há uma série de fatores que propiciam a tristeza, entre eles, o egoísmo, os estilos de vida, a falta de tempo para estar com a família e a falta de diálogo, fatores que conduzem a situações de mal-estar emocional que englobam a rejeição, a indiferença, o desprezo, baixa de autoestima, o sofrimento e a tristeza.

Propusemo-nos, no segundo objetivo, *conhecer as estratégias que os idosos, que estão inseridos nas respostas sociais, adotam para combater a solidão*. Segundo Negreiros (2003) a terceira idade pode ser vista como um momento privilegiado, que consiste na busca de realização pessoal, do prazer e satisfação. É a fase em que o indivíduo está livre de obrigações sociais e pode praticar diversas atividades, procurando assim, possibilidades de sair do isolamento, da solidão, da alienação, inserindo-se, nas novidades do contexto atual. Logo, os idosos usam estratégias para fazer frente a essa imagem estereotipada e antiga que relaciona o envelhecimento e decadência, e que os levam a optar por outras alternativas.

Ussel (2001) refere que existem formas para combater a solidão desde que os idosos estejam dispostos. Contudo, para que tal aconteça é fundamental que eles aceitem o estado em que se encontram. Neste período difícil é fundamental o apoio, a ajuda da família e as visitas dos amigos mais próximos, evitando que a pessoa se isole. Verificou-se, na nossa investigação, que alguns idosos nada fazem para colmatar a sua solidão, isto é, não saem para conviver com

os familiares e amigos, bem como os locais que antes frequentavam. Alguns, que se encontram integrados no Lar, não se relacionam com outras pessoas, recusam-se a participar nas atividades lúdicas, passeios, convívios, acomodando-se ao “seu cantinho”. “(...) *minha tia, é uma pessoa muito fechada (...) Ela vive muito no mundo dela*” (E10,45). Muitas vezes, mesmo a pedido dos filhos para irem com eles a casa, rejeitam o convite, referindo que não querem dar trabalho aos filhos, que eles não têm tempo, que trabalham muito. Como nos disse um familiar: “(...) *quis vir para aqui (Lar). Achava que estorvava (em casa)*” (E1,42), agora muitas vezes o idoso não quer ir a casa pelo mesmo motivo.

Por outro lado, temos aqueles que procuram verdadeiramente estratégias para combater a solidão. Uns, encontrando-se em casa, solicitam muitas vezes a presença do Centro de Dia para a combater, pois os filhos vão para o trabalho e os netos para os estabelecimentos de ensino, creches e jardins-de-infância. Os idosos do SAD encontram nas funcionárias que os visitam várias vezes ao dia os grandes pontos de apoio para combater a solidão, pois desabafam com elas todas as suas preocupações. Os outros, os que se encontram a viver no Lar, procuram combater a solidão participando nas atividades lúdicas, passeios, festas, convívios e procurando a equipa técnica ou outros colaboradores para desabafarem e exporem as suas preocupações pessoais e familiares.

Como meio de intervenção social, a animação pode permitir ao idoso adaptar-se melhor às novas circunstâncias. Deve ser um elemento transformador, pois deve trabalhar e preparar o idoso para as mudanças e transformações da sua vida. Nesta fase da vida, o idoso necessita de apoio e acompanhamento, pois são muitas coisas a acontecer ao mesmo tempo: situação de reforma; mudança de papéis, dificuldades físicas, etc. A animação pode e deve contribuir para atenuar a tristeza, a angústia e até mesmo a depressão e solidão, e outros quadros psiquiátricos que se podem desenvolver nesta fase de vida. As atividades adequadas permitem demonstrar o

lado bom desta fase da vida, que os idosos podem e devem simplesmente viver, com qualidade de vida.

Segundo Ussel (2001), por norma o rádio e a televisão são os mais utilizados no combate à solidão. No entanto, existem outras formas como é o caso de participar em atividades sociais antigas ou recorrer a novas atividades, como as que estão descritas anteriormente.

*“Onde ele mora, embora seja um meio rural, ele não é muito dado... ele é muito querido, mas não tem aquelas visitas..., não é pessoa de ir ao café jogar cartas, conviver. A idade também já não lhe permite. Gosta de estar com os filhos, os genros, fora disso é a televisão” (E6,43).*

Outro aspeto refere-se à espiritualidade que pode servir ao idoso como uma boa forma de viver esta fase da vida, uma vez que ela permite uma vida social e dá-lhe maior possibilidade de encarar as ruturas e perdas próprias desta fase (Negreiros, 2003).

Outro objetivo do nosso trabalho visava *entender se as instituições estão preparadas para atenuar o sentimento de solidão nos idosos*. Ao procurar respostas para este objetivo, observamos que os idosos que estão integrados no Lar possuem maior nível de satisfação com a vida, comparativamente com os idosos que estão nos seus domicílios. O que pode dever-se a todo um conjunto de fatores, nomeadamente ao contexto onde habitam, condições da residência, a forma como se relacionam pessoal e intergeracionalmente com os demais, etc.

Para muitas pessoas que tiveram uma vida muito ativa no que diz respeito ao trabalho, a chegada da reforma provoca um choque muito grande, uma vez que estes idosos não se sentem preparados para uma vida sem horários. Eles não sabem como usar o seu tempo livre, pois viveram uma vida repleta de trabalho e o excesso de tempo pode-se transformar em tédio, sobretudo quando faltam atividades para todo esse tempo. Neste momento, o idoso começa a sentir-se como um inútil e a sua autoestima baixa, provocando, por vezes, o

isolamento e a depressão que estão associados à solidão.

Há muitas pessoas idosas que não têm filhos, outras que já não os têm (por exemplo, por falecimento) e ainda outros vivem muitas vezes afastados dos seus filhos. Não obstante, e apesar deste penoso isolamento, a maioria destas pessoas idosas não querem encarar a ideia de sair da sua própria casa – mesmo aquelas que vivem mais afastadas, numa tentativa de não perder a sua identidade e também por respeito às memórias de uma vida repleta de recordações. Efetivamente, as pessoas idosas rejeitam sair das suas próprias casas para ir para os lares, onde podem estabelecer relações sociais e serem acompanhadas por profissionais.

Pimentel (2001) analisou esta mesma questão e, segundo ela, deriva do facto de os idosos privilegiarem a privatização da vida familiar, conduzindo a uma diminuição das trocas afetivas e da interação fora do núcleo familiar. A autora defende que esta sobrevalorização do espaço privado como espaço privilegiado das trocas expressivas faz com que as pessoas que vivem sós – e que são cada vez em maior número – enfrentem situações críticas de isolamento e solidão.

Segundo a mesma autora (Pimentel, 2001), para que a integração do idoso na instituição seja positiva, é essencial ter em atenção diversas dimensões, nomeadamente o estabelecimento de relações sociais, quer com os seus pares no interior da instituição, quer com pessoas da comunidade envolvente. Em alguns casos, a vida social na instituição é quase inexistente, pois dada a heterogeneidade de estatutos socioprofissionais, de recursos económicos, de interesses, valores e formações, é difícil motivar e mobilizar os idosos à volta de um objetivo comum.

No caso concreto desta Instituição, as técnicas sensibilizam os idosos e os seus familiares para a importância do contacto familiar: “(...) *Eu comecei a ter uma relação mais afetiva*

*desde que a minha mãe veio para o Lar. Ai é que começamos a ter mais contacto. Às vezes até me lembrava em ir visitar, mas depois passava” (E1,23).*

O Lar tem animadora exatamente para poder ocupar o tempo dos idosos das mais variadas formas, a fim de combater a sua solidão, desde trabalhos manuais, ginástica, música, passeios, convívios, festas, entre outras atividades. Possui também uma psicóloga para que eles tenham oportunidade de desabafar todos os problemas e preocupações beneficiando de uma ajuda especializada para o efeito.

Deste modo, podemos referir que a SCMV procura dar resposta às necessidades das pessoas idosas, criando condições e agindo nesse sentido. É importante que as instituições apoiem os idosos no que concerne à implementação de atividades de lazer, para que estes se sintam mais autónomos e felizes, estimulando o idoso com reforços positivos para ultrapassar as barreiras que a terceira idade lhes apresenta, como o combate à solidão.

É importante referir e ter em consideração que a nível profissional, na instituição já nos foram sinalizadas situações por familiares, amigos, vizinhos e até entidades públicas, situações de solidão e isolamento e verificamos nas visitas domiciliárias que, em determinados casos, é por vontade própria, ou por se resignarem à sua condição de vida, que alguns idosos rejeitam o apoio social e psicológico, não permitindo a ajuda de CD, integração em lares ou a prestação dos serviços do SAD que poderiam assegurar a higiene, alimentação e outros aspetos básicos, proporcionando uma melhoria na sua qualidade de vida. Alguns dos idosos que participaram no preenchimento dos inquéritos são exemplos de quem não queria inserir-se numa resposta social: uns porque achavam que ainda eram capazes de cuidar de si próprios, outros porque tinham que fazer o almoço para os seus familiares que vinham almoçar a casa todos os dias e ainda outros que viam a institucionalização de forma negativa. Houve quem referisse que a

vinda para um lar significava morrer mais depressa. Mas, por vezes, os idosos que têm esta opinião alteram-na depois de um contacto com o CD e há casos que pedem mesmo para integrar a resposta social Lar.

Contudo, outro aspeto relevante é o número reduzido de vagas que é desproporcional ao número elevado de idosos que fazem parte de infindáveis listas de espera, aguardando pela sua entrada em Lar, onde poderão estar ocupados e na presença de profissionais que contribuem para diminuir ou atenuar o estado de solidão muitas vezes sentida por estes.

A partir dos resultados obtidos, é possível verificar a validade e a pertinência das hipóteses de trabalho formuladas.

Confirmamos a **primeira hipótese**, *quanto maior a participação do idoso em atividades lúdicas, menor o nível de solidão*, na medida em que, no geral, os idosos gostam de ver televisão como atividade de lazer, gostam de conversar com o colega que está sentado a seu lado. Um número bastante reduzido pratica hábitos de leitura. Verificou-se também que um número bastante elevado de idosos passam muito do seu tempo a rezar. Todas estas formas que preenchem o dia ajudam a superar os momentos vazios e, em última instância, a evitar a solidão.

Claro que a figura do animador da instituição desempenha aqui uma grande missão. Da animação depende muito o estado do idoso, já que ela deve pretender, de uma forma lúdica, despertar no idoso o movimento e sobretudo a motivação. Daí que a animação deva criar ações para que o idoso seja o agente do seu próprio desenvolvimento.

Ao longo de todo o processo de investigação, apercebemo-nos, através da observação, que a animação da Instituição é de todo crucial para que o idoso não se sinta tão só e a Instituição

em causa, ao que apuramos, é sensível a esta questão, na medida em que propõe atividades adaptadas às capacidades de cada um; esforça-se por ajudar os idosos a vencer os medos e dificuldades que possam ter; empenha-se em criar relações de confiança e valorizar as suas capacidades; mas também sabemos que há alguma resistência da parte de alguns idosos em envolverem-se nestas atividades, pois, tal como já tínhamos referido, alguns, mas não a maioria, o que desejam é descanso, sossego e poucas atividades. A este propósito, Jacob (2007:34-35) refere que o próprio animador tem que entender esta resistência dos idosos como um desafio ao seu trabalho. É que há idosos que se vão acomodando à medida que surgem os problemas e as dificuldades. Eles nem sempre estão estimulados para a resiliência, isto é, para a capacidade de fazer face às dificuldades que lhe vão surgindo. Referia-nos um familiar relativamente ao comportamento da avó em casa, “(...) *Eu tinha que a motivar muito a ver televisão porque ela gostava muito de dormir, de estar na cama a dormir, portanto, acabava por eu própria fazer outro tipo de atividades durante os dias em que lá estava (...) Ah! E de estarmos cá fora no banco do jardim a ver as pessoas a passar e a conversar. Ela sempre foi como é agora, não fazia grandes coisas*” (E10,37).

Relativamente à **segunda hipótese**, *o acompanhamento social e afetivo dos idosos gera maior bem-estar neles*, também a confirmamos. Um aspeto patente nesta população prende-se com a falta de estabelecimento de contactos regulares e frequentes com a família, vizinhos e amigos, pois, esta falta leva a que os idosos se sintam mais sós, pois não têm com quem partilhar as repetidas memórias que lhes ocupam todas as horas do dia. As pessoas idosas que dizem viver em situação de solidão, associam este sentimento à falta de amor, de afeto, de companhia, bem como ao isolamento e ao abandono por parte das pessoas que os rodeiam.

Considerando a importância da família no processo de crescimento de qualquer indivíduo, podemos afirmar que a ausência dela representa grande perda para os idosos. Verifica-se

através das entrevistas realizadas aos familiares que estes dão mais importância aos filhos e conjugue do que aos pais, “(...) *se calhar, em segundo lugar. Em primeiro lugar são os meus filhos (...)*” (E2,7); “*Neste momento, não diria que é o centro das minhas preocupações, mas está... dum lado tenho a preocupação dos meus filhos e do outro lado a minha mãe*” (E2,14); “*Depois dos meus filhos e da minha mulher é a pessoa que fica a seguir*” (E2,15); “(...) *Primeiro está o meu filho, o meu marido e depois o meu pai*” (E2,27).

Nos dias de hoje, são poucas as famílias que possuem a disponibilidade para o acompanhamento do envelhecimento dos seus familiares, por diversos fatores que emergiram na nossa sociedade, o que contribui para o crescente número de idosos que vivem sós nas suas casas ou institucionalizados. “As pessoas que se sentem sós não têm forçosamente menos relações ou interações quotidianas que as outras pessoas, mas encontram-se muitas vezes menos satisfeitas com quem convivem” (Neto, 1992:11). Contudo, aquelas pessoas das instituições são novos companheiros com vivências e experiências de vida distintas. Nesta fase da vida o idoso, tendencialmente, quer mais falar do que ouvir o que muitas vezes gera discordância entre o grupo de pares na instituição e, posteriormente, a algum isolamento e mutismo. Como refere um familiar, “(...) *procuro dentro do possível dar-lhe o apoio e conforto que é possível (...) através do diálogo, conversas que tenho com eles, procuro transmitir-lhes uma sensação de bem-estar que eles muitas vezes não têm, procuro fazer-lhes ver o lado positivo das coisas, (...)*” (E1,59).

Hoje em dia prevalece o modelo social da família nuclear, em que convivem num mesmo lar apenas pais e filhos. Este fenómeno leva-nos a um grande aumento do número de idosos em instituições. O afastamento dos idosos dos seus filhos e netos tornou-se comum e, às vezes, há perda total de contacto entre os idosos e a sua família. A este propósito, é fundamental que os familiares apresentem capacidade de intimidade, e que mostrem compaixão e apreço pelo

idoso (Imaginário, 2008). A intimidade e a confiança por parte dos descendentes para com os idosos é algo que os faz sentir importantes, valorizados e com um papel importante na família. O facto de os netos ainda partilharem o mesmo quarto ou cama com os avós e contarem-lhes todos os segredos proporciona aos idosos o sentimento de que a família é um ponto de equilíbrio neste seu processo de envelhecimento. Situações há que permitem ao idoso sentir que é ele próprio este ponto de equilíbrio, como por exemplo a atenção dada aos netos, que os pais por motivos laborais não podem dar. Quando as coisas correm menos bem é o idoso que consegue, com a sua experiência e sabedoria solucionar os problemas e apaziguar as situações.

Nesta problemática, podemos afirmar através das entrevistas que, cinquenta e seis em sessenta e três entrevistas realizadas, os familiares/amigos revelaram manter uma boa relação com os idosos, visitando-os regularmente. Tivemos ainda a oportunidade de concluir que o contacto que se verifica na maioria dos casos entre idosos e familiares não se faz sentir de forma homogénea. Cada família possui uma forma única e incomparável para lidar com o seu idoso. *“Sou filha. Somos muito cúmplices, muito mesmo (...)”* (E1,2); *“Sou filha e dentro da relação mãe-filha tenho um bom relacionamento”* (E 1, 14); *“Bem. Com a minha sogra, é só bom dia ou boa tarde. Nunca tive assim nada... Ela também nunca conversa”* (E1,38); *“É minha mãe. Temos um laço afetivo muito bom”* (E1,60).

Ao longo da aplicação dos inquéritos, os idosos desculpabilizaram a ausência dos familiares na Instituição, evocando as questões do trabalho, referindo que estão bem e que têm tudo o que precisam. Mas, através de alguns gestos e expressões surgidos no momento da questão, acreditamos que estes anseiam pelo contacto com os familiares. As descrições dos idosos foram traduzindo e exprimindo sentimentos negativos por parte deles próprios ou por parte da

família. Além da família ser causadora de sentimentos negativos por parte dos idosos, por vezes, também ocorre a expressão de sentimentos e necessidades ambíguos.

As pessoas admitidas nas instituições tornam-se membros de uma nova comunidade. Geralmente vivem uma rutura dos seus vínculos relacionais afetivos, convivendo quotidianamente com pessoas com quem não têm qualquer vínculo afetivo. Independentemente da qualidade da instituição, ocorre normalmente o afastamento da sua vida quotidiana, tendo agora o idoso que se adaptar a um novo ambiente. O idoso é um ser único e digno de consideração. Deve existir um esforço de reconstituição e descoberta da história de vida dos idosos por parte dos profissionais que lidam mais diretamente com os mesmos, para melhor os poder ajudar na sua adaptação, para se atender às particularidades de cada um e ajudá-los na construção de novos projetos de vida. No dizer de Zambrano (2003, *cit. in* Duque, 2012:125), “o tempo ao passar torna-se passado, mas não desaparece. Se desaparecesse totalmente não teríamos história. Mas, se o futuro não estivesse a agir, se, todavia, o futuro fosse simples não-estar, também não teríamos história”.

De acordo com as opiniões recolhidas, a relação familiar é definida como a ausência ou afastamento dos laços de que os idosos são alvo. Este sentimento pode explicar-se pelo facto de que, tal como defende Cobb (*cit. in* Henriques, 2001), normalmente a conceção que se cria da função do suporte social é a de preencher uma das necessidades do sujeito, necessidade de proteção do indivíduo perante consequências desfavoráveis, provenientes de uma situação de crise. Assim sendo, nunca deveria constituir uma fonte de crise, mas antes uma fonte de carinho e amor, fazendo com que o indivíduo se sinta parte de uma rede social. No entanto e de modo geral, os idosos inquiridos, referem não sofrerem de solidão e encontram-se satisfeitos com a sua vida.

Contudo, Netto (2000) defende que, mesmo estando dentro de uma instituição, para a vida do idoso, o ambiente familiar é crucial, pois o contato com a família permite que os idosos se mantenham próximos do seu meio natural de vida (a própria família). Além disso, o contacto familiar preserva o seu autoconhecimento e valores. A este propósito, Imaginário (2008) refere que é fundamental que os familiares apresentem capacidade de intimidade, e que mostrem compaixão e apreço pelo idoso. A intimidade e a confiança por parte dos descendentes para com os idosos, é algo que os faz sentir importantes, valorizados e com um papel importante na família, “(...) às vezes faz coisas só para chamar a atenção. A gente nota que ela precisa de carinho” (E3,15); “(...) Eu penso na família, mas tenho é que dividir a atenção. Neste momento o meu filho precisa muito de mim. A minha tia está aqui mais segura e não lhe dou aquela atenção durante o dia. Eu sei que está aqui, que está bem, que tem todas as garantias que eu sei que tem (...)” (E12,56).

Regularmente, os profissionais das instituições referem-se às famílias dos idosos de forma negativa, acusando-os de negligenciar os contactos com o idoso ou fugir de compromissos assumidos com os responsáveis pela institucionalização (Netto, 2000). Portanto, deve pensar-se que nem todas as famílias sentem afeto e sentido de responsabilidade pelo idoso. Além disso, pode haver problemas de relacionamento familiar nunca resolvidos, como foi referido por familiares, “Não há ninguém. Mesmo a família dela que vive aqui pertinho. Ninguém. Ela tem um feitio muito difícil. Mesmo os filhos vêm cá quinze dias de férias e não a visitam. Vêm cá uma vez” (E6,38); “A minha mãe era muito mazinha, batia muito” (E 9,3); “(...) A minha mãe foi uma pessoa que teve sempre em mente que veio para sofrer e que nós também viemos ao mundo para sofrer (...)” (E9,5); “(...) Em relação ao meu pai são quase todos negativos. Prontos. Na vida, o meu pai foi muito severo connosco por causa da religião (...) a minha mãe foi uma rainha no nosso meio. Foi ela que liderou tudo (...) foi a minha mãe que nos

*acompanhou sempre, sempre” (E9,7); “O momento que mais me marcou era quando eu ia trabalhar, era novinha, tinha doze ou treze anos. Saía daqui às 04h30 da manhã e a minha mãe nunca se levantou para nos fazer o pequeno-almoço” (E9,58).*

De acordo com o que se observou, podemos dizer que se trata de uma população com alguma fragilidade a nível emocional e afetivo, existindo a presença elevada do sentimento de solidão. Pelas entrevistas aos familiares verificamos que os filhos, eles próprios, sentiram-se sozinhos e abandonados pelos pais no seu desenvolvimento, naturalmente, quando os pais adoecem ou perdem capacidades não têm amor para dar porque também não o receberam.

---

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

---

Na presente dissertação, encontra-se sistematizado todo o trabalho desenvolvido ao longo do Mestrado em Gerontologia Social Aplicada. A concretização deste trabalho, para além de ter sido muito gratificante, nomeadamente no contacto com os idosos e na aprendizagem que se adquire com os mesmos, permitiu aprofundar os conhecimentos e reflexão sobre a temática da solidão dos idosos na dinâmica do envelhecimento.

Por outro lado, considera-se que este estudo suscitou uma reflexão mais profunda e tomada de consciência desta realidade, nomeadamente no fenómeno de solidão, tanto para a investigadora, como para os participantes que contribuíram afincadamente na realização do mesmo e tornaram possível o estudo em causa.

Como vimos, o aumento do envelhecimento demográfico e as alterações verificadas na sociedade atual, essencialmente a nível familiar tem levantado alguns problemas, nomeadamente no aumento dos idosos que vivem sós, ou mesmo residindo com os filhos que passam o dia sozinhos devido à atividade laboral dos filhos, acabando por ser as instituições que, sem substituir a família, asseguram os cuidados integrais do idoso.

Nos idosos parece haver menos acontecimentos de mudança de vida, menor extroversão, uma rede social mais restrita, até porque muitos se vão perdendo de forma natural, diminuição de algumas capacidades cognitivas, menor participação nas atividades, o afeto positivo e negativo são mais baixos e, por outro lado, a qualidade de vida percebida, em muitos domínios da interação social, é menor.

Na sociedade atual tem-se vindo a assistir a uma progressiva emancipação e libertação da rede de parentes e vizinhos que controlavam e, tantas vezes, reprimiam o indivíduo. Relativamente aos fatores da sociedade moderna que propiciam a solidão, os indivíduos demonstraram

grande preocupação relativamente à família, à falta de tempo para estar com os filhos, à falta de diálogo e ao futuro dos filhos e netos devido à crise que se vive atualmente. Reconhece-se o isolamento, mas também o que mudou para melhor e as novas oportunidades que vão surgindo com as novas tecnologias. Mesmo assim, a abertura do leque das possibilidades não tem feito diminuir a solidão dos idosos, pois estes têm mais presente as suas perdas do que os ganhos de vida.

O sentimento de solidão surge-nos como o aspeto central de toda a problemática relativa ao bem-estar subjetivo dos idosos. Sem objetivos de vida para realizar, e muitos deles sem rigorosamente nada para fazer, com uma rotina penosa e solitária, ou se sentem acompanhados pelo Deus em que acreditam, ou se sentem irremediavelmente sós, a cumprir um destino inexorável.

Desta forma, pretendeu-se, a partir de diferentes leituras, perceber a noção de solidão que o idoso tem relativamente ao sentimento de solidão, bem como conhecer as estratégias que os idosos adotam para combater a solidão. Estas leituras, embora importantes, não são suficientes para alcançar os objetivos a que nos propusemos. Precisamos, por isso, de percorrer um caminho que passará pela aplicação de inquéritos e entrevistas, para, deste modo, perceber se as instituições estão preparadas para atenuar o sentimento de solidão nos idosos.

A solidão é um sentimento que a todos preocupa em maior ou menor grau. Com a chegada da reforma, com a saída dos filhos do núcleo familiar, as pessoas podem dispor de todo o tempo do mundo, sem ter oportunidade para o ocupar socialmente. Se a isto acrescentarmos a perda natural dos amigos ou do companheiro sentimental, as possibilidades de relação com os outros irão diminuindo e emergem sentimentos de solidão.

Sabemos teoricamente que há muitas estratégias para combater a solidão, todavia, verificou-se na nossa investigação que enquanto alguns idosos nada fazem para colmatarem essa solidão, isto é, não saem para conviver com os familiares e amigos, bem como os locais que antes frequentavam, não se relacionam com outras pessoas, recusam-se a participar nas atividades lúdicas, acomodando-se ao “seu cantinho”. Por outro lado, temos aqueles que procuram verdadeiramente estratégias para combater a solidão. Uns solicitam muitas vezes o CD para combater a solidão que sentem em casa. Os idosos do SAD encontram nas funcionárias que os visitam várias vezes ao dia os grandes pontos de apoio para colmatar a solidão. Os idosos institucionalizados, alguns procuram combater a solidão participando nas atividades lúdicas ou procurando a equipa técnica ou outros colaboradores para desabafarem e exporem as suas preocupações pessoais e familiares.

De acordo com a literatura revista é reconhecido também que os idosos que vivem no seio familiar têm um envelhecimento mais ativo e, como tal, apresentam maiores níveis de satisfação, sendo reconhecido igualmente que a institucionalização dos idosos conduz a uma anemia nos laços familiares e de solidariedade. Com as transformações da sociedade, em especial com a integração da mulher no mercado de trabalho, a família que antes era responsável pelos cuidados aos seus idosos transfere essa tarefa para as instituições. Assim como as creches servem para ajudar as famílias na criação e educação da criança, as instituições servem para preencher um certo vazio, esquecimento ou falta de retaguarda dos familiares. Nos dias de hoje, são poucas as famílias que têm disponibilidade para o acompanhamento do envelhecimento dos seus familiares por diversos fatores que emergiram na nossa sociedade, como o horário de trabalho, a necessidade da mulher trabalhar fora de casa, a necessidade de cuidar dos próprios filhos, as casas com poucas divisões, etc., fatores

que contribuem para o crescente número de idosos que vivem sós nas suas casas ou institucionalizados, o que muitas vezes conduz a uma série de problemas inerentes à solidão.

Pelo que percebemos, a família encontrou na instituição a solução para os seus problemas, esperando dela uma assistência não só no que concerne às necessidades básicas, mas também cuidados referentes à atenção e carinho que os idosos precisam e que os familiares não têm tempo para dar. Porém, se a institucionalização for inevitável, isso não impede a continuidade dos vínculos familiares, pois, o carinho da família não é substituído pelas pessoas das instituições, ou pela construção de outros vínculos nos lares.

O assistente social deve reconstituir e descobrir a história de vida dos idosos para melhor os poder ajudar na sua adaptação, atendendo às particularidades de cada um e ajudá-los na construção de novos projetos de vida. O papel do assistente social, em conjunto com a animação, revelam-se assim importantes para motivar o idoso para a sua participação nas atividades, fazendo-o perceber que a última fase da sua vida não deve ser encarada e passada com desânimo, angústia e solidão.

No final deste trabalho, e em jeito de balanço, pode dizer-se que fomos estimulados a refletir sobre o papel do idoso e ao fazê-lo reconstruímos a própria imagem do idoso. Com isto pretende-se dizer que, cada vez mais, os profissionais que atuam a favor desta geração devem, a todo o momento, despertar as consciências para a importância do lugar da pessoa idosa na sociedade, que se tem vindo a manifestar como uma sociedade cada vez mais consumista, onde as relações de poder parecem ser as que, na verdade, conseguem prevalecer. Todas as pessoas possuem uma imagem de ser idoso, seja a partir da sua própria construção, seja a partir daquilo que lhe foi inculcado na aprendizagem realizada ao longo da vida. Porém, por vezes, há o esquecimento de que todos têm um lugar na sociedade e é na base da relação que

está toda a atividade do ser humano, pois, o homem é, por excelência, um ser social. A prova é clara quando se comprova que, para além da satisfação das necessidades físicas, os idosos sentem necessidade de ver satisfeitos os seus desejos de carácter social, ansiando pelo afeto da família, pela sua presença e acompanhamento ao longo desta caminhada, que é a vida.

Não poderíamos deixar de destacar algumas limitações e dificuldades, assim como aspetos positivos, ao longo desta dissertação.

Em investigações posteriores, aspetos como a desajustabilidade social devem ser tidos em conta. Isto porque no processo de recolha de dados, os inquéritos foram preenchidos pelo investigador (idosos que não sabem ler e escrever) e as respostas dadas pelo entrevistado poderão ser de certa forma condicionadas, ainda assim, e salvaguardada esta questão para futuros trabalhos, importa realçar que tudo fizemos para que os inquéritos não fossem enviesados, ou seja, tivemos a preocupação de assinalar a vontade explícita dos idosos em questão.

É interessante também registar, neste contexto, que ao observarmos com um pouco mais de atenção a bibliografia disponível, se tenha verificado que não há tanta matéria assim que relacione, numa perspetiva de serviço social, a solidão com os idosos, sendo que em áreas como as da psicologia, sociologia, psiquiatria existe muita bibliografia que consultamos e analisamos.

Dada a existência, no contexto de serviço social português, de escassos estudos sobre esta temática, acreditamos que há aqui um longo caminho e muitas oportunidades, em termos científicos, a percorrer. A este propósito, julgamos também importante a promoção de formação nesta área e com este público sobre a solidão.

Finalmente, deseja-se ainda mencionar que este trabalho proporcionou um grande enriquecimento tanto a nível pessoal, como profissional e também de que tudo foi profundamente célebre, pela infinidade de conteúdos e experiências que ficaram por aprender, pois o contacto com a população idosa é deveras gratificante.

---

## **BIBLIOGRAFIA**

---

ALMEIDA, Luís Bogotte (2006). *A Idade (não) Perdoa? O idoso à luz da neurologia gerontológica*. Lisboa: Gradiva.

BARDIN, Laurence (2004). *Análise de Conteúdo*. Lisboa: Edições Setenta, Lda.

BAPTISTA, Myriam Vera (2001). *A Investigação em Serviço Social*. Lisboa - São Paulo: Cphihts e Veras Editora.

BARRETO, João Manuel de Moraes Taborda (1984). *Envelhecimento e saúde mental: Estudo de epidemiologia psiquiátrica no concelho de Matosinhos*. Dissertação apresentada à Faculdade de Medicina do Porto para obtenção do grau de Doutor.

BARROS, José (2002). *Psicologia da Família*. Lisboa: Universidade Aberta.

BELL, Judith (2004). *Como realizar um Projecto de Investigação*. Lisboa: Editora Gradiva.

BOUTINET, Jean-Pierre (1996). *Antropologia do Projecto*. Lisboa: Instituto Piaget.

CABRAL, Brito (1994). *Capacidade e responsabilidade da família num mundo em transformação. Uma visão planetária das questões familiares*. *Hospitalidade* n. 229 Out/Nov. Pp. 9-13.

CACIOPPO, John; PATRICK, William (2009). *Abrir a porta: a importância do afecto e da sociabilidade na nossa vida*. Alfragide: Estrela Polar.

CALADO, Dinah Ferreira (2004). “Velhice – Solidão ou vida com sentido?” In QUARESMA, Maria de Lourdes; FERNANDES, Ana Alexandra; CALADO, Dinah Ferreira; PEREIRA, Micael. *O sentido das idades da vida: Interrogar a solidão e a dependência*. CESDET Edições, Instituto Superior de Serviço Social de Lisboa. Pp. 51-72.

CARMO, Hermano; FERREIRA, Manuela Malheiro (2008). *Metodologia da Investigação*. Lisboa: Universidade Aberta.

COSTA, Maria Arminda Mendes; LASTRA, Carlos Sanches (1999). *O idoso – Problemas e Realidades*. Coimbra: Formasau – Formação e Saúde, Lda.

DUQUE, Eduardo (2003). “A Identidade na pós-modernidade: um conceito histórico-hipotético”. *Cadernos do Noroeste*, 21, 1-2: 39-52.

DUQUE, Eduardo (2012). “Contributos para uma crítica da aceleração do tempo”, In ARAÚJO, Emília; DUQUE, Eduardo (2012). *Os tempos sociais e o mundo contemporâneo. Um debate para as Ciências Sociais e Humanas*. Braga: Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade/Centro de Investigação em Ciências Sociais. Pp. 117-127.

ELIAS, Norbert (2001). *A Solidão dos Moribundos*. Rio de Janeiro: Zahar.

ERMIDA, José Gomes (1999). “Processo de Envelhecimento”. In COSTA, Maria Arminda Mendes; LASTRA, Carlos Sanches. *O idoso – Problemas e Realidades*. Coimbra: Formasau – Formação e Saúde, Lda. Pp. 45-53.

FERNANDES, António Teixeira (1994). *Dinâmicas familiares no mundo actual: harmonias e conflitos. Análise Social*. Vol. XXIX (129), 1994 (5.º), 1149-1191.

FERNANDES, Purificação (2000). *A depressão no idoso*. Coimbra: Quarteto Editora.

FERNANDES, Ana Alexandre (2004). “Quando a vida é mais longa... Impactos sociais do aumento da longevidade”. In QUARESMA, Maria de Lourdes; FERNANDES, Ana Alexandra; CALADO, Dinah Ferreira; PEREIRA, Micael. *O sentido das idades da vida: Interrogar a solidão e a dependência*. CESDET Edições, Instituto Superior de Serviço Social de Lisboa. Pp. 13-36.

FERNANDES, Hélder Jaime (2007). *Solidão dos idosos no meio rural do concelho de Bragança*. Dissertação de Mestrado em Psicologia. Porto: Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade do Porto.

FIGUEIREDO, Daniela (2007). *Cuidados familiares ao idoso dependente*. Lisboa: Climepsi Editores.

FLICK, Uwe (2005). *Métodos Qualitativos na Investigação Científica*. Lisboa: Monitor – Projecto e edições, Lda.

FONSECA, António (2006). *O Envelhecimento: uma abordagem psicológica*. Lisboa: Universidade Católica Portuguesa.

FONTAINE, Roger (2000). *Psicologia do envelhecimento*. Lisboa: Climepsi Editores.

FORTIN, Marie-Fabienne (1999). *O processo de investigação: da concepção à realização*. Loures: Lusociência.

FORTIN, Marie-Fabienne (2009). *Fundamentos e etapas do processo de investigação*. Loures: Lusociência.

FREITAS, Patrícia da Conceição Barbosa (2011). *Solidão em Idosos: Percepção em Função da Rede Social*. Dissertação de Mestrado em Gerontologia Social na Universidade Católica Portuguesa – Faculdade de Ciências Sociais em Braga. Disponível na Faculdade de Teologia em Braga - Universidade Católica Portuguesa.

GAIOLI, Cheila Cristina Leonardo de Oliveira (2004). *Ocorrência de maus-tratos em idosos no domicílio*. Dissertação de Mestrado em Enfermagem na Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto - Universidade de São Paulo.

GIDDENS, Anthony (2004). *Sociologia*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

GONÇALVES, Cristina; CARRILHO, Maria José (2007). “Envelhecimento crescente mas espacialmente desigual”. *Revista de Estudos Demográficos*, 40, 21-37.

GUEDES, Joana (2012). *Viver num Lar de Idosos: Identidade em risco ou Identidade riscada*. Lisboa: Coisas de Ler Edições, Lda.

GUERRA, Isabel Carvalho (2000). *Fundamentos e Processos de uma Sociologia de Acção. O Planeamento em Ciências Sociais*. Estoril: Principia Editora, Lda.

HARDY, Ellen; BENTO, Silvana Ferreira; OSIS, Maria José Duarte (Jan/2002). *Consentimento Informado Normatizado pela Resolução 196/96: Conhecimento e Opinião de Pesquisadores Brasileiros*. Brasil: Revista Brasileira de Ginecologia Obstetrícia. Vol. 24, n. 24.

HENRIQUES, Maria dos Santos Silva Matias (2001). *Suporte Social Envelhecimento e Saúde*. Coimbra: Universidade de Coimbra – Faculdade de Medicina.

IMAGINÁRIO, Cristina Maria Inocêncio (2008). *O Idoso Dependente em Contexto Familiar. Uma Análise da Visão da Família e do Cuidador Principal*. Coimbra: Edição Editora.

JACOB, Luís (2007). *Animação de Idosos – Actividades*. Colecção Idade do Saber. Porto: Âmbar.

LEANDRO, Maria Engrácia (2001). *Sociologia da família nas sociedades contemporâneas*. Lisboa: Universidade Aberta.

MAIA, Rui Leandro (2002). *Dicionário de Sociologia*. Porto: Porto Editora.

MONIZ, José Manuel Nunes (2003). *A enfermagem e a pessoa idosa: A prática de cuidados como experiência positiva*. Loures: Lusociência.

MONTEIRO, Helena; NETO, Félix (2008). “A solidão na Terceira Idade – Universidade da Terceira Idade”. In *Universidades da Terceira Idade: da solidão aos motivos para a sua frequência*. Porto: Legis Editora. Pp. 83-117.

NEGREIROS, Teresa Creusa de Goés Monteiro (2003). *A Nova Velhice – Uma Visão Multidisciplinar*. Tijuca: Livraria e Editora Revinter, Lda.

NETO, Félix (1992). *Solidão embaraço e amor*. Porto: Centro de Psicologia Social.

NETO, Félix (2000). *Psicologia Social* (Vol. II). Lisboa: Universidade Aberta.

NETTO, Matheus Papaléo (2000). *Gerontologia: A velhice e o envelhecimento em visão globalizada*. S. Paulo: Editora Atheneu.

OLIVEIRA, José Barros (2005). *Psicologia do envelhecimento e do idoso*. Porto: Legis Editora.

PAIS, José Machado (2005). “Exilado da vida: a solidão na velhice”. In *Nos rastros da solidão: deambulações sociológicas*. Porto: Editora Âmbar. Pp. 143-180.

PARDAL, Luís; CORREIA, Eugénia (1995). *Métodos e Técnicas de Investigação Social*. Porto: Areal Editores.

PAÚL, Maria Constança (1997). *Lá para o fim da vida: idosos, famílias e meio ambiente*. Coimbra: Livraria Almedina.

PAÚL, Maria Constança; FONSECA, António Manuel; MARTIN, Ignácio; AMADO, João (2005). “Satisfação e Qualidade de Vida em Idosos Portugueses”. In PAÚL, Maria Constança;

FONSECA, António Manuel (Coord.). *Envelhecer em Portugal. Psicologia, Saúde e Prestação de Cuidados*. Lisboa: Climepsi Editores. Pp. 75-95.

PIMENTEL, Luísa Maria Gaspar (2001). *O Lugar do Idoso na Família: Contextos e Trajectórias*. Coimbra: Quarteto Editora.

QUARESMA, Maria de Lourdes; FERNANDES, Ana Alexandra; CALADO, Dinah Ferreira; PEREIRA, Micael. (2004). *O Sentido das Idades da Vida – Interrogar a solidão e a dependência*, CESDET edições, Instituto superior de Serviço Social de Lisboa.

QUIVY, Raymond; CAMPENHOUDT, Luc Van (2005). *Manual de Investigação em Ciências Sociais*. Lisboa: Gradiva.

RIBEIRO, José Luís Pais (1999). *Investigação e Avaliação em Psicologia e Saúde*. Lisboa: Climepsi Editores.

SAMPIERI, Roberto; COLLADO, Carlos; LUCIO, Pilar (2007). *Metodologia de Pesquisa*. São Paulo: McGraw-Hill.

SANTOS, Purificação (2002). *A Depressão no Idoso – Estudo da Relação entre Factores Pessoais e Situacionais e Manifestações da Depressão*. Coimbra: Quarteto Editora.

SARACENO, Chiara (1992). *Sociologia da Família*. Lisboa: Editorial Estampa.

SÁ-SILVA, Jackson Ronie; ALMEIDA, Cristóvão Domingos; GUINDANI, Joel Felipe (Julho de 2009). *Pesquisa documental: pistas teóricas e metodológicas*. *Revista Brasileira de História & Ciências Sociais*, Ano I - Nº I.

SAVOIE-ZAJC, Lorraine (2003). “A entrevista semi-dirigida”. In *Investigação Social*. Lourdes: Lusociência.

SILVA, João Fernandes (2006). *Quando a Vida Chegar ao Fim. Expectativas do Idoso Hospitalizado e Família*. Loures: Lusociência.

SILVA, Luísa Ferreira (2001). *Acção Social na área da Família*. Lisboa: Universidade Aberta.

SOUSA, Liliana; FIGUEIREDO, Daniela (2003). “(In)dependência na população idosa: um estudo exploratório na população portuguesa”. In *Psychologica*, 33, 109-122.

SOUSA, Liliana; FIGUEIREDO, Daniela; CERQUEIRA, Margarida (2004). *Envelhecer em Família – Os cuidados familiares na velhice*. Coleção Idade do Saber. Porto: Editora Âmbar.

TAVARES, Raquel (Trad.) (1999). *Direitos Humanos e Serviço Social. Manual para Escolas e Profissionais de Serviço Social*. Departamento Editorial do ISSScoop. 1ª Ed. Lisboa.

TONON, Graciela (2005). *Las Técnicas de Actuación Profesional del Trabajo Social*. Buenos Aires: Espacio Editora.

USSEL, Julio Iglesias (2001). *La soledad en las personas mayores: Influencias Personales, Familiares y Sociales. Análisis Cualitativo*. Madrid: Ministerio de Trabajo y Asuntos Sociales.

VIRTÓN, Pol (1968). *Os Dinamismos Sociais*. Moraes Editores.

## DOCUMENTOS CONSULTADOS

VIº Congresso Português de Sociologia - *Mundos Sociais: saberes e práticas: “Desafios Identitários Associados ao Internamento em Lar”*, 2008.

## RECURSOS ELECTRÓNICOS

BARROSO, Vera Lisa (2006). *Órfãos geriatras: sentimentos de solidão e depressividade face ao envelhecimento – estudo comparativo entre idosos institucionalizados e não institucionalizados*. Artigo baseado na Monografia de Licenciatura em Psicologia pelo Instituto Superior de Psicologia Aplicada - ISPA. Consultado a 19 de Fevereiro de 2012. Disponível em: <http://www.iscet.pt/sites/default/files/obsolidao/Artigos/Orf%C3%A3os%20Geriatras.pdf>

Centro de Estudos e Desenvolvimento Regional e Urbano (2008). *Estudo de Avaliação das necessidades dos Séniores em Portugal*. Fundação Aga Khan. Lisboa. Consultado a 01 de Setembro de 2011, em: [http://www.akdn.org/publications/2008\\_portugal\\_estudo%20seniores.pdf](http://www.akdn.org/publications/2008_portugal_estudo%20seniores.pdf)

FONTINHA, Márcia Costa Rodrigues (2010). *Perspectivas de morte: relação com o suporte social e a solidão em idosos*. Dissertação de Mestrado em Psicologia na Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias em Lisboa. Consultado a 15 de Julho de 2012. Disponível em: <http://recil.grupolusofona.pt/handle/10437/1293>

MARTINS, Rosa Maria Lopes (1999). *Envelhecimento e saúde: Um problema social emergente*. Consultado a 03 de Março de 2013. Disponível em: <http://pesquisa.biblioteca.iscte.pt/record?id=oai:repositorio.ipv.pt:10400.19/614>

MARTINS, Rosa Maria (2006), *Envelhecimento e Políticas Sociais*. In [www.ipv.pt](http://www.ipv.pt).

NETO, Manuel (2004). *Solidão (também) mata... não só idosos como jovens*. Diário de Notícias (06 Dezembro de 2004). Consultado a 10 de Junho de 2012. Disponível em: [http://www.dn.pt/inicio/interior.aspx?content\\_id=591870&page=-1](http://www.dn.pt/inicio/interior.aspx?content_id=591870&page=-1)

PASSEIRA, Carla Sofia Barbosa da Costa Ribeiro (2008). *O Contributo da Família para o Envelhecimento com dignidade: abordagem fenomenológica das vivências dos idosos no contexto da família*. Dissertação de Mestrado em Bioética na Faculdade de Medicina da Universidade do Porto. Consultado a 19 de Fevereiro de 2012. Disponível em: <http://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/21963/4/Dissertao%20de%20Mestrado%20em%20Biotica.pdf>

PEREIRA, Liliana Patrícia Teixeira (2010). *Solidão e Depressão no Idoso Institucionalizado: A Intervenção da Animação Sociocultural*. Dissertação de Mestrado em Ciências da Educação na Universidade de Trás-os-Montes e alto Douro – Pólo de Chaves. Consultado a 10 de Junho de 2012. Disponível em: [http://repositorio.utad.pt/bitstream/10348/701/1/MsC\\_lptpereira.pdf](http://repositorio.utad.pt/bitstream/10348/701/1/MsC_lptpereira.pdf)

PINTO, Henrique Gil Carneiro (2009). *Satisfação de Idosos Institucionalizados em Lar Lucrativo e Idosos a usufruírem da Prestação Informal de Apoio Domiciliário – Uma abordagem comparativa*. Dissertação de Mestrado em Psicologia do Idoso na Faculdade de Economia do Porto. Consultado a 19 de Fevereiro de 2012. Disponível em: <http://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/56140/2/Modelo.pdf>

SANTOS, Ana Filipa Alves (2008). *Qualidade de Vida e Solidão na Terceira Idade*. Monografia apresentada à Universidade Fernando Pessoa no Porto. Consultada a 10 de Julho de 2012. Disponível em: <http://ufpbdigital.ufp.pt/dspace/bitstream/10284/1179/3/Monografia.pdf>

SOARES, Sylvia (2005). “A solidão na pós-modernidade”. In *Poder, Sofrimento Psíquico e Contemporaneidade*. XX Congresso Brasileiro de Psicanálise (Nov/2005). São Paulo. Consultado a 25 de Novembro de 2012. Disponível em: <http://febrapsi.org.br/publicacoes.php?pubs=Artigos#>

TEIXEIRA, Liliana Márcia Fernandes (2010). *Solidão, Depressão e Qualidade de Vida em Idosos: um Estudo Avaliativo Exploratório e Implementação-piloto de um Programa e Intervenção*. Mestrado Integrado em Psicologia na Faculdade de Psicologia - Universidade de Lisboa. Consultado a 12 de Julho de 2012. Disponível em: [http://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/2608/1/ulfp037460\\_tm\\_tese.pdf](http://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/2608/1/ulfp037460_tm_tese.pdf)

---

## APÊNDICES

---

## **APÊNDICE I**

### **Pedido de Recolha de Dados**

Exmo. Senhor Provedor Domingos Vaz Pinheiro

Santa Casa da Misericórdia de Vizela

Vera Lúcia de Almeida Amaral Rodrigues, mestranda do Mestrado em Gerontologia Social Aplicada da Universidade Católica Portuguesa – Faculdade de Ciências Sociais, Centro Regional de Braga, sob orientação do Professor Doutor Eduardo Jorge Duque está a desenvolver um estudo subordinado ao tema “A Solidão dos Idosos na Dinâmica do Envelhecimento”. Por esta razão, vem, por este meio, solicitar a V<sup>a</sup>. Ex.<sup>a</sup> a autorização para a aplicação de inquéritos e entrevistas aos idosos e seus familiares.

Agradecendo desde já a colaboração que possa dispensar, subscrevo-me atentamente.

Junto remeto a declaração da obrigatoriedade de sigilo no âmbito da investigação subordinada ao tema acima mencionado.

Com os melhores cumprimentos,

---

Exmo. Senhor Provedor Domingos Vaz Pinheiro

Santa Casa da Misericórdia de Vizela

Declaração da obrigatoriedade de sigilo no âmbito da investigação subordinada ao tema “A Solidão dos Idosos na Dinâmica do Envelhecimento”.

Pela presente, Vera Lúcia de Almeida Amaral Rodrigues, mestranda do Mestrado em Gerontologia Social Aplicada da Universidade Católica Portuguesa – Faculdade de Ciências Sociais, Centro Regional de Braga, consente que todos os dados recolhidos durante este estudo serão tratados de forma confidencial e garantindo o anonimato. No final do estudo, será disponibilizada a consulta do estudo a quem assim o deseje.

Grata pela atenção prestada.

Com os melhores cumprimentos,

---

## **APÊNDICE II**

### **Tabela de Caracterização da População**

TABELA I | CARATERIZAÇÃO DA POPULAÇÃO

	Idosos	Familiares
<b>Resposta Social</b>		
Lar .....	30	-
Centro de Dia .....	9	-
Serviço de Apoio Domiciliário .....	24	-
<b>Sexo</b>		
Feminino.....	39	31
Masculino.....	24	16
<b>Idade</b>		
16-25.....	-	1
26-35.....	-	3
36-45.....	-	15
46-55.....	-	9
56-65.....	-	16
66-75.....	-	2
76-85.....	-	1
86-95.....	-	-
<b>Estado Civil</b>		
Solteiro .....	6	7
Casado / união de facto .....	14	38
Viúvo .....	34	1
Separado/Divorciado .....	9	1
<b>Grau de Parentesco</b>		
Filhos.....	-	25
Netos.....	-	2
Irmãos.....	-	3
Sobrinhos.....	-	4
Genros /noras.....	-	5
Cunhados.....	-	1
Amigos.....	-	6
Conhecidos.....	-	1
<b>Habilitações Académicas</b>		
Analfabeto.....	28	-
Escolaridade básica (4º ano/4ª classe) .....	27	-
Escolaridade obrigatória (9º ano) .....	3	-
Ensino secundário (12º ano) .....	1	-
Curso Técnico .....	1	-
Licenciatura .....	3	-
<b>Naturalidade</b>		
Amarante .....	-	1
Angola .....	1	-
Braga .....	1	-
Celorico da Beira .....	1	-
Felgueiras.....	4	2
França.....	-	1
Guimarães.....	15	15
Paços de Ferreira .....	-	1
Porto.....	4	1
Santo Tirso.....	3	2
São Martinho do Conde .....	1	-
Vizela.....	33	24

	<b>Idosos</b>	<b>Familiares</b>
<b>Residência</b>		
Alcácer do Sal.....	-	1
França.....	-	2
Guimarães.....	-	11
Porto.....	-	2
Santo Tirso.....	-	3
Vizela.....	-	28
<b>Residência do Utente</b>		
Instituição .....	30	-
Casa própria, mas sozinho .....	6	-
Casa própria, com familiares .....	2	-
Casa de familiares .....	9	-
Casa arrendada, mas sozinho .....	11	-
Outro local .....	5	-

## **APÊNDICE III**

### **Consentimento Informado**

## CONSENTIMENTO INFORMADO AO IDOSO

O estudo em causa faz parte do Mestrado em Gerontologia Social Aplicada, desenvolvido na Santa Casa da Misericórdia de Vizela, por uma aluna da Universidade Católica Portuguesa – Centro Regional de Braga – Faculdade de Ciências Sociais.

Pretende-se levar a cabo um estudo sobre a Solidão dos Idosos integrados nesta instituição.

Este estudo tem como objetivo conhecer as estratégias que os Idosos, que estão

Eu, \_\_\_\_\_, utente da Santa Casa da Misericórdia de Vizela, declaro que tomei conhecimento do estudo em que participarei e compreendi a explicação que me foi dada acerca da investigação que se tenciona realizar.

Foi-me garantido a confidencialidade dos dados e que os mesmos se destinam exclusivamente a serem usados no âmbito da referida investigação.

Declaro ter concordado com a integração neste estudo bem como ao uso das informações recolhidas no âmbito referido deste trabalho de investigação.

Posto isto, consinto que me seja aplicado o inquérito proposto pelo investigador.

Vizela, \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2013

Assinatura do Entrevistado

Assinatura da Entrevistadora

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

(Lúcia Amaral)

## CONSENTIMENTO INFORMADO AOS FAMILIARES

O estudo em causa faz parte do Mestrado em Gerontologia Social Aplicada, desenvolvido na Santa Casa da Misericórdia de Vizela, por uma aluna da Universidade Católica Portuguesa – Centro Regional de Braga – Faculdade de Ciências Sociais.

Pretende-se levar a cabo um estudo sobre a Solidão dos Idosos integrados nesta instituição.

Este estudo tem como objetivo conhecer as estratégias que os Idosos, que estão

Eu, \_\_\_\_\_, familiar de um utente da Santa Casa da Misericórdia de Vizela, declaro que tomei conhecimento do estudo em que participarei e compreendi a explicação que me foi dada acerca da investigação que se tenciona realizar.

Foi-me garantido a confidencialidade dos dados e que os mesmos se destinam exclusivamente a serem usados no âmbito da referida investigação, por isso, nada obsta a que seja gravada.

Declaro ter concordado com a integração neste estudo bem como ao uso das informações recolhidas no âmbito referido deste trabalho de investigação.

Posto isto, consinto que me seja aplicada a entrevista proposta pelo investigador.

Vizela, \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2013

Assinatura do Entrevistado

Assinatura da Entrevistadora

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

(Lúcia Amaral)

## **APÊNDICE IV**

### **Inquérito por Questionário**

## INQUÉRITO POR QUESTIONÁRIO AO IDOSO

No âmbito do Mestrado em Gerontologia Social Aplicada da Universidade Católica Portuguesa - Faculdade de Ciências Sociais de Braga, Centro Regional de Braga, está a ser desenvolvido um estudo intitulado “A Solidão dos Idosos na Dinâmica do Envelhecimento”. Para o estudo desta temática, pretendemos recorrer a uma recolha de dados, para a qual se solicita a sua colaboração através do preenchimento deste questionário.

Os dados recolhidos são confidenciais e serão utilizados apenas para o desenvolvimento desta investigação.

**Idade:** \_\_\_\_\_

**Sexo:** Feminino \_\_\_\_ Masculino \_\_\_\_

**Estado Civil:**

Solteiro \_\_\_\_

Casado ou união de facto \_\_\_\_

Separado / Divorciado \_\_\_\_

Viúvo \_\_\_\_

**Naturalidade:** \_\_\_\_\_

**Habilitações Literárias:**

Analfabeto \_\_\_\_

Escolaridade básica (4º ano / 4ª classe) \_\_\_\_

Escolaridade obrigatória (9ºano) \_\_\_\_

Ensino secundário (12º ano) \_\_\_\_

Curso Técnico \_\_\_\_

Licenciatura \_\_\_\_

Mestrado \_\_\_\_

Doutoramento \_\_\_\_

**Residência:**

Instituição \_\_\_\_

Casa própria, mas sozinho \_\_\_\_

Casa própria, com familiares \_\_\_\_

Casa familiares \_\_\_\_

Casa arrendada, mas sozinho \_\_\_\_

Outro local \_\_\_\_ Qual? \_\_\_\_\_

Por favor, leia cada uma das questões e, em seguida, marque com um X, a resposta que melhor se adequa à sua situação perante a família.

		Nunca	Raramente	Algumas vezes	Sempre
1	Sente apoio dos seus familiares?				
2	Os seus familiares visitam-no?				
3	Costuma ir passar os fins-de-semana com os seus familiares?				
4	Costuma passar as épocas festivas com os seus familiares? (Ex: Natal)				
5	Os seus familiares telefonam-lhe?				

Por favor, leia cada uma das questões e, em seguida, marque com um X a resposta que melhor se adequa aos seus sentimentos.

		Nunca	Raramente	Algumas vezes	Sempre
1	Está satisfeito com a sua vida?				
2	Sente solidão?				
3	Pensa que é muito bom estar vivo?				
4	Sente-se inútil?				
5	Gosta de se levantar de manhã?				
6	Prefere evitar encontrar-se com as pessoas?				
7	Considera que a sua vida tem interesse?				
8	Sente muitas vezes vontade de chorar?				
9	Tem esperança no futuro?				
10	Sente-se feliz?				

Por favor, leia cada uma das frases e, em seguida, marque com um “X” a que melhor corresponde às suas vivências.

		Nunca	Raramente	Algumas vezes	Muitas vezes
1	Sinto-me em sintonia com as pessoas que estão à minha volta.				
2	Sinto falta de camaradagem.				
3	Sinto que faço parte de um grupo de amigos.				
4	Tenho muito em comum com as pessoas que me rodeiam.				
5	Sinto-me excluído.				
6	Sou infeliz por ser tão retraído.				
7	Tenho pessoas à minha volta, mas não sou compreendido por elas.				
8	Há pessoas a quem posso recorrer.				

Por favor, leia cada uma das questões e, em seguida, marque com um X a que melhor se adequa à sua opinião.

		Nada	Pouco	Alguma coisa	Muito
1	Considera a prática da animação sociocultural importante?				
2	Gosta das atividades desenvolvidas?				
3	Considera que a prática da animação sociocultural o ajuda a passar o tempo livre de uma forma mais positiva?				
4	As atividades da animação sociocultural contribuíram para a sua sociabilização?				
5	Sente-se à vontade para dizer à animadora sociocultural que não gosta ou não se sente capaz de realizar alguma das atividades propostas?				
6	Sente-se normalmente motivado para realizar as atividades propostas pela animadora sociocultural?				

Obrigado pela sua Colaboração!

## **APÊNDICE V**

### **Guião de Entrevista**

# GUIÃO DE ENTREVISTA

## AO VISITANTE

No âmbito do Mestrado em Gerontologia Social Aplicada da Universidade Católica Portuguesa - Faculdade de Ciências Sociais de Braga, Centro Regional de Braga, está a ser desenvolvido um estudo intitulado “A Solidão dos Idosos na Dinâmica do Envelhecimento”. Para o estudo desta temática, pretendemos recorrer a uma recolha de dados, para a qual se solicita a sua colaboração através das respostas às questões que se seguem.

Os dados recolhidos são confidenciais e serão utilizados apenas para o desenvolvimento desta investigação.

### 1. CARACTERIZAÇÃO SÓCIO-DEMOGRÁFICA

**Nome do Idoso:** \_\_\_\_\_

Idade: \_\_\_\_\_

Sexo: \_\_\_\_\_

**Entrevistado:** \_\_\_\_\_

Idade: \_\_\_\_\_

Estado civil: \_\_\_\_\_

Morada: \_\_\_\_\_

Naturalidade: \_\_\_\_\_

## **2. RELAÇÃO AFECTIVA COM A PESSOA QUE VISITA**

Que grau de parentesco e relação afetiva tem com a pessoa que visita?

Que lugar ocupa na sua vida o idoso que visita?

Considera que o carinho e amizade que lhe dedica é vital para ele?

Com que frequência visita o idoso?

Tem alguns momentos especiais em que lhe dá maior atenção?

Sabe se outros familiares e/ou amigos o costumam visitar?

Costuma telefonar-lhe?

Costuma levá-lo para sua casa aos fins-de-semana ou em datas festivas?

## **3. PERCURSO FAMILIAR (perguntar só em caso da visita ser um familiar)**

Na sua relação com o idoso, quais os momentos que mais o marcaram na sua infância e juventude?

Fazia atividades com os seus pais e irmãos? Que atividades recorda com mais frequência?

Neste momento tem boa relação com todos os familiares?

Recorda os seus familiares ao longo do dia? Muitas vezes? O que sente quando pensa nos seus familiares?

Quem recorda com mais frequência? Porquê?

De forma breve, como descreve a sua família?

## **4. PERCURSO DO LAÇO AFETIVO (perguntar só em caso da visita não ser familiar)**

Há quanto tempo conhece o idoso?

Quais os momentos que mais o marcaram na sua vivência com o idoso?

Que tipo de atividades tinham em comum?

O que o levou a aproximar-se da vida do idoso?

De forma breve, como descreve a sua relação com o idoso?

Obrigada pela sua atenciosa colaboração!

Data: \_\_\_\_\_ / \_\_\_\_\_ / \_\_\_\_\_

## **APÊNDICE VI**

### **Tabelas diferenciadas por Respostas Sociais**

**Tabela N° I: Sente apoio dos seus familiares?**

<b>Valências</b>		<b>Frequência</b>	<b>Percentagem</b>
Lar	Nunca	4	13,3%
	Raramente	4	13,3%
	Algumas vezes	6	20,0%
	Sempre	16	53,3%
	Total	30	100,0%
Centro de Dia	Raramente	1	11,1%
	Sempre	8	88,9%
	Total	9	100,0%
Serviço de Apoio Domiciliário	Nunca	5	20,8%
	Raramente	3	12,5%
	Algumas vezes	6	25,0%
	Sempre	10	41,7%
	Total	24	100,0%

**Tabela N° II: Os seus familiares visitam-no?**

<b>Valências</b>		<b>Frequência</b>	<b>Percentagem</b>
Lar	Nunca	2	6,7%
	Raramente	5	16,7%
	Algumas vezes	11	36,7%
	Sempre	12	40,0%
	Total	30	100,0%
Centro de Dia	Nunca	2	22,2%
	Raramente	1	11,1%
	Algumas vezes	3	33,3%
	Sempre	3	33,3%
	Total	9	100,0%
Serviço de Apoio Domiciliário	Nunca	3	12,5%
	Raramente	2	8,3%
	Algumas vezes	8	33,3%
	Sempre	11	45,8%
	Total	24	100,0%

**Tabela N° III: Costuma ir passar os fins-de-semana com os seus familiares?**

Valências		Frequência	Percentagem
Lar	Nunca	16	53,3%
	Raramente	4	13,3%
	Algumas vezes	5	16,7%
	Sempre	5	16,7%
	Total	30	100,0%
Centro de Dia	Nunca	2	22,2%
	Raramente	1	11,1%
	Algumas vezes	1	11,1%
	Sempre	5	55,6%
	Total	9	100,0%
Serviço de Apoio Domiciliário	Nunca	18	75,0%
	Raramente	1	4,2%
	Algumas vezes	2	8,3%
	Sempre	3	12,5%
	Total	24	100,0%

**Tabela N° IV: Costuma passar as épocas festivas com os seus familiares? (ex: Natal)**

Valências		Frequência	Percentagem
Lar	Nunca	13	43,3%
	Raramente	2	6,7%
	Algumas vezes	3	10,0%
	Sempre	11	36,7%
	Total	29	96,7%
	Não respondeu	1	3,3%
	Total	30	100,0%
Centro de dia	Nunca	2	22,2%
	Algumas vezes	2	22,2%
	Sempre	5	55,6%
	Total	9	100,0%
Serviço de Apoio Domiciliário	Nunca	11	45,8%
	Algumas vezes	2	8,3%
	Sempre	11	45,8%
	Total	24	100,0%

**Tabela N° V: Os seus familiares telefonam-lhe?**

<b>Valências</b>		<b>Frequência</b>	<b>Percentagem</b>
Lar	Nunca	7	23,3%
	Raramente	6	20,0%
	Algumas vezes	12	40,0%
	Sempre	5	16,7%
	Total	30	100,0%
Centro de Dia	Nunca	2	22,2%
	Raramente	1	11,1%
	Algumas vezes	4	44,4%
	Sempre	2	22,2%
	Total	9	100,0%
Serviço de Apoio Domiciliário	Nunca	12	50,0%
	Raramente	1	4,2%
	Algumas vezes	9	37,5%
	Sempre	2	8,3%
	Total	24	100,0%

**Tabela N° VI: Está satisfeito com a sua vida?**

<b>Valências</b>		<b>Frequência</b>	<b>Percentagem</b>
Lar	Nunca	4	13,3%
	Raramente	1	3,3%
	Algumas vezes	10	33,3%
	Sempre	15	50,0%
	Total	30	100,0%
Centro de Dia	Raramente	1	11,1%
	Algumas vezes	1	11,1%
	Sempre	7	77,8%
	Total	9	100,0%
Serviço de Apoio Domiciliário	Raramente	2	8,3%
	Algumas vezes	12	50,0%
	Sempre	10	41,7%
	Total	24	100,0%

**Tabela N° VII: Sente solidão?**

<b>Valências</b>		<b>Frequência</b>	<b>Percentagem</b>
Lar	Nunca	15	50,0%
	Algumas vezes	8	26,7%
	Sempre	7	23,3%
	Total	30	100,0%
Centro de Dia	Raramente	3	33,3%
	Algumas vezes	4	44,4%
	Sempre	2	22,2%
	Total	9	100,0%
Serviço de Apoio Domiciliário	Nunca	7	29,2%
	Raramente	2	8,3%
	Algumas vezes	8	33,3%
	Sempre	7	29,2%
	Total	24	100,0%

**Tabela N° VIII: Pensa que é muito bom estar vivo?**

<b>Valências</b>		<b>Frequência</b>	<b>Percentagem</b>
Lar	Nunca	1	3,3%
	Raramente	3	10,0%
	Algumas vezes	3	10,0%
	Sempre	23	76,7%
	Total	30	100,0%
Centro de Dia	Algumas vezes	1	11,1%
	Sempre	8	88,9%
	Total	9	100,0%
Serviço de Apoio Domiciliário	Raramente	1	4,2%
	Algumas vezes	9	37,5%
	Sempre	14	58,3%
	Total	24	100,0%

**Tabela N° IX: Sente-se inútil?**

<b>Valências</b>		<b>Frequência</b>	<b>Percentagem</b>
Lar	Nunca	16	53,3%
	Algumas vezes	4	13,3%
	Sempre	10	33,3%
	Total	30	100,0%
Centro de Dia	Nunca	6	66,7%
	Raramente	1	11,1%
	Algumas vezes	2	22,2%
	Total	9	100,0%
Serviço de Apoio Domiciliário	Nunca	14	58,3%
	Raramente	1	4,2%
	Algumas vezes	5	20,8%
	Sempre	4	16,7%
	Total	24	100,0%

**Tabela N° X: Gosta de se levantar de manhã?**

<b>Valências</b>		<b>Frequência</b>	<b>Percentagem</b>
Lar	Nunca	2	6,7%
	Raramente	3	10,0%
	Algumas vezes	3	10,0%
	Sempre	22	73,3%
	Total	30	100,0%
Centro de Dia	Algumas vezes	1	11,1%
	Sempre	8	88,9%
	Total	9	100,0%
Serviço de Apoio Domiciliário	Nunca	1	4,2%
	Algumas vezes	9	37,5%
	Sempre	14	58,3%
	Total	24	100,0%

**Tabela N° XI: Prefere evitar encontrar-se com as pessoas?**

Valências		Frequência	Percentagem
Lar	Nunca	18	60,0%
	Raramente	1	3,3%
	Algumas vezes	9	30,0%
	Sempre	2	6,7%
	Total	30	100,0%
Centro de Dia	Nunca	5	55,6%
	Raramente	3	33,3%
	Algumas vezes	1	11,1%
	Total	9	100,0%
Serviço de Apoio Domiciliário	Nunca	20	83,3%
	Raramente	2	8,3%
	Algumas vezes	2	8,3%
	Total	24	100,0%

**Tabela N° XII: Considera que a sua vida tem interesse?**

Valências		Frequência	Percentagem
Lar	Nunca	4	13,3%
	Raramente	2	6,7%
	Algumas vezes	9	30,0%
	Sempre	15	50,0%
	Total	30	100,0%
Centro de Dia	Algumas vezes	4	44,4%
	Sempre	5	55,6%
	Total	9	100,0%
Serviço de Apoio Domiciliário	Nunca	1	4,2%
	Algumas vezes	14	58,3%
	Sempre	9	37,5%
	Total	24	100,0%

**Tabela N° XIII: Sente muitas vezes vontade de chorar?**

<b>Valências</b>		<b>Frequência</b>	<b>Percentagem</b>
Lar	Nunca	9	30,0%
	Raramente	3	10,0%
	Algumas vezes	11	36,7%
	Sempre	7	23,3%
	Total	30	100,0%
Centro de Dia	Nunca	2	22,2%
	Raramente	2	22,2%
	Algumas vezes	5	55,6%
	Total	9	100,0%
Serviço de Apoio Domiciliário	Nunca	8	33,3%
	Raramente	4	16,7%
	Algumas vezes	4	16,7%
	Sempre	8	33,3%
	Total	24	100,0%

**Tabela N° XIV: Tem esperança no futuro?**

<b>Valências</b>		<b>Frequência</b>	<b>Percentagem</b>
Lar	Nunca	8	26,7%
	Raramente	3	10,0%
	Algumas vezes	3	10,0%
	Sempre	16	53,3%
	Total	30	100,0%
Centro de Dia	Algumas vezes	4	44,4%
	Sempre	5	55,6%
	Total	9	100,0%
Serviço de Apoio Domiciliário	Nunca	6	25,0%
	Raramente	1	4,2%
	Algumas vezes	13	54,2%
	Sempre	4	16,7%
	Total	24	100,0%

**Tabela N° XV: Sente-se feliz?**

Valências		Frequência	Percentagem
Lar	Nunca	5	16,7%
	Algumas vezes	11	36,7%
	Sempre	14	46,7%
	Total	30	100,0%
Centro de Dia	Raramente	1	11,1%
	Algumas vezes	1	11,1%
	Sempre	7	77,8%
	Total	9	100,0%
Serviço de Apoio Domiciliário	Nunca	2	8,3%
	Raramente	1	4,2%
	Algumas vezes	9	37,5%
	Sempre	12	50,0%
	Total	24	100,0%

**Tabela N° XVI: Sinto-me em sintonia com as pessoas que estão à minha volta**

Valências		Frequência	Percentagem
Lar	Nunca	4	13,3%
	Raramente	2	6,7%
	Algumas vezes	10	33,3%
	Sempre	14	46,7%
	Total	30	100,0%
Centro de Dia	Raramente	1	11,1%
	Algumas vezes	4	44,4%
	Sempre	4	44,4%
	Total	9	100,0%
Serviço de Apoio Domiciliário	Nunca	1	4,2%
	Raramente	2	8,3%
	Algumas vezes	16	66,7%
	Sempre	5	20,8%
	Total	24	100,0%

**Tabela N° XVII: Sinto falta de camaradagem**

Valências		Frequência	Percentagem
Lar	Nunca	18	60,0%
	Raramente	4	13,3%
	Algumas vezes	6	20,0%
	Sempre	2	6,7%
	Total	30	100,0%
Centro de Dia	Nunca	5	55,6%
	Raramente	4	44,4%
	Total	9	100,0%
Serviço de Apoio Domiciliário	Nunca	15	62,5%
	Raramente	1	4,2%
	Algumas vezes	5	20,8%
	Sempre	3	12,5%
	Total	24	100,0%

**Tabela N° XVIII: Sinto que faço parte de um grupo de amigos**

Valências		Frequência	Percentagem
Lar	Nunca	3	10,0%
	Raramente	3	10,0%
	Algumas vezes	7	23,3%
	Sempre	16	53,3%
	Total	29	96,7%
	Não respondeu	1	3,3%
	Total	30	100,0%
Centro de Dia	Algumas vezes	3	33,3%
	Sempre	6	66,7%
	Total	9	100,0%
Serviço de Apoio Domiciliário	Nunca	4	16,7%
	Raramente	4	16,7%
	Algumas vezes	8	33,3%
	Sempre	8	33,3%
	Total	24	100,0%

**Tabela N° XIX: Tenho muito em comum com as pessoas que me rodeiam**

Valências		Frequência	Percentagem
Lar	Nunca	3	10,0%
	Raramente	3	10,0%
	Algumas vezes	16	53,3%
	Sempre	8	26,7%
	Total	30	100,0%
Centro de Dia	Raramente	2	22,2%
	Algumas vezes	4	44,4%
	Sempre	3	33,3%
	Total	9	100,0%
Serviço de Apoio Domiciliário	Nunca	1	4,2%
	Raramente	3	12,5%
	Algumas vezes	17	70,8%
	Sempre	3	12,5%
	Total	24	100,0%

**Tabela N° XX: Sinto-me excluído**

Valências		Frequência	Percentagem
Lar	Nunca	23	76,7%
	Raramente	2	6,7%
	Algumas vezes	4	13,3%
	Sempre	1	3,3%
	Total	30	100,0%
Centro de Dia	Nunca	7	77,8%
	Raramente	1	11,1%
	Algumas vezes	1	11,1%
	Total	9	100,0%
Serviço de Apoio Domiciliário	Nunca	19	79,2%
	Raramente	3	12,5%
	Algumas vezes	1	4,2%
	Sempre	1	4,2%
	Total	24	100,0%

**Tabela N° XXI: Sou infeliz por ser tão retraído**

Valências		Frequência	Porcentagem
Lar	Nunca	17	56,7%
	Raramente	2	6,7%
	Algumas vezes	5	16,7%
	Sempre	4	13,3%
	Total	28	93,3%
	Não respondeu	2	6,7%
		30	100,0%
Centro de Dia	Nunca	8	88,9%
	Sempre	1	11,1%
	Total	9	100,0%
Serviço de Apoio Domiciliário	Nunca	19	79,2%
	Raramente	3	12,5%
	Algumas vezes	2	8,3%
	Total	24	100,0%

**Tabela N° XXII: Tenho pessoas à minha volta, mas não sou compreendido por elas**

Valências		Frequência	Porcentagem
Lar	Nunca	12	40,0%
	Raramente	4	13,3%
	Algumas vezes	10	33,3%
	Sempre	4	13,3%
	Total	30	100,0%
Centro de Dia	Nunca	1	11,1%
	Raramente	1	11,1%
	Algumas vezes	6	66,7%
	Sempre	1	11,1%
	Total	9	100,0%
Serviço de Apoio Domiciliário	Nunca	2	8,3%
	Raramente	1	4,2%
	Algumas vezes	16	66,7%
	Sempre	5	20,8%
	Total	24	100,0%

**Tabela N° XXIII: Há pessoas a quem posso recorrer**

<b>Valências</b>		<b>Frequência</b>	<b>Porcentagem</b>
Lar	Raramente	1	3,3%
	Algumas vezes	1	3,3%
	Sempre	28	93,3%
	Total	30	100,0%
Centro de Dia	Sempre	9	100,0%
Serviço de Apoio Domiciliário	Algumas vezes	8	33,3%
	Sempre	16	66,7%
	Total	24	100,0%

**Tabela N° XXIV: Considera a prática da animação sociocultural importante?**

Valências		Frequência	Porcentagem
Lar	Nunca	2	6,7%
	Algumas vezes	4	13,3%
	Sempre	24	80,0%
	Total	30	100,0%
Centro de Dia	Algumas vezes	1	11,1%
	Sempre	8	88,9%
	Total	9	100,0%
Serviço de Apoio Domiciliário	Nunca	1	4,2%
	Algumas vezes	4	16,7%
	Sempre	19	79,2%
	Total	24	100,0%

**Tabela N° XXV: Gosta das atividades desenvolvidas?**

Valências		Frequência	Porcentagem
Lar	Nunca	1	3,3%
	Raramente	1	3,3%
	Algumas vezes	8	26,7%
	Sempre	20	66,7%
	Total	30	100,0%
Centro de Dia	Nunca	1	11,1%
	Algumas vezes	1	11,1%
	Sempre	7	77,8%
	Total	9	100,0%
Serviço de Apoio Domiciliário	Nunca	2	8,3%
	Algumas vezes	4	16,7%
	Sempre	17	70,8%
	Total	23	95,8%
	Não respondeu	1	4,2%
	Total	24	100,0%

**Tabela N° XXVI: Considera que a prática de animação sociocultural o ajuda a passar o tempo livre de forma mais positiva?**

Valências		Frequência	Porcentagem
Lar	Nunca	2	6,7%
	Algumas vezes	5	16,7%
	Sempre	23	76,7%
	Total	30	100,0%
Centro de Dia	Sempre	9	100,0%
Serviço de Apoio Domiciliário	Nunca	2	8,3%
	Algumas vezes	4	16,7%
	Sempre	18	75,0%
	Total	24	100,0%

**Tabela N° XXVII: As atividades da animação sociocultural contribuíram para a sua sociabilização?**

Valências		Frequência	Porcentagem
Lar	Nunca	3	10,0%
	Raramente	2	6,7%
	Algumas vezes	5	16,7%
	Sempre	20	66,7%
	Total	30	100,0%
Centro de Dia	Sempre	9	100,0%
Serviço de Apoio Domiciliário	Nunca	2	8,3%
	Algumas vezes	5	20,8%
	Sempre	17	70,8%
	Total	24	100,0%

**Tabela N° XXVIII: Sente-se à vontade para dizer à animadora sociocultural que não gosta ou não se sente capaz de realizar algumas das atividades propostas?**

Valências		Frequência	Porcentagem
Lar	Raramente	2	6,7%
	Algumas vezes	4	13,3%
	Sempre	24	80,0%
	Total	30	100,0%
Centro de Dia	Algumas vezes	2	22,2%
	Sempre	7	77,8%
	Total	9	100,0%
Serviço de Apoio Domiciliário	Nunca	1	4,2%
	Raramente	1	4,2%
	Algumas vezes	3	12,5%
	Sempre	19	79,2%
	Total	24	100,0%

**Tabela N° XXIX: Sente-se normalmente motivado para realizar as atividades propostas pela animadora sociocultural?**

Valências		Frequência	Porcentagem
Lar	Nunca	5	16,7%
	Raramente	3	10,0%
	Algumas vezes	9	30,0%
	Sempre	13	43,3%
	Total	30	100,0%
Centro de Dia	Nunca	1	11,1%
	Raramente	1	11,1%
	Sempre	7	77,8%
	Total	9	100,0%
Serviço de Apoio Domiciliário	Nunca	2	8,3%
	Raramente	2	8,3%
	Algumas vezes	4	16,7%
	Sempre	16	66,7%
	Total	24	100,0%

## **APÊNDICE VII**

### **Grelha da Análise de Conteúdo**

## GRELHA DA ANÁLISE DE CONTEÚDO

Questões	Unidades de Contexto	Unidades de Registo
<p>Que grau de parentesco e relação afetiva tem com a pessoa que visita?</p>	<p><b>E1,1:</b> “Sou filha. Damo-nos muito bem”.</p> <p><b>E1,2:</b> “Sou filha. Somos muito cúmplices, muito mesmo. Tanto que eu acho que fui a primeira pessoa a dar conta da solidão em que a minha mãe está. Prontos. Eu ia lá todos os dias almoçar. O meu irmão só vai lá quando troveja. A minha irmã não, é capaz de passar lá dia sim, dia não, consoante o trabalho. Mas, pronto, achei que estava a ficar muito deprimida, chorava por tudo e por nada. Ela é uma pessoa muito autónoma, mas acho que ela estava a acobardar-se, bem, não sei se é o termo certo, acho que estava a matar-se por dentro. Está sozinha. Não queria fazer nada, não queria fazer de comer, não queria arrumar, pronto, acho que estava a perder o gosto de tudo. Se bem que acho que ainda agora, ainda não apanhou gosto... aquilo que a minha mãe me ensinou na limpeza da minha casa, agora chego a casa dela e revolta-me, acho que ela já não tem aquela vontade de fazer as coisas. Acho que a minha mãe limita-se a limpar o quarto dela e a cozinha onde come. Mas é capaz de ter a mesma toalha na mesa durante uma semana. Caiem as migalhas e lá ficam. Verte café e fica a mesma toalha”.</p> <p><b>E1,3:</b> “Filha. Relação afetiva, afetiva sim. Mas assim muito afetiva não temos muita. Temos uma relação normal. Não temos uma relação muito profunda, mas foi sempre assim desde pequena. Eu digo isso e os meus irmãos dizem o mesmo. A minha mãe foi sempre uma pessoa... é o jeito dela... e depois, claro, a gente vai crescendo assim. Se calhar tínhamos mais afeto pela minha avó que nos criou do que pela mãe. Mas prontos. Às vezes é assim”.</p> <p><b>E1,4:</b> “Sim. Sou filha e tenho uma relação de proximidade. Quando estava fora não falava com ele, nem por telefone, era só nas férias”.</p> <p><b>E1,5:</b> “Sou filho. É uma relação muito complicada. O meu pai trabalhou toda a vida de noite. A preocupação dele foi sempre trabalhar para sustentar a família. Passou muito pouco tempo comigo. Como hei-de explicar sem... eu agora, neste momento, sinto-me ligado ao meu pai, mas durante a minha infância houve muito pouca ligação. Com a mãe era o essencial, dava-nos de comer e pronto. Acho que não era pelo trabalho, mas por causa da mentalidade. Eu também trabalho muito, se calhar mais do que o meu pai naquela altura e tento dar o máximo de atenção aos meus filhos. Naquela altura a prioridade do meu pai não eram os filhos. Não tinham formação... Agora tenho uma melhor relação com o meu pai, porque desde que ele veio para aqui, parou e mudou, deixou de ser tão bichinho do mato. Houve altura que até tinha vergonha dele. Eu trabalho e faço tudo para que as pessoas me olhem com respeito e o meu pai nunca se deu ao respeito. E eu preocupo-me muito com isso”.</p> <p><b>E1,6:</b> “Relação afetiva com a minha mãe? Não sei. Isso não tem explicação. Amor eu sei que tenho. O amor de mãe é diferente e o de filho também é diferente. Mãe só tenho uma. Companheira... a esposa é uma</p>	<p><b>E1,1:</b> “Sou filha. Damo-nos muito bem”.</p> <p><b>E1,2:</b> “Sou filha. Somos muito cúmplices, muito mesmo. (...)”.</p> <p><b>E1,3:</b> “Filha. Relação afetiva, (...) muito afetiva não temos muita. Temos uma relação normal. (...)”.</p> <p><b>E1,4:</b> “Sim. Sou filha e tenho uma relação de proximidade. (...)”.</p> <p><b>E1,5:</b> “Sou filho. É uma relação muito complicada. (...) eu agora, (...), sinto-me ligado ao meu pai, mas durante a minha infância houve muito pouca ligação. Com a mãe era o essencial, dava-nos de comer e pronto. (...)”.</p> <p><b>E1,6:</b> “Relação afetiva com a minha mãe? Não sei. Isso não tem explicação. Amor eu sei que</p>

<p>companheira que hoje é uma e amanhã pode não ser. Mãe, não temos mais nenhuma, é só uma. Temos que estimar a que temos, porque amanhã podemos já não ter”.</p> <p><b>E1,7:</b> “Sou filha e tenho boa relação”.</p> <p><b>E1,8:</b> “É meu irmão. Tenho uma relação muito profunda. Quando ele andava no 4º ano de seminário, eu entrei para o 1º. Houve uma atração, vocação que poderá ter vindo daí a nossa relação mais profunda. Depois deixei o seminário no 4º quando ele estava como Pároco na Areosa. Então vivi com ele desde os 16 aos 20 anos. Foi ele que me pagou os estudos. Depois ele foi para a tropa e eu fui quando a ele. Acabamos por andar sempre juntos. Depois ele veio, deixou de ser Padre e eu continuei a viver com ele. Depois casou, divorciou-se e depois veio ele viver para a minha casa. Depois decidi vir para aqui. Podia ter ficado em minha casa, mas a situação dele... a hemodiálise é de muita responsabilidade e ele preferiu vir para aqui porque tinha outra assistência”.</p> <p><b>E1,9:</b> “Sou enteada. A relação é boa”.</p> <p><b>E1,10:</b> “Mãe. É boa”.</p> <p><b>E1,11:</b> “É meu tio e é assim... Tenho um grau afetivo com o meu tio muito grande, porque praticamente que fui criada com ele. Vivíamos lado a lado. É quase como um pai”.</p> <p><b>E1,12:</b> “Amiga. Normal”.</p> <p><b>E1,13:</b> “É pai e filho. Sim. Sim. É uma boa relação de pai-filho”.</p> <p><b>E1,14:</b> “Sou filha e dentro da relação mãe-filha tenho um bom relacionamento. Às vezes zango-me também. (risos). Às vezes tenho pena de não lhe dar mais apoio, porque ela está muito dependente de mim. Desde que eu casei e fui para Matosinhos, para ela foi uma desgraça. Roubaram-lhe a filha daqui e foram para longe... Muitas vezes ela me disse que se sentia abandonada e muito sozinha. Diz que nunca mais foi a mesma coisa desde que o pai faleceu. Diz que ele nunca a deixou só como nós fazemos. Não entende que as nossas vidas foram construídas noutra cidade e que não é possível prestar-lhe toda a atenção que ela deseja”.</p> <p><b>E1,15:</b> “Temos uma boa relação, de muita proximidade, uma boa relação entre os dois. Podemos considerar que além de mãe e filho, de amigos também”.</p> <p><b>E1,16:</b> “É minha irmã. Sei lá. Temos uma boa relação de irmãs”.</p> <p><b>E1,17:</b> “Sou genro. Somos os que estamos mais próximos e não temos filhos, por isso somos os que temos laços mais chegados”.</p> <p><b>E1,18:</b> “Eu com a minha irmã. Quer dizer... tive relações boas, mas depois ela não gostava que eu lhe dissesse</p>	<p>tenho. (...)”.</p> <p><b>E1,7:</b> “Sou filha e tenho boa relação”.</p> <p><b>E1,8:</b> “É meu irmão. Tenho uma relação muito profunda. (...)”.</p> <p><b>E1,9:</b> “Sou enteada. A relação é boa”.</p> <p><b>E1,10:</b> “Mãe. É boa”.</p> <p><b>E1,11:</b> “É meu tio (...). Tenho um grau afetivo com o meu tio muito grande (...)”.</p> <p><b>E1,12:</b> “Amiga. Normal”.</p> <p><b>E1,13:</b> “É pai (...). É uma boa relação de pai-filho”.</p> <p><b>E1,14:</b> “Sou filha e dentro da relação mãe-filha tenho um bom relacionamento. (...)”.</p> <p><b>E1,15:</b> “Temos uma boa relação, (...) além de mãe e filho, de amigos também”.</p> <p><b>E1,16:</b> “É minha irmã. (...). Temos uma boa relação (...)”.</p> <p><b>E1,17:</b> “Sou genro. (...) somos os que temos laços mais chegados”.</p> <p><b>E1,18:</b> “Eu com a minha irmã. (...) temos uma</p>
---	---

<p>as coisas, não aceitava o que eu lhe dizia e então depois durante muito tempo não vinha a minha casa. Depois foi para o hospital e como ficou de fralda, eu trouxe-a para minha casa. Agora temos uma boa relação”.</p> <p><b>E1,19:</b> “É meu irmão. Temos uma relação boa. Boa. E sinto que ele também tem uma boa relação comigo”.</p> <p><b>E1,20:</b> “Somos irmãos. Crescemos todos juntos em África. Depois eu casei. Viemos para cá. Depois fomos para o Alentejo. Estamos longe uns dos outros, mas damos-nos bem”.</p> <p><b>E1,21:</b> “Sou filha. Mais um bocado com o meu pai, mas também com a minha mãe. Embora a minha mãe seja mais problemática, mas nós resolvemos tudo sem andar com conflitos nem nada. O meu pai é mais sociável, um trato mais fácil. É mais fácil conversar com ele do que com a minha mãe”.</p> <p><b>E1,22:</b> “Filho. Descendente”.</p> <p><b>E1,23:</b> “Ora bem. Eu comecei a ter uma relação mais afetiva desde que a minha mãe veio para o Lar. Aí é que começamos a ter mais contato. Às vezes até me lembrava em a ver visitar, mas depois passava”.</p> <p><b>E1,24:</b> “Amiga. A relação afetiva não é muito próxima”.</p> <p><b>E1,25:</b> “Amiga que é quase uma segunda mãe. Não é a mesma coisa, é quase estúpido eu estar a dizer isso, mas a verdade é que eu habituei-me a ver como segunda autoridade da casa. A minha mãe mandava e todos nós... (risos) e a seguir era ela. (risos). Tornou-se a avó, digamos, da família. Ela veio para minha casa, praticamente quando eu nasci, tinha dois meses. Ela ajudou a minha mãe a criar-nos, ou seja, ela está cá há tantos anos quantos eu tenho”.</p> <p><b>E1,26:</b> “Com o meu pai, nem mau nem ruim. Já foi pior, melhor. Está assim mais ou menos”.</p> <p><b>E1,27:</b> “Olhe. Com o meu pai, acho que é o melhor possível. Os meus irmãos não querem saber dele. Sou eu que ando a tratar de tudo”.</p> <p><b>E1,28:</b> “Como hei-de-explicar isso... ela é minha sogra. Não me é nada a mim, mas... como hei-de dizer... eu tenho pena desta pessoa, apesar de ela ser fraca, tenho carinho por ela porque é uma pessoa idosa e merece como uma criança. Apoio-a em tudo. Ela sente-se abandonada. Eu estou a fazer o meu dever”.</p> <p><b>E1,29:</b> “Bom. Ela gosta. A minha relação com a minha mãe foi sempre boa”.</p> <p><b>E1,30:</b> “É uma relação natural de filho para pai. Não querendo ser diferente dos outros irmãos e das outras pessoas que têm pais e filhos, eu acho que sou dos filhos do meu pai que tenho uma ligação mais forte. Sou a</p>	<p>boa relação”.</p> <p><b>E1,19:</b> “(...) irmão. Boa. (...)”.</p> <p><b>E1,20:</b> “Somos irmãos. (...). damos-nos bem”.</p> <p><b>E1,21:</b> “Sou filha. Mais um bocado com o meu pai, mas também com a minha mãe. (...)”.</p> <p><b>E1,22:</b> “Filho”.</p> <p><b>E1,23:</b> “(...) comecei a ter uma relação mais afetiva desde que a minha mãe veio para o Lar. (...)”.</p> <p><b>E1,24:</b> “Amiga. A relação afetiva não é muito próxima”.</p> <p><b>E1,25:</b> “Amiga (...) quase uma segunda mãe. (...)”.</p> <p><b>E1,26:</b> “Com o meu pai, nem mau nem ruim. (...)”.</p> <p><b>E1,27:</b> “(...) Com o meu pai, (...) é o melhor possível. (...)”.</p> <p><b>E1,28:</b> “(...) ela é minha sogra. (...) apesar de ela ser fraca, tenho carinho por ela porque é uma pessoa idosa (...)”.</p> <p><b>E1,29:</b> “(...) A minha relação com a minha mãe foi sempre boa”.</p> <p><b>E1,30:</b> “É uma relação natural de filho para pai. (...)”.</p>
--	---

	<p>peessoa mais sensível. Sempre fui mais ligado aos meus pais. A minha mãe já é doente há muitos anos. Não sei se conhece o provérbio ‘na família há sempre o burrinho para puxar a carroça’. Eu fui sempre o burrinho da família até hoje. Não vou dizer que os irmãos não são boas pessoas. Eles ajudam sempre que é preciso”.</p> <p><b>E1,31:</b> “Sou sobrinha. É assim. É uma relação como se fosse filha. Porque todo o apoio é nosso. Ela não recorre a mais ninguém. Qualquer coisa durante o dia, durante a noite, não importa a hora, mesmo por coisas mínimas, insignificantes. Não faz nada sem perguntar. Às vezes nem toma decisões”.</p> <p><b>E1,32:</b> “A minha relação com o meu pai? É de pai e de filha”.</p> <p><b>E1,33:</b> “Apenas sou conhecida”.</p> <p><b>E1,34:</b> “Além de ser sobrinha, sou sobretudo amiga da D. “X”, morámos em regiões próximas. É uma boa amiga, carinhosa, meiga”.</p> <p><b>E1,35:</b> “Com a minha irmã, é a relação de família, normal”.</p> <p><b>E1,36:</b> “Amiga. Uma boa amizade”.</p> <p><b>E1,37:</b> “Com a minha avó? É uma relação afetiva boa, mas não muito profunda. Tenho uma outra avó, mas não se pode dizer que é igual porque o nível de contacto ao longo da minha vida foi sempre muito diferente. Eu estava com ela durante as férias, mais nas férias da escola, vinha para casa dela. Lanchávamos, víamos televisão, mas não eramos de comunicar muito. Portanto, há uma ligação, mas não se pode dizer que é um laço afetivo profundo”.</p> <p><b>E1,38:</b> “Bem. Com a minha sogra, é só bom dia ou boa tarde. Nunca tive assim nada... Ela também nunca conversa. Antes as conversas dela eram sempre de uma pessoa frustrada... contra tudo e contra todos. Agora não tem tema de conversa. Podia-se juntar à minha mãe, que também cá está, mas não. Mas afinal não há qualquer interesse nisso, porque era só para falar mal dos filhos. Diz que não tem família, que não tem quem a visite, nem tem ninguém para conversar, mas para falar mal é melhor então até estar só”.</p> <p><b>E1,39:</b> “A relação com a minha mãe... quer dizer... não é assim boa, boa. Discuto, mas é por gostar dela que eu discuto. Porque se não quisesse saber dela nem discutia. O que me faz discutir com ela é o meu irmão toxicodependente, é o eu querer fazer ver à minha mãe que ela estava a ajudar o meu irmão a ser assim. Eu penso, bem, podia até nem dar em nada, mas se a minha mãe não lhe fizesse as vontadinhas todas e se tivesse outras atitudes, tenho a certeza de que o meu irmão já teria mudado. Agora com 50 anos acho que já não tem cura”.</p> <p><b>E1,40:</b> “Sobrinha e afilhada. A relação é boa”.</p> <p><b>E1,41:</b> “Amiga. Praticamente que me conhece desde que nasci. A gente ganha sempre laços”.</p>	<p><b>E1,31:</b> “Sou sobrinha. (...). É uma relação como se fosse filha. (...)”.</p> <p><b>E1,32:</b> “(...) É de pai e de filha”.</p> <p><b>E1,33:</b> “Apenas sou conhecida”.</p> <p><b>E1,34:</b> “Além de ser sobrinha, sou sobretudo amiga (...)”.</p> <p><b>E1,35:</b> “(...) irmã, é a relação de família, normal”.</p> <p><b>E1,36:</b> “Amiga. Uma boa amizade”.</p> <p><b>E1,37:</b> “Com a minha avó? É uma relação afetiva boa, mas não muito profunda. (...)”.</p> <p><b>E1,38:</b> “Bem. Com a minha sogra, é só bom dia ou boa tarde. (...)”.</p> <p><b>E1,39:</b> “A relação com a minha mãe (...) não é assim boa, boa. (...)”.</p> <p><b>E1,40:</b> “Sobrinha e afilhada. A relação é boa”.</p> <p><b>E1,41:</b> “Amiga. (...) A gente ganha sempre laços”.</p>
--	---	--

<p><b>E1,42:</b> “Com os meus pais, uma relação boa. Ela até esteve uns tempos em minha casa. Quando o meu falecido pai faleceu, ela estava em minha casa, depois começou no Centro de Dia em S. Miguel e depois mais tarde quis vir para aqui de noite. Achava que estorvava. Agora diz: ‘ainda bem que vim para aqui, aqui tenho quem me deite a mão’. Fico muito contente porque é sinal que a tratam bem e ela se sente bem cá”.</p> <p><b>E1,43:</b> “Sou casado com a filha dele há 16 anos, sempre tivemos um bom relacionamento. Nunca tivemos um mínimo de problema, inclusivê, ele sente no genro um filho muito próximo dele. Ele é uma pessoa autónoma, dinâmica, mas precisa sempre de alguém mais por perto para resolver os problemas. É bastante reservado com o que é dele. Conversa com quem conversa com ele. Mesmo a nível familiar, para se soltar, é preciso puxar por ele. Gosta muito do espaço dele, não é conflituoso, não gosta de ver os filhos de mal uns com os outros, por isso coloca-se no cantinho dele. Prefere meter-se na camioneta e ir até Guimarães à vontade dele. Não gosta de participar em festas nem nada. Não é dado a convívios, socializações, nem nada”.</p> <p><b>E1,44:</b> “É minha avó. Tanto eu como ela não somos muito afetivas. Falamos uma com a outra, fazemos companhia, mas tanto eu como ela não demonstramos”.</p> <p><b>E1,45:</b> “Eu sei lá. Tenho uma boa relação com a minha tia, apesar de não estarmos muito tempo juntas, mas tenho. Eu não frequento a casa dela, nem ela a minha”.</p> <p><b>E1,46:</b> “Claro. Estou lá permanentemente. É bom. É minha mãe e preocupa-me... está sempre a chorar”.</p> <p><b>E1,47:</b> “É meu tio. Olhe é assim. O meu tio é o único tio que eu tenho da parte do meu pai. E prontos. Agora temos uma relação mais próxima porque teve este problema que teve que amputar uma perna, entretanto divorciou-se. Cortou praticamente relação com a família, mulher, filhas e não sei mais o quê. Então eu vi-me “quase” obrigada a tomar conta dele. Então adaptamos aquele anexo à limitações dele e prontos... vive lá”.</p> <p><b>E1,48:</b> “Muito. O meu pai diz que pede a Deus que me dê muita saúdinha, porque precisa mais ele de mim do que eu dele. Está sempre assim a dizer”.</p> <p><b>E1,49:</b> “De amizade. Sou amiga. É isso, relação de amizade”.</p> <p><b>E1,50:</b> “Um laço forte de filho para mãe e de mãe para filho. Já não posso dizer isso das minhas irmãs. De cinco, infelizmente, só uma é que está mais próxima”.</p> <p><b>E1,51:</b> “Tenho respeito pelo meu cunhado. Porque foi uma pessoa que já em solteiro me dava bem com ele. Eramos da mesma paróquia, eramos quase vizinhos. Já naquela altura fazíamos parte do grupo coral”.</p> <p><b>E1,52:</b> “Bom. Tenho bom, sem dúvida. Ela é minha mãe”.</p> <p><b>E1,53:</b> “Sou nora. Uma relação mais ou menos”.</p>	<p><b>E1,42:</b> “Com os meus pais, uma relação boa. (...)”.</p> <p><b>E1,43:</b> “Sou casado com a filha (...), sempre tivemos um bom relacionamento. (...)”.</p> <p><b>E1,44:</b> “É minha avó. Tanto eu como ela não somos muito afetivas. (...)”.</p> <p><b>E1,45:</b> “(...) Tenho uma boa relação com a minha tia, (...)”.</p> <p><b>E1,46:</b> “(...) É bom. É minha mãe (...)”.</p> <p><b>E1,47:</b> “É meu tio. (...). Agora temos uma relação mais próxima (...)”.</p> <p><b>E1,48:</b> “Muito. (...) meu pai (...)”.</p> <p><b>E1,49:</b> “De amizade. Sou amiga. (...)”.</p> <p><b>E1,50:</b> “Um laço forte de filho para mãe e de mãe para filho. (...)”.</p> <p><b>E1,51:</b> “Tenho respeito pelo meu cunhado. (...)”.</p> <p><b>E1,52:</b> “Bom. Tenho bom, (...). Ela é minha mãe”.</p> <p><b>E1,53:</b> “Sou nora. Uma relação mais ou menos”.</p>
---	---

	<p><b>E1,54:</b> “São meus pais. (risos) Tenho uma boa relação. É óbvio que é (risos). Se assim não fosse, acho que não estariam lá em casa, não é?”.</p> <p><b>E1,55:</b> “É meu avô, mas sei que tenho pouco tempo para o visitar e assim, mas sinto-me bem melhor com os pais da minha mãe. Tenho mais relação com o outro lado”.</p> <p><b>E1,56:</b> “Eu sou sobrinho e afilhado. A nossa relação afetiva é mesmo uma relação familiar. Eu fui criado por ela. De resto somos familiares”.</p> <p><b>E1,57:</b> “Acho que é bom. É um relacionamento bom, dentro do possível. Sabe que o meu pai... Nós lidamos com ele, mais eu, mas é uma pessoa um bocado complicada”.</p> <p><b>E1,58:</b> “Com a minha mãe, muito bom. Ela foi uma boa mãe”.</p> <p><b>E1,59:</b> “Tenho um relacionamento muito bom, uma relação afetiva boa entre pais e filho. Também precinto que eles nutrem por mim um carinho elevado, não diria que melhor do que os outros, mas noto que eles confiam muito em mim. E procuro dentro do possível dar-lhe o apoio e conforto que é possível. Esse apoio muitas vezes é através do diálogo, conversas que tenho com eles, procuro transmitir-lhes uma sensação de bem-estar que muitas vezes eles não têm, procuro fazer-lhes ver o lado positivo das coisas, porque percebo que os idosos e com problemas de saúde vejam só as coisas más da vida e eu procuro dar-lhes exemplos e mostrar-lhes para eles tentarem ver o lado positivo das coisas e não o negativo. E digo que isso lhes faz bem e vejo que o estado deles fica melhor quando falo com eles”.</p> <p><b>E1,60:</b> “É minha mãe. Temos uma relação afetiva muito boa”.</p> <p><b>E1,61:</b> “Filho”.</p> <p><b>E1,62:</b> “Sou filha e tenho uma relação boa com eles. Acho que sim. Dentro das possibilidades, o que puder fazer faço”.</p> <p><b>E1,63:</b> “Amiga”.</p>	<p><b>E1,54:</b> “São meus pais. (...) Tenho uma boa relação. (...)”.</p> <p><b>E1,55:</b> “É meu avô, (...)”.</p> <p><b>E1,56:</b> “Eu sou sobrinho e afilhado. A nossa relação afetiva é mesmo uma relação familiar. (...)”.</p> <p><b>E1,57:</b> “Acho que é bom. (...) dentro do possível. (...) meu pai (...)”.</p> <p><b>E1,58:</b> “Com a minha mãe, muito bom. (...)”.</p> <p><b>E1,59:</b> “Tenho (...)relação afetiva boa entre pais e filho. (...)”.</p> <p><b>E1,60:</b> “É minha mãe. Temos uma relação afetiva muito boa”.</p> <p><b>E1,61:</b> “Filho”.</p> <p><b>E1,62:</b> “Sou filha e tenho uma relação boa com eles. (...)”.</p> <p><b>E1,63:</b> “Amiga”.</p>
<p>Que lugar ocupa na sua vida o idoso que visita?</p>	<p><b>E2,1:</b> “A seguir aos meus filhos, são as pessoas mais importantes. Faço o que posso por eles”.</p> <p><b>E2,2:</b> “Um lugar muito importante, mesmo. Não me consigo ver sem ela”.</p> <p><b>E2,3:</b> “O quarto. (risos) tenho os meus filhos. Depois a pessoa que a seguir mais me preocupa é ela. (risos) tenho que ser sincera”.</p>	<p><b>E2,1:</b> “A seguir aos meus filhos, são as pessoas mais importantes. (...)”.</p> <p><b>E2,2:</b> “Um lugar muito importante, (...). Não me consigo ver sem ela”.</p> <p><b>E2,3:</b> “O quarto. (...)”.</p>

<p><b>E2,4:</b> “Um lugar muito grande agora, desde que a minha mãe faleceu. Sempre fui mais próxima do pai quando era pequenina. Só que a minha mãe não gostava muito”.</p> <p><b>E2,5:</b> “Quarto lugar”.</p> <p><b>E2,6:</b> “A minha mãe está sempre em primeiro lugar. Faço tudo para que a minha mãe esteja bem. Às vezes ando lá preocupado devido à situação dela”.</p> <p><b>E2,7:</b> “Se calhar, em segundo lugar. Em primeiro lugar são os meus filhos, depois, se calhar, os meus pais e então depois o meu marido”.</p> <p><b>E2,8:</b> “Uma peça importante da família. Talvez a pessoa mais ligada a mim. A relação que sempre tive com ele ao longo da vida foi sempre muito profunda”.</p> <p><b>E2,9:</b> “Uma amiga”.</p> <p><b>E2,10:</b> “Imprescindível; uma referência importantíssima para mim, para os netos e para toda a família”.</p> <p><b>E2,11:</b> “(risos) É uma pessoa muito importante. É uma pessoa especial. É uma pessoa que me ajudou a crescer. É mesmo um familiar como um pai”.</p> <p><b>E2,12:</b> “A minha avó era a melhor amiga da D. “C”, por este motivo criei um laço de grande amizade. É como se fosse da minha família”.</p> <p><b>E2,13:</b> “É a nossa referência, minha e dos meus irmãos. É a nossa referência. De todos”.</p> <p><b>E2,14:</b> “Neste momento, não diria que é o centro das minhas preocupações, mas está... dum lado tenho a preocupação dos meus filhos, isso é quase diariamente e do outro lado a minha mãe. Procuo saber diariamente como ela está e dar-lhe apoio. É mesmo uma preocupação diária”.</p> <p><b>E2,15:</b> “Depois dos meus filhos e da minha mulher é a pessoa que fica a seguir”.</p> <p><b>E2,16:</b> “Lugar de irmã, quase como filha”.</p> <p><b>E2,17:</b> “Para mim, ele não é meu pai, mas é como se fosse. É pai da minha esposa. Convivo muito com ele. Tenho uma relação muito boa com ele e também gosto dele”.</p> <p><b>E2,18:</b> “É a única irmã que tenho. Já morreram todos. Portanto, agora tenho uma relação assim boa, venho aqui vê-la. Isto depois de que ela veio para aqui, porque antes quando estava lá, não gostava do que eu dizia, por isso a relação não era lá muito boa. Agora para mim é importante. Eu para ela não sei, mas ela para mim sim”.</p> <p><b>E2,19:</b> “Muito importante”.</p>	<p><b>E2,4:</b> “Um lugar muito grande agora”. (...)”.</p> <p><b>E2,5:</b> “Quarto lugar”.</p> <p><b>E2,6:</b> “(...) está sempre em primeiro lugar. (...)”.</p> <p><b>E2,7:</b> “(...), em segundo lugar. (...)”.</p> <p><b>E2,8:</b> “Uma peça importante da família. (...) a pessoa mais ligada a mim. (...)”.</p> <p><b>E2,9:</b> “Uma amiga”.</p> <p><b>E2,10:</b> “Imprescindível; uma referência (...)”.</p> <p><b>E2,11:</b> “(...) É uma pessoa muito importante. (...)”.</p> <p><b>E2,12:</b> “(...) um laço de grande amizade. É como se fosse da minha família”.</p> <p><b>E2,13:</b> “É a nossa referência, (...)”.</p> <p><b>E2,14:</b> “(...), não diria que é o centro das minhas preocupações, (...) uma preocupação diária”.</p> <p><b>E2,15:</b> “Depois dos (...) filhos e da mulher (...)”.</p> <p><b>E2,16:</b> “Lugar de irmã, quase como filha”.</p> <p><b>E2,17:</b> “Para mim, ele não é meu pai, mas é como se fosse. (...)”.</p> <p><b>E2,18:</b> “(...). Agora para mim é importante. (...)”.</p> <p><b>E2,19:</b> “Muito importante”.</p>
---	---

<p><b>E2,20:</b> “Primeiro os filhos, os netos, só depois o marido, a minha mãe e depois os irmãos”.</p> <p><b>E2,21:</b> “É assim. Ao longo da vida várias fases, não é? De mais presença, de menos presença, de mais proximidade, de menos proximidade, quer de proximidade física, quer de proximidade de relação afetiva. Há algumas fases (pausa) em que estiveram emigrados, parecendo que não, acaba por se notar uma certa distância. Depois, eu também fui morar para mais longe deles, a minha mãe não aceitou muito bem, porque achava que eu não devia ir. Houve outra fase em que (pausa) tive um irmão que faleceu (choro) e então ainda pior. A minha mãe não ia mais a minha casa. Como o meu irmão faleceu e eu morava longe dizia que não tinha mais filhos. Mais um afastamento. Mas com o tempo foi-se sanando e foi passando. Bem. Como eles eram muito autónomos não dependiam de ninguém, resolviam as suas questões sem dependerem de mim. (choro) como sou sozinha, também sinto assim uma ligação, são quase só eles e eu”.</p> <p><b>E2,22:</b> “É um membro da família, e como tal dispense-lhe o apoio necessário à sua estabilidade de vida”.</p> <p><b>E2,23:</b> “Bom. Tenho mais afeto agora. Somos amigos. É como ela diz ‘um dia em que me faltar o meu filho é a vós que eu tenho”.</p> <p><b>E2,24:</b> “É uma pessoa que visito porque é um ser humano e verifico que está bastante sozinho. Tenho pena dele”.</p> <p><b>E2,25:</b> “Importantíssimo. É isso mesmo. É como se fosse a minha segunda mãe, a mãe adotiva ou a avó actual”.</p> <p><b>E2,26:</b> “Em primeiro a minha menina e o meu marido. O meu pai (pausa) está assim num lugar em que se ele estiver mal eu estou sempre pronta a arrancar. Infelizmente é assim. Tenho muitos irmãos, mas é sempre a mim que me calha. É melhor nem falar nisso”.</p> <p><b>E2,27:</b> “Lugar? Olhe. Primeiro está o meu filho, o meu marido e depois o meu pai”.</p> <p><b>E2,28:</b> “É sogra, mas tenho pena”.</p> <p><b>E2,29:</b> “É a minha mãe, mãe só se tem uma. (risos)”.</p> <p><b>E2,30:</b> “O meu pai, além de ser um bom pai, é um bom conselheiro também. É um amigo. E basicamente é isso. Poderá haver mais adjetivos, mas é isto”.</p> <p><b>E2,31:</b> “Ela ocupa um lugar bastante importante. Mesmo. E em termos dispendiosos (tempo), eu quase posso dizer que tenho as 24h00 ocupadas com ela. Não estou com ela, mas na minha mente está, porque está sempre a preocupação”.</p> <p><b>E2,32:</b> “Claro que em primeiro está o meu filho, mas em segundo supostamente. Olhe. Ele qualquer coisa que</p>	<p><b>E2,20:</b> “Primeiro os filhos, os netos, só depois o marido, a minha mãe (...)”.</p> <p><b>E2,21:</b> “(...), como sou sozinha, (...) sinto assim uma ligação, são quase só eles e eu”.</p> <p><b>E2,22:</b> “É um membro da família, (...)”.</p> <p><b>E2,23:</b> “Bom. Tenho mais afeto agora. Somos amigos. (...)”.</p> <p><b>E2,24:</b> “(...). Tenho pena dele”.</p> <p><b>E2,25:</b> “Importantíssimo. (...)”.</p> <p><b>E2,26:</b> “Em primeiro a minha menina e o meu marido. (...)”.</p> <p><b>E2,27:</b> “(...). Primeiro está o meu filho, o meu marido e depois o meu pai”.</p> <p><b>E2,28:</b> “(...) tenho pena”.</p> <p><b>E2,29:</b> “(...) mãe só se tem uma. (...)”.</p> <p><b>E2,30:</b> “(...), é um bom conselheiro (...)”.</p> <p><b>E2,31:</b> “Ela ocupa um lugar bastante importante. (...)”.</p> <p><b>E2,32:</b> “Claro que em primeiro está o meu filho,</p>
--	--

	<p>precise... às vezes até me aborrece. Ele podia ir mais vezes a minha casa, mas sempre que lá vai pede dinheiro. A vida não está fácil para ninguém. Ele não sabe gerir o que tem”.</p> <p><b>E2,33:</b> “Praticamente nenhum”.</p> <p><b>E2,34:</b> “É uma pessoa pela qual tenho muito respeito, estima, confiança e lealdade. Preocupo-me imenso com o bem-estar dela, pois merece tudo de bom, e ela sabe disso”.</p> <p><b>E2,35:</b> “Claro que os filhos estão em primeiro lugar. (risos) É assim. Sou eu e outro irmão que somos mais chegados”.</p> <p><b>E2,36:</b> “Crescemos na mesma freguesia. Depois a nossa amizade veio de eu ter pena dela, olhando a ela ser uma pessoa só, depois tinha problemas nas pernas, custava-lhe andar. Sabe que ela também tinha cá um feitio... Ela era mazinha... Quando precisava de ir à Missa, o meu marido levava-a, ela pertencia ao grupo coral, o meu marido era Ministro da Comunhão, então levava-a”.</p> <p><b>E2,37:</b> “É do meu sangue, é da minha família. É mãe do meu pai, faz parte das minhas origens. Não posso dizer que a nível do aconselhamento da minha vida tenha tido um papel ativo, mas em termos de lugar ocupado é alguém do meu sangue, da minha família, por quem nutro afeto e com quem vou mantendo algum contacto”.</p> <p><b>E2,38:</b> “Nada. Não tenho muita ligação. A minha mulher nem cá vem, porque elas não se dão”.</p> <p><b>E2,39:</b> “O lugar de pais”.</p> <p><b>E2,40:</b> “O mais importante, neste momento sou eu que tomo conta de tudo que diz respeito à vida da minha ‘avó”.</p> <p><b>E2,41:</b> “Não sei. É uma pessoa vizinha”.</p> <p><b>E2,42:</b> “Um lugar de mãe. Sempre”.</p> <p><b>E2,43:</b> “Não é mais um nem menos um. É uma pessoa querida, mas é evidente que ele a esta idade requer mais alguns cuidados, mas não vou mentir que tenho as minhas prioridades. Sou pai de dois filhos, tenho a minha esposa e os meus pais. Mas o meu sogro está num lugar elevado”.</p> <p><b>E2,44:</b> “É assim. No início não a via com muitos bons olhos, porque quando eu nasci ela expulsou a minha mãe de casa. Naquela coisa de... não é rancor, mas de saber que (pausa) não era tão desejada. Mas agora é uma avó, é mesmo uma avó”.</p> <p><b>E2,45:</b> “Média”.</p> <p><b>E2,46:</b> “Para mim são muito importantes”.</p>	<p>mas em segundo supostamente. (...)”.</p> <p><b>E2,33:</b> “Praticamente nenhum”.</p> <p><b>E2,34:</b> “É uma pessoa pela qual tenho muito respeito, estima, confiança e lealdade. (...)”.</p> <p><b>E2,35:</b> “Claro que os filhos estão em primeiro lugar. (...)”.</p> <p><b>E2,36:</b> “(...) pena dela, olhando a ela ser uma pessoa só (...)”.</p> <p><b>E2,37:</b> “É do meu sangue, é da minha família. (...)”.</p> <p><b>E2,38:</b> “Nada. Não tenho muita ligação. (...)”.</p> <p><b>E2,39:</b> “O lugar de pais”.</p> <p><b>E2,40:</b> “O mais importante, (...)”.</p> <p><b>E2,41:</b> “Não sei. É uma pessoa vizinha”.</p> <p><b>E2,42:</b> “Um lugar de mãe. (...)”.</p> <p><b>E2,43:</b> “(...) É uma pessoa querida, (...)”.</p> <p><b>E2,44:</b> “(...) é uma avó, (...)”.</p> <p><b>E2,45:</b> “Média”.</p> <p><b>E2,46:</b> “(...) muito importantes”.</p>
--	--	---

<p><b>E2,47:</b> “É meu tio. Ocupa um lugar importante”.</p> <p><b>E2,48:</b> “Um lugar muito importante”.</p> <p><b>E2,49:</b> “Como se fosse família”.</p> <p><b>E2,50:</b> “Ocupa um lugar muito forte. Sempre fui muito chegado dos meus pais e continuo com ela na mesma. Enquanto for viva não lhe há-de faltar nada”.</p> <p><b>E2,51:</b> “Ora muito bem. (risos) Sou a secretária dele (risos). Na minha família ocupa um lugar muito importante. Na minha família, se houver uma festa, ele está sempre presente. Antes iam todos os Domingos lá a casa, por isso, eu agora parece que sinto obrigação de o vir visitar”.</p> <p><b>E2,52:</b> “Sei lá. (risos, suspiro). Foi sempre uma boa mãe. Eu acho que um dia em que ela me falte (pausa), vai-me faltar tudo, porque eu sempre vivi com ela. Sempre. Já tinha esta casa feita há 10 anos e continuava em casa dos meus pais. Eles não queriam vir, mas as minhas filhas queriam. Eu não queria desagradar às minhas filhas, mas também não queria ir contra a vontade deles. Só 2 anos antes do meu pai morrer, a minha filha convenceu-os e eles vieram”.</p> <p><b>E2,53:</b> “É assim. É mãe do meu marido e avó dos meus filhos”.</p> <p><b>E2,54:</b> “(risos) isso é que é difícil de dizer (risos). Sei lá. É complicado. A minha vida ultimamente tem sido tão complicada que é difícil dizer. Têm um lugar importante”.</p> <p><b>E2,55:</b> “É meu avô, mas tenho outras prioridades. Lá está, os meus avôs maternos, convivi sempre mais, deste lado foi sempre uma distância maior. Mesmo quando a minha avó era viva, tinha mais contacto com a minha avó do que com o meu avô. E sempre tivemos aquele grau de afastamento que nunca tive com os meus avós maternos”.</p> <p><b>E2,56:</b> “É um lugar de família. É uma pessoa de família. Não é minha mãe porque ainda tenho a minha mãe, mas como pessoa que me criou. Pronto. É uma segunda mãe”.</p> <p><b>E2,57:</b> “Sem dúvida que os filhos e a esposa estão em primeiro lugar. Mas o meu pai ocupa um lugar bom, mas claro que em primeiro estão os meus”.</p> <p><b>E2,58:</b> “Olhe. Nós temos ocasiões em que damos tudo quanto temos para que ela esteja bem e muitas vezes até há coisas que os nossos maridos não estão de acordo com tudo o que a gente faz. Mas nós, eu pelo menos, estou sempre... a minha mãe em primeiro, acima de tudo. Fazemos tudo o que podemos”.</p> <p><b>E2,59:</b> “Claro, um lugar importante, né? Os pais são sempre para nós a coisa que há melhor na vida. Se nós existimos a eles devemos”.</p>	<p><b>E2,47:</b> “(...) importante”.</p> <p><b>E2,48:</b> “(...) muito importante”.</p> <p><b>E2,49:</b> “Como se fosse família”.</p> <p><b>E2,50:</b> “(...) lugar muito forte. (...)”.</p> <p><b>E2,51:</b> “(...) ocupa um lugar muito importante. (...)”.</p> <p><b>E2,52:</b> “Sei lá. (...) acho que um dia em que ela me falte (pausa), vai-me faltar tudo, porque eu sempre vivi com ela. (...)”.</p> <p><b>E2,53:</b> “(...) É mãe do meu marido e avó dos meus filhos”.</p> <p><b>E2,54:</b> “(...) importante”.</p> <p><b>E2,55:</b> “(...) tenho outras prioridades. (...)”.</p> <p><b>E2,56:</b> “É um lugar de família. (...)”.</p> <p><b>E2,57:</b> “(...) o meu pai ocupa um lugar bom, mas claro que em primeiro estão os meus”.</p> <p><b>E2,58:</b> “(...) a minha mãe em primeiro, acima de tudo. (...)”.</p> <p><b>E2,59:</b> “(...) importante (...)”.</p>
---	--

	<p><b>E2,60:</b> “Ocupa um lugar bom”.</p> <p><b>E2,61:</b> “Faz parte do grupo de familiares mais importantes da minha vida”.</p> <p><b>E2,62:</b> “Tudo. São tudo para mim”.</p> <p><b>E2,63:</b> “Cresci na vizinhança da idosa e sendo esta amiga dos meus pais, tornou-se uma pessoa chegada e de certa forma familiar. No entanto, a preocupação pelo bem-estar da idosa surge prioritariamente após um conflito familiar entre mãe e filha, que a deixou num estado emocional frágil com crescida carência económica”.</p>	<p><b>E2,60:</b> “Ocupa um lugar bom”.</p> <p><b>E2,61:</b> “Faz parte do grupo de familiares mais importantes da minha vida”.</p> <p><b>E2,62:</b> “Tudo. São tudo para mim”.</p> <p><b>E2,63:</b> “(...) uma pessoa chegada e de certa forma familiar. (...)”.</p>
<p>Considera que o carinho e amizade que lhe dedica é vital para ele?</p>	<p><b>E3,1:</b> “É. Acho que sim”.</p> <p><b>E3,2:</b> “Ai! Considero que é, mas nunca é suficiente. Acho que ela quer sempre mais do que aquilo que agente lhe dá. Acha que é sempre pouco, por mais que lhe dê, por mais que lhe faça, acha sempre pouco. Eu nunca a deixo almoçar um Domingo sozinha, mas chega às 08h00 e ela acha que é cedo. Imagina-se a ficar sozinha e quer mais. Preocupa-me ela de noite sozinha. Aquilo é no meio do campo”.</p> <p><b>E3,3:</b> “Eu acho que sim. Há tantas, se lhe fizesse a pergunta a ela de qual dos filhos é que lhe dedica mais atenção ela é capaz de dizer que sou. Mas praticamente que fui sempre assim. Nós os mais novos achamos que ela teve sempre preferência pelo mais velho, mas mesmo assim eu fui sempre das mais chegadas”.</p> <p><b>E3,4:</b> “É sim”.</p> <p><b>E3,5:</b> “Claro. É por causa disso que venho cá. Porque sei que se não viesse cá, se não quisesse saber dele, sei que ele teria muito poucas, ou nenhuma razão para viver. É muito importante para ele e para mim. Para o meu próprio equilíbrio, para o meu pai. Quero sentir-me bem”.</p> <p><b>E3,6:</b> “Eu acho que é fundamental”.</p> <p><b>E3,7:</b> “É. É muito importante”.</p> <p><b>E3,8:</b> “Não sei. Acho que pode ajudar. Ajuda a viver, mas não é vital. É importante, mas não quer dizer que seja vital. Até porque ele é muito autónomo. O problema dele é a perda de sociabilidade, faz hemodiálise 4 vezes ao dia, limita-lhe muito as saídas e o que ele sente aqui é essa perda de sociabilidade. Ele sempre teve uma vida social muito ativa. Ele gostava muito de estar com os amigos, de sair, de festas”.</p> <p><b>E3,9:</b> “Não considero ‘vital’ mas deveras importante”.</p> <p><b>E3,10:</b> “Sem dúvida, sempre assim foi e sempre assim será”.</p> <p><b>E3,11:</b> “É. É. É muito importante e ele sente-o. Ele sente que nós nos preocupamos, embora ele fique preocupado que nós tiremos do nosso tempo para lhe dar atenção a ele”.</p>	<p><b>E3,1:</b> “É. Acho que sim”.</p> <p><b>E3,2:</b> “(...) Considero qui é, mas nunca é suficiente. (...) ela quer sempre mais (...)”.</p> <p><b>E3,3:</b> “Eu acho que sim. (...)”.</p> <p><b>E3,4:</b> “É sim”.</p> <p><b>E3,5:</b> “Claro. É por causa disso que venho cá. (...)”.</p> <p><b>E3,6:</b> “Eu acho que é fundamental”.</p> <p><b>E3,7:</b> “É. É muito importante”.</p> <p><b>E3,8:</b> “Não sei. Acho que pode ajudar. Ajuda a viver, mas não é vital. É importante, mas não quer dizer que seja vital. (...)”.</p> <p><b>E3,9:</b> “Não considero ‘vital’ (...) importante”.</p> <p><b>E3,10:</b> “Sem dúvida (...)”.</p> <p><b>E3,11:</b> “É. É. É muito importante e ele sente-o. (...)”.</p>

<p><b>E3,12:</b> “Sim. Fica muito contente quando a visito”.</p> <p><b>E3,13:</b> “Sim. Por isso é que tento vir aqui todos ou quase todos os dias”.</p> <p><b>E3,14:</b> “Sim. Acho que sim. Eu acho que se não fosse eu dar-lhe tanta atenção, sabe que os meus irmãos, prontos, é assim... eles não falam tão frequentemente com ela como eu. Ela não tem assim uma relação tão próxima. Ela tem pena dos meus irmãos, o meu irmão mais novo tem problemas de saúde, mas acho que ela depende mesmo da minha relação com ela”.</p> <p><b>E3,15:</b> “É muito importante e a minha mãe é uma pessoa muito carente. A minha mãe é uma pessoa que, mais agora, porque se sente carente, precisa de muita atenção. Inclusive às vezes faz coisas só para chamar a atenção. A gente nota que ela precisa de carinho. Ela fala muito da D. “L” que é a melhor amiga aqui no Lar e a ajuda em tudo o que ele precisa... está sempre preocupada com ela e dá-lhe muito apoio...”.</p> <p><b>E3,16:</b> “Eu acho que sim. Nós sabemos das limitações que ela tem, precisa de uma atenção especial. Ela diz muito bem daqui. Diz que tem muitas professoras boas, que são as funcionárias. Sempre que estou com ela diz ‘aqui estou feliz e contente’”.</p> <p><b>E3,17:</b> “Considero que é vital. Ele vive aqui porque achamos que era a melhor solução porque a casa dele não tinha condições. A casa era antiga e não era própria para andar de cadeira de rodas e a casa de banho era fora da casa, não tinha condições para vir cá fora. A casa não era adaptada como estas são. Tudo isto foi a pensar no bem-estar dele. A casa também não tinha acesso direto à estrada, era uma subida de 500 metros. Tudo se conjugou para ele vir para aqui”.</p> <p><b>E3,18:</b> “Eu acho que sim. Eu acho que todas as pessoas gostam de carinho. O que me vale é que tenho uma gatinha que dou carinho a ela e ela dá-me a mim. (risos)”.</p> <p><b>E3,19:</b> “Sim. Sim”.</p> <p><b>E3,20:</b> “É importante, é pena estarmos todos tão dispersos”.</p> <p><b>E3,21:</b> “Eu acho que sim. Acho que é sem ser dito que é. Não é demonstrado. Ela evita, rejeita. Tem um feitio frio, impulsivo”.</p> <p><b>E3,22:</b> “Com certeza que sim”.</p> <p><b>E3,23:</b> “Eu penso que sim. É. A gente gosta dela e ela gosta de nós”.</p> <p><b>E3,24:</b> “Sim. Vejo que ele fica contente”.</p> <p><b>E3,25:</b> “Eu acho que é. Particularmente, eu acho que lhe transmito sobretudo um sentimento que é o de</p>	<p><b>E3,12:</b> “Sim. (...)”.</p> <p><b>E3,13:</b> “Sim. Por isso é que tento vir aqui (...) quase todos os dias”.</p> <p><b>E3,14:</b> “Sim. Acho que sim. (...)”.</p> <p><b>E3,15:</b> “É muito importante e a minha mãe é uma pessoa muito carente. (...)”.</p> <p><b>E3,16:</b> “Eu acho que sim. (...)”.</p> <p><b>E3,17:</b> “Considero que é vital. (...)”.</p> <p><b>E3,18:</b> “Eu acho que sim. (...)”.</p> <p><b>E3,19:</b> “Sim. Sim”.</p> <p><b>E3,20:</b> “É importante, (...)”.</p> <p><b>E3,21:</b> “Eu acho que sim. (...)”.</p> <p><b>E3,22:</b> “Com certeza que sim”.</p> <p><b>E3,23:</b> “Eu penso que sim. (...)”.</p> <p><b>E3,24:</b> “Sim. Vejo que ele fica contente”.</p> <p><b>E3,25:</b> “Eu acho que é. Particularmente, eu acho</p>
---	--

<p>segurança. Tenho a absoluta certeza de que tudo o que eu lhe diga, aconselhe ou que faça perante um problema que possa vir a ter, seja de que tipo for, ela recorre a mim e ela sabe que pode contar comigo e tem a certeza que eu lho resolvo. É esse o papel que eu tenho, de reduto de segurança”.</p> <p><b>E3,26:</b> “Considero”.</p> <p><b>E3,27:</b> “Eu acho que sim. Bastante”.</p> <p><b>E3,28:</b> “É. Se eu não for lá todos os dias, ela já está a chorar”.</p> <p><b>E3,29:</b> “O carinho que lhe dou agora, já se sabe. Trago-lhe umas coisitas que ela gosta. Pergunto o que quer. É importante para ela, porque ela diz que se regala”.</p> <p><b>E3,30:</b> “Muito. Sem dúvida”.</p> <p><b>E3,31:</b> “Ai, eu acho que sim. Ela sente-se mais segura. Ela usa muito o termo ‘ai não faço nada, porque senão a “A” berra-me’. Ela fala mesmo assim. Eu, não é berrar, ralhar, mas tudo o que digo é para seu bem. Eu reconheço que às vezes sou um bocado agressiva, mas às vezes tem que ser, a ver se lhe entra no ouvido. Porque como qualquer idoso, ela é teimosa. E às vezes eu falo um bocado mais alto. E depois ela começa logo a chorar e diz: ‘deixa-me morrer’. Só para a doutora ver como ela é teimosa... vocês mandam os convites para as atividades. Eu digo-lhe sempre para ela vir, mas só quer vir quando é festas, porque se for atividades em que tenha que fazer alguma coisa, diz que não quer porque não sabe fazer o que vocês mandam e que não é agora que vai aprender, que não tem cabeça. Ela contou-me que uma vez estiveram a ensinar a escrever o nome e que ela já não consegue (risos). Não a consigo convencer a vir...”.</p> <p><b>E3,32:</b> “É. Talvez ele precisasse de um pouco mais, não vou dizer que não. Nós estamos um bocadinho... ele também nunca ajudou muito. Ele não é uma pessoa muito afetiva. Ele vive tão perto do Lar, podia vir mais vezes. Conversava com as pessoas conhecidas. Ele conhece lá muitas pessoas, mas ele não quer... Assim não se sentia tão só, nem estava sempre à nossa espera. Às vezes pede-nos o que nunca nos deu...”.</p> <p><b>E3,33:</b> “Não é vital porque não lhe dedico carinho e amizade”.</p> <p><b>E3,34:</b> “Eu penso que sim... acho que apesar de ela agora estar ligeiramente distante geograficamente ela percebe que no que precisar eu estou aqui”.</p> <p><b>E3,35:</b> “Sim. Claro”.</p> <p><b>E3,36:</b> “Eu acho que sim. Quando estava na Unidade de Cuidados Continuados, bastava levar-lhe um pacote de bolachas de água e sal. Não precisava de mais nada. Era a alegria dela”.</p>	<p>que lhe transmito (...) um sentimento que é o de segurança. (...)”.</p> <p><b>E3,26:</b> “Considero”.</p> <p><b>E3,27:</b> “Eu acho que sim. Bastante”.</p> <p><b>E3,28:</b> “É. Se eu não for lá todos os dias, ela já está a chorar”.</p> <p><b>E3,29:</b> “(...) É importante (...)”.</p> <p><b>E3,30:</b> “Muito. Sem dúvida”.</p> <p><b>E3,31:</b> “Ai, eu acho que sim. Ela sente-se mais segura. (...)”.</p> <p><b>E3,32:</b> “É. Talvez ele precisasse de um pouco mais (...)”.</p> <p><b>E3,33:</b> “Não é vital porque não lhe dedico carinho e amizade”.</p> <p><b>E3,34:</b> “Eu penso que sim... (...)”.</p> <p><b>E3,35:</b> “Sim. Claro”.</p> <p><b>E3,36:</b> “Eu acho que sim. (...)”.</p>
---	--

<p><b>E3,37:</b> “Sim. É importante. Tanto o meu como o da minha família”.</p> <p><b>E3,38:</b> “Não sei. Ela também não demonstra. Isola-se muito”.</p> <p><b>E3,39:</b> “Eu acho que sim. Eu pelo menos faço por isso”.</p> <p><b>E3,40:</b> “Sim”.</p> <p><b>E3,41:</b> “Sim. É importante. Neste momento acho que sou a única pessoa que liga o filho a ela”.</p> <p><b>E3,42:</b> “Claro que é. Eu bem vejo que se não puder vir aqui, ela fica logo preocupada”.</p> <p><b>E3,43:</b> “É. Desde o princípio que eu disse que ele sente em mim não um genro mas um filho. Eu também estou sempre presente, estou sempre preocupado com a situação dele. Sou eu que trato de tudo e ele sente isso”.</p> <p><b>E3,44:</b> “É assim. É, mas para ela não, porque para ela é sempre pouco. Mesmo que a gente lhe dê muita atenção e assim, para ela é sempre pouco. Mas eu acho que sim, tanto eu como a minha família em casa”.</p> <p><b>E3,45:</b> “Sim. No mínimo, sim. Não convivo muito com ela, mas acho que sim. Ela não se mostra muito receptiva”.</p> <p><b>E3,46:</b> “Eu penso que sim. Segundo o que diz uma irmã minha, ela diz que eu sou o mais queridinho de todos. Não sei porquê. Deve ser por estar lá permanentemente”.</p> <p><b>E3,47:</b> “Acho que sim. Embora ache que se ele tivesse apoio mais próximo das filhas era diferente. Apesar de que com a relação que ele tem comigo, ele sabe que se precisar de alguma coisa eu estou logo lá”.</p> <p><b>E3,48:</b> “Muito”.</p> <p><b>E3,49:</b> “Muito. Muito. Ela adora-me. Se eu quisesse alargar a casa ela deixava-me alagar a casa toda e não deixa ninguém mexer”.</p> <p><b>E3,50:</b> “Eu acho que sim, que é muito importante. Eu noto nela até quando lá chego. Há um carinho muito especial dela para mim e de mim por ela”.</p> <p><b>E3,51:</b> “Sim, porque eu vejo as pessoas aqui. Quando vêm um filho a chegar, os sorrisos. Às vezes estão sempre à espera de uma pessoa. Ele diz mesmo que não precisa de nada. Mas um carinho conta muito para estas pessoas de idade, uma palavra. Eu quando não posso vir ao domingo, eu telefono”.</p> <p><b>E3,52:</b> “Eu acho que sim. Ela também diz: “ó minha filha, quando tu vais de férias, ai, ninguém me faz como tu”.</p>	<p><b>E3,37:</b> “Sim. É importante. (...)”.</p> <p><b>E3,38:</b> “Não sei. Ela também não demonstra. Isola-se muito”.</p> <p><b>E3,39:</b> “Eu acho que sim. (...)”.</p> <p><b>E3,40:</b> “Sim”.</p> <p><b>E3,41:</b> “Sim. É importante. (...)”.</p> <p><b>E3,42:</b> “Claro que é. (...)”.</p> <p><b>E3,43:</b> “É. (...)”.</p> <p><b>E3,44:</b> “(...) É, mas para ela não, porque para ela é sempre pouco. (...)”.</p> <p><b>E3,45:</b> “Sim. (...)”.</p> <p><b>E3,46:</b> “Eu penso que sim. (...)”.</p> <p><b>E3,47:</b> Acho que sim. Embora (...) se ele tivesse apoio (...) das filhas era diferente. (...)”.</p> <p><b>E3,48:</b> “Muito”.</p> <p><b>E3,49:</b> “Muito. Muito. (...)”.</p> <p><b>E3,50:</b> “Eu acho que sim, que é muito importante. (...)”.</p> <p><b>E3,51:</b> “Sim, (...)”.</p> <p><b>E3,52:</b> “Eu acho que sim. (...)”.</p>
--	--

	<p><b>E3,53:</b> “É, mas para ser sincera não lhe dedico muito carinho, muita amizade. Não, porque nos primeiros tempos em que conheci a minha sogra foram tempos difíceis, não por minha parte, mas por parte dela. Era um sistema que eu não concordava, então eu não aceitava isso. Ela bebia bastante. Por isso não criei muita afetividade com ela por causa disso, por isso, agora tenho o básico”.</p> <p><b>E3,54:</b> “Isso é sempre”.</p> <p><b>E3,55:</b> “Eu acho que sim. Sempre que venho aqui vê-lo, faço-lhe mimos, falo sempre com ele, mesmo quando estive aqui a estagiar, estava sempre com ele ao máximo, via se ele precisava de alguma coisa. Acho que mesmo o pouco que lhe dou, para ele deve ser muito importante. Eu e o meu irmão”.</p> <p><b>E3,56:</b> “É. É. Eu sei que é. E eu tento estar presente o mais possível, dentro das limitações do meu horário de trabalho. Passo muito tempo fora. Ao fim-de-semana acompanho-a mais. Levo-a onde for preciso”.</p> <p><b>E3,57:</b> “Acho que sim, mas não aceita muito. É uma pessoa complicada, não aceita muito. Mesmo às vezes brincadeiras. O meu pai é uma pessoa muito fechada”.</p> <p><b>E3,58:</b> “Eu acho que sim. E mesmo assim, ela acha sempre pouco. Mesmo os meus irmãos, a gente está sempre a vir aqui. Agora uns, outros logo”.</p> <p><b>E3,59:</b> “Sim. Com certeza”.</p> <p><b>E3,60:</b> “É”.</p> <p><b>E3,61:</b> “Sim. É fundamental para a sua felicidade, o seu estado psicológico e bem-estar”.</p> <p><b>E3,62:</b> “(risos) Eu acho que sim, mas eles podem pensar que não é. É complicado isso”.</p> <p><b>E3,63:</b> “Sim. Ela faz-me perceber que a atenção que lhe é dedicada é muito gratificante por sentir que tem o apoio leal de alguém”.</p>	<p><b>E3,53:</b> “É, mas para ser sincera não lhe dedico muito carinho, muita amizade. (...)”.</p> <p><b>E3,54:</b> “Isso é sempre”.</p> <p><b>E3,55:</b> “Eu acho que sim. (...)”.</p> <p><b>E3,56:</b> “É. É. Eu sei que é. (...)”.</p> <p><b>E3,57:</b> “Acho que sim, mas não aceita muito. (...)”.</p> <p><b>E3,58:</b> “Eu acho que sim. E mesmo assim, ela acha sempre pouco. (...)”.</p> <p><b>E3,59:</b> “Sim. Com certeza”.</p> <p><b>E3,60:</b> “É”.</p> <p><b>E3,61:</b> “Sim. É fundamental (...)”.</p> <p><b>E3,62:</b> “Eu acho que sim, (...)”.</p> <p><b>E3,63:</b> “Sim. (...)”.</p>
<p>Com que frequência visita o idoso?</p>	<p><b>E4,1:</b> “No Porto, era mais esporádico. Mas agora visito-os todos os dias”.</p> <p><b>E4,2:</b> “Todos os dias”.</p> <p><b>E4,3:</b> “Todas as semanas, às vezes várias vezes durante a semana. E ela fica toda contente, principalmente quando vêm os netos e a irmã de quem ela gosta muito, porque cresceram juntas”.</p> <p><b>E4,4:</b> “Bom... antigamente vinha a Portugal duas vezes por ano, só que depois a minha mãe zangou-se e estive 5 anos sem vir cá. Só vim para enterrar a minha mãe. Depois estive 2 anos sem vir porque o meu pai também zangou-se e depois tornei a vir no mês de Agosto de 2012 e agora estou aqui”.</p>	<p><b>E4,1:</b> “No Porto, era mais esporádico. Mas agora todos os dias”.</p> <p><b>E4,2:</b> “Todos os dias”.</p> <p><b>E4,3:</b> “Todas as semanas, (...)”.</p> <p><b>E4,4:</b> “(...) vinha duas vezes por ano, (...) estive 5 anos sem vir cá. (...) Depois estive 2 anos sem vir (...) depois tornei a vir (...) 2012 e agora (...)”.</p>

<p><b>E4,5:</b> “Todas as semanas o visito e ao Sábado vamos lanchar”.</p> <p><b>E4,6:</b> “Diariamente”.</p> <p><b>E4,7:</b> “Não venho muitas. Agora venho mais porque estão cá os dois. Antes tinha que me dividir, porque sou a que moro mais próximo e era eu que assistia sempre ao meu pai sempre que podia. Mais ao fim de semana, mas mesmo durante a semana cuidava da roupa, levava as compras..., e ao fim-de-semana é que ia fazer uma limpezita à casa... No resto ele ia-se orientando, até ao dia em que lhe deu o AVC, ficou impossibilitado. Não sei se interessa, mas eu posso explicar melhor, porque no início não vinha muito. Inicialmente, eu não aceitei muito bem a vinda da minha mãe para aqui. Eu estava muito apegada à minha mãe e ao meu pai. Sempre dediquei muito da minha vida aos dois, mesmo depois de casada. E então eu não aceitei muito bem, porque achava que tinha que criar condições para os poder manter em casa, só que não é possível. No meio de 8 irmãos não é possível, uns pensam de uma maneira, outros têm a sua vida organizada. Quando dei por mim, estava a manipulá-los, aí comecei a pensar que não queria ouvir dizer os meus irmãos que estão assim por minha culpa, que se ela estivesse entregue... Dei por ela depois de a minha mãe estar aqui há uns mesitos, quando comecei a vir, com a ajuda das doutoras. Depois como a minha mãe ia sempre a casa aos fins-de-semana, eu evitava vir aqui ao máximo. O fim-de-semana para mim chegava. Durante a semana vinham as minhas irmãs, porque os meus irmãos também não frequentam muito aqui. Agora, desde que veio para cá também o meu pai, tento vir o máximo que posso. Pelo menos uma vez por semana venho”.</p> <p><b>E4,8:</b> “Se não vier mais vezes, pelo menos, semanalmente venho e depois sou eu que lhe trago cá alguns amigos”.</p> <p><b>E4,9:</b> “De três em três meses e nas épocas festivas”.</p> <p><b>E4,10:</b> “Todas as semanas, sem exceção”.</p> <p><b>E4,11:</b> “Vejo-o quase todos os dias. Ele não para em casa. Se não somos nós, ele vai lá para casa”.</p> <p><b>E4,12:</b> “Uma vez por mês”.</p> <p><b>E4,13:</b> “Todos os dias. A minha mãe agora acamou por causa das artroses. Eu antes até vinha mais por obrigação, para a minha mãe se pôr a pé. Mas agora já não aguenta das pernas”.</p> <p><b>E4,14:</b> “Normalmente é uma vez por semana”.</p> <p><b>E4,15:</b> “Todos os dias. Só se às vezes não puder. E ela pode-o comprovar. Por exemplo, ontem disse à minha mulher, que trabalha cá, para a avisar que não vinha porque tinha umas coisas para fazer, mas depois saí mais cedo do trabalho para vir cá”.</p> <p><b>E4,16:</b> “Não muito, mas praticamente quase todos os fins-de-semana”.</p>	<p><b>E4,5:</b> “Todas as semanas (...)”.</p> <p><b>E4,6:</b> “Diariamente”.</p> <p><b>E4,7:</b> “(...). Pelo menos uma vez por semana venho”.</p> <p><b>E4,8:</b> “(...), pelo menos, semanalmente venho (...)”.</p> <p><b>E4,9:</b> “De três em três meses e nas épocas festivas”.</p> <p><b>E4,10:</b> “Todas as semanas, (...)”.</p> <p><b>E4,11:</b> “Vejo-o quase todos os dias. (...)”.</p> <p><b>E4,12:</b> “Uma vez por mês”.</p> <p><b>E4,13:</b> “Todos os dias. (...)”.</p> <p><b>E4,14:</b> “(...) uma vez por semana”.</p> <p><b>E4,15:</b> “Todos os dias. (...)”.</p> <p><b>E4,16:</b> “(...) quase todos os fins-de-semana”.</p>
--	---

<p><b>E4,17:</b> “A minha esposa como trabalha mais longe de Vizela vem cá ao fim-de-semana, ao Sábado ou Domingo. Eu, quando saio mais cedo do trabalho, que é às 17h00, passo cá todos os dias, se ficar a dar horas, então já não posso”.</p> <p><b>E4,18:</b> “15 em 15 dias ou 3 em 3 semanas venho vê-la”.</p> <p><b>E4,19:</b> “Todos os dias vou lá jantar”.</p> <p><b>E4,20:</b> “Só mesmo quando venho cá. Ele não vai lá baixo. Uma vez por ano. Fica muito caro as viagens”.</p> <p><b>E4,21:</b> “Normalmente venho duas a três vezes por semana. Se vier menos, normalmente vêm os meus filhos”.</p> <p><b>E4,22:</b> “Todos os dias”.</p> <p><b>E4,23:</b> “Bem. Não venho cá de propósito para a ver. A minha mãe venho ver todos os dias, então dou um beijinho a ela e dou um beijinho à minha mãe. Mas estou mais com a minha mãe”.</p> <p><b>E4,24:</b> “Muito longe a longe. Talvez uma vez por mês”.</p> <p><b>E4,25:</b> “Ela é que vem cá constantemente. Vemo-nos habitualmente todas as semanas”.</p> <p><b>E4,26:</b> “Quando vem a reforma e depois mais duas vezitas”.</p> <p><b>E4,27:</b> “Todos os dias porque vive lá em casa comigo (risos)”.</p> <p><b>E4,28:</b> “Antes não ia, agora vou lá todos os dias por causa dos assaltos que estão a ocorrer, menos aos domingos. De manhã vou caminhar e vou lá”.</p> <p><b>E4,29:</b> “Quando venho a Portugal. Eu agora estou na reforma, venho seis em seis meses”.</p> <p><b>E4,30:</b> “Agora tenho vindo menos vezes, mas no princípio vinha diariamente. Pelo menos duas vezes por semana venho”.</p> <p><b>E4,31:</b> “Difícilmente há um dia em que não a veja. Ela está sempre à espera que alguém a visite e se não vier ela fica triste”.</p> <p><b>E4,32:</b> “Agora preocupo-me mais com ele, do que antes quando estava aqui. Telefono mais vezes. É engraçado, como sinto mais. Mesmo ele diz que se sente mais só. Eu já lhe disse que se ele mudasse que podia ir para</p>	<p><b>E4,17:</b> “(...) passo cá todos os dias, (...)”.</p> <p><b>E4,18:</b> “15 em 15 dias ou 3 em 3 semanas venho vê-la”.</p> <p><b>E4,19:</b> “Todos os dias (...)”.</p> <p><b>E4,20:</b> “(...) Uma vez por ano. (...)”.</p> <p><b>E4,21:</b> “(...) duas a três vezes por semana. (...)”.</p> <p><b>E4,22:</b> “Todos os dias”.</p> <p><b>E4,23:</b> “(...) Não venho cá de propósito (...). A minha mãe venho ver todos os dias, então dou um beijinho a ela (...)”.</p> <p><b>E4,24:</b> “(...) uma vez por mês”.</p> <p><b>E4,25:</b> “(...) Vemo-nos habitualmente todas as semanas”.</p> <p><b>E4,26:</b> “Quando vem a reforma e depois mais duas vezitas”.</p> <p><b>E4,27:</b> “Todos os dias (...)”.</p> <p><b>E4,28:</b> “Antes não ia, agora vou lá todos os dias (...)”.</p> <p><b>E4,29:</b> “(...) seis em seis meses”.</p> <p><b>E4,30:</b> “(...) Pelo menos duas vezes por semana venho”.</p> <p><b>E4,31:</b> “Difícilmente há um dia em que não a veja. (...)”.</p> <p><b>E4,32:</b> “(...) não deixo passar mais de uma semana, (...)”.</p>
--	--

	<p>minha casa. Mas não deixo passar mais de uma semana, se não vier eu vem o meu namorado”.</p> <p><b>E4,33:</b> “Muito longe a longe. Talvez uma vez por mês”.</p> <p><b>E4,34:</b> “Não muitas mas sempre que posso. Uma vez por mês para saber como ela está e se está tudo bem, mas nem sempre me é possível porque trabalho e ocupa-me imenso tempo”.</p> <p><b>E4,35:</b> “É assim. Eu não tenho muito tempo, se tivesse a minha irmã e a minha mãe iam para a minha casa, ficava com elas. Não tenho muito tempo para vir aqui, mas normalmente, venho uma vez por semana. Ultimamente é que não tenho vindo porque estive a trabalhar e assim não tive hipótese”.</p> <p><b>E4,36:</b> “Desde que está aqui ainda não vim nenhuma vez, é a primeira vez. Na Unidade fui umas três a quatro vezes”.</p> <p><b>E4,37:</b> “Isso depende muito das alturas. Ultimamente tenho tentado que as visitas sejam mais curtas. Estou a tentar que sejam de duas em duas ou de três em três semanas”.</p> <p><b>E4,38:</b> “Venho com bastante frequência. Ao vir à minha mãe, pergunto-lhe se precisa de alguma coisa. Duas vezes por semana”.</p> <p><b>E4,39:</b> “Ao meu pai vou visitá-lo todos os sábados, porque não anda, não fala. E vou só ao sábado porque sei que está bem. Está melhor do que aqui. A minha mãe... eu não vou visitar a minha mãe, porque ela tem perninhas. Ela sempre que quer alguma coisa vem cá a casa. Só vem quando quer, precisa. Quando vem já sei que vem pedir alguma coisa para o meu irmão que é toxicodependente”.</p> <p><b>E4,40:</b> “Duas vezes por semana, em casa e não na instituição”.</p> <p><b>E4,41:</b> “Vejo com muita frequência”.</p> <p><b>E4,42:</b> “Uma vez por semana. Trabalho de manhã à noite não tenho disponibilidade. Venho só ao domingo. Se não puder vir tenho que lhe telefonar, se não ela fica logo doente”.</p> <p><b>E4,43:</b> “Com frequência”.</p> <p><b>E4,44:</b> “Vejo-a assim regularmente, ultimamente não, porque trabalho e não tenho tanto tempo para estar com ela. Mas a minha mãe uma vez mês vai buscá-la para ela não estar lá sozinha. Mas vejo-a e falo com ela muitas vezes”.</p> <p><b>E4,45:</b> “Quinze em quinze dias”.</p> <p><b>E4,46:</b> “Se não for durante a semana, ao fim-de-semana estou sempre lá”.</p>	<p><b>E4,33:</b> “(...) uma vez por mês”.</p> <p><b>E4,34:</b> “(...) Uma vez por mês (...)”.</p> <p><b>E4,35:</b> “(...) uma vez por semana. (...)”.</p> <p><b>E4,36:</b> “(...) é a primeira vez. Na Unidade fui umas três a quatro vezes”.</p> <p><b>E4,37:</b> “(...) Estou a tentar que sejam de duas em duas ou de três em três semanas”.</p> <p><b>E4,38:</b> “(...) Duas vezes por semana”.</p> <p><b>E4,39:</b> “Ao meu pai vou visitá-lo todos os Sábados, (...) não vou visitar a minha mãe, porque ele tem perninhas. (...)”.</p> <p><b>E4,40:</b> “Duas vezes por semana, (...)”.</p> <p><b>E4,41:</b> “Vejo com muita frequência”.</p> <p><b>E4,42:</b> “Uma vez por semana. (...)”.</p> <p><b>E4,43:</b> “Com frequência”.</p> <p><b>E4,44:</b> “Vejo-a assim regularmente, (...). Mas a minha mãe uma vez mês vai buscá-la (...)”.</p> <p><b>E4,45:</b> “Quinze em quinze dias”.</p> <p><b>E4,46:</b> “(...), ao fim-d-semana estou sempre lá”.</p>
--	--	---

	<p><b>E4,47:</b> “O meu local de trabalho é mesmo ao lado. Não vou lá todos os dias, mas semanalmente vou lá e qualquer coisa que ele precise, liga-me e sabe que em cinco minutos estou lá”.</p> <p><b>E4,48:</b> “Estou todos os dias e toda a hora porque vivemos juntos”.</p> <p><b>E4,49:</b> “Duas vezes semana”.</p> <p><b>E4,50:</b> “Normalmente uns três dias por semana”.</p> <p><b>E4,51:</b> “Semanalmente”.</p> <p><b>E4,52:</b> “(risos) Todos os dias. Ela vive comigo (risos)”.</p> <p><b>E4,53:</b> “Várias vezes porque sou eu que compro tudo lá para casa, tenho de ir lá várias vezes durante a semana”.</p> <p><b>E4,54:</b> “Eles vivem comigo. (risos)”.</p> <p><b>E4,55:</b> “Tenho pouco tempo para visitá-lo, mas espero ter mais tempo quando acabar o meu curso, ele também merece. Venho relativamente pouco, também trabalho ao sábado. Basicamente só tenho o domingo”.</p> <p><b>E4,56:</b> “Estamos todos os dias, pelo menos de manhã e ao fim do dia. Se calhar não tanto como ela queria, mas compreende que temos a nossa vida”.</p> <p><b>E4,57:</b> “Eu tento ir lá todas as semanas duas a três vezes por semana. Mas ao fim-de-semana vou sempre”.</p> <p><b>E4,58:</b> “Todos os dias. Eu venho três vezes, mas na minha ausência estão os meus irmãos. A minha irmã está cá toda a tarde. Os meus irmãos também vêm. Vimos rotativamente durante o dia. Nós nem queríamos que ela aqui dormisse sozinha, ou vinha dormir a nossa casa ou vínhamos nós, rotativamente cá dormir. Ela é que não quer ir para lado nenhum, quer ficar sempre aqui”.</p> <p><b>E4,59:</b> “Se calhar, eu reconheço que os devia visitar mais vezes. Reconheço isso, mas também tenho uma vida muito ocupada, estou ligado a muitas associações e... (pausa) se calhar é errado, mas são as contingências da vida. Mas ao fim-de-semana costumo ir. Sempre dentro do possível procuro visitá-los”.</p> <p><b>E4,60:</b> “Vou lá três, quatro, cinco vezes por semana”.</p> <p><b>E4,61:</b> “Dependendo dos momentos, varia entre visita diária a duas a três visitas semanais”.</p> <p><b>E4,62:</b> “Eles vivem comigo, todos os dias, a toda a hora”.</p>	<p><b>E4,47:</b> “(...) semanalmente (...)”.</p> <p><b>E4,48:</b> “Estou todos os dias (...)”.</p> <p><b>E4,49:</b> “Duas vezes semana”.</p> <p><b>E4,50:</b> “(...) três dias por semana”.</p> <p><b>E4,51:</b> “Semanalmente”.</p> <p><b>E4,52:</b> “Todos os dias. (...)”.</p> <p><b>E4,53:</b> “(...) várias vezes durante a semana”.</p> <p><b>E4,54:</b> “Eles vivem comigo”.</p> <p><b>E4,55:</b> “(...) Venho relativamente pouco, (...)”.</p> <p><b>E4,56:</b> “Estamos todos os dias, (...)”.</p> <p><b>E4,57:</b> “Eu tento ir (...) duas a três vezes por semana. Mas ao fim-de-semana vou sempre”.</p> <p><b>E4,58:</b> “Todos os dias. (...)”.</p> <p><b>E4,59:</b> “(...) ao fim-de-semana costumo ir. (...)”.</p> <p><b>E4,60:</b> “Vou lá três, quatro, cinco vezes por semana”.</p> <p><b>E4,61:</b> “(...) varia entre visita diária a duas a três visitas semanais”.</p> <p><b>E4,62:</b> “(...) todos os dias (...)”.</p>
--	--	--

	<b>E4,63:</b> “Três vezes por mês”.	<b>E4,63:</b> “Três vezes por mês”.
Tem alguns momentos especiais em que lhe dá maior atenção?	<p><b>E5,1:</b> “Sim. Nos aniversários. O Natal passam sempre comigo. A Páscoa nem tanto. Mas nestas datas dou mais atenção”.</p> <p><b>E5,2:</b> “Damos. No Natal, nunca está sozinha. Vai comigo ou com os meus irmãos. Quando faz anos reunimo-nos todos na casa dela, ou pagamos-lhe o jantar ou compramos coisas e vamos lá jantar. Procuramos lembrar sempre essas datas para que ela se sinta um pouco (pausa) mais cheinha”.</p> <p><b>E5,3:</b> “Às vezes, nos momentos certos. Quando estou com ela faço-lhe perguntas daqui, preocupo-me em saber se está bem”.</p> <p><b>E5,4:</b> “Não. São todos os iguais”.</p> <p><b>E5,5:</b> “Não. O meu pai é um homem muito rude e duro. Mas eu faço tudo para lhe agradar. Eu vivo todos os dias em função dele. Agora, a forma como o trato? Eu trato-o sempre bem. Seja no Natal como noutro dia. Acompanhei-o mais quando faleceu a minha mãe. Nesta fase, ainda agora que está numa fase boa, se calhar a melhor dele. Eu compreendo-o perfeitamente. Ele encontrou nesta namorada tudo aquilo que ele nunca teve, a minha mãe que me perdoe. Se alguém compreende o que ele está a sentir sou eu. Muita gente o deve andar a criticar, mas eu apoio-o. O meu pai tem poucos anos de vida, por isso tem que aproveitar agora”.</p> <p><b>E5,6:</b> “Sim. Há momentos em que se dá mais atenção. Quando está doente, nesses dias dá-se mais atenção. No dia de anos, dia da mãe são dias sagrados”.</p> <p><b>E5,7:</b> “Sim. Por exemplo o dia da mãe, o dia da mulher. Mas neste momento à minha mãe já lhe passa tudo ao lado. Já deu valor, agora já não. Agora não liga nenhuma. Por causa da doença dela já não associa. O meu como é Testemunha de Jeová não dá importância”.</p> <p><b>E5,8:</b> “Nas festas de anos”.</p> <p><b>E5,9:</b> “Aniversário”.</p> <p><b>E5,10:</b> “Não esqueço os dias importantes e festivos mas dou-lhe sempre muita atenção no dia a dia”.</p> <p><b>E5,11:</b> “Não”.</p> <p><b>E5,12:</b> “Nas alturas festivas”.</p> <p><b>E5,13:</b> “É igual. Eu não sou de exprimir muito as coisas”.</p> <p><b>E5,14:</b> “Não. Acabam por ser todos iguais. Nos anos procuro levá-la sempre a almoçar fora, fazer alguma coisa de diferente. No Natal, na Páscoa, nas alturas em que podem mexer mais emocionalmente com ela. O meu irmão</p>	<p><b>E5,1:</b> “Sim. Nos aniversários. O Natal (...). A Páscoa (...).”.</p> <p><b>E5,2:</b> “Damos. No Natal, (...). Quando faz anos (...).”.</p> <p><b>E5,3:</b> “Às vezes, nos momentos certos. (...), preocupo-me em saber se está bem”.</p> <p><b>E5,4:</b> “Não. São todos os iguais”.</p> <p><b>E5,5:</b> “Não. O meu pai é um homem muito rude e duro. (...).”.</p> <p><b>E5,6:</b> “Sim. (...). Quando está doente, (...). No dia de anos, dia da mãe (...).”.</p> <p><b>E5,7:</b> “Sim. (...) dia da mãe, o dia da mulher. (...) O meu como é Testemunha de Jeová não dá importância”.</p> <p><b>E5,8:</b> “Nas festas de anos”.</p> <p><b>E5,9:</b> “Aniversário”.</p> <p><b>E5,10:</b> “Não esqueço os dias importantes e festivos (...).”.</p> <p><b>E5,11:</b> “Não”.</p> <p><b>E5,12:</b> “Nas alturas festivas”.</p> <p><b>E5,13:</b> “É igual. (...).”.</p> <p><b>E5,14:</b> “Não. Acabam por ser todos iguais. Nos anos (...). No Natal, na Páscoa, (...).”.</p>

<p>que está em Angola, quando está cá, normalmente é ele que vai almoçar com ela ao fim-de-semana”.</p> <p><b>E5,15:</b> “Sim. Nos aniversários, no Natal, Páscoa. É normal, porque são dias diferentes”.</p> <p><b>E5,16:</b> “Sim. Normalmente quando ela faz anos, quando há festas vai a casa, seja dela seja da família”.</p> <p><b>E5,17:</b> “Sim. Claro! Nas alturas das festas. Principalmente no Natal, Páscoa e anos é a altura que damos mais atenção. Mesmo os filhos, no dia do pai”.</p> <p><b>E5,18:</b> “São todos iguais. Cada vez que venho é útil”.</p> <p><b>E5,19:</b> “Todos os dias, principalmente quando estamos à mesa, ao jantar”.</p> <p><b>E5,20:</b> “Telefone-lhe para umas vizinhas. Se ele tivesse um telemóvel era mais fácil. Assim temos que estar dependentes das vizinhas. É só quando eu sei que ele está lá”.</p> <p><b>E5,21:</b> “Faço sempre por dar mais atenção, pelo menos nos dias mais festivos, nos dias em que há alguma coisas relacionada com a família, aniversários, algum dia especial para eles ou para nós, faço os possíveis por estar mais presente. Normalmente eles iam sempre lá. Se não era em casa da mãe era em casa da filha”.</p> <p><b>E5,22:</b> “Ao final de semana, pois é a parte da semana em que estou mais presente em casa e em que a minha mãe não tem o centro de dia”.</p> <p><b>E5,23:</b> “É sempre a mesma coisa”.</p> <p><b>E5,24:</b> “Não”.</p> <p><b>E5,25:</b> “Eu conheço-a muito bem, não é? E eu percebo pela maneira dela falar, pela maneira dela se..., olhe, ela não é muito de se sentar, de parar. Se ela se sentar muito comigo, é porque ela tem alguma coisa para me dizer. E há uma mágoa, um desabafo, um amuo com alguém (risos). Já a conheço tanto que acho que esses são os nossos momentos especiais”.</p> <p><b>E5,26:</b> “Quando a minha irmã me liga a dizer que ele está mal, venho cá vê-lo”.</p> <p><b>E5,27:</b> “Quando ele está mais debilitado ou assim, claro que estou mais perto dele, dou-lhe mais carinho”.</p> <p><b>E5,28:</b> “Quando ela está doente ou quando ela se queixa”.</p> <p><b>E5,29:</b> “Pois. Nos anos. Sou eu que organizo”.</p>	<p><b>E5,15:</b> “Sim. Nos aniversários, no Natal, Páscoa (...).”.</p> <p><b>E5,16:</b> “Sim. Normalmente quando ela faz anos, quando há festas (...).”.</p> <p><b>E5,17:</b> “Sim. Claro! Nas alturas das festas, (...) no Natal, Páscoa e anos (...), no dia do pai”.</p> <p><b>E5,18:</b> “São todos iguais. (...)”.</p> <p><b>E5,19:</b> “Todos os dias, (...)”.</p> <p><b>E5,20:</b> “Telefone-lhe (...)”.</p> <p><b>E5,21:</b> “(...) dias mais festivos, (...), aniversários, algum dia especial para eles ou para nós, (...)”.</p> <p><b>E5,22:</b> “Ao final de semana (...)”.</p> <p><b>E5,23:</b> “É sempre a mesma coisa”.</p> <p><b>E5,24:</b> “Não”.</p> <p><b>E5,25:</b> “(...) eu percebo pela maneira dela falar, (...). Se ela se sentar muito comigo, é porque ela tem alguma coisa para me dizer. (...) acho que esses são os nossos momentos especiais”.</p> <p><b>E5,26:</b> “Quando a minha irmã me liga a dizer que ele está mal, (...)”.</p> <p><b>E5,27:</b> “Quando ele está mais debilitado (...)”.</p> <p><b>E5,28:</b> “Quando ela está doente (...)”.</p> <p><b>E5,29:</b> “(...) Nos anos. (...)”.</p>
---	--

<p><b>E5,30:</b> “Tenho. Quando andam mais em baixo. À minha mãe custou-lhe muito deixar a casa e anda muitas vezes na mó de baixo e eu tento compensar isso. Tento dar ânimo. Não é que eles não gostem de cá estar, custa-lhe o que tiveram de deixar”.</p> <p><b>E5,31:</b> “Bom. É lógico. Quando ela está mais em baixo, doente, dou-lhe mais atenção, preocupo-me mais. Quando anda a choramingar. Nas festas também. Tento ser compreensiva”.</p> <p><b>E5,32:</b> “Sinceramente, são todos iguais. Sabe que a nossa educação nunca foi dada com muito carinho e agora não há aquele carinho. Por exemplo a minha mãe. Ela percebeu que tinha que mudar e mudou, já está mais presente. Acho que eles nunca foram preparados para nos dar carinho. A vida deles também não foi fácil”.</p> <p><b>E5,33:</b> “Não. Porque acho que essa obrigação é dos filhos, não é minha. Mas sei que os filhos não lhe dão muita atenção porque ele também não foi um pai presente”.</p> <p><b>E5,34:</b> “Sim... alguns momentos de convívio que tivemos em mais novas juntas”.</p> <p><b>E5,35:</b> “Sim. Nas festas. Por acaso esta Páscoa foi ao meu irmão. Mas normalmente vai sempre à minha casa”.</p> <p><b>E5,36:</b> “Olhe! Os anos, sou franca, eu nem sei em que dia faz anos. Era mais na ocasião do Natal e da Páscoa que eu ia lá”.</p> <p><b>E5,37:</b> “Eu quando venho visitá-la, nos momentos em que a venho visitar, o nível de atenção e de aprofundamento das questões e tudo mais é quase sempre semelhante. Claro que se soubermos que ela teve algum problema, que se está a queixar de alguma coisa em particular, claro que tento direcionar mais para aí para ver o que podemos fazer e depois falo com o meu pai. Mas o tipo de atenção e dedicação é sempre muito semelhante”.</p> <p><b>E5,38:</b> “Na altura do Natal”.</p> <p><b>E5,39:</b> “Não. É sempre igual”.</p> <p><b>E5,40:</b> “Sim, tais como no seu aniversário e nas datas em que se sente mais frágil; como por exemplo, data da morte de falecimento do meu avô, Natal, Páscoa, etc”.</p> <p><b>E5,41:</b> “Quando estou com ele dou-lhe miminhos”.</p> <p><b>E5,42:</b> “Tento dar, mas às vezes ela não quer”.</p> <p><b>E5,43:</b> “Os filhos revezam-se nas limpezas da casa, desde que a minha sogra faleceu. E eu passo lá com frequência para estar com ele. Há coisas que ele me diz que não diz aos filhos”.</p>	<p><b>E5,30:</b> “(...) Quando andam mais em baixo. (...)”.</p> <p><b>E5,31:</b> “Bom. É lógico. Quando ela está mais em baixo, doente, (...). Nas festas também. (...)”.</p> <p><b>E5,32:</b> “Sinceramente, são todos iguais. (...)”.</p> <p><b>E5,33:</b> “Não. Porque acho que essa obrigação é dos filhos, (...)”.</p> <p><b>E5,34:</b> “Sim... nalguns momentos de convívio (...)”.</p> <p><b>E5,35:</b> “Sim. Nas festas. (...)”.</p> <p><b>E5,36:</b> “(...) Natal e da Páscoa (...)”.</p> <p><b>E5,37:</b> “(...) o tipo de atenção e dedicação é sempre muito semelhante”.</p> <p><b>E5,38:</b> “Na altura do Natal”.</p> <p><b>E5,39:</b> “Não. É sempre igual”.</p> <p><b>E5,40:</b> “Sim, (...) aniversário e nas datas em que se sente mais frágil; (...), Natal, Páscoa, etc”.</p> <p><b>E5,41:</b> “Quando estou com ele dou-lhe miminhos”.</p> <p><b>E5,42:</b> “Tento dar, mas às vezes ela não quer”.</p> <p><b>E5,43:</b> “(...) eu passo lá com frequência para estar com ele. (...)”.</p>
--	---

<p><b>E5,44:</b> “Sim. Sim. No Natal e Ano Novo passa sempre comigo. Ela para breve está para fazer anos, nós ligamos-lhe, cantamos-lhe os Parabéns. Se for ao fim-de-semana, levamo-la a comer em nossa casa. Fazemos o normal como se costuma fazer a toda a gente”.</p> <p><b>E5,45:</b> “Talvez no Natal, festas específicas”.</p> <p><b>E5,46:</b> “Normalmente, quando... a minha mãe é uma pessoa que está sempre triste. Então digo sempre algumas palavrinhas. Foi desde que faleceu o meu irmão. Está ali. Só pensa nos filhos e nos netos. Sempre. Está sempre preocupada. Se acontece alguma coisa começa logo a chorar. Ela preocupa-se mais do que o meu pai”.</p> <p><b>E5,47:</b> “Não. Olhe. Dei-lhe mais atenção na altura quando ele veio e mesmo depois quando ele pôs a prótese, aquela adaptação da prótese, porque não se adaptou muito bem e sentia-se incomodado. Prontos. Mais nessa altura. De resto não. Portanto, eu nunca convivi, nunca tive assim uma ligação muito próxima dele, porque vivia em Guimarães, tinha a família dele. Eu acabei por me aproximar mais agora desde que o meu pai faleceu. A parte familiar agora do meu pai, somos só nós, os sobrinhos”.</p> <p><b>E5,48:</b> “Sim. No final do almoço, ele está à minha espera para tomarmos o pequeno-almoço e para irmos ao cemitério. Depois estou com ele até às 16h00”.</p> <p><b>E5,49:</b> “Sim. Dou-lhe sempre. Quando ela está doente, quando anda mais em baixo”.</p> <p><b>E5,50:</b> “Sim. Sempre que há festas. Normalmente, aos fins-de-semana, se ela quisesse vir almoçar comigo sempre a minha casa. Mas ela não quer, é muito caseira, dá-se muito à cama. Mas, normalmente, todas as festas, anos, Natal, Páscoa é só comigo que ela vai. Infelizmente não há mais ninguém...”.</p> <p><b>E5,51:</b> “Sim. Nos anos, na Páscoa, no Natal. Os filhos já sabem que se não vierem cá, a casa onde ele vai é à minha”.</p> <p><b>E5,52:</b> “É sempre igual. Eu chego ao pé dela, vejo-a ali assim deitada, faço-lhe festinhas”.</p> <p><b>E5,53:</b> “Sim. Ao domingo quando vai almoçar a minha casa”.</p> <p><b>E5,54:</b> “Não tenho tempo para momentos especiais. Infelizmente. (risos) infelizmente. Os dias são todos mais ou menos iguais”.</p> <p><b>E5,55:</b> “Talvez sejam todos iguais. Posso marcar no dia dos avós, aniversários, mas acho que é sempre igual”.</p> <p><b>E5,56:</b> “Eh pá. Isso é um bocado relativo. Nós temos uma vida muito ocupada. Nós damos-lhe aquela atenção possível. Não vou dizer que se calhar marco mais uns dias”.</p>	<p><b>E5,44:</b> “Sim. Sim. No Natal e Ano Novo (...) anos, (...)”.</p> <p><b>E5,45:</b> “Talvez no Natal, festas específicas”.</p> <p><b>E5,46:</b> “Normalmente, (...) a minha mãe é uma pessoa que está sempre triste. Então digo sempre algumas palavrinhas. (...)”.</p> <p><b>E5,47:</b> “Não. (...)”.</p> <p><b>E5,48:</b> “Sim. No final do almoço, (...)”.</p> <p><b>E5,49:</b> “Sim. (...). Quando ela está doente, (...) mais em baixo”.</p> <p><b>E5,50:</b> “Sim. (...) todas as festas, anos, Natal, Páscoa (...)”.</p> <p><b>E5,51:</b> “Sim. Nos anos, na Páscoa, no Natal. (...)”.</p> <p><b>E5,52:</b> “É sempre igual. (...)”.</p> <p><b>E5,53:</b> “Sim. Ao domingo (...)”.</p> <p><b>E5,54:</b> “(...) Os dias são todos mais ou menos iguais”.</p> <p><b>E5,55:</b> “(...) Posso marcar no dia dos avós, aniversários, mas acho que é sempre igual”.</p> <p><b>E5,56:</b> “(...) Nós damos-lhe aquela atenção possível. (...)”.</p>
---	--

	<p><b>E5,57:</b> “Não. É sempre igual. A atenção é igual”.</p> <p><b>E5,58:</b> “Acho que sim. A gente dá-lhe sempre atenção, mas há momentos em que a gente... é diferente”.</p> <p><b>E5,59:</b> “Sim. Há estas épocas festivas ao longo do ano que eu não as deixo passar em branco. Levo-lhes prendas, pequenas lembranças, não é que isso seja muito significativo, mas pelo menos demonstrar-lhe algum carinho e tentar-lhes mostrar que me lembro daqueles dias”.</p> <p><b>E5,60:</b> “Tenho, tenho. Eu noto quando ela está mais em baixo”.</p> <p><b>E5,61:</b> “Sim, sempre que verifique a necessidade de melhora possível, do seu estado geral de saúde”.</p> <p><b>E5,62:</b> “A todas as horas em que lhe possa dar atenção, eu dou-lhe. Mas às vezes também fuge-me da cabeça, eu passo-me e dou meia volta e ponho-me a andar. Sou-lhe sincera”.</p> <p><b>E5,63:</b> “Dias temáticos”.</p>	<p><b>E5,57:</b> “Não. É sempre igual. (...)”.</p> <p><b>E5,58:</b> “Acho que sim. (...) há momentos em que a gente... é diferente”.</p> <p><b>E5,59:</b> “Sim. Há estas épocas festivas ao longo do ano (...)”.</p> <p><b>E5,60:</b> “Tenho, (...) quando ela está mais em baixo”.</p> <p><b>E5,61:</b> “Sim, sempre que verifique a necessidade (...)”.</p> <p><b>E5,62:</b> “A todas as horas em que lhe possa dar atenção (...)”.</p> <p><b>E5,63:</b> “Dias temáticos”.</p>
<p>Sabe se outros familiares e/ou amigos costumam visitar?</p>	<p><b>E6,1:</b> “Há! Não muitos, mas há. Os familiares de lá são poucos e visitavam-nos pouco. Dois casais amigos visitavam-nos. Os vizinhos, de momento eram mais familiares que os próprios familiares”.</p> <p><b>E6,2:</b> “Sim. Há um menino de quem ela cuidou desde pequenino, desde os três meses. Vai lá muita vez. É como um neto. E os pais com ele frequentemente a visitam. As irmãs dela, uma chatearam-se quando a minha avó faleceu e nunca mais falaram, embora eu sei que a minha mãe gosta muito da minha tia e sente muito em ela a não visitar, mas o orgulho (pausa), não sei. Lá são coisas delas. A minha irmã, como lhe disse, vive perto e faz o que pode, passa lá dia sim, dia não. O meu irmão balda-se um bocado. Por exemplo, quando a mãe veio para o Centro de Dia, ele não soube, porque nunca atendia o telefone, ou porque estava sempre ocupado. Eu sei que a minha mãe sente isso. Às vezes eu até sinto ciúmes, porque ele como a visita pouco faz-lhe sempre uma grande festa, eu como vou lá todos os dias, ela não liga nenhuma, às vezes dá-me raspanetes. Eu entendo, porque a idade não ajuda muito, mas sinto”.</p> <p><b>E6,3:</b> “Sim tem. Porque acaso tem. É engraçado, não sei se conhece a história da minha mãe..., mas é engraçado porque visitam-na mais vezes as irmãs do meu pai, do que as dela. Ela é muito reservada, mas tem amigos”.</p> <p><b>E6,4:</b> “Não. Está sozinho com o meu irmão Paulinho, aquele que tem Trissomia 21”.</p> <p><b>E6,5:</b> “Tenho os irmãos. Os amigos não, porque já faleceram e ele agora não criou amizades”.</p> <p><b>E6,6:</b> “Sim. Familiares. Essencialmente irmãos. Amigos já têm vindo cá, mas não tanto. Mas alguns gostariam</p>	<p><b>E6,1:</b> “(...) Não muitos, mas há. Os familiares de lá são poucos e visitavam-nos pouco. Dois casais amigos visitavam-nos. (...)”.</p> <p><b>E6,2:</b> “Sim. Há um menino de quem ela cuidou desde pequenino, (...) A minha irmã, (...)”.</p> <p><b>E6,3:</b> “Sim tem. (...) as irmãs do meu pai, (...) tem amigos”.</p> <p><b>E6,4:</b> “Não. Está sozinho com o meu irmão Paulinho (...)”.</p> <p><b>E6,5:</b> “Tenho os irmãos. (...)”.</p> <p><b>E6,6:</b> “Sim. Familiares. (...)”.</p>

<p>de vir mas não podem. Depende dos meios que as pessoas têm de transportes”.</p> <p><b>E6,7:</b> “Sim, sim, sim. O meu pai tem amigos que o vêm visitar, as irmãs dele. As minhas irmãs também vêm cá frequentemente. Os meus irmãos não. Tenho dois irmãos que estão no estrangeiro, mas mesmo os que estão aqui não vêm. Tenho um irmão que passa aqui à porta todos os dias. A minha mãe foi sempre muito dedicada a nós, mas o meu pai não. Viveu sempre muito a vida... É assim, se nós olharmos para trás, dá-nos um bocado de ressentimento, mas um pai é um pai e tudo se perdoa na vida. E prontos. Para mim, eu não consigo não fazer, o que posso e o que não posso por eles. Ele não é capaz. É assim. Cada um é cada um. Semeia o que um dia colherá”.</p> <p><b>E6,8:</b> “Ele aqui tem muita gente amiga que o vem visitar. Tem também família. E ele normalmente, todos os dias vai à rua. Ele sempre deu muita importância aos amigos”.</p> <p><b>E6,9:</b> “Muito pouco”.</p> <p><b>E6,10:</b> “Sim, sempre que podem”.</p> <p><b>E6,11:</b> “Não há necessidade porque ele está sempre connosco”.</p> <p><b>E6,12:</b> “Muito raramente”.</p> <p><b>E6,13:</b> “Só mesmo da família mais chegada. Agora da outra família vem de longe a longe”.</p> <p><b>E6,14:</b> “Ora bem. De familiares, para além dos meus irmãos... acho que não. De familiares não vem ninguém. Agora de amigos tem alguns que vêm cá. A antiga empregada”.</p> <p><b>E6,15:</b> “Sei. A minha irmã não pode porque está em Queluz. Mas agora vai ficar com ela uns dias. O meu irmão vem pelo menos uma vez por semana, porque não pode vir cá com tanta frequência que eu venho”.</p> <p><b>E6,16:</b> “Tem uma minha irmã que venm aos fins-de-semana. Os outros estão longe é mais difícil”.</p> <p><b>E6,17:</b> “Sim. Por norma vem toda a gente. Ele tem bastantes filhos, são 9, vêm todos. Uns mais outros menos, mas aos fins-de-semana, às vezes, quase que se junta aqui a família toda”.</p> <p><b>E6,18:</b> “Tem a senhora onde ela morou. Às vezes vêm buscá-la porque têm carro e eu não tenho. Tenho que vir a pé ou de camioneta. A pé não chegava aqui então tenho de vir de camioneta”.</p> <p><b>E6,19:</b> “É assim. Os familiares vão todos ao meu pai, portanto estamos todos perto dele, porque ele vive com o meu pai. Falamos todos com ele. Depois há lá um café pertinho e ele vai sempre até lá. E lá ele tem muitos amigos. Muitos mesmo”.</p>	<p><b>E6,7:</b> “Sim, sim, sim. (...) amigos (...), as irmãs dele. As minhas irmãs (...). Os meus irmãos não. (...)”.</p> <p><b>E6,8:</b> “Ele aqui tem muita gente amiga (...) família. (...)”.</p> <p><b>E6,9:</b> “Muito pouco”.</p> <p><b>E6,10:</b> “Sim, sempre que podem”.</p> <p><b>E6,11:</b> “Não (...) ele está sempre connosco”.</p> <p><b>E6,12:</b> “Muito raramente”.</p> <p><b>E6,13:</b> “Só mesmo da família mais chegada. (...)”.</p> <p><b>E6,14:</b> “(...) os meus irmãos (...) amigos (...). A antiga empregada”.</p> <p><b>E6,15:</b> “(...) A minha irmã não pode (...). O meu irmão (...)”.</p> <p><b>E6,16:</b> “(...) uma minha irmã (...)”.</p> <p><b>E6,17:</b> “(...) toda a gente. (...)”.</p> <p><b>E6,18:</b> “Tem a senhora onde ela morou. (...)”.</p> <p><b>E6,19:</b> “(...) Os familiares (...)”.</p>
---	--

<p><b>E6,20:</b> “Não. Ele tem um filho, muito amigo dele. É a sorte dele. O filho está na Suíça”.</p> <p><b>E6,21:</b> “Sim. Os meus tios. Costumam vir aqui várias vezes”.</p> <p><b>E6,22:</b> “Sim visitam, mas não com a mesma frequência”.</p> <p><b>E6,23:</b> “É os filhos. De resto são amigos dela”.</p> <p><b>E6,24:</b> “É raro. Penso que quem vem são amigos. E acho que uma irmã”.</p> <p><b>E6,25:</b> “Geralmente não a visitamos, porque ela anda sempre na rua. (risos) Não pára. Ela própria visita as pessoas. É uma pessoa que tem sempre coisas para fazer. Visita as pessoas, anda na Universidade Sénior, anda na natação, na ginástica. Não pára...”.</p> <p><b>E6,26:</b> “Passa mais tempo sozinho em casa. Ele também tem a mania de dizer que só tem duas filhas: eu e a que mora lá à beira. E eu às vezes chateio-me por causa disso. Quando a minha mãe era viva, eu tinha combinado com os meus irmãos para irmos rotativamente aos fins-de-semana. Quando a minha mãe faleceu falei com eles para irmos na mesma para ele não estar lá sozinho. Ele começou a dizer que não precisava, então começou a ficar sozinho. Foi o que os filhos quiseram ouvir. Agora não o vêm ver”.</p> <p><b>E6,27:</b> “Talvez as irmãs dele”.</p> <p><b>E6,28:</b> “Não. Ninguém conhece a pessoa”.</p> <p><b>E6,29:</b> “Vêm. Uma irmã, de vez em quando, quando ela pode. Ela também vive aqui com o irmão. Os filhos dele também estão todos na França. Também vêm cá poucas vezes”.</p> <p><b>E6,30:</b> “Os meus irmãos vêm cá todos. Eu e a minha irmã é que vimos cá mais vezes, mas a família vem toda”.</p> <p><b>E6,31:</b> “Não. Tirando os meus irmãos, não. Mas dificilmente, ela tem um enteado e tem montes de sobrinhos. Às vezes vêm uma vez por ano. Mas tirando isso, sou eu e os meus irmãos. Ela vive encostada à minha mãe e passa lá o dia. Foge muito para lá. Os meus irmãos ao irem à minha mãe, também a vêm a ela”.</p> <p><b>E6,32:</b> “É os filhos”.</p> <p><b>E6,33:</b> “Sei que muito raramente alguém o visita. Sei que não tem relação com os filhos”.</p> <p><b>E6,34:</b> “Penso que os filhos só visitam algumas vezes pela distância geográfica”.</p> <p><b>E6,35:</b> “Sim. Amigos, não sei, mas os meus irmãos vêm. A minha irmã de Barcelos é que é mais raro vir”.</p>	<p><b>E6,20:</b> “Não. (...)”.</p> <p><b>E6,21:</b> “(...) Os meus tios. (...)”.</p> <p><b>E6,22:</b> “Sim: (...)”.</p> <p><b>E6,23:</b> “(...) filhos. (...) amigos (...)”.</p> <p><b>E6,24:</b> “(...) amigos. (...) uma irmã”.</p> <p><b>E6,25:</b> “(...) Ela própria visita as pessoas (...)”.</p> <p><b>E6,26:</b> “(...) eu e a (filha) que mora lá à beira. (...)”.</p> <p><b>E6,27:</b> “(...) irmãs dele”.</p> <p><b>E6,28:</b> “Não. (...)”.</p> <p><b>E6,29:</b> “Vêm. Uma irmã, (...). Os filhos (...)”.</p> <p><b>E6,30:</b> “Os meus irmãos vêm cá todos. (...)”.</p> <p><b>E6,31:</b> “(...) Tirando os meus irmãos, não. (...)”.</p> <p><b>E6,32:</b> “É os filhos”.</p> <p><b>E6,33:</b> “(...) muito raramente alguém o visita. (...)”.</p> <p><b>E6,34:</b> “(...) os filhos (...)”.</p> <p><b>E6,35:</b> “Sim. (...) os meus irmãos (...)”.</p>
--	--

<p><b>E6,36:</b> “Tem os sobrinhos. Tinha uma irmã que faleceu e o irmão também já faleceu. Agora só tem os sobrinhos. Tem uma cunhada que vem aqui visitá-la”.</p> <p><b>E6,37:</b> “É assim. Vem o meu pai de longe a longe. Vem o meu tio, irmão do meu pai, também de longe a longe. A minha mãe. A minha irmã, à muito tempo que não vem cá. O meu irmão é também de longe a longe que vem. Depois quanto aos restantes familiares é o marido e a senhora que está a cuidar do marido”.</p> <p><b>E6,38:</b> “Não há ninguém. Mesmo a família dela que vive aqui pertinho. Ninguém. Ela tem um feitio muito difícil. Mesmo os filhos vêm cá quinze dias de férias e não a visitam. Vêm cá uma vez”.</p> <p><b>E6,39:</b> “Ora bom. Sim. Há pessoas conhecidas”.</p> <p><b>E6,40:</b> “Sim, mas são poucos”.</p> <p><b>E6,41:</b> “Sim. Sim. A irmã, cunhado, mas uma vez por mês porque são de longe”.</p> <p><b>E6,42:</b> “Infelizmente não. É difícil. Vieram cá duas ou três vezes no máximo”.</p> <p><b>E6,43:</b> “Onde ele mora, embora seja um meio rural, ele não é muito dado... ele é muito querido, mas não tem aquelas visitas..., não é pessoa de ir ao café jogar cartas, conviver. A idade também já não lhe permite. Gosta de estar com os filhos, os genros, fora disso é a televisão”.</p> <p><b>E6,44:</b> “O meu tio com muita frequência, vai lá quase todos os dias. É ele que a leva à fisioterapia e tudo. Depois o meu tio quando vem cá da França. Os amigos: como ela tem uma senhoria estranha, ninguém gosta de ir lá, então ela é que pede para ir aos amigos”.</p> <p><b>E6,45:</b> “Sei. Os irmãos dela dois em dois meses”.</p> <p><b>E6,46:</b> “Normalmente, tinha uma prima minha que de longe a longe vinha ali visitá-los. Depois também vão os meus irmãos. Mas normalmente sou eu que vou mais vezes do que os meus irmãos”.</p> <p><b>E6,47:</b> “Acaba por estar um bocadito só. Pelo que ouço, parece que as filhas o vêm visitar. Sabe que ele vivia em Guimarães. Quer dizer, também se desligou um pouco daquela parte das amizades. Dos amigos quando ia ao café...”.</p> <p><b>E6,48:</b> “Há os filhos”.</p> <p><b>E6,49:</b> “Ela tem muitos vizinhos, mas familiares não. Acho que nunca teve”.</p> <p><b>E6,50:</b> “Tem dois casais amigos que quinze em quinze dias, três em três semanas vão visitá-la. Já enquanto o meu pai era vivo, iam lá quase sempre. Tem uma afilhada que vai lá dormir. E tenho uma irmã chegada a ela”.</p>	<p><b>E6,36:</b> “Tem os sobrinhos. (...). Tem uma cunhada (...)”.</p> <p><b>E6,37:</b> “(...). Vem o meu pai de longe a longe. Vem o meu tio, irmão do meu pai, (...). A minha mãe. A minha irmã, (...). O meu irmão (...) o marido e a senhora que está a cuidar do marido”.</p> <p><b>E6,38:</b> “Não há ninguém. (...)”.</p> <p><b>E6,39:</b> “(...) pessoas conhecidas”.</p> <p><b>E6,40:</b> “Sim, mas são poucos”.</p> <p><b>E6,41:</b> “Sim. (...) irmã, cnunhado (...)”.</p> <p><b>E6,42:</b> “Infelizmente não. (...)”.</p> <p><b>E6,43:</b> “(...) filhos, os genros, (...)”.</p> <p><b>E6,44:</b> “O meu tio (...) ela é que pede para ir aos amigos”.</p> <p><b>E6,45:</b> “Sei. Os irmãos dela (...)”.</p> <p><b>E6,46:</b> “(...) uma prima minha (...) os meus irmãos. (...)”.</p> <p><b>E6,47:</b> “(...) as filhas (...)”.</p> <p><b>E6,48:</b> “Há os filhos”.</p> <p><b>E6,49:</b> “(...) vizinhos, (...)”.</p> <p><b>E6,50:</b> “Tem dois casais amigos (...). Tem uma afilhada (...) tenho uma irmã (...)”.</p>
--	---

	<p><b>E6,51:</b> “Sim. O irmão, a minha irmã, os filhos, uma irmã dele e uma irmã minha. É que são dois irmãos casados com duas irmãs. Às vezes vêm os sobrinhos”.</p> <p><b>E6,52:</b> “Sim, sim. Os meus irmãos. Tenho mais três irmãos que vivem relativamente perto e vêm todas as semanas visitá-la. E vêm vizinhos. Ela tem muitos amigos”.</p> <p><b>E6,53:</b> “Amigos sim, tem muitos. Ela mora à beira da estrada e as pessoas que passam vão falando e às vezes juntam-se à porta, e às vezes são quem lhe deitam a mão. Familiares, tem poucos. Tem as irmãs, mas têm a vida delas, têm netos também”.</p> <p><b>E6,54:</b> “Vai. Há uma senhora que costumava ir limpar a casa deles, que vai lá às semanas. Depois tem também alguma família que vão, mas também não têm muita disponibilidade. De vez em quando vão aparecendo”.</p> <p><b>E6,55:</b> “É mais o meu pai e a minha mãe. Acho que da família dele não há muita gente”.</p> <p><b>E6,56:</b> “A minha mãe por exemplo. A minha mãe deve ser a pessoa mais chegada a ela. Todos os fins-de-semana está lá. Ao domingo à tarde está sempre com ela. Claro que às vezes se calhar queria sair, ou assim, mas nós estamos tão cansados, que ao fim-de-semana queremos é dormir, descansar. Às vezes há lá uns vizinhos que a levam a passear. Mas a minha mãe é a pessoa que lhe dá mais atenção”.</p> <p><b>E6,57:</b> “Tenho lá uma tia minha, cunhada dele, também viúva que vai lá todos os dias. Aquilo é quase como uma obrigação. Por isso, nós estamos mais... também não temos condições para o ter, temos filhos, casa... Mas essa tia minha vai lá todos os dias, diz ela que já é uma obrigação. Vai fala com ele, está ali um bocadinho e vai embora”.</p> <p><b>E6,58:</b> “Sim”.</p> <p><b>E6,59:</b> “Sim. As minhas irmãs. Tenho mais cinco irmãs e elas visitam-nos, até, se calhar, com mais frequência do que eu”.</p> <p><b>E6,60:</b> “Sim. Tem o meu tio, que desde que o meu pai faleceu vai lá todos os dias. Vive ao lado”.</p> <p><b>E6,61:</b> “Sim, visitam-na regularmente e alguns deles, várias vezes por semana”.</p> <p><b>E6,62:</b> “Têm os irmãos deles. Às vezes levo-os aos irmãos do meu pai, aos irmãos da minha mãe. Às vezes vêm eles, sobrinhos e tudo a nossa casa. Vêm visitá-los”.</p> <p><b>E6,63:</b> “Muito raramente. Há uma irmã”.</p>	<p><b>E6,51:</b> “Sim. O irmão, a minha irmã, os filhos, uma irmã dele e uma irmã minha. (...)”.</p> <p><b>E6,52:</b> “Sim, (...). Os meus irmãos. (...) amigos”.</p> <p><b>E6,53:</b> “Amigos (...)”.</p> <p><b>E6,54:</b> “(...) Há uma senhora que costumava ir limpar a casa (...) alguma família (...)”.</p> <p><b>E6,55:</b> “É mais o meu pai e a minha mãe. (...)”.</p> <p><b>E6,56:</b> “A minha mãe (...) vizinhos (...)”.</p> <p><b>E6,57:</b> “(...) cunhada dele, (...)”.</p> <p><b>E6,58:</b> “Sim”.</p> <p><b>E6,59:</b> “(...) As minhas irmãs. (...)”.</p> <p><b>E6,60:</b> “(...) o meu tio, (...)”.</p> <p><b>E6,61:</b> “Sim, (...)”.</p> <p><b>E6,62:</b> “(...) irmãos deles. (...)”.</p> <p><b>E6,63:</b> “(...) uma irmã”.</p>
<p>Costuma telefonar-lhe?</p>	<p><b>E7,1:</b> “Todos os dias”.</p> <p><b>E7,2:</b> “Sempre, sempre. Todos os dias”.</p>	<p><b>E7,1:</b> “Todos os dias”.</p> <p><b>E7,2:</b> “(...) Todos os dias”.</p>

	<p><b>E7,3:</b> “Ligo-lhe várias vezes durante a semana. Mesmo quando ela liga, depois ligo-lhe eu porque não pago”.</p> <p><b>E7,4:</b> “Não costume”.</p> <p><b>E7,5:</b> “Eu ligo. Os meus irmãos, uma ou outra vez, muito esporádico”.</p> <p><b>E7,6:</b> “Não. Nem a minha mãe tem grandes condições para atender o telefone, porque ouve mal. Não vale a pena”.</p> <p><b>E7,7:</b> “Para aqui não. Só telefonava quando vinha buscar a minha mãe, a avisar que a vinha buscar”.</p> <p><b>E7,8:</b> “Sim. Quando é necessário”.</p> <p><b>E7,9:</b> “Frequentemente”.</p> <p><b>E7,10:</b> “Quase todos os dias e várias vezes”.</p> <p><b>E7,11:</b> “Não”.</p> <p><b>E7,12:</b> “Não”.</p> <p><b>E7,13:</b> “Não. Só se houver alguma coisa. Ou então se conto em não vir aviso-o”.</p> <p><b>E7,14:</b> “Eu ligo-lhe todos os dias. Eu sei que tenho que lhe ligar, porque às 21h00 está à minha espera”.</p> <p><b>E7,15:</b> “Às vezes. Se for para dar alguma situação que seja necessário. Mas são poucas as vezes que lhe telefono, porque estou praticamente todos os dias com ela. Tenho a vantagem que a minha esposa trabalha aqui, por isso há sempre um elo de ligação”.</p> <p><b>E7,16:</b> “Não. Ela é que nos telefona a nós”.</p> <p><b>E7,17:</b> “Não, porque passo cá todos os dias”.</p> <p><b>E7,18:</b> “Não, porque não tem telemóvel. E nem que tivesse. Eu quando quero alguma coisa venho aqui”.</p> <p><b>E7,19:</b> “Não. Ele é que me liga a mim ou manda mensagens quando me sente mais triste. Ele é que dá coragem aos outros”.</p> <p><b>E7,20:</b> “Telefono-lhe muitas vezes”.</p> <p><b>E7,21:</b> “Ligo muitas vezes, o que acho necessário. Embora, ela muitas vezes diga que não é necessário”.</p>	<p><b>E7,3:</b> “(...) várias vezes durante a semana. (...)”.</p> <p><b>E7,4:</b> “Não costume”.</p> <p><b>E7,5:</b> “Eu ligo. Os meus irmãos, (...), muito esporádico”.</p> <p><b>E7,6:</b> “Não. (...)”.</p> <p><b>E7,7:</b> “(...) não. (...)”.</p> <p><b>E7,8:</b> “Sim. (...)”.</p> <p><b>E7,9:</b> “Frequentemente”.</p> <p><b>E7,10:</b> “Quase todos os dias (...)”.</p> <p><b>E7,11:</b> “Não”.</p> <p><b>E7,12:</b> “Não”.</p> <p><b>E7,13:</b> “Não. (...)”.</p> <p><b>E7,14:</b> “(...) todos os dias. (...)”.</p> <p><b>E7,15:</b> “Às vezes. (...)”.</p> <p><b>E7,16:</b> “Não. (...)”.</p> <p><b>E7,17:</b> “Não, (...)”.</p> <p><b>E7,18:</b> “Não, (...)”.</p> <p><b>E7,19:</b> “Não. (...)”.</p> <p><b>E7,20:</b> “(...) muitas vezes”.</p> <p><b>E7,21:</b> “(...) muitas vezes, (...)”.</p>
--	---	---

	<p><b>E7,22:</b> “Não. Como vivo ao lado, costumo visitá-la, mas se estiver fora alguns dias, ligo-lhe”.</p> <p><b>E7,23:</b> “Não”.</p> <p><b>E7,24:</b> “Não”.</p> <p><b>E7,25:</b> “Não. Só se for preciso de alguma coisa, mas não é preciso, porque ela vem cá muitas vezes”.</p> <p><b>E7,26:</b> “Costumo”.</p> <p><b>E7,27:</b> “Não”.</p> <p><b>E7,28:</b> “Não. Ela não sabe ler, nem sabe como atender”.</p> <p><b>E7,29:</b> “Sim. De vez em quando. Uma vez por mês”.</p> <p><b>E7,30:</b> “Telefone”.</p> <p><b>E7,31:</b> “Não. Ela não tem telefone”.</p> <p><b>E7,32:</b> “Sim. Telefone”.</p> <p><b>E7,33:</b> “Não. Não”.</p> <p><b>E7,34:</b> “Sim, às vezes, mas não muitas”.</p> <p><b>E7,35:</b> “Não. Como moro aqui venho cá. Só se houver alguma coisa. Mesmo ela, se houver liga-me”.</p> <p><b>E7,36:</b> “Não, não. Eu nem sei o número daqui, nem o dela. Para casa ligava-lhe de vez em quando, aqui não”.</p> <p><b>E7,37:</b> “Não. E que eu saiba, ela não está a usar o telemóvel”.</p> <p><b>E7,38:</b> “Não”.</p> <p><b>E7,39:</b> “Não. Como eu sei que se acontecer alguma coisa que me ligam, então não tenho a preocupação de ligar. Eu para ligar também fico preocupada em que esteja a incomodar. Mas qualquer coisa, também lá ia. Como estão os dois não me preocupo”.</p> <p><b>E7,40:</b> “Não”.</p> <p><b>E7,41:</b> “Não”.</p>	<p><b>E7,22:</b> “Não (...)”.</p> <p><b>E7,23:</b> “Não”.</p> <p><b>E7,24:</b> “Não”.</p> <p><b>E7,25:</b> “Não. (...)”.</p> <p><b>E7,26:</b> “Costumo”.</p> <p><b>E7,27:</b> “Não”.</p> <p><b>E7,28:</b> “Não. (...)”.</p> <p><b>E7,29:</b> “Sim. (...)”.</p> <p><b>E7,30:</b> “Telefone”.</p> <p><b>E7,31:</b> “Não. (...)”.</p> <p><b>E7,32:</b> “Sim. (...)”.</p> <p><b>E7,33:</b> “Não. (...)”.</p> <p><b>E7,34:</b> “Sim, às vezes (...)”.</p> <p><b>E7,35:</b> “Não. (...)”.</p> <p><b>E7,36:</b> “Não, (...)”.</p> <p><b>E7,37:</b> “Não. (...)”.</p> <p><b>E7,38:</b> “Não”.</p> <p><b>E7,39:</b> “Não. (...)”.</p> <p><b>E7,40:</b> “Não”.</p> <p><b>E7,41:</b> “Não”.</p>
--	--	--

<p><b>E7,42:</b> “Não. É difícil. É o seguinte. Deixei-lhe de telefonar, porque ou lhe telefonava todos os dias, porque se calhasse a não telefonar, ela pensava logo o pior. Então falei com ela que era melhor não lhe ligar”.</p> <p><b>E7,43:</b> “Não”.</p> <p><b>E7,44:</b> “Costumamos e ela também. Até é mais ela a ligar-nos a nós”.</p> <p><b>E7,45:</b> “Não”.</p> <p><b>E7,46:</b> “Normalmente não. Vou lá”.</p> <p><b>E7,47:</b> “Não”.</p> <p><b>E7,48:</b> “Às vezes telefono por qualquer motivo ou porque o vi mais em baixo”.</p> <p><b>E7,49:</b> “Não”.</p> <p><b>E7,50:</b> “Telefono todos os dias três vezes ao dia, de manhã, ao meio-dia e à noite”.</p> <p><b>E7,51:</b> “Ele ouve mal, depois é preciso eu dizer-lhe muito alto. Às vezes qualquer coisa telefono, mas tenho que me pôr dentro de casa para ninguém me ouvir a gritar, porque tenho que falar mesmo muito alto”.</p> <p><b>E7,52:</b> “Sim. Muitas vezes”.</p> <p><b>E7,53:</b> “Não”.</p> <p><b>E7,54:</b> “Não, mas tenho sempre o telefone prontinho no caso de haver algum telefonema de casa, porque é sinal de que alguma coisa está mal”.</p> <p><b>E7,55:</b> “Não”.</p> <p><b>E7,56:</b> “Não. Estamos sempre presentes”.</p> <p><b>E7,57:</b> “Isso é quase todos os dias”.</p> <p><b>E7,58:</b> “Não, porque ela não atende o telefone”.</p> <p><b>E7,59:</b> “Sim”.</p> <p><b>E7,60:</b> “Telefono-lhe diariamente”.</p> <p><b>E7,61:</b> “Não. Tem dificuldade de audição e mesmo falando pessoalmente, grande parte das vezes, é difícil de</p>	<p><b>E7,42:</b> “Não. (...)”.</p> <p><b>E7,43:</b> “Não”.</p> <p><b>E7,44:</b> “Costumamos (...)”.</p> <p><b>E7,45:</b> “Não”.</p> <p><b>E7,46:</b> “Normalmente não. (...)”.</p> <p><b>E7,47:</b> “Não”.</p> <p><b>E7,48:</b> “Às vezes (...)”.</p> <p><b>E7,49:</b> “Não”.</p> <p><b>E7,50:</b> “(...) todos os dias (...)”.</p> <p><b>E7,51:</b> “(...) Às vezes (...)”.</p> <p><b>E7,52:</b> “Sim. Muitas vezes”.</p> <p><b>E7,53:</b> “Não”.</p> <p><b>E7,54:</b> “Não, (...)”.</p> <p><b>E7,55:</b> “Não”.</p> <p><b>E7,56:</b> “Não. (...)”.</p> <p><b>E7,57:</b> “(...) quase todos os dias”.</p> <p><b>E7,58:</b> “Não, (...)”.</p> <p><b>E7,59:</b> “Sim”.</p> <p><b>E7,60:</b> “(...) diariamente”.</p> <p><b>E7,61:</b> “Não. (...)”.</p>
--	--

	<p>entender o que diz”.</p> <p><b>E7,62:</b> “Não”.</p> <p><b>E7,63:</b> “Sim. Longe a longe”.</p>	<p><b>E7,62:</b> “Não”.</p> <p><b>E7,63:</b> “Sim. Longe a longe”.</p>
<p>Costuma levá-lo para sua casa aos fins-de-semana ou em datas festivas?</p>	<p><b>E8,1:</b> “Sim. Essencialmente no Natal”.</p> <p><b>E8,2:</b> “Nunca está um domingo sozinha. Ao sábado está porque ele quer arrumar. Mas nunca está um fim-de-semana sozinha”.</p> <p><b>E8,3:</b> “Nós vimos buscar a minha mãe às semanas, mas temos irmãos que não vêm porque estão no estrangeiro, vem de longe a longe. Mas eu sou a que venho mais vezes, ela passa comigo o domingo e depois durante a semana ainda a venho ver, ou por telefone sou a que tenho mais contacto com ela. Nas festas também está sempre connosco”.</p> <p><b>E8,4:</b> “Nunca o levei”.</p> <p><b>E8,5:</b> “Sempre. As festas são principalmente na minha casa. Quando vou para fora peço ao meu irmão para o vir buscar”.</p> <p><b>E8,6:</b> “Levamos nas festas a casa do meu irmão. A minha casa tem escadas e a minha mãe tem medo de subir. Na casa do meu irmão a carrinha entra lá dentro”.</p> <p><b>E8,7:</b> “Antes levávamos sempre. Por exemplo, agora vem a Páscoa. Eu queria levar a minha mãe, mas não vou poder levar os dois, mas deixá-lo cá sozinho... Ele diz que não quer ir, diz para levar a minha mãe, mas não sei até que ponto...”.</p> <p><b>E8,8:</b> “Sempre. No Natal, Páscoa, nos momentos mais fortes. A hemodiálise limita-o muito”.</p> <p><b>E8,9:</b> “Não porque sempre houve amizade com alguma reserva. Logo, mesmo antes de estar numa instituição tal já não era costume acontecer”.</p> <p><b>E8,10:</b> “Muitas... muitas... muitas vezes”.</p> <p><b>E8,11:</b> “Nós, por costume, juntamo-nos sempre aos fins-de-semana, e como ele está sempre lá no convívio, acaba por estar com todos. Mas não fica lá, vai sempre dormir a sua casa”.</p> <p><b>E8,12:</b> “Não”.</p> <p><b>E8,13:</b> “Quando ele quer. Porque ele é o maioral. É ele que manda. Não vale a pena forçar. Ele agora também está com aquilo da cocha, artrose, anca rompida e custa-lhe”.</p>	<p><b>E8,1:</b> “Sim. (...) no Natal”.</p> <p><b>E8,2:</b> “(...) Domingo (...)”.</p> <p><b>E8,3:</b> “(...) Domingo (...). Nas festas (...)”.</p> <p><b>E8,4:</b> “Nunca (...)”.</p> <p><b>E8,5:</b> “Sempre. As festas (...)”.</p> <p><b>E8,6:</b> “(...) festas (...)”.</p> <p><b>E8,7:</b> “Antes levávamos sempre. (...)”.</p> <p><b>E8,8:</b> “Sempre. No Natal, Páscoa, nos momentos mais fortes. (...)”.</p> <p><b>E8,9:</b> “Não (...)”.</p> <p><b>E8,10:</b> “(...) muitas vezes”.</p> <p><b>E8,11:</b> “(...) aos fins-de-semana, (...)”.</p> <p><b>E8,12:</b> “Não”.</p> <p><b>E8,13:</b> “Quando ele quer. (...)”.</p>

<p><b>E8,14:</b> “Aí é que está o problema. Ultimamente, acho que só a levei uma vez. Agora a minha mãe diz que precisa de ter atenção durante a noite, que lhe façam um chá e não quer estar a incomodar os filhos durante a noite. Então diz que não quer ir, que estranha a cama, que depois não tem ninguém se for preciso alguma coisa... Eu acho que são desculpas, não sei, acho que ela aqui sente-se mais protegida durante a noite. Ela nas festas vai e vem, não quer ficar. Vai de manhã e vem à noite. Quando chego ao Lar ela está sempre com amigas no quarto, com uma postura alegre, algo que não acontecia quando estava em casa. Andava sempre triste e apagada”.</p> <p><b>E8,15:</b> “Sempre. Quando há festas ou passa na minha irmã ou na minha. Enquanto ela pode fazia-se na casa dela”.</p> <p><b>E8,16:</b> “Sim. Nas festas vai sempre”.</p> <p><b>E8,17:</b> “Pronto. Agora não. Nós levávamos, porque ele ao princípio com as canadianas ainda andava um bocado, mas com a cadeira e usa fralda, ele próprio não quer sair. Porque nós tínhamos combinado um fim-de-semana cada um, começamos, mas agora ele mesmo é que não quer ir, porque não se sente bem e diz que nós não conseguimos fazer o que as meninas daqui fazem. Que são muito cuidadosas”.</p> <p><b>E8,18:</b> “Não. Fica sempre aqui. Eu também fico lá sozinha. Os meus filhos estão na deles, não me convidam. Portanto, também estou sozinha... Mesmo que a viesse buscar ela não ia. Ela já aqui diz que não vai para a mesa jogar nem nada, porque diz que às vezes eles até parecem tolinhos a discutir por coisinhas de nada”.</p> <p><b>E8,19:</b> “Está sempre connosco. Passa o Natal connosco, mesmo comunhões e tudo...”.</p> <p><b>E8,20:</b> “Não. Não se esqueça que agora a barra está muito pesada”.</p> <p><b>E8,21:</b> “Sim. Costumo levar a casa. Agora não tenho levado muito porque o meu pai não quer porque está frio, chove. Eu sozinha já não posso mexer muito com o meu pai, tenho que ter sempre ajuda”.</p> <p><b>E8,22:</b> “Quase todos os fins-de-semana, particularmente ao final do dia está comigo”.</p> <p><b>E8,23:</b> “Não. Eu convidei-a muitas vezes, por exemplo nos anos da minha mãe. Quando me toca a sair com a minha mãe eu convido-a sempre, mas ela diz que está sempre doente... diz que tem diabetes... Já sabe como é. Não posso fazer mais nada, mas acho que ela prefere ficar no Lar e que isso é desculpa para não ir a casa”.</p> <p><b>E8,24:</b> “Não”.</p> <p><b>E8,25:</b> “Sim. Passa sempre aqui connosco”.</p> <p><b>E8,26:</b> “No Natal costuma ir para minha casa e no ano novo fica na minha irmã”.</p>	<p><b>E8,14:</b> “(...). festas (...)”.</p> <p><b>E8,15:</b> “Sempre. (...) festas (...)”.</p> <p><b>E8,16:</b> “Sim. Nas festas (...)”.</p> <p><b>E8,17:</b> “(...). Agora não. (...)”.</p> <p><b>E8,18:</b> “Não. Fica sempre aqui. (...)”.</p> <p><b>E8,19:</b> “(...) Natal (...) comunhões e tudo...”.</p> <p><b>E8,20:</b> “Não. (...)”.</p> <p><b>E8,21:</b> “(...). Agora não (...)”.</p> <p><b>E8,22:</b> “Quase todos os fins-de-semana (...)”.</p> <p><b>E8,23:</b> “Não. (...)”.</p> <p><b>E8,24:</b> “Não”.</p> <p><b>E8,25:</b> “Sim. Passa sempre (...)”.</p> <p><b>E8,26:</b> “No Natal (...) ano novo (...)”.</p>
---	--

<p><b>E8,27:</b> “É sempre comigo. Os meus irmãos estão no estrangeiro não podem”.</p> <p><b>E8,28:</b> “Vai para minha casa nas festas. E este Natal levei-a ao café. Toda a gente ficou burra. O filho nem um tostão lhe deu”.</p> <p><b>E8,29:</b> “Quando estou cá levo-a a casa algumas vezes”.</p> <p><b>E8,30:</b> “Sim. Também os levo a minha casa. Se não vão para o meu irmão ou para a minha irmã”.</p> <p><b>E8,31:</b> “Passa sempre em casa dos meus pais. Dificilmente, pode haver um casamento dos meus sobrinhos, aí levam-na, mas é raro. Ela tem uma irmã gêmea, mas é difícil. É mais ela que a vai visitar”.</p> <p><b>E8,32:</b> “Nas festas vai sempre comigo. Ao fim-de-semana é que fica mais por aqui. Eu tanto faço manhã como tarde. Não estou tanto por casa”.</p> <p><b>E8,33:</b> “Não, porque acho que essa obrigação é dos filhos”.</p> <p><b>E8,34:</b> “Não. Raramente o faço a não ser que seja a pedido dela. Ela isola-se muito... Ela gosta de conviver com pessoas, mas não o faz com medo de se chatear, como às vezes eles se chateiam nos jogos das cartas...”.</p> <p><b>E8,35:</b> “Aos fins-de-semana ficam aqui, mas nas festas vão”.</p> <p><b>E8,36:</b> “Ela própria não quer”.</p> <p><b>E8,37:</b> “Não. Ela fica sempre aqui”.</p> <p><b>E8,38:</b> “Não. No princípio ia mas agora não. Ela é complicada. Às vezes íamos almoçar, mesmo fora. A comida estava boa e se ela tivesse que dizer que não, dizia que não prestava. Só o que ela fazia é que estava bem. É complicado levá-la, porque muitas vezes nós queremos descansar e ela não sossega”.</p> <p><b>E8,39:</b> “O meu pai não trago é mais complicado porque a casa tem muitas escadas. Se fosse um rés-do-chão trazia. A minha mãe trago, ainda no Natal veio. Se não fosse isso. Ele podia vir até ao fim-de-semana”.</p> <p><b>E8,40:</b> “Normalmente em datas festivas”.</p> <p><b>E8,41:</b> “Não”.</p> <p><b>E8,42:</b> “Há uns anos para cá não. Ela não quer, pensa que vai estorvar. Mesmo no Verão, no Natal... cisma e não quer ir”.</p> <p><b>E8,43:</b> “O meu sogro embora demonstre solidão, mas de todo não existe, está sempre presente em qualquer festa da família. Por exemplo, o aniversário dele é sempre muito marcante, mesmo que ele não queira muito. Agora a</p>	<p><b>E8,27:</b> “É sempre comigo. (...)”.</p> <p><b>E8,28:</b> “(...) festas. (...)”.</p> <p><b>E8,29:</b> “(...) algumas vezes”.</p> <p><b>E8,30:</b> “Sim. (...)”.</p> <p><b>E8,31:</b> “Passa sempre em casa dos meus pais. (...)”.</p> <p><b>E8,32:</b> “Nas festas (...)”.</p> <p><b>E8,33:</b> “Não, (...)”.</p> <p><b>E8,34:</b> “Não. (...)”.</p> <p><b>E8,35:</b> “(...)nas festas vão”.</p> <p><b>E8,36:</b> “Ela própria não quer”.</p> <p><b>E8,37:</b> “Não. (...)”.</p> <p><b>E8,38:</b> “Não. No princípio ia mas agora não. (...)”.</p> <p><b>E8,39:</b> “O meu pai não (...). A minha mãe trago, ainda no Natal veio. (...)”.</p> <p><b>E8,40:</b> “(...)datas festivas”.</p> <p><b>E8,41:</b> “Não”.</p> <p><b>E8,42:</b> “Há uns anos para cá não. (...)”.</p> <p><b>E8,43:</b> “(...)aniversário (...) Natal (...)”.</p>
---	---

<p>palavra dele já não conta muito. Que eu conheça, no Natal é das poucas famílias que se reúne na totalidade. Fazemos sempre o Natal em casa dele. Ao fim-de-semana ele gosta mais do seu cantinho, de dar a sua volta, mas sempre sobre a alçada dos filhos. Estão sempre atentos se o pai já chegou”.</p> <p><b>E8,44:</b> “Sim. Levamos”.</p> <p><b>E8,45:</b> “Não. Nada, porque ela não quer. Antigamente ia porque era obrigada, agora não”.</p> <p><b>E8,46:</b> “Há anos que iam a minha casa ou à minha mãe. A partir de uma certa altura não querem. Antes querem ficar ali”.</p> <p><b>E8,47:</b> “Sim. Nas festas está sempre connosco. Aos fins-de-semana fica mais por ali. As filhas vêm cá visitá-lo de vez em quando. Ele agora também está mais limitado, nem para a praia já não dá para o levar. Nós estamos sempre mais limitados para o acolher”.</p> <p><b>E8,48:</b> “Nas festas sempre. Uma irmã minha faz questão dele ir lá almoçar, mas fora isso, é comigo que ele está”.</p> <p><b>E8,49:</b> “Não. Nem ela quer”.</p> <p><b>E8,50:</b> “De vez em quando. Sempre que ela queira, eu vou buscá-la, não me importa nada”.</p> <p><b>E8,51:</b> “Sim, sim. Quando andavam bem, era um ano na minha casa, outro na deles. Agora vai à nossa”.</p> <p><b>E8,52:</b> “Não. Passa sempre aqui o Natal. Os meus irmãos é que vêm para aqui. (risos)”.</p> <p><b>E8,53:</b> “Sim. Sim. Costumamos”.</p> <p><b>E8,54:</b> “Estão sempre comigo. Não saem de lá”.</p> <p><b>E8,55:</b> “Ficam sempre aqui. Penso que foi no baptizado que foi. Mas os meus pais não têm carro e com a limitação dele é muito difícil. Mas quando estava mais independente passou alguns Natais”.</p> <p><b>E8,56:</b> “Estamos sempre presentes. Ela está sempre connosco”.</p> <p><b>E8,57:</b> “Na Páscoa e no Natal vai sempre almoçar e jantar comigo. Nos fins-de-semana ele passa mais por casa, porque ele prefere. Ele fora de casa é muito difícil, às vezes falo com os meus irmãos para fazermos um lanche, uma festa, mas tem que ser lá em casa”.</p> <p><b>E8,58:</b> “Não. No Natal foi à minha irmã, porque eu fui passar com os meus filhos à Suíça, na Páscoa estive ali na minha casa. Aos fins-de-semana fica sempre aqui”.</p>	<p><b>E8,44:</b> “Sim. (...)”.</p> <p><b>E8,45:</b> “Não. (...)”.</p> <p><b>E8,46:</b> “(...)não querem. (...)”.</p> <p><b>E8,47:</b> “(...)festas (...)”.</p> <p><b>E8,48:</b> “Nas festas, (...)”.</p> <p><b>E8,49:</b> “Não. (...)”.</p> <p><b>E8,50:</b> “De vez em quando. (...)”.</p> <p><b>E8,51:</b> “Sim. (...)”.</p> <p><b>E8,52:</b> “Não. (...)”.</p> <p><b>E8,53:</b> “Sim. (...)”.</p> <p><b>E8,54:</b> “Estão sempre comigo. (...)”.</p> <p><b>E8,55:</b> “Ficam sempre aqui. (...)”.</p> <p><b>E8,56:</b> “(...) Ela está sempre connosco”.</p> <p><b>E8,57:</b> “Na Páscoa e no Natal (...)”.</p> <p><b>E8,58:</b> “Não. No Natal (...) Páscoa (...)”.</p>
--	---

	<p><b>E8,59:</b> “Eu tive muitos em que nós fazíamos as festas de anos, de Natal em casa da minha mãe. Em determinava altura em que a minha mãe começou a ter problemas de saúde ela deixou de o fazer. Ela habitualmente passa o Natal com as minhas irmãs. Isto se calhar também se deve porque há coisas que muitas vezes, pelo menos nas pessoas na idade dela, que elas entendem que estarão mais relacionadas com as mulher do que com os homens”.</p> <p><b>E8,60:</b> “Não. Sabe que ela é complicada (choro) convidei-a para vir ver a minha filha tocar não quis vir. Convido-a para vir ao fim-de-semana não quer vir. Diz sempre que não anda bem. Mesmo nas festas não quer ir. São muitas poucas as que quer vir. Às vezes vem obrigada, mas eu não a posso estar a obrigar, a levá-la contrariada”.</p> <p><b>E8,61:</b> “Atualmente não, devido ao seu estado débil”.</p> <p><b>E8,62:</b> “Tudo comigo”.</p> <p><b>E8,63:</b> “Não”.</p>	<p><b>E8,59:</b> “(...) Natal (...)”.</p> <p><b>E8,60:</b> “Não. (...)”.</p> <p><b>E8,61:</b> “Actualmente não, devido (...)”.</p> <p><b>E8,62:</b> “Tudo comigo”.</p> <p><b>E8,63:</b> “Não”.</p>
<p>Na sua relação com o idoso, quais os momentos que mais o marcaram na sua infância e juventude?</p>	<p><b>E9,1:</b> “Tenho positivo e negativo. Uma das avós, que não me dava, não é que não falássemos, era intratável. Com a outra adorava, porque entrava nas borgas, nas conversas e assim. Com os meus pais... Tive sempre mais afinidade em questão de temperamento com o meu pai, porque ele era mais brincalhão. Com a minha era aquela coisa de... não era de manter o respeito, porque o meu pai mantinha respeito sem bater. Pronto, mas a minha mãe era aquela... de papel mais formal”.</p> <p><b>E9,2:</b> “Marcou-me quando a minha mãe teve o enfarte. Acho que foi aí que eu acordei para a vida. Porque a gente tem na mãe aquela que nos faz tudo. A minha mãe, prontos, nós eramos entregues à minha avó de manhã e ficávamos lá o dia até a minha mãe chegar do trabalho. A minha mãe teve o primeiro enfarte ainda eu andava na escola, foi quando saí para ir trabalhar. Aí, foi quando eu senti que acordei para a vida, que aprendi a ser mulher, que senti a falta dela em casa. Depois só o pensar, porque até aí eu nunca tinha pensado em perder ninguém, a gente é canalha. Só aí, ao ver a minha mãe no Hospital toda entubada, sem a gente poder fazer nada, ela a olhar para nós sem nos reconhecer... Aí é que eu disse “pára que alguma coisa não está bem”. A vida leva-nos tudo o que nós temos. Só aí é que comecei a dar valor à minha mãe, ao meu pai. A coisas que eu nem sequer fazia ideia de que a gente precisava. Aí é que a gente leva um abanão, porque passar um dia sem ter quem nos estreme um ovo... é muito complicado”.</p> <p><b>E9,3:</b> “Sei lá. Assim de momento. Sim. De infância não me recordo... Recordo de algumas coisas. A minha mãe era muito mazinha, batia muito. Sempre. Quando estava a vir da escola já estava a levar. Às vezes estava à nossa espera com uma vara (risos). O meu pai não. O pai era diferente, era mais... Mas os meus irmãos dizem igual. Não os deixava jogar à bola, batia-lhes. Pronto. Tinha assim um feitio... Agora está diferente, mas ela era muito má. Os meus irmãos dizem que ela batia muito. Lembro-me dessas coisas assim, do resto não consigo lembrar-me de nada”.</p> <p><b>E9,4:</b> “Gostava mais de andar no colo do pai do que no da mãe. Havia mais relação afetiva”.</p>	<p><b>E9,1:</b> “(...) Uma das avós, (...), era intratável. Com a outra adorava, (...) entrava nas borgas, nas conversas e assim. (...) Tive sempre mais afinidade (...) com o meu pai, porque ele era mais brincalhão. (...) a minha mãe era (...) mais formal”.</p> <p><b>E9,2:</b> “Marcou-me quando a minha mãe teve o enfarte. Acho que foi aí que eu acordei para a vida. (...)”.</p> <p><b>E9,3:</b> “(...) A minha mãe era muito mazinha, batia muito. (...) O pai era diferente, era mais... (...)”.</p> <p><b>E9,4:</b> “Gostava mais de andar no colo do pai do que no da mãe. (...)”.</p>

**E9,5:** “Que raio de pergunta. (pausa). Eu passei completamente ao lado... A minha mãe foi uma pessoa que teve sempre em mente que veio para sofrer e que nós também viemos ao mundo para sofrer. Eu tenho coisas que me marcaram pela negativa, pela positiva é muito difícil. (pausa) Não é que a minha personalidade ou a minha pessoa seja recalçada, não. Mas é complicado”.

**E9,6:** “Se calhar a minha relação que marcou mais já não era muito jovem. Estamos a falar na altura de partir para o Ultramar. Foi a altura que mais me marcou, a distância, a despedida, a saída”.

**E9,7:** “Ah! Sim! Tenho momentos. Em relação ao meu pai são quase todos negativos. Prontos. Na vida, o meu pai foi muito severo connosco por causa da religião. É assim, eu ainda não tinha feito a Primeira Comunhão e ele já era Testemunha de Jeová. Era muito difícil. Nós queríamos ir à Missa, o meu pai não deixava. Queríamos pertencer ao coro e o meu pai não deixava. Ele não deixava, porque antigamente vivia-se muito a religião. Queríamos ir à catequese e não tínhamos catecismo porque o pai oqueimou, não podíamos participar no grupo de jovens, não podíamos ir a festas... Fizemos a primeira comunhão e não houve festa. Foi coisa que me marcou muito, foi eu fazer a comunhão, toda a gente tinha padrinhos e eu não tinha, todos tinham festa e eu não tinha. Nós casamos e o meu pai não nos acompanhou à Igreja. Tudo isso foi muito negativo para nós todos. Agora, a minha mãe foi uma rainha no nosso meio. Foi ela que liderou tudo, foi a minha mãe que nos casou, foi a minha mãe que se preocupou em empregar-nos, foi a minha mãe que se preocupou connosco na escola, foi a minha mãe que nos acompanhou sempre, sempre”.

**E9,8:** “Nós temos doze anos de diferença. Quando eu era pequeno estava sempre à espera que ele viesse ou que o meu pai fosse ao Porto, porque eu tinha o privilégio de ser daqui da aldiola e de vez em quando ia ao Porto. Adorava aquele ambiente, aquele casario todo, aqueles carros todos (risos). Aqui na aldiola só via carros de bois (risos), não havia mais nada. O que eu queria é que o meu pai fosse vê-lo. Isto também mostra o porquê da nossa amizade. Também estava sempre à espera que ele viesse pois era alguém que trazia novidades diferentes, que tinha lago diferente a dizer. (risos)”.

**E9,10:** “Todos os pequenos e grandes momentos”.

**E9,11:** “É assim. O que me marca, eu acho (pausa). Eu acho-o uma pessoa muito inteligente, excessivamente ligada à religião. Ele queria ser Padre. Resumindo, o meu tio é uma pessoa espetacular. Eu admiro-o muito. Nós até já lhe dissemos para escrever um livro, porque ele dedica muito tempo à escrita”.

**E9,13:** “A nossa relação (pausa) a minha mãe era mais meiguinha, mas o meu pai era duro. Castigos severos. Nós tínhamos respeito e medo”.

**E9,14:** “É assim. Aquilo que eu me lembro mais foi da morte do meu pai. Não me lembro assim de mais nada. Do meu pai lembro-me de que ele era muito rigoroso. Eu era rebelde, gostava de pisar o risco, ainda agora sou um bocado assim (riso). Mas as coisas eram muito diferentes”.

**E9,5:** “(...). A minha mãe foi uma pessoa que teve sempre em mente que veio para sofrer e que nós também viemos ao mundo para sofrer. (...)”.

**E9,6:** “(...) na altura de partir para o Ultramar. (...), a distância, a despedida, a saída”.

**E9,7:** “(...). Em relação ao meu pai são quase todos negativos. Prontos. Na vida, o meu pai foi muito severo connosco por causa da religião. (...) Agora, a minha mãe foi uma rainha no nosso meio. Foi ela que liderou tudo, (...) que nos casou, (...) que se preocupou em empregar-nos, (...) que se preocupou connosco na escola, (...) que nos acompanhou sempre, sempre”.

**E9,8:** “(...). Quando eu era pequeno estava sempre à espera que ele viesse ou que o meu pai fosse ao Porto, (...) Adorava aquele ambiente, aquele casario todo, aqueles carros todos (risos). Aqui na aldiola só via carros (...)”.

**E9,10:** “Todos os pequenos e grandes momentos”.

**E9,11:** “(...). Eu acho-o uma pessoa muito inteligente, excessivamente ligada à religião. (...) Resumindo, o meu tio é uma pessoa espetacular. Eu admiro-o muito. (...)”.

**E9,13:** “(...) a minha mãe era mais meiguinha, mas o meu pai era duro. Castigos severos. Nós tínhamos respeito e medo”.

**E9,14:** “(...)a morte do meu pai. (...)”.

	<p><b>E9,15:</b> “Sinceramente, algum momento marcante não tenho nada assim que me lembre”.</p> <p><b>E9,16:</b> “Marcou-me muito quando ela deixou de andar. Andava e de repente deixou de andar. Conforme se pusesse na cama assim ficava. Nesse momento a gente já não podia fazer nada, depois começou a recuperar, mas sempre a rastejar os pezinhos. Mas fazia o comer. Fazia tudo”.</p> <p><b>E9,18:</b> “Não. Já vai à tanto ano que a gente já nem se lembra”.</p> <p><b>E9,19:</b> “Não recordo muito. Sim tenho momentos que me marcaram... é assim... não sei... é que eu tive uma infância... a minha mãe trabalhou sempre num talho, por isso não me lembro muito de na minha infância conviver com os meus pais. Ela tinha empregados e se calhar eu era mais criada com os empregados. Mas lembro era de ir mais para os familiares deles”.</p> <p><b>E9,20:</b> “Não tenho nenhuma lembrança. Em África crescemos todos juntos. Estudámos. Os pais tentaram fazer com que estudássemos. Naquele tempo, era muito difícil”.</p> <p><b>E9,21:</b> É assim. Não tenho muita coisa, porque eu praticamente que não vivi com eles. A minha mãe foi para a França quando eu tinha cinco anos, o meu pai foi primeiro. Eles vieram quando eu já andava no magistério primário. Aquela fase da infância e adolescência não foi passada com eles.</p> <p><b>E9,22:</b> “Dado que os meus pais eram pequenos produtores agrícolas e como parte do que produziam era para vender, desde cedo acompanhei a minha mãe nas vendas da praça”.</p> <p><b>E9,23:</b> “Não tenho assim nada. Isto é assim. O meu pai pertenceu aos caminhos-de-ferro e eu convivi com a minha tia quando o meu pai estava aqui na Cuca, a 300m dela, mas sabe como era, eramos canalha... Nós eramos como os ciganos, eramos errantes. Fomos para Mondim, Contuvilha, ... andávamos sempre de terra em terra. Por isso na infância não tenho assim nada que me tivesse marcado”.</p> <p><b>E9,25:</b> “Na minha juventude não, porque eu estudei num colégio interno. A minha juventude foi um bocadinho afastada. Mas na infância sim. Na infância ela era companheira das brincadeiras, pois não era assim tão mais velha. Fazia as obrigações que eram de empregada e depois brincava muito connosco. Particularmente comigo, o que mais me lembro era quando ela nos levava às festas ou à família. Se ia ver os irmãos levava-nos com ela. Comigo, contava-me histórias para comer, porque parece que eu era uma desgraça para comer. Não comia e então ela contava muitas histórias para eu comer. (risos). Ela foi sempre muito ativa e muito brincalhona. Ainda hoje é”.</p> <p><b>E9,26:</b> “Sim. Ele era... (pausa) Deus no Céu e o meu pai na terra”.</p> <p><b>E9,27:</b> “Olhe. Para lhe ser sincera, a minha mãe era mais presente. O meu pai não era um pai presente”.</p>	<p><b>E9,15:</b> “Sinceramente, (...)não tenho (...)”.</p> <p><b>E9,16:</b> “Marcou-me muito quando ela deixou de andar. (...)”.</p> <p><b>E9,18:</b> “Não. (...)”.</p> <p><b>E9,19:</b> “Não recordo muito. (...)”.</p> <p><b>E9,20:</b> “Não tenho nenhuma lembrança. (...)”.</p> <p><b>E9,21:</b> (...). Não tenho muita coisa, porque eu praticamente que não vivi com eles. (...).</p> <p><b>E9,22:</b> “(...) acompanhei a minha mãe nas vendas da praça”.</p> <p><b>E9,23:</b> “Não tenho assim nada. (...)”.</p> <p><b>E9,25:</b> “(...). Na infância ela era companheira das brincadeiras, (...). Particularmente comigo, o que mais me lembro era quando ela nos levava às festas ou à família. (...). Comigo, contava-me histórias para comer, porque parece que eu era uma desgraça para comer. (...)”.</p> <p><b>E9,26:</b> “Sim. Ele (pai) era Deus no Céu e o meu pai na terra”.</p> <p><b>E9,27:</b> “(...), a minha mãe era mais presente. O meu pai não era um pai presente”.</p>
--	---	---

**E9,29:** “Ah! Os momentos que me marcaram muito foi que eu queria ser jogador (risos) e nesse tempo, para eles um jogador era... como vou dizer isso... um larápio, sei lá... um malandro... então não me deixavam jogar à bola. Ainda hoje, sou treinador lá na França. E isso marcou-me muito, porque eu queria jogar cá em Vizela. Quando eu vinha, mamava uma coça. Mas foi a vida assim”.

**E9,30:** “Olhe. O que me marcou mais, e até foi pela negativa, da minha parte. Nós, felizmente, somos quatro irmãos. O meu pai tem o curso de desenhador. O meu pai quis dar sempre mais estudos aos filhos. E todos nós fomos para o liceu para Guimarães, os quatro. E marcou, porquê? Porque nós não aproveitamos e o meu pai fez um esforço enorme, trabalhou muito. Porque depois eu na marinha fiz aquilo que não tinha feito antes. Apesar de ter uma boa profissão, isso marcou-me, porque podia ter aproveitado”.

**E9,31:** “Não era muito boa. É assim. Ela é cunhada do meu pai, ela tem uma irmã que vive pertíssimo, então a minha avó tinha as duas gémeas, então era tudo para a outra tia, porque esta era solteira e só casou depois de a minha avó morrer”.

**E9,32:** “Ui! Eu era muito revoltada. Era muito revoltada com os meus pais. Eu sempre gostei de estudar e fui obrigada a ir trabalhar com doze anos. E a partir daí eu senti-me chateada porque achava que podia fazê-lo e que eles não davam valor. O meu pai recebia muito bem e nunca se preocupou connosco, percebe? Entao foi por aí. Depois com a adolescência foi passando”.

**E9,34:** “Quando tinha uns 22 anos e saíamos as duas para jantar e assim e divertíamos-nos imenso e isso não esqueço. Por outro lado afetou negativamente a ausência dela quando veio para o Lar”.

**E9,35:** “Sei lá. O que mais me custou foi o meu pai quando faleceu. Esteve aí muito tempo pregado. Custou-me muito. A minha mãe, é assim. Ela foi sempre uma pessoa muito divertida, agora está mais caladinha desde que faleceu o pai, mais calma. Mas ela olhava pelos netos, brincava com eles. Os netos eram tudo para ela. E todos por igual”.

**E9,37:** “As memórias que eu tenho, tem a ver precisamente como eu falei à bocado, com os períodos de férias da escola. Eu gostava de vir para cá. Nós fazíamos caminhadas com ela a pé, quando ela queria. Já em termos de saúde, ela não estava muito bem nessa altura, mas ainda andava, ainda caminhava. Mas em termos de memórias, isso é uma boa pergunta, por acaso. Lembro-me desse contacto. Ah! E lembro-me ainda há mais tempo atrás, ela chegou a ir lá a casa, nós conversávamos de como estava a correr a vida, como estava a escola. Mesmo em termos de eventos, baptizados, comunhões e tudo mais, nunca aconteceu cruzarmo-nos muito. Era mais quando eu vinha para cá”.

**E9,39:** “Não. Eu tive uma boa infância. Foi uma infância normalíssima”.

**E9,40:** “A atenção dada, o carinho e amizade. A minha “avó” cuidava de nós todo durante as férias da escola,

**E9,29:** “Ah! Os momentos que me marcaram muito foi que eu queria ser jogador (...) então não me deixavam jogar à bola. (...) Quando eu vinha, mamava uma coça. (...)”.

**E9,30:** “Olhe. O que me marcou mais, e até foi pela negativa, da minha parte. (...) O meu pai quis dar sempre mais estudos aos filhos. (...) E marcou, porquê? Porque nós não aproveitamos e o meu pai fez um esforço enorme, trabalhou muito. (...) marcou-me, porque podia ter aproveitado”.

**E9,31:** “Não era muito boa. (...)”.

**E9,32:** “Ui! (...). Era muito revoltada com os meus pais. Eu sempre gostei de estudar e fui obrigada a ir trabalhar com doze anos. (...) achava que podia fazê-lo (estudar) e que eles não davam valor. (...)”.

**E9,34:** “Quando tinha uns 22 anos e saíamos as duas para jantar e assim e divertíamos-nos imenso (...)”.

**E9,35:** “Sei lá. O que mais me custou foi o meu pai quando faleceu (...)”.

**E9,37:** “As memórias que eu tenho, tem a ver (...), com os períodos de férias da escola. Eu gostava de vir para cá. Nós fazíamos caminhadas (...). E lembro-me ainda há mais tempo atrás, ela chegou a ir lá a casa, nós conversávamos de como estava a correr a vida, (...) a escola. (...)”.

**E9,39:** “Não. Eu tive uma boa infância. (...)”.

**E9,40:** “A atenção dada, o carinho e amizade.

	<p>uma vez que ela morava em Carcavelos, passávamos sempre uma temporada com eles para podermos estar mais tempo na praia e aí, nesses momentos, tenho muito boas recordações”.</p> <p><b>E9,42:</b> “Muitos”... (pausa)... (silêncio)</p> <p><b>E9,44:</b> “Com esta não, porque não foi ela que me criou. Foi a de Moreira. Então eu basicamente só a via aos fins-de-semana quando os meus pais me levavam lá para eu a ver. E nem sempre a via. Com esta não tenho assim muitos momentos”.</p> <p><b>E9,45:</b> “Não. Não tínhamos ligação”.</p> <p><b>E9,46:</b> “Marcaram, porque houve uma altura em que eu fui mobilizado para ir para a Guiné e eu cheguei a casa e disse que ia morrer. E o meu pai disse que ia dar 300 contos ao Sr. X e já não ia para a guerra. Eu via o entusiasmo dele, para eu não ir e não ser morto. Marcou-me essa coisa”.</p> <p><b>E9,47:</b> “Não. Mas gostávamos muito dele, eu e os meus irmãos”.</p> <p><b>E9,48:</b> “Não. Acho que não”.</p> <p><b>E9,50:</b> “Houve momentos marcantes, alguns. Quando eu fui para a tropa. De irmãos sou o único rapaz, portanto marcou-me muito a minha saída para Ultramar. Os meus pais sofreram muito, mas foram dois anos que passaram. Passou, passou. Também tive momentos bons”.</p> <p><b>E9,52:</b> “Lembro de em criança... ainda hoje digo ao meu marido. A minha mãe antes de dormir ia sempre ao nosso quarto. Dormia com a minha irmã. Tínhamos um quarto para os rapazes e outro para as raparigas. Ia sempre aconchegar-nos, tapava-nos as costas. Eu digo ao meu marido, nunca ia para a cama sem nos aconchegar a roupa. Foi uma coisa que me marcou”.</p> <p><b>E9,54:</b> “Não sei. Na juventude são aqueles conflitos normais da adolescência (risos), de resto não”.</p> <p><b>E9,55:</b> “Passava muito tempo lá em pequenina por causa do meu pai, mas lembro-me que só fazia estragos e assim. Lembro que queria pegar nas canetas do meu tio e ele não deixava, e o meu avô pegava em mim e punha-me nas prateleiras mais altas para eu conseguir roubar as canetas. Isso lembro-me. Mas lá está. Depois a minha avó faleceu e o meu avô veio para aqui. Lembro-me que ia para a oficina do meu avô, deitava a ferramenta toda para ao chão e depois apanhávamos os dois. Gostava de ir para o sótão e assim”.</p> <p><b>E9,56:</b> “Olhe que não estou assim a recordar grande coisa. Eu sempre tive uma relação com ela de família, porque eu sempre tive a minha mãe muito presente”.</p> <p><b>E9,57:</b> “Não. Acho que não. Antes não havia aquele carinho que nós damos aos nossos filhos. Não me lembro</p>	<p>(...)”.</p> <p><b>E9,42:</b> “Muitos (...)”.</p> <p><b>E9,44:</b> “Com esta não, porque não foi ela que me criou. (...)”.</p> <p><b>E9,45:</b> “Não. Não tínhamos ligação”.</p> <p><b>E9,46:</b> “Marcaram, porque (...) fui mobilizado para ir para a Guiné e eu cheguei a casa e disse que ia morrer. E o meu pai disse que ia dar 300 contos ao Sr. X e já não ia para a guerra. (...)”.</p> <p><b>E9,47:</b> “Não. (...)”.</p> <p><b>E9,48:</b> “Não. Acho que não”.</p> <p><b>E9,50:</b> “Houve momentos marcantes, alguns. Quando eu fui para a tropa. (...) para Ultramar. (...)”.</p> <p><b>E9,52:</b> “Lembro de em criança... (...). A minha mãe antes de dormir ia sempre ao nosso quarto. (...) Ia sempre aconchegar-nos, tapava-nos as costas. (...)”.</p> <p><b>E9,54:</b> “Não sei. (...) aqueles conflitos normais da adolescência (...)”.</p> <p><b>E9,55:</b> “(...) só fazia estragos e assim. (...)”.</p> <p><b>E9,56:</b> “Olhe que não estou assim a recordar grande coisa. (...)”.</p> <p><b>E9,57:</b> “(...) Não me lembro do meu pai me dar</p>
--	--	--

	<p>do meu pai me dar um carinho, de jogar comigo à bola. São pequenas coisas que marcam. Não nos tratava mal, mas carinhos, nada”.</p> <p><b>E9,58:</b> “O momento que mais me marcou era quando eu ia trabalhar, era novinha, tinha doze ou treze anos. Saía daqui às 04h30 da manhã e a minha mãe nunca se levantou para nos fazer o pequeno-almoço. A gente não tomava, era um chazinho ou assim. Ela estava na cama sempre a dizer ‘andai lá que são horas’. Eu era assim, quando eu for grande nunca vou fazer isso aos meus filhos e nunca fiz, nem aos meus filhos nem ao meu marido”.</p> <p><b>E9,59:</b> “Se calhar um momento que me marcou e que se calhar eu recorde. Seria quando os meus pais decidiram que eu deveria continuar os estudos para além do ensino primário. Pronto. Naquele tempo não era muito frequente, nem toda a gente seguia. Faziam o ensino primário e ficavam por aí. Pronto. Não era muito frequente. Basta lembrar que não havia ensino secundário aqui em Vizela, tínhamos que ir para Guimarães. Portanto. Recordo-me porque a professora falou com a minha mãe e disse que eu tinha algumas capacidades e que deveria continuar os estudos e então eles fizeram um esforço grande nessa altura para que eu continuasse e fizesse também o ensino secundário”.</p> <p><b>E9,60:</b> “(choro) Houve momentos que me marcaram. Mas isso são coisas que aconteceram, porque são problemas que toda a gente tem. Claro que tenho momentos positivos, mas tenho momentos negativos que me marcaram muito...”.</p> <p><b>E9,61:</b> “Entre mim e a minha mãe houve sempre uma ligação muito forte e ela teve de mim um grande apoio em momentos difíceis da sua vida”.</p> <p><b>E9,62:</b> “(risos) Desses momentos não me recorde”.</p>	<p>um carinho, de jogar comigo à bola. (...). Não nos tratava mal, mas carinhos, nada”.</p> <p><b>E9,58:</b> “O momento que mais me marcou era quando eu ia trabalhar, era novinha, tinha doze ou treze anos. Saía daqui às 04h30 da manhã e a minha mãe nunca se levantou para nos fazer o pequeno-almoço. (...)”.</p> <p><b>E9,59:</b> “(...) quando os meus pais decidiram que eu deveria continuar os estudos. (...) a professora falou com a minha mãe e disse que eu tinha algumas capacidades e que deveria continuar os estudos e então eles fizeram um esforço grande nessa altura para que eu continuasse (...)”.</p> <p><b>E9,60:</b> “(choro) Houve momentos que me marcaram. Mas isso são coisas que aconteceram, (...) mas tenho momentos negativos que me marcaram muito...”.</p> <p><b>E9,61:</b> “Entre mim e a minha mãe houve sempre uma ligação muito forte e ela teve de mim um grande apoio em momentos difíceis da sua vida”.</p> <p><b>E9,62:</b> “(risos) Desses momentos não me recorde”.</p>
<p>Fazia actividades com os seus pais e irmãos? Que actividades recorda com mais frequência?</p>	<p><b>E10,1:</b> “Sou filha única. Com os meus pais, actividades propriamente, olhe: as coisas que fazíamos eram passeios, piqueniques, férias, de resto, em casa, lembro-me que quando era pequenita gostava muito de pentear o meu pai. Sentava-me atrás dele e fazia-lhe penteados. A minha mãe não deixava porque ia à cabeleireira. Já agora no Lar ela não que participar. Está sempre à volta do meu pai. Já o meu pai tenho pena, porque ele tem dificuldades auditivas, pois ele é que gostava muito de participar nas actividades”.</p> <p><b>E10,2:</b> “Não. O meu nunca nos levou à escola. Não sei. O meu pai nunca conheceu um professor. A minha mãe já era diferente, já era capaz de conhecer, de ir à escola, uma vez ou outra para nos ir buscar ou até para falar com o professor. Eramos capaz de passear ao fim-de-semana. Eu lembro de naquela altura alugarmos um táxi e ir a Fátima ou à praia, mas isso era uma vez de longe a longe. Nunca fomos um família de... é assim, sempre nos demos todos muito bem”.</p> <p><b>E10,3:</b> “Às vezes íamos assim a uns passeiozitos aos Domingos com os primos, tios..., íamos à praia. Umas coisas assim”.</p>	<p><b>E10,1:</b> “(...) as coisas que fazíamos eram passeios, piqueniques, férias, de resto, em casa, lembro-me que quando era pequenita gostava muito de pentear o meu pai. Sentava-me atrás dele e fazia-lhe penteados. A minha mãe não deixava porque ia à cabeleireira (...)”.</p> <p><b>E10,2:</b> “Não. (...). Eramos capaz de passear ao fim-de-semana. Eu lembro de naquela altura alugarmos um táxi e ir a Fátima ou à praia, mas isso era uma vez de longe a longe. (...)”.</p> <p><b>E10,3:</b> “Às vezes íamos assim a uns passeiozitos aos Domingos com os primos, tios..., íamos à</p>

	<p><b>E10,4:</b> “Sim. Sim. Costumávamos muito. Íamos às maçãs, íamos às castanhas, íamos às nozes”.</p> <p><b>E10,5:</b> “Não. Se eu sabia que íamos falar nestes temas, se calhar não... Espero que esteja a ajudar, porque falar dos meus pais é muito complicado. Sinto muita tristeza, não é alegria. Gostava de poder dizer que sou isto por influência do meu pai, fiz isto porque o meu pai achava que era melhor... Eu cresci sozinho, sempre. Fui trabalhar, depois em adulto é que estudei. A minha esposa é professora e ajudou-me muito. Quando fiz o curso tinha as crianças pequenas. Tudo o que tenho foi por meu esforço. Gostava muito de ser arquiteto e nunca pude cumprir esse sonho. A minha sorte foi a minha esposa. Ainda me lembro que ela me disse que eu era um diamante em bruto que precisava de ser polido”.</p> <p><b>E10,6:</b> “Com os meus irmãos sim, fazia. Com os meus pais não. A atividade dos meus pais era trabalhinho, trabalhinho, trabalhinho. Com os meus irmãos era brincadeiras que fazíamos, jogar bola, cantar os reis. Essas coisas”.</p> <p><b>E10,7:</b> “Sim. Fazíamos. Acho que não. Eram mais aquelas brincadeiras normais”.</p> <p><b>E10,8:</b> “As atividades que havia era cavar no campo”.</p> <p><b>E10,10:</b> “Sim. Por exemplo, brincar na praia”.</p> <p><b>E10,11:</b> “Não. Sabe. Como nós eramos muitos filhos... as nossas brincadeiras não tinham nada a ver com estas de agora. E depois trabalhávamos bastante. Desde pequenitas ajudávamos a mãe em casa”.</p> <p><b>E10,13:</b> “Nós tínhamos terrenos. Trabalhávamos nos terrenos, quando nos mandavam. Todos estudaram, uns mais outros menos. Eu até fui o que estudei menos, só fiz o 11º. Os outros todos se formaram, mas todos ajudavam. Antes, do lado do meu pai havia passeios bonitos. Às vezes estou com o meu pai e comentamos esses passeios”.</p> <p><b>E10,14:</b> “Eram mais passeios que fazíamos ao fim-de-semana. Atividades que englobassem a família não tínhamos nada, a não ser as idas para a praia, que me lembre era o que fazíamos em família, porque os meus pais trabalhavam. Não me lembro assim de nada”.</p> <p><b>E10,15:</b> “Raramente fazíamos. Quando comecei a fazer férias já era grande. Os meus pais não faziam férias, fazíamos passeios ao fim-de-semana e depois era a vida familiar em casa normal, mais nada”.</p> <p><b>E10,16:</b> “Íamos sempre à Póvoa. O médico mandou, embora fosse pouquinho guardava sempre um pouquinho,</p>	<p>praia. (...)”.</p> <p><b>E10,4:</b> “Sim. Sim. Costumávamos muito. Íamos às maçãs, (...) castanhas, (...) nozes”.</p> <p><b>E10,5:</b> “Não. (...). Sinto muita tristeza, não é alegria. (...) Eu cresci sozinho, sempre. (...). A minha sorte foi a minha esposa. Ainda me lembro que ela me disse que eu era um diamante em bruto que precisava de ser polido”.</p> <p><b>E10,6:</b> “Com os meus irmãos sim, fazia. Com os meus pais não. (...). Com os meus irmãos era brincadeiras que fazíamos, jogar bola, cantar os reis. Essas coisas”.</p> <p><b>E10,7:</b> “Sim. (...). Eram mais aquelas brincadeiras normais”.</p> <p><b>E10,8:</b> “(...) era cavar no campo”.</p> <p><b>E10,10:</b> “Sim. (...), brincar na praia”.</p> <p><b>E10,11:</b> “Não. (...) as nossas brincadeiras não tinham nada a ver com estas de agora. (...) Desde pequenitas ajudávamos a mãe em casa”.</p> <p><b>E10,13:</b> “Nós tínhamos terrenos. Trabalhávamos nos terrenos, (...). Antes, do lado do meu pai havia passeios bonitos. (...)”.</p> <p><b>E10,14:</b> “Eram mais passeios que fazíamos ao fim-de-semana. (...) idas para a praia, (...)”.</p> <p><b>E10,15:</b> “Raramente fazíamos. (...)”.</p> <p><b>E10,16:</b> “Íamos sempre à Póvoa. O médico</p>
--	---	--

<p>e íamos todos os anos para a Póvoa”.</p> <p><b>E10,18:</b> “Era trabalhar no campo. (risos) Foi o que nos ensinaram (risos). A doutora vê que agora ela está sempre agarrada à malha e não faz mais nada. Íamos para o campo e depois em casa era costura com a minha mãe”.</p> <p><b>E10,19:</b> “Não me recordo. Quer dizer, brincava muito com os meus irmãos”.</p> <p><b>E10,20:</b> “Brincávamos. Antigamente... era mais brincadeiras. Lembro que com o meu irmão, andávamos sempre às turras e uma vez ele deitou-me dentro da caçimba (poço) a boneca todo zangado. E eu fartei-me de chorar. Aquelas coisas malucas que fazíamos. Mas dávamo-nos todos bem”.</p> <p><b>E10,21:</b> “Sim, sim. Ia-se de férias, naquele tempo, ia-se à praia. Ia-se dar uns passeios. Sei lá. Houve um ano que fomos à França passar umas férias com eles. Nesse aspecto, acho que eram uns pais que... naquele tempo..., naquele mês tentavam compensar o resto. Não me lembro os meus pais são de família simples de lavradores. O meu pai trabalhava numa fábrica, a minha mãe também era empregada fabril. As atividades que se fazem hoje não se faziam. Se era preciso fazer alguma coisa era plantar cebolo, plantar batatas ou assim. Foi uma vida de muito trabalho”.</p> <p><b>E10,22:</b> “Sim. Nomeadamente acompanhava os meus pais às procissões e via aos serões televisão com os meus irmãos. Do resto não se fazia mais nada”.</p> <p><b>E10,23:</b> “Nada, nada”.</p> <p><b>E10,25:</b> “Assim atividades propriamente ditas, não me lembro assim de nada concreto. Acho que não. Assim, atividades em conjunto, não. Eram as brincadeiras de crianças”.</p> <p><b>E10,26:</b> “Não”.</p> <p><b>E10,27:</b> “Coisas que não devíamos depois levávamos”. (risos)</p> <p><b>E10,29:</b> “Com os meus pais não. Com os irmãos já era outra coisa. Tinha o mais velho... como vou dizer isso... era o mais querido da minha mãe. Já se sabe, quando pedia alguma coisa, já sabe que tinha, eu quando pedia já não tinha. Hoje até sou eu que faço mais à minha mãe que o outro. Havia muitas coisas que fazíamos. Eu também queria ter uma bicicleta. Naquele tempo, uma bicicleta já era uma coisa grande. Depois como eu comecei, eu também fui rápido na escola, comecei na 4<sup>a</sup>, nesse tempo era a 4<sup>a</sup> que se fazia. Fui logo aos 11 anos trabalhar para o Porto”.</p> <p><b>E10,30:</b> “Sim. O meu pai fez sempre part-times em casa e todos nós ajudávamos em casa o meu pai no trabalho</p>	<p>mandou, (...)”.</p> <p><b>E10,18:</b> “Era trabalhar no campo. (...)”.</p> <p><b>E10,19:</b> “Não me recordo. (...), brincava muito com os meus irmãos”.</p> <p><b>E10,20:</b> “Brincávamos. (...) com o meu irmão, andávamos sempre às turras (...)”.</p> <p><b>E10,21:</b> “Sim, sim. Ia-se de férias, naquele tempo, ia-se à praia. Ia-se dar uns passeios. Sei lá. Houve um ano que fomos à França passar umas férias com eles. (...)”.</p> <p><b>E10,22:</b> “Sim (...) acompanhava os meus pais às procissões e via aos serões televisão com os meus irmãos”.</p> <p><b>E10,23:</b> “Nada, nada”.</p> <p><b>E10,25:</b> “(...), não me lembro assim de nada concreto. (...) Eram as brincadeiras de crianças”.</p> <p><b>E10,26:</b> “Não”.</p> <p><b>E10,27:</b> “Coisas que não devíamos depois levávamos”.</p> <p><b>E10,29:</b> “Com os meus pais não (...)”.</p> <p><b>E10,30:</b> “Sim. O meu pai fez sempre part-times</p>
---	--

	<p>de desenho. As atividades com os meus pais basicamente não havia. Com os meus irmãos também não. Eram aquelas brincadeiras”.</p> <p><b>E10,31:</b> “A minha tia nunca se preocupou muito connosco. Eu nunca me lembro dela me dar colo, mas eu também não me lembro dela dar aos meus irmãos. Eu sou a mais velha. Mas já o meu pai a tratou sempre como uma filha. Ela só pensava no trabalho e nós às vezes ajudávamos. Agora em adultos é que fazemos, mas ela não quer participar”.</p> <p><b>E10,32:</b> “Tinha um bem. A minha mãe todos os anos nos levava a passar férias. Ela compensava-nos no mês de Agosto. Mas aí, eu até os admiro”.</p> <p><b>E10,34:</b> “Só atividades de convívio e lazer, churrasco, passeios e assim”.</p> <p><b>E10,35:</b> “É assim. Nós nunca fomos muito de nos juntar. A minha mãe quando fazia festas ou era na minha casa, a minha mãe vinha a minha casa. A dela era pequena. Mas não se fazia muito”.</p> <p><b>E10,37:</b> “Era as caminhadas quando íamos e ver televisão. Eu tinha que a motivar muito a ver televisão porque ela gostava muito de dormir, de estar na cama a dormir, portanto, acabava por eu própria fazer outro tipo de atividades durante os dias em que lá estava. Eu sei que passava muito tempo na outra sala a ver televisão enquanto ela descansava. Às vezes almoçávamos juntos. De atividades concretas, só me lembro de eventuais caminhadas. Ah! E de estarmos cá fora no banco do jardim a ver as pessoas a passar e a conversar. Ela sempre foi como é agora, não fazia grandes coisas”.</p> <p><b>E10,39:</b> “Jogávamos às cartas, mas enquanto éramos muito novitos. Isto porque os meus irmãos começaram a sair para a vadiagem muito cedo. Bem, cedo? Hoje saem ainda mais cedo (risos). O pessoal que ia trabalhar era mais caseiro, aqueles que andavam a estudar eram mais de vadiagem. Em casa já não havia aquela coisa de nos prendermos uns aos outros”.</p> <p><b>E10,40:</b> “Não fazíamos muitas atividades uma vez que, enquanto o meu avô ainda trabalhava eles moraram sempre em Carcavelos e por isso só os víamos nas datas festivas, tais como o Natal ou a Páscoa. Por isso o que mais recordo é o facto de estar lá de férias e aí o meu avô corria connosco, brincava e foi ele que nos ensinou a nadar. A minha avó andava sempre com a lida da casa. Não me lembro assim de muita coisa. Agora, a minha avó quer estar sossegada aqui no Lar. Podia ir conosco, estar com os meus filhos, mas diz que está cansada, que agora é a vez dela descansar.”.</p> <p><b>E10,42:</b> “Os meus pais eram agricultores e eu também ajudava”.</p> <p><b>E10,44:</b> “Saíamos de vez em quando. Íamos até à praia, porque ela gosta muito de praia. Então em Agosto íamos lá visitá-la muitas vezes”.</p>	<p>em casa e todos nós ajudávamos (...)Com os meus irmãos (...). Eram aquelas brincadeiras”.</p> <p><b>E10,31:</b> “A minha tia nunca se preocupou muito connosco. Eu nunca me lembro dela me dar colo, (...)”.</p> <p><b>E10,32:</b> “(...) A minha mãe todos os anos nos levava a passar férias. (...)”.</p> <p><b>E10,34:</b> “(...) convívio e lazer, churrasco, passeios e assim”.</p> <p><b>E10,35:</b> “É assim. Nós nunca fomos muito de nos juntar. (...)”.</p> <p><b>E10,37:</b> “Era as caminhadas quando íamos e ver televisão. (...) De atividades concretas, só me lembro de eventuais caminhadas, ah! E de estarmos cá fora no banco do jardim a ver as pessoas a passar e a conversar”.</p> <p><b>E10,39:</b> “Jogávamos às cartas, mas enquanto éramos muito novitos. (...)”.</p> <p><b>E10,40:</b> “(...) férias (Carcavelos) e aí o meu avô corria connosco, brincava e foi ele que nos ensinou a nadar”.</p> <p><b>E10,42:</b> “Os meus pais eram agricultores e eu também ajudava”.</p> <p><b>E10,44:</b> “(...) Íamos até à praia, porque ela gosta muito de praia. (...)”.</p>
--	--	---

<p><b>E10,45:</b> “Não. Essa minha tia, é uma pessoa muito fechada, se fossem outras minhas tias... é diferente... Ela vive muito no mundo dela”.</p> <p><b>E10,46:</b> “Normalmente não. Eu saí da escola fui trabalhar, fui para a tropa, vim casei. Naquele tempo não havia nada. Saíamos da escola e íamos trabalhar”.</p> <p><b>E10,47:</b> “Não. Mas uma coisa que eu tenho lembrança do meu tio quando era miúda era ouvir com eles aqueles CD’s antigos, de escolher livros (risos). Mas do resto não. Ah! Uma das recordações que tenho, que já nem me lembrava, era ir à caça. Gostava imenso de ir com ele. Ainda hoje gosto muito da caça e tenho pena dele já não poder ir comigo”.</p> <p><b>E10,48:</b> “As atividades que nós tínhamos, sabe qual era? Principalmente no fim do jantar. Nunca houve televisão na cozinha. Então no final do jantar jogávamos uns com os outros. Ainda hoje jogamos. É um costume de família. O meu pai é que já não participa. Desde que a minha mãe faleceu, não faz nada, nem televisão quer ver. Sentiu muito a morte da minha mãe”.</p> <p><b>E10,50:</b> “Sim, normalmente. O meu pai até, aos fins-de-semana ia lá busca-lo e íamos para a tasca jogar à malha, jogar as cartas. Ele gostava muito. A minha mãe é difícil de sair de casa, mesmo com ele ao fim-de-semana nunca saía. Foi sempre muito caseira e mesmo agora é. Para sair de casa...”.</p> <p><b>E10,52:</b> “Sim. Íamos fazer passeios em família todos os anos. Mas não me recordo assim de nada especial. Era tudo muito normal”.</p> <p><b>E10,54:</b> “Dantes saíamos sempre ao domingo. Uma semana para o lado do pai, outra para o lado da mãe. Depois a gente começa a crescer, começa a namorar e já não vai. (risos) Mas faziam-se uns passeios, passava-se tempo na praia e tudo. E nos aniversários era costume juntarmo-nos. Agora é que as vidas se vão complicando e não se consegue fazer isso. Juntamo-nos sempre no Domingo de Ramos, é o dia do cabrito”.</p> <p><b>E10,55:</b> “Não. Não me lembro”.</p> <p><b>E10,56:</b> “Se calhar participava mais na minha vida a minha mãe, não estando presente como mesmo a minha tia. A minha tia foi sempre a pessoa que estava à frente da loja que tinha e não dava muita importância às atividades da escola e assim. Era a minha mãe que participava em todas as atividades. Portanto, eu tenho a minha tia como pessoa que me criou, mas como tenho sempre a presença da minha mãe, não posso dissociar uma coisa com a outra. Tento manter as devidas distâncias entre uma coisa e a outra”.</p> <p><b>E10,57:</b> “(risos) As atividades que fazíamos era jogar à bola. (risos)”.</p> <p><b>E10,58:</b> “Nunca fizemos grande coisa, porque nós começamos a trabalhar muito novinhos. Depois casava-se muito novo. Depois de casar fui para a Suíça, estive lá 22 anos. Quer dizer, nunca fizemos assim grande coisa. Em novinhos sim, fazíamos brincadeiras, umas motas de pau por aí abaixo. Mas pronto”.</p>	<p><b>E10,45:</b> “Não. (...)”.</p> <p><b>E10,46:</b> “Normalmente não. (...). Saíamos da escola e íamos trabalhar”.</p> <p><b>E10,47:</b> “Não. Mas uma coisa que eu tenho lembrança do meu tio quando era miúda era ouvir com eles aqueles CD’s antigos, de escolher livros (risos). (...) ir à caça. (...)”.</p> <p><b>E10,48:</b> “(...) no final do jantar jogávamos uns com os outros”.</p> <p><b>E10,50:</b> “Sim, normalmente. (...) íamos para a tasca jogar à malha, jogar as cartas. (...)”.</p> <p><b>E10,52:</b> “Sim. Íamos fazer passeios em família todos os anos. (...)”.</p> <p><b>E10,54:</b> “Dantes saíamos sempre ao domingo. Uma semana para o lado do pai, outra para o lado da mãe. (...) nos aniversários era costume juntarmo-nos. Agora (...) Juntamo-nos sempre no Domingo de Ramos, é o dia do cabrito”.</p> <p><b>E10,55:</b> “Não. Não me lembro”.</p> <p><b>E10,56:</b> “Se calhar participava mais na minha vida a minha mãe, não estando presente como mesmo a minha tia. A minha tia (...) não dava muita importância às atividades da escola e assim. (...)”.</p> <p><b>E10,57:</b> “(...) era jogar à bola”.</p> <p><b>E10,58:</b> “Nunca fizemos grande coisa, porque nós começamos a trabalhar muito novinhos. (...) Em novinhos sim, fazíamos brincadeiras, umas motas</p>
--	---

	<p><b>E10,59:</b> “Não muito. Como digo, se calhar mais as minhas irmãs. Porque até porque me parece que a minha mãe se sentia mais à vontade com as minhas irmãs do que comigo, talvez por serem raparigas e eu rapaz... Não tenho assim nada”.</p> <p><b>E10,60:</b> “(choro) Fazíamos. Quando os três casamos fazíamos. Juntávamo-nos nos anos do pai, da mãe. No Natal, Páscoa. Quando podíamos passávamos o dia todo juntos (choro) Tenho tantas saudades do meu pai (choro) Tudo acabou... A minha mãe agora não quer fazer nada, não a conseguimos convencer a sair connosco. Tem sempre desculpas, nós sabemos que são desculpas. Para não fazer nada conosco diz sempre que lhe dói isto ou aquilo... (choro)”.</p> <p><b>E10,61:</b> “Muito raramente. Aos doze anos começava a trabalhar às seis horas da manhã ajudando os meus pais, pelas oito horas saía para frequentar formação chegando a casa pelo fim do dia”.</p> <p><b>E10,62:</b> “Irmãos, só tenho um e nunca fazíamos assim nada em conjunto. Quando estava a minha cunhada em casa e os pais dela fazíamos. Domingo sim domingo não juntávamo-nos todos, depois disso não. Ainda hoje nos juntamos”.</p>	<p>de pau por aí abaixo. (...).”.</p> <p><b>E10,59:</b> “Não muito. (...). Não tenho assim nada”.</p> <p><b>E10,60:</b> “Fazíamos. Quando os três casamos fazíamos. Juntávamo-nos nos anos do pai, da mãe. No Natal, Páscoa. Quando podíamos passávamos o dia todo juntos. (...).”.</p> <p><b>E10,61:</b> “Muito raramente. (...).”.</p> <p><b>E10,62:</b> “(...). Quando estava a minha cunhada em casa e os pais dela fazíamos. Domingo sim domingo não juntávamo-nos todos, depois disso não”.</p>
<p>Neste momento tem boa relação com todos os familiares?</p>	<p><b>E11,1:</b> “Tenho, tenho. Tenho uma boa relação com todos, nada de especial”.</p> <p><b>E11, 2:</b> “Tenho”.</p> <p><b>E11,3:</b> “Todos”.</p> <p><b>E11,4:</b> “Sim”.</p> <p><b>E11,5:</b> “É assim. Com os meus irmãos tenho. Embora eles olhem para mim e me vejam de uma forma diferente, como se eu fosse o pilar da família. Estou cansado disso, não sou nenhum pilar. É sempre tudo às minhas costas. É um relacionamento complicado, porque como eu vivo bem e eles vivem mal, tenho que ser sempre eu andar. Eles acham que eu sou melhor que eles, não sou melhor, sou diferente... Por exemplo, quando faleceu a minha mãe eu é que tive que avançar com o dinheiro...”.</p> <p><b>E11,6:</b> “Não temos todos. A partir da altura em que a minha mãe veio para aqui. Somos seis irmãos, quatro estamos de ótimas relações e as outras não estamos de relações cortadas, mas a relação não é o que era”.</p> <p><b>E11,7:</b> “Não. Entre irmãos não. Não é porque tenha algo contra os irmãos. Por exemplo, tenho estes dois irmãos, claro que me custa que não dediquem algum tempo aos pais, por isso não posso dizer que temos boa relação com eles. Não aceito isso muito bem e digo-lhes”.</p> <p><b>E11,8:</b> “Dou-me muito bem com toda a família”.</p>	<p><b>E11,1:</b> “Tenho, (...)”.</p> <p><b>E11, 2:</b> “Tenho”.</p> <p><b>E11,3:</b> “Todos”.</p> <p><b>E11,4:</b> “Sim”.</p> <p><b>E11,5:</b> “(...). Com os meus irmãos tenho. (...)”.</p> <p><b>E11,6:</b> “Não temos todos. (...)”.</p> <p><b>E11,7:</b> “Não. Entre irmãos não. (...)”.</p> <p><b>E11,8:</b> “Dou-me muito bem com toda a família”.</p>

	<p><b>E11,10:</b> “Sim, excelente”.</p> <p><b>E11,11:</b> “Sim. Sim”.</p> <p><b>E11,13:</b> “Com os irmãos sim. Agora os tios, da parte do pai já faleceram, mas da parte da mãe estão todos vivos. Mas, como eles têm também os filhos deles, é cada um para seu lado”.</p> <p><b>E11,14:</b> “Tenho”.</p> <p><b>E11,15:</b> “Agora tenho. Uma altura um irmão teve um desentendimento connosco em relação à minha mãe. Não de deixar de falar. Agora voltamos a falar, claro que não como a relação de antes, mas temos uma boa relação”.</p> <p><b>E11,16:</b> “Tenho”.</p> <p><b>E11,18:</b> “Sim”.</p> <p><b>E11,19:</b> “Temos”.</p> <p><b>E11,20:</b> “Hoje continuamos a dar-nos bem”.</p> <p><b>E11,21:</b> “Sim. Tenho os meus tios e damo-nos todos bem. Até quando foi para os meus pais virem para aqui reuni-me com eles para saber qual a opinião deles, para ver se concordavam e em conjunto tentarmos arranjar uma solução porque a minha mãe tratava-nos mal a todos. Como sou sozinha não queria tomar a decisão sozinha, queria que os meus tios participassem na decisão”.</p> <p><b>E11,22:</b> “Sim”.</p> <p><b>E11,23:</b> “Ora bem. O familiar dela mais direto que tenho é o meu primo. Tenho muito boa relação”.</p> <p><b>E11,25:</b> “Claro. Com todos”.</p> <p><b>E11,26:</b> “Eu tenho. Não estou zangada com ninguém. (risos) Às vezes chateio-me por causa do meu pai, tenho problemas com o meu marido à conta disso. O meu pai vai para o Hospital e o meu marido zanga-se porque sou sempre eu, porque os outros dizem que não podem. De resto, para mim tudo bem”.</p> <p><b>E11,27:</b> “Sim”.</p> <p><b>E11,29:</b> “Tenho”.</p> <p><b>E11,30:</b> “Sim”.</p>	<p><b>E11,10:</b> “Sim, excelente”.</p> <p><b>E11,11:</b> “Sim. Sim”.</p> <p><b>E11,13:</b> “Com os irmãos sim. (...)”.</p> <p><b>E11,14:</b> “Tenho”.</p> <p><b>E11,15:</b> “Agora tenho. (...)”.</p> <p><b>E11,16:</b> “Tenho”.</p> <p><b>E11,18:</b> “Sim”.</p> <p><b>E11,19:</b> “Temos”.</p> <p><b>E11,20:</b> “Hoje continuamos a dar-nos bem”.</p> <p><b>E11,21:</b> “Sim. (...)”.</p> <p><b>E11,22:</b> “Sim”.</p> <p><b>E11,23:</b> “(...) Tenho muito boa relação”.</p> <p><b>E11,25:</b> “Claro. Com todos”.</p> <p><b>E11,26:</b> “Eu tenho. (...)”.</p> <p><b>E11,27:</b> “Sim”.</p> <p><b>E11,29:</b> “Tenho”.</p> <p><b>E11,30:</b> “Sim”.</p>
--	---	---

<p><b>E11,31:</b> “Graças a Deus”.</p> <p><b>E11,32:</b> “Tenho. Tenho. Claro que não somos muito próximos porque vivemos longe uns dos outros”.</p> <p><b>E11,34:</b> “Sim...tenho uma boa relação com todos”.</p> <p><b>E11,35:</b> “É assim. Eu com um irmão meu não. Com os outros sim”.</p> <p><b>E11,37:</b> “Sim. Pode-se dizer que a relação é boa. Contudo, em relação a uns é mais próxima, que por acaso não é o lado desta avó, é do outro lado. Mas sim, existe uma boa relação, mesmo com os tios e tudo”.</p> <p><b>E11,39:</b> “Sim. Eu dou-me bem com todos. Mas às vezes nem pareço que sou de Vizela, porque há muita família que não vejo há muitos anos. Aqueles da minha idade conheço, mas os mais novos não conheço. Não é que nos demos bem ou mal, mas cada um seguiu a sua vida”.</p> <p><b>E11,40:</b> “Sim”.</p> <p><b>E11,42:</b> “Tenho, tenho”.</p> <p><b>E11,44:</b> “Sim. Com todos. Tirando os meus tios com quem ouve o acontecimento que sabe de expulsarem a minha avó de casa, com esses cortamos mesmo o relacionamento”.</p> <p><b>E11,45:</b> “Sim”.</p> <p><b>E11,46:</b> “Não. É assim. O meu pai vivia numa casa lá próxima. A minha irmã enquanto não os levou para casa dela não descansou. Devíamos ter feito uma reunião e ter visto. Mas não. Mesmo agora pensam que eu fico com o dinheiro deles. Os meus pais é que têm as cadernetas. Os meus irmãos é que me escolheram a mim para ficar o meu nome na conta dos meus pais, por ser o mais velho. Desde aí nunca mais nos demos bem”.</p> <p><b>E11,47:</b> “Sim. Neste momento da parte do meu pai é só ele. (risos)”.</p> <p><b>E11,48:</b> “Tenho”.</p> <p><b>E11,50:</b> “Ora bem. Eu tenho boa relação com todos, embora eles não tenham comigo, eu tenho com todos. Estimo-os a todos por igual, só que eles a mim não... bom... quando o meu próprio irmão diz que eu estraguei os meus pais em lhes fazer o bem, não posso ter boa relação”.</p> <p><b>E11,52:</b> “Sim, com os irmãos todos. Estão sempre aqui todos”.</p> <p><b>E11,54:</b> “Sim. Sim”.</p>	<p><b>E11,31:</b> “Graças a Deus”.</p> <p><b>E11,32:</b> “Tenho. (...)”.</p> <p><b>E11,34:</b> “Sim (...) com todos”.</p> <p><b>E11,35:</b> “(...) Eu com um irmão meu não. Com os outros sim”.</p> <p><b>E11,37:</b> “Sim. (...)”.</p> <p><b>E11,39:</b> “Sim. Eu dou-me bem com todos. (...)”.</p> <p><b>E11,40:</b> “Sim”.</p> <p><b>E11,42:</b> “Tenho, tenho”.</p> <p><b>E11,44:</b> “Sim. Com todos. Tirando os meus tios com quem ouve o acontecimento (...), com esses cortamos mesmo o relacionamento”.</p> <p><b>E11,45:</b> “Sim”.</p> <p><b>E11,46:</b> “Não. (...)”.</p> <p><b>E11,47:</b> “Sim. (...)”.</p> <p><b>E11,48:</b> “Tenho”.</p> <p><b>E11,50:</b> “(...) Eu tenho boa relação com todos, embora eles não tenham comigo, (...)”.</p> <p><b>E11,52:</b> “Sim, com os irmãos todos. (...)”.</p> <p><b>E11,54:</b> “Sim. Sim”.</p>
---	---

	<p><b>E11,55:</b> “Sim”.</p> <p><b>E11,56:</b> “Sim. Com todos eles”.</p> <p><b>E11,57:</b> “Temos. Isso aí sim. Não fazemos mais porque não temos hipóteses”.</p> <p><b>E11,58:</b> “Todos. Com os meus irmãos todos”.</p> <p><b>E11,59:</b> “Sim”.</p> <p><b>E11,60:</b> “Não”.</p> <p><b>E11,61:</b> “Tenho uma muito boa relação com todos os meus irmãos”.</p> <p><b>E11,62:</b> “Tenho”.</p>	<p><b>E11,55:</b> “Sim”.</p> <p><b>E11,56:</b> “Sim. Com todos eles”.</p> <p><b>E11,57:</b> “Temos. (...)”.</p> <p><b>E11,58:</b> “Todos. (...)”.</p> <p><b>E11,59:</b> “Sim”.</p> <p><b>E11,60:</b> “Não”.</p> <p><b>E11,61:</b> “Tenho (...) com todos os meus irmãos”.</p> <p><b>E11,62:</b> “Tenho”.</p>
<p>Recorda os seus familiares ao longo do dia? Muitas vezes? O que sente quando pensa nos seus familiares?</p>	<p><b>E12,1:</b> “Sim. Mesmo, porque agora pelo facebook contactamos mais facilmente. Tenho pouca gente, tenho uma família muito pequena. Telefonamos a contar as novidades. Sinto um bocadinho pena de estarmos tão longe, afastados. Embora não sejam muitos quilómetros a vida desenrolou-se em cidades diferentes. Tenho pena de não haver mais contacto”.</p> <p><b>E12,2:</b> “Essencialmente da minha mãe e do meu filho. Depende. Preocupação”.</p> <p><b>E12,3:</b> “Sim. Sim. Olhe, a minha mãe lembro-me todos os dias na hora dela sair daqui. Eu olho para o relógio e lembro sempre: ‘a esta hora espero que o meu irmão não se esqueça de a ir buscar’. E de manhã também. Agora não é preciso, mas no início ligava-lhe sempre ‘mãe, está na hora de se preparar para ir para o Lar’. Quando penso nelas sinto normal. Quando penso nelas lembro-me delas. Não há nada em especial que sintas”.</p> <p><b>E12,4:</b> “Claro. Muito. Saudades”.</p> <p><b>E12,5:</b> “Houve uma altura depois que a minha mãe faleceu, pensava bastante nela, porque sentia que não tinha feito tudo o que havia a fazer. Mas depois em conversas com outras pessoas em que lhes aconteceu o mesmo, mentalizei-me que realmente o que foi feito foi feito. Sinto muita tristeza em ter nascido assim, ter lutado sozinho. Mas sinto-me muito forte. Resolvo os meus problemas, não sou de chorar. Mesmo com a minha esposa e filhos, tento todos os dias por me esforçar em fazer sempre o melhor”.</p> <p><b>E12,6:</b> “Ah, com certeza! Eu recordo, independentemente de não estar bem com essas minhas irmãs, da relação não ser o que era. Mas eramos um família que toda a gente admirava, eramos uma família muito unida, houve esta separação, mas não deixo de pensar nas minhas irmãs. O convívio com elas é nulo”.</p> <p><b>E12,7:</b> “Recordo algumas. Às vezes choro. Gostava de ter outro tipo de família. Mas lá está, o que faz a nossa</p>	<p><b>E12,1:</b> “Sim. Mesmo, porque agora pelo facebook contactamos mais facilmente. (...)”.</p> <p><b>E12,2:</b> “(...) da minha mãe e do meu filho. Depende. Preocupação”.</p> <p><b>E12,3:</b> “Sim. (...), a minha mãe lembro-me todos os dias na hora de ela sair daqui. Eu olho para o relógio e lembro sempre: ‘a esta hora espero que o meu irmão não se esqueça de a ir buscar’. E de manhã também. (...)”.</p> <p><b>E12,4:</b> “Claro. Muito. Saudades”.</p> <p><b>E12,5:</b> “Houve uma altura depois que a minha mãe faleceu, pensava bastante nela, porque sentia que não tinha feito tudo o que havia a fazer. (...)”.</p> <p><b>E12,6:</b> “Ah, com certeza! Eu recordo, independentemente de não estar bem com essas minhas irmãs, da relação não ser o que era. (...)”.</p> <p><b>E12,7:</b> “Recordo algumas. Às vezes choro.</p>

<p>família mais distante, foi o meu pai que nos deixou mais ao abandono. A minha mãe sozinha tinha que levar o barco e nós eramos oito. Não foi uma vida fácil”.</p> <p><b>E12,8:</b> “Acho que de um modo geral. Eu acho que ainda tenho uma família que se estima muito. Há um sentimento de alegria. Fomos criados todos juntos numa quinta onde se vivia 24h00 sobre 24h00 todos juntos. E isso é importante. Por isso ficamos com uma ligação muito profunda”.</p> <p><b>E12,10:</b> “Sempre. Sinto saudades e muito carinho e cumplicidade”.</p> <p><b>E12,11:</b> “Ah! Sim. Sei lá. Sinto uma grande proximidade. É uma pessoa que faz realmente parte da nossa vida”.</p> <p><b>E12,13:</b> “Lembro. Lembro-me dos problemas que ele tem e que eu poderei vir a ter. Por exemplo, o meu pai tem a anca rompida e eu também a tenho e sou mais novo. A minha mãe tem este problema do Alzheimer e preocupa-me também se me vou esquecer. E preocupo-me muito até. Pode até nem ser, porque ninguém teve esta doença e a minha mãe teve, mas...”.</p> <p><b>E12,14:</b> “Não com frequência. No fundo, quando me lembro é mais da minha mãe. Quando às vezes acontece alguma coisa. Em relação à minha mãe, acho que sinto preocupação, porque ela tenta dar-nos a volta, ela se pudesse queria uma pessoa 24h00 diárias com ela. Ela às vezes joga um bocado connosco. E isso magoa-me um bocado”.</p> <p><b>E12,15:</b> “Com frequência normal. Do meu pai saudades, porque já faleceu. Da minha mãe, penso nela com carinho”.</p> <p><b>E12,16:</b> “Às vezes até penso de mais. Às vezes sinto vontade de chorar”.</p> <p><b>E12,18:</b> “Eu tanto penso nos mortos como nos vivos. Sei lá..., se calhar tristeza”.</p> <p><b>E12,19:</b> “Lembro. Às vezes sinto uma tristeza, porque como as coisas estão, estou a pensar ir para o estrangeiro, para junto do meu marido. Penso muito nessa situação, de os deixar cá. É um pensamento assim constante”.</p> <p><b>E12,20:</b> “Só cresci com o meu pai e a minha mãe. Depois tinha o meu avô. A minha família era o meu avô. Hoje lembro-me dos meus irmãos e cunhadas e falo com eles. Sinto felicidade. Mas estou como o meu marido: ‘nas desgraças é que se juntam todos’”.</p>	<p>Gostava de ter outro tipo de família. (...)”.</p> <p><b>E12,8:</b> “Acho que de um modo geral. Eu acho que ainda tenho uma família que se estima muito. Há um sentimento de alegria. (...)”.</p> <p><b>E12,10:</b> “Sempre. Sinto saudades e muito carinho e cumplicidade”.</p> <p><b>E12,11:</b> “Ah! Sim. Sei lá. Sinto uma grande proximidade. É uma pessoa que faz realmente parte da nossa vida”.</p> <p><b>E12,13:</b> “Lembro. Lembro-me dos problemas que ele tem e que eu poderei vir a ter. (...)”.</p> <p><b>E12,14:</b> “(...), quando me lembro é mais da minha mãe. (...) sinto preocupação, porque ela (...) se pudesse queria uma pessoa 24h00 diárias com ela. (...) joga um bocado connosco. (...)”.</p> <p><b>E12,15:</b> “Com frequência normal. Do meu pai saudades, porque já faleceu. Da minha mãe, penso nela com carinho”.</p> <p><b>E12,16:</b> “Às vezes até penso de mais. Às vezes sinto vontade de chorar”.</p> <p><b>E12,18:</b> “Eu tanto penso nos mortos como nos vivos. Sei lá..., se calhar tristeza”.</p> <p><b>E12,19:</b> “Lembro. Às vezes sinto uma tristeza, porque como as coisas estão, estou a pensar ir para o estrangeiro, (...). Penso muita nessa situação, de os deixar cá. (...)”.</p> <p><b>E12,20:</b> “(...) lembro-me dos meus irmãos e cunhadas e falo com eles. Sinto felicidade. (...)”.</p>
--	---

**E12,21:** “Sim. (choro) Às vezes não me saem da cabeça nem de noite nem de dia. (choro) É assim. A minha mãe é uma preocupação (pausa) Eu acho que acabam por ser muitas preocupações e lembro-me muitas vezes. A minha mãe quando vai a minha casa faz-me cada cena... mesmo com pessoas de fora. Depois fico a pensar no que ela disse, no que não devia ter dito, no ambiente que cria em casa, que cria para os netos. Depois diz que os netos não gostam dela, mesmo que não gostassem, ela não o devia dizer. Às vezes apetece-me só levar o meu pai e deixá-la cá de castigo, mas não tenho coragem. Ela tem uns netos espectaculares e trata-os tão mal. São situações que fazem pensar quem ouve o que ela diz... o meu pai percebe o que ela diz e depois fica doente (choro) porque não se consegue expressar, pois não fala. E ela não percebe, depois liga-me a dizer que ele está mal, e não percebe que é pelo que ela disse. Ela diz as coisas, ele ouve... Às vezes venho menos vezes porque vou incomodada. Às vezes ela começa a falar e eu quero trazê-la para fora, para o meu pai não ouvir e ela começa logo a gritar que eu não quero falar. Ela quanto mais puder humilhar as pessoas, fã-lo. E não pensa na limitação do meu pai. Não vê que ele fica incomodado. Às vezes eu até brinco com o meu pai e digo-lhe ‘deixe lá, já está habituado, não ligue’. Às vezes fico preocupada, porque ela quer atenção toda para ela e queixa-se dos idosos, que eles têm ciúmes dela, faz espécies de birras, isola-se”.

**E12,22:** “Sim, por vezes. Recordo o passado”.

**E12,23:** “Vou pensando. Às vezes a minha vida também não dá para isso. A minha filha é divorciada e quem olha pelos meus netos sou eu”.

**E12,25:** “Assim, um pensamento constante nela não, porque sei que ela está bem. Se souber que há alguma coisa que a afeta, isso sim. Eu não penso nela durante o dia, eu penso nela para a fazer feliz. Se ela tem alguma preocupação ou doença, estou atenta, estou presente”.

**E12,26:** “Olhe. Para ser sincera, eu lembro-me muito do meu pai e da minha mãe. Às vezes sinto que podia ter feito mais. Às vezes quando penso no meu pai, penso que ele talvez, derivado à idade dele, quando ele era mais novo e dizia-nos as coisas e ele agora faz tipo ao contrário. E eu lembro-me dessas coisas. E penso no que ele era e que agora é, que temos que ter paciência. Ele agora é tipo a minha filha”.

**E12,27:** “Há uns dias em que me lembro mais do que outros. O meu falecido irmão faleceu, às vezes começo a chorar, mesmo no próprio trabalho começo a chorar”.

**E12,29:** “Não. Quer dizer. Não. Nós lá, com os familiares, que estamos lá todos, de vez em quando juntamo-nos todos. Cá não se faz isso. Quando penso na minha mãe, pensamos muita coisa, porque para nós a minha mãe é nossa mãe e temos aquele carinho, não é? Mas ela é um bocado difícil também. Bom, um telefona a saber se está bem e depois telefona aos outros”.

**E12,30:** “Recordo. Ora bem. As pessoas que mais recordo são os meus pais. Recordo naturalmente. A minha idade também já está a avançar. Os meus filhos também já são crescidos. E desde que o meu filho emigrou..., aí é que acho que comecei a dar mais valor aos meus pais”.

**E12,21:** “Sim. (choro) Às vezes não me saem da cabeça nem de noite nem de dia. (choro) É assim. A minha mãe é uma preocupação (pausa) Eu acho que acabam por ser muitas preocupações e lembro-me muitas vezes. (...) Ela quanto mais puder humilhar as pessoas, fã-lo. E não pensa na limitação do meu pai. Não vê que ele fica incomodado. (...)”.

**E12,22:** “Sim, por vezes. Recordo o passado”.

**E12,23:** “Vou pensando. Às vezes a minha vida também não dá para isso. (...)”.

**E12,25:** “Assim, um pensamento constante nela não, porque sei que ela está bem. (...)”.

**E12,26:** “(...) lembro-me muito do meu pai e da minha mãe. Às vezes sinto que podia ter feito mais. (...) Ele agora é tipo a minha filha”.

**E12,27:** “Há uns dias em que me lembro mais (...). O meu falecido irmão faleceu, às vezes começo a chorar, (...)”.

**E12,29:** “(...) Quando penso na minha mãe, pensamos muita coisa, porque para nós a minha mãe é nossa mãe e temos aquele carinho, (...)”.

**E12,30:** “Recordo. (...) os meus pais. (...) desde que o meu filho emigrou..., aí é que acho que comecei a dar mais valor aos meus pais”.

<p><b>E12,31:</b> “Penso em todos. Preocupação. Muita preocupação”.</p> <p><b>E12,32:</b> “(risos) Vou-lhe ser muito franca. Se estiver em casa lembro-me, mas se estiver no trabalho, esqueço tudo. Às vezes até do meu filho Fábio. Sei lá o que sinto. Penso em tudo”.</p> <p><b>E12,34:</b> “Sim recordo sempre, porque prezo os convívios em família essencialmente em datas específicas, Natal, aniversários e assim. E sinto-me bem quando existe boa relação familiar”.</p> <p><b>E12,35:</b> “É assim. Gostava de ver outra vez a minha mãe nova. (risos) Coitada. Agora já não é como era”.</p> <p><b>E12,37:</b> “Lembro-me muitas vezes dos meus familiares. Principalmente das pessoas mais próximas, que são os meus pais e irmãos. Sinto preocupação, sinto alegria, também preocupação, alguma desesperança em relação a alguns aspectos. Ambiguidade. Sinto amor e afetividade que está sempre ligada”.</p> <p><b>E12,39:</b> “Sim. A gente está a fazer qualquer coisa e vai pensando. Eu acho que eles estão bem e penso que fiz o melhor. Pelo que eu vejo, acho que eles estão bem lá”.</p> <p><b>E12,40:</b> “Algumas vezes. Sinto carinho”.</p> <p><b>E12,42:</b> “Muito. Principalmente do meu pai. Já foi há alguns anos, mas não há um dia que não me lembre. Sinto saudade. Ele era o oposto da minha mãe. Se tivesse acontecido o contrário, ele era capaz de estar connosco. A minha sempre se isolou, ele não, gostava de falar com as pessoas”.</p> <p><b>E12,44:</b> “Sim. De vez em quando. Depende de como esteja. Se estiver num dia mau lembro-me dos acontecimentos que se passaram com a minha avó e aí é mesmo desprezo pelos meus tios. Agora se estiver num dia bom, lembro com frequência e lembro-me de alguns bons relacionamentos que tive com eles e das festas que fazíamos”.</p> <p><b>E12,45:</b> “Sim. Penso nas coisas boas da vida, quando estamos em conjunto. Quando a minha avó era viva havia mais convívio uns com os outros, desde que a minha avó faleceu houve uma ruptura. Sinto saudade de não estar mais tempo com eles.</p> <p><b>E12,46:</b> Lembro. Lembro-me dos meus pais, mas também me lembro dos meus falecidos sogros. Porque os meus sogros ajudaram-me bastante. Marcaram-me também. Quando penso nos meus pais, gostava que eles fossem mais novos. Claro que não pode ser. Não podem ser novos toda a vida, mas gostava que fossem mais novos para durarem mais anos (risos)”.</p> <p><b>E12,47:</b> “Nele, por exemplo. Penso muitas vezes. Às vezes, quer dizer, sinto... sei lá... não é uma incapacidade de não poder ajudar, mas noto que ele está assim um bocadinho abandonado. Uma coisa que também me deixa a</p>	<p><b>E12,31:</b> “Penso em todos. Preocupação. (...)”.</p> <p><b>E12,32:</b> “(...). Se estiver em casa lembro-me, (...) no trabalho, esqueço tudo. (...)”.</p> <p><b>E12,34:</b> “Sim recordo sempre, (...). E sinto-me bem quando existe boa relação familiar”.</p> <p><b>E12,35:</b> “(...). Gostava de ver outra vez a minha mãe nova. (...)”.</p> <p><b>E12,37:</b> “Lembro-me muitas vezes (...) os meus pais e irmãos. (...), sinto alegria, (...) preocupação, (...) desesperança (...). Ambiguidade. Sinto amor e afetividade (...)”.</p> <p><b>E12,39:</b> “Sim. A gente está a fazer qualquer coisa e vai pensando. (...) eles estão bem (...)”.</p> <p><b>E12,40:</b> “Algumas vezes. Sinto carinho”.</p> <p><b>E12,42:</b> “Muito. Principalmente do meu pai. (...). Sinto saudade. (...)”.</p> <p><b>E12,44:</b> “Sim. (...). Depende (...). Se estiver num dia mau lembro-me dos acontecimentos (...) e aí é mesmo desprezo (...) se estiver num dia bom, (...) lembro-me de alguns bons relacionamentos (...) e das festas (...)”.</p> <p><b>E12,45:</b> “Sim. Penso nas coisas boas da vida, quando estamos em conjunto. (...). Sinto saudade de não estar mais tempo com eles.</p> <p><b>E12,46:</b> “(...). Lembro-me dos meus pais, (...) dos meus falecidos sogros. (...) ajudaram-me bastante. (...). Quando penso nos meus pais, gostava que eles fossem mais novos. (...)”.</p> <p><b>E12,47:</b> “Nele, (...), sinto... sei lá... não é uma incapacidade de não poder ajudar, mas noto que</p>
--	--

<p>pensar é perceber que ele não se junta aos amigos. O Lar convida-o para as festas e ele não quer ir, porque tem lá um ou outro que lhe mandam bocas e ele não gosta”.</p> <p><b>E12,48:</b> “Sim. Lembro-me. Sinto o normal. Quer dizer, quando foi agora da minha mãe, uns aproximaram-se mais outros menos. Agora ao pensar na minha mãe sinto tristeza pela perda”.</p> <p><b>E12,50:</b> “Lembro-me muito e muito do meu pai e da minha mãe e até às vezes sonho muitas vezes com o meu pai. Lembro-me bastante. Ora bem. Sinto alegria e ao mesmo tempo tristeza porque já não tenho pai e de um momento penso que vou ficar sem a minha mãe, porque devido a idade dela conta muito e já está a ficar cada vez mais... pelo menos das pernas... Mas pronto. Enquanto houver vida há esperança”.</p> <p><b>E12,52:</b> “Ui! Não gosto de pensar. Às vezes eu digo às minhas filhas, o essencial é a gente dar-se bem. Mas quando penso em alguém sinto alegria. Às vezes ando aqui e ligo à minha irmã, até me corre melhor o dia”.</p> <p><b>E12,54:</b> “Dos de perto, os de casa, estou sempre com eles não há necessidade de os recordar de maneira especial, não é? (risos) o que sinto? Não sei responder. Depende um bocado do que se está a pensar... Como estou tranquila, porque sei que eles estão bem em casa, nem sequer penso. Ando sempre a correr também. Ainda hoje cheguei a casa a correr às 13h15 e tinha aulas às 13h30. É sempre a correr”.</p> <p><b>E12,55:</b> “Muito. Sinto que sem os meus familiares também não era nada. São eles que me dão a maior parte do apoio que tenho. A minha família é um apoio muito grande na minha vida”.</p> <p><b>E12,56:</b> “Eh pá! Essa agora é que é complicada. (risos) a vida é tão... o stresse da vida hoje é tão complicado que... Eu tenho um filho a estudar no Porto. Eu penso na família, mas tenho é que dividir a atenção. Neste momento o meu filho precisa muito de mim. A minha tia está aqui mais segura e não lhe dou aquela atenção durante o dia. Eu sei que está aqui, que está bem, que tem todas as garantias que eu sei que tem. Agora se calhar dou mais valor ao meu filho que tem 20 anos e está no Porto sozinho e que não tem uma proteção por trás. Em relação à minha tia é mais de tranquilidade. Em relação ao meu filho, é sempre uma apreensão grande porque vivemos num mundo complicado. Embora ele tenha 20 anos, nós estamos sempre receosos de alguma eventualidade. Ele está a estudar, eu sei que ele está a estudar, mas estamos sempre receosos. Também tenho pela minha tia, mas não tanto. Uma coisa é eu saber que todos os dias de manhã vejo a minha tia, o meu filho não. Só o vejo aos fins-de-semana. Não tenho aquele contacto”.</p> <p><b>E12,57:</b> “Da minha mãe. Saudades. É difícil. (choro)”.</p> <p><b>E12,58:</b> “Lembro-me muitas vezes. Não sei. Principalmente o meu irmão, que gosto muito dele. Não sei. Tenho pena de não o poder ajudar mais que o ajudo. Mas também me lembro muito dos meus filhos, que isso... (risos) sabe como é, (risos) eles também estão lá fora: netos e filhos”.</p> <p><b>E12,59:</b> “Sim. Recordo. Olhe. Sinto que de facto a vida, não digo que a vida é ingrata, mas esta fase da vida é</p>	<p>ele está assim um bocadinho abandonado. (...)”.</p> <p><b>E12,48:</b> “Sim. (...) ao pensar na minha mãe sinto tristeza pela perda”.</p> <p><b>E12,50:</b> “Lembro-me muito (...) do meu pai e da minha mãe e até às vezes sonho (...). Sinto alegria e ao mesmo tempo tristeza porque já não tenho pai e de um momento penso que vou ficar sem a minha mãe, (...)”.</p> <p><b>E12,52:</b> “(...) Não gosto de pensar. (...)”.</p> <p><b>E12,54:</b> “Dos de perto, os de casa, estou sempre com eles não há necessidade de os recordar de maneira especial, (...) o que sinto? Não sei responder. Depende um bocado do que se está a pensar... (...)”.</p> <p><b>E12,55:</b> “Muito. Sinto que sem os meus familiares também não era nada. (...)”.</p> <p><b>E12,56:</b> “(...) Eu penso na família, mas tenho é que dividir a atenção. Neste momento o meu filho precisa muito de mim. (...) Em relação à minha tia é mais de tranquilidade. Em relação ao meu filho, é sempre uma apreensão grande porque vivemos num mundo complicado. (...)”.</p> <p><b>E12,57:</b> “Da minha mãe. Saudades. (...)”.</p> <p><b>E12,58:</b> “(...) Principalmente o meu irmão, que gosto muito dele. Não sei. Tenho pena de não o poder ajudar mais que o ajudo. (...)”.</p> <p><b>E12,59:</b> “Sim. Recordo. Olhe. Sinto que de facto a</p>
---	---

	<p>um bocado complicada. As pessoas começam a ser dependentes e para mim é uma tristeza sentir que nós dependemos dos outros. Dependendo dos outros é uma coisa muito difícil. Eu sou cristão e nas minhas orações nunca faço pedidos para mim, faço para os outros. E os meus pais estão sempre presentes. Estão sempre na primeira linha. Peço e desejo que eles tenham saúde, mas nem sempre é possível, mas...”</p> <p><b>E12,60:</b> “Penso (choro) Tenho os meus irmãos no estrangeiro (choro) sinto-me muito só cá, fica tudo nas minhas costas”.</p> <p><b>E12,61:</b> “Não são muitas. As vezes em que não penso nos meus familiares durante o dia, talvez porque me encontro bastante absorvido no apoio que dou à instituição social da comunidade. Não deixo ao fim do dia de pensar e conviver com eles”.</p> <p><b>E12,62:</b> “Muitas. Às vezes estou na fábrica a trabalhar e estou a pensar neles. E agora, cada vez pior, estou sempre a ver se chega alguma notícia. Sinto tristeza”.</p>	<p>vida, não digo que a vida é ingrata, mas esta fase da vida é um bocado complicada. (...). E os meus pais estão sempre presentes. Estão sempre na primeira linha. (...)”.</p> <p><b>E12,60:</b> “Penso (choro) Tenho os meus irmãos no estrangeiro (choro) sinto-me muito só cá, fica tudo nas minhas costas”.</p> <p><b>E12,61:</b> “Não são muitas. (...). Não deixo ao fim do dia de pensar e conviver com eles”.</p> <p><b>E12,62:</b> “Muitas. Às vezes estou na fábrica a trabalhar e estou a pensar neles. (...). Sinto tristeza”.</p>
<p>Quem recorda com mais frequência? Porquê?</p>	<p><b>E13,1:</b> “Ninguém em especial. Os meus pais viviam com o meu tio, ligando para um sabia dos três. Os outros familiares, não tenho. Uma outra tia minha, ligo-lhe e sei de todos, mesmo dos meus primos, porque também são só três”.</p> <p><b>E13,2:</b> “A minha mãe. Lembro-me mais dela por estar sozinha. Durante o dia penso no que estará a fazer, se está bem. Em tudo o que me preocupa, como preocupa a um filho que tem a mãe sozinha no mundo”.</p> <p><b>E13,3:</b> “Penso muito. Penso muita vez nos meus filhos, no meu namorado. Estou sempre a pensar neles, se está tudo bem. Na minha mãe não penso tantas vezes, mas na hora de sair daqui penso sempre”.</p> <p><b>E13,4:</b> “Até agora era o pai e o Paulinho, porque estava a viver na França. Agora venho viver com eles”.</p> <p><b>E13,5:</b> “Eu penso muito no presente e no futuro. Não me perco a pensar no passado. O que passou, morreu. Não ando a pensar...”.</p> <p><b>E13,6:</b> “O meu irmão que vem aqui, tenho mais ligação, por causa do futebol”.</p> <p><b>E13,7:</b> “É mais a minha mãe. Há uma ligação de mais carinho. Mas, não estou a dizer que não goste do meu pai, mas o meu pai também foi muito meu amigo. Eu tenho uma casa hoje, construí-a aos bocadinhos e eu sabia que se não tivesse dinheiro tinha quem me estendesse a mão. O meu pai ajudaria-me, sem dúvida”.</p> <p><b>E13,8:</b> “Penso no geral”.</p>	<p><b>E13,1:</b> “Ninguém em especial. Os meus pais viviam com o meu tio, ligando para um sabia dos três. Os outros familiares, não tenho. (...)”.</p> <p><b>E13,2:</b> “A minha mãe. Lembro-me mais dela por estar sozinha. (...)”.</p> <p><b>E13,3:</b> “Penso muito. Penso muita vez nos meus filhos, no meu namorado. Estou sempre a pensar neles, se está tudo bem. (...)”.</p> <p><b>E13,4:</b> “Até agora era o pai e o Paulinho, porque estava a viver na França. (...)”.</p> <p><b>E13,5:</b> “Eu penso muito no presente e no futuro. (...)”.</p> <p><b>E13,6:</b> “O meu irmão que vem aqui, tenho mais ligação, por causa do futebol”.</p> <p><b>E13,7:</b> “É mais a minha mãe. Há uma ligação de mais carinho. (...)”.</p> <p><b>E13,8:</b> “Penso no geral”.</p>

	<p><b>E13,10:</b> “Os meus três irmãos porque vivemos geograficamente muito afastados uns dos outros, sempre na ânsia do reencontro”.</p> <p><b>E13,11:</b> “Lembro muito da irmã dele. Às vezes lembro-me a toda a hora, porque era uma pessoa (pausa) se ele é bom, ela ainda era melhor. É irmã da minha mãe que me marcou muito. Ela sofreu sempre muito, mas com muita paciência. Acho que nos dava mais mimos que a nossa própria mãe. Se há santos, eu acredito que ela é um deles. Ela era perfeita em tudo”.</p> <p><b>E13,13:</b> “É mais os meus pais por causa do problema de saúde. E também o meu tio”.</p> <p><b>E13,14:</b> “De que me lembro mais é dos meus filhos”.</p> <p><b>E13,15:</b> “O meu pai, talvez porque faleceu e não está presente. Se calhar lembro-me mais dele porque não está cá e a minha mãe está”.</p> <p><b>E13,16:</b> “A minha filha. (choro) Tem paralisia cerebral. É sempre uma preocupação. Esses também são os motivos da minha irmã estar aqui, senão não estava aqui, estava comigo. Mas assim não posso cuidar das duas. Ela sabe que eu tenho a menina assim. Ela tem a noção porque não cuido dela”.</p> <p><b>E13,18:</b> “Acho que é tudo por igual, é tudo mais ou menos”.</p> <p><b>E13,19:</b> “É no meu irmão. No que vai ser dele, teve meningite e é dependente de cadeira de rodas. O meu pai já não o pode ajudar”.</p> <p><b>E13,20:</b> “Não. São todos por igual”.</p> <p><b>E13,21:</b> “Como fui dizendo, são os meus pais”.</p> <p><b>E13,22:</b> “O meu pai, falecido o ano passado”.</p> <p><b>E13,23:</b> “A minha filha e os meus netos por ela estar divorciada e precisar mais do meu apoio”.</p> <p><b>E13,25:</b> “Nos meus pais. Cada um há sua maneira, marcaram cada um há sua maneira”.</p> <p><b>E13,26:</b> “Lembro-me muito da minha mãe quando era viva. Lembro-me também do meu irmão. Era com quem brincava”.</p> <p><b>E13,27:</b> “Penso mais vezes na minha mãe e no meu irmão, porque agora tenho saudades”.</p>	<p><b>E13,10:</b> “Os meus três irmãos porque vivemos geograficamente muito afastados uns dos outros, sempre na ânsia do reencontro”.</p> <p><b>E13,11:</b> “Lembro muito da irmã dele. (...)”.</p> <p><b>E13,13:</b> “É mais os meus pais por causa do problema de saúde. E também o meu tio”.</p> <p><b>E13,14:</b> “(...) é dos meus filhos”.</p> <p><b>E13,15:</b> “O meu pai, talvez porque faleceu e não está presente. (...)”.</p> <p><b>E13,16:</b> “A minha filha. (...) É sempre uma preocupação. (...)”.</p> <p><b>E13,18:</b> “Acho que é tudo por igual, (...)”.</p> <p><b>E13,19:</b> “É no meu irmão. No que vai ser dele (...)”.</p> <p><b>E13,20:</b> “Não. São todos por igual”.</p> <p><b>E13,21:</b> “(...), são os meus pais”.</p> <p><b>E13,22:</b> “O meu pai, falecido (...)”.</p> <p><b>E13,23:</b> “A minha filha e os meus netos por ela estar divorciada e precisar mais do meu apoio”.</p> <p><b>E13,25:</b> “Nos meus pais. (...)”.</p> <p><b>E13,26:</b> “(...) muito da minha mãe quando era viva. (...) do meu irmão. Era com que brincava”.</p> <p><b>E13,27:</b> “(...) na minha mãe e no meu irmão, (...) tenho saudades”.</p>
--	--	--

<p><b>E13,29:</b> “Não. Quer dizer, eu tinha um tio que ocupava-se da minha casa. Quando havia alguma coisa dizia-me. Esse fez-me um bocado falta, morreu há 2 anos. Mas a vida é mesmo assim”.</p> <p><b>E13,30:</b> “Sem dúvida, os meus pais. Por serem os meus pais e derivado à situação deles. Porque estão abdicar de tudo por causa da doença”.</p> <p><b>E13,31:</b> “Não tenho só a minha tia. O meu pai também está acamado”.</p> <p><b>E13,32:</b> “Claro que sim. No meu filho. É óbvio”.</p> <p><b>E13,34:</b> “As pessoas que já faleceram recentemente como a minha avó e bisavó e que noto a falta e ausência nos convívios familiares”.</p> <p><b>E13,35:</b> “Penso sempre no geral, em todos”.</p> <p><b>E13,37:</b> “Sem dúvida. Penso muito frequentemente, claro que primeiro os meus pais, mas depois em termos de preocupação, na minha avó materna, porque ela vive sozinha. É diferente o contexto desta avó do da outra. A outra avó vive sozinha o que suscita algumas preocupações. Às vezes durante o dia penso no que ela estará a fazer durante o dia. Embora ela tenha alguns amigos, goste de sair, tenta a diversão à maneira dela. Tem os irmãos, mas também nos cria alguns problemas de a motivar, porque à vezes convidamo-la para várias coisas e ela quer ficar em casa. Por isso penso muitas vezes nela”.</p> <p><b>E13,39:</b> “Penso mais no meu pai por estar assim. Porque se ele andasse... eu nunca imaginei assim... prontos... eu imaginava um fim de vida para os meus pais diferente. Nunca pensei que o meu pai ficasse assim com aquela doença. Imaginava-os aos dois... porque eles andavam sempre juntos, sempre, sempre. Um caiu muito depressa em relação ao outro. Imaginava-os aos dois a passearem. Gostavam tanto de ir para a Póvoa, prontos...”.</p> <p><b>E13,40:</b> “O meu avô, porque ainda sinto falta dele, das nossas conversas...”.</p> <p><b>E13,42:</b> “Do meu pai, porque era, talvez, por ser rapaz, era com quem falava. Com ele desabafava mais. Com a minha mãe, às vezes nem vale a pena falar. Tem coisas que ainda é muito à maneira antiga, nem vale a pena tocar no assunto. Mesmo com os netos, não tolera brincadeiras, enquanto que o meu pai sim, brincava com eles”.</p> <p><b>E13,44:</b> “Ultimamente o meu avô, porque tem andado mais doente e nós temos andado preocupados com ele”.</p> <p><b>E13,45:</b> “A minha avó materna. Porque sempre vivi com ela. Quando ela faleceu eu tinha 20 anos. Portanto é a pessoa de quem eu sinto muita falta”.</p>	<p><b>E13,29:</b> “Não. (...) um tio (...). Esse fez-me um bocado falta, morreu há 2 anos. (...)”.</p> <p><b>E13,30:</b> “Sem dúvida, os meus pais. (...) derivado à situação deles. (...)”.</p> <p><b>E13,31:</b> “Não tenho só a minha tia. O meu pai também está acamado”.</p> <p><b>E13,32:</b> “(...) No meu filho. (...)”.</p> <p><b>E13,34:</b> “(...) minha avó e bisavó e que noto a falta e ausência nos convívios familiares”.</p> <p><b>E13,35:</b> “Penso sempre no geral, em todos”.</p> <p><b>E13,37:</b> “(...) primeiro os meus pais, mas depois em termos de preocupação, na minha avó materna, porque ela vive sozinha. (...)”.</p> <p><b>E13,39:</b> “Penso mais no meu pai por estar assim. (...). Nunca pensei que o meu pai ficasse assim com aquela doença. (...)”.</p> <p><b>E13,40:</b> “O meu avô, porque ainda sinto falta dele, das nossas conversas...”.</p> <p><b>E13,42:</b> “Do meu pai, porque era, talvez, por ser rapaz, era com quem falava. (...)”.</p> <p><b>E13,44:</b> “Ultimamente o meu avô, porque tem andado mais doente (...)”.</p> <p><b>E13,45:</b> “A minha avó materna. Porque sempre vivi com ela. (...) sinto muita falta”.</p>
---	---

<p><b>E13,46:</b> “Normalmente, lembro-me mais da minha falecida avó. Era impecável. Eu ficava no mesmo quarto dela, numa cama ao lado. Naquele tempo era uma ditadura. Tínhamos que estar em casa às 22h00, se não levávamos logo com a vara. Então o que é que acontecia. A minha avó tinha o sono leve e o quarto tinha uma janelinha onde eu cabia à rasca. Então eu dizia à minha avó: ‘eu venho mais tarde’ e ela dizia ‘não há problema, bates na janela’. Então eu ia ao cinema e chegava à meia-noite ou mais tarde. Então subia pela janela então eles ficavam a saber o mesmo. (risos). Porque eu sabia que se viesse mais tarde e tivesse que bater à porta principal, levava logo do meu pai, mesmo depois de ter 18 anos. Era uma ditadura... A minha avó marcou-me muito”.</p> <p><b>E13,47:</b> “No meu tio, porque acho que está ali um bocado abandonado. Por exemplo, arranjei-lhe aquele cão abandonado que anda lá que ele gosta muito de animais. A cadela é muito brincalhona”.</p> <p><b>E13,48:</b> “É mais na perca da minha mãe. Os outros, somos irmãos, mas cada um tem a sua vida”.</p> <p><b>E13,50:</b> “Recordo-me mais do meu pai, porque além deles serem os dois boas pessoas, ele era mais chegado a mim, talvez por ser o único rapaz e sempre trabalhei com ele. Desde os 10 anos que estou no estabelecimento que era dele, na sapataria que era dele. Estou lá a trabalhar há 51 anos, fui para lá com 10 anos, fiz a 4ª classe. Faça as contas. Estive toda a infância a trabalhar com ele e recordo-me mais dele”.</p> <p><b>E13,52:</b> “A minha avó, mãe da minha mãe. Era uma mulher expcional. Lembro-me muito da minha avó materna. Nós íamos a casa dela, ela era muito meiga, dava comida a todos os pobres, e ela dava-nos muita fruta. Ela tinha quinta. Dava-nos fruta que ia vender à feira. Ela só dizia: “quando morrer rezai por mim”.</p> <p><b>E13,54:</b> “Não me ocorre assim ninguém”.</p> <p><b>E13,55:</b> “Na minha avó materna. Sempre. Faz-me muita falta, porque era com ela que convivia todos os dias, sempre desde pequenina. A avó paterna faleceu quando eu era ainda pequenina”.</p> <p><b>E13,56:</b> “É o filho e é preocupação que tenho com ele”.</p> <p><b>E13,57:</b> “É a mãe (choro). A minha mãe marcou muito. (choro). Isto passa”.</p> <p><b>E13,58:</b> “O meu pai. Gostava muito dele. Ele morreu com 39 anos. Fizemos esta casa e eu é que vinha para aqui trabalhar com ele. Ele trabalhava nas pedras e tudo e eu ajudava. Recordo-me de muitas coisas boas dele”.</p> <p><b>E13,59:</b> “São os meus pais e depois a minha filha e a minha esposa, naturalmente. Precisamente pelo que acabei de dizer, desta fase da vida em que as pessoas são mais frágeis, pronto, e que muitas vezes se sentem desmotivadas da vida. Não sentem este gosto de viver. Isso causa alguma tristeza. Por isso, como dizia há bocado, procuro sempre com eles falar de coisas positivas e pensar uma coisa de cada vez, viver uma coisa de cada vez”.</p> <p><b>E13,60:</b> “Em quem penso mais é na minha mãe. Está ali sozinha, nós também temos a nossa vida. Mesmo no trabalho, não estamos numa fase de escolher. Tem que se aproveitar o trabalho, mesmo fora das nossas horas.</p>	<p><b>E13,46:</b> “Normalmente, lembro-me mais da minha falecida avó. Era impecável. (...) A minha avó marcou-me muito”.</p> <p><b>E13,47:</b> “No meu tio, porque acho que está ali um bocado abandonado. (...)”.</p> <p><b>E13,48:</b> “É mais na perca da minha mãe. (...9”.</p> <p><b>E13,50:</b> “Recordo-me mais do meu pai, porque além deles serem os dois boas pessoas, ele era mais chegado a mim, talvez por ser o único rapaz e sempre trabalhei com ele. (...)”.</p> <p><b>E13,52:</b> “A minha avó, mãe da minha mãe. Era uma mulher expcional. (...)”.</p> <p><b>E13,54:</b> “Não me ocorre assim ninguém”.</p> <p><b>E13,55:</b> “Na minha avó materna. (...) era com ela que convivia todos os dias, (...)”.</p> <p><b>E13,56:</b> “É o filho e é preocupação (...)”.</p> <p><b>E13,57:</b> “É a mãe (choro). (...)”.</p> <p><b>E13,58:</b> “O meu pai. Gostava muito dele. (...). Recordo-me de muitas coisas boas dele”.</p> <p><b>E13,59:</b> “São os meus pais e depois a minha filha e a minha esposa, naturalmente. (...)”.</p> <p><b>E13,60:</b> “Em quem penso mais é na minha mãe. Está ali sozinha, (...)”.</p>
--	--

	<p>Não nos podemos dar ao luxo de sair à nossa hora. Mas é triste as minhas filhas dizerem que me queriam mais tempo em casa e eu saber que também tenho a minha mãe, porque não está cá mais ninguém”.</p> <p><b>E13,61:</b> “Os meus filhos. São meus filhos...”.</p> <p><b>E13,62:</b> “Agora penso na pequenina, na minha sobrinha... A que tem diabetes e precisa de mais atenção”.</p>	<p><b>E13,61:</b> “Os meus filhos. São meus filhos...”.</p> <p><b>E13,62:</b> “Agora penso na pequenina (...) tem diabetes e precisa de mais atenção”.</p>
<p>De forma breve, como descreve a sua família?</p>	<p><b>E14,1:</b> “A direta mesmo. Mesmo muito direta. É uma família unida que faz tudo o que pode pelos outros. Passando aos tios, temos uma relação um bocadinho à distância. Mas de resto é uma boa relação. É uma família muito pequena, não há muito para dizer”.</p> <p><b>E14,2:</b> “Acho que somos uma família (pausa) bom... uma família unida. Às vezes há certas coisas que vivemos de aparências, não relativamente ao dinheiro, mas relativamente aos sentimentos para não nos magoarmos uns aos outros preferimos não tocar na ferida. Tentamos aceitar os feitos uns dos outros. Por exemplo, não concordo com o meu irmão, por não vir visitar a mãe, mas não digo nada porque sei que tem uma mulher com um feitiço complicado. A minha irmã é uma pessoa muito fria, sempre pronta a fazer qualquer coisa, mas... não sei... eu choro logo, ela não. Mas quando a dor vem, eu faço qualquer coisa, não sei, vem uma força de dentro de mim, como por exemplo, quando o meu pai acamou, os meus irmãos, Deus me livre, não atinavam para nada... “o que vamos fazer... ele não se mexe...””. E eu reajo logo, digo que há muita gente assim... vamos arranjar uma cama articulada... ele é nosso pai, vamos cuidar dele... Os meus irmãos não, paravam, choravam, não tinham forças, eu não, levei o barco. Pensei: ‘Não. Se veio é para nós””.</p> <p><b>E14,3:</b> “Como hei-de dizer. Quer dizer. Nem sei se dizer se é normal... Não acho que seja normal. Acho que não é. Para mim uma família normal é uma família que seja feliz. Depois toda a gente tem problemas. A começar pelos meus pais que se separaram. Depois o meu divórcio, o da minha irmã. Depois tive outro que esteve quase. Agora tenho outro que parece que as coisas não estão assim muito bem. Nós damo-nos bem e depois vamos sabendo as coisas. Eu tenho uma coisa, que me dou muito bem com as minhas cunhadas. E acho que uma família normal não tem esses problemas e na minha família há muitos. O meu pai é uma pessoa feliz, está sempre na brincadeira, quer que nós estejamos sempre por perto”.</p> <p><b>E14,4:</b> “Não somos assim muito chegados”.</p> <p><b>E14,5:</b> “Isso é complicado. Nem sei. Se fosse em relação à minha esposa e filhos, essa é muito boa. Agora (pausa) é uma família como muitas outras, que naquela altura foi possível, que nunca foi cultivada. Embora nós pensássemos que deveríamos ser todos unidos, não era em casa que isso era incutido. Agora não sou muito chegado aos meus irmãos, o que tenho muita pena. Nunca fui chegado à minha mãe, mas também é assim, saí de casa muito cedo. Estive no exército para fugir às fábricas”.</p> <p><b>E14,6:</b> “Se calhar nesta altura, felizmente é uma família que está muito bem na vida, que é feliz”.</p>	<p><b>E14,1:</b> “A direta mesmo. (...). É uma família unida que faz tudo o que pode pelos outros. (...)”.</p> <p><b>E14,2:</b> “Acho que somos uma família (pausa) bom... uma família unida. (...)”.</p> <p><b>E14,3:</b> “(...) Nem sei se dizer se é normal... Não acho que seja normal. (...) Para mim uma família normal é uma família que seja feliz. (...) toda a gente tem problemas. A começar pelos meus pais que se separaram. Depois o meu divórcio, o da minha irmã. Depois tive outro que esteve quase. Agora tenho outro que parece que as coisas não estão assim muito bem. (...)”.</p> <p><b>E14,4:</b> “Não somos assim muito chegados”.</p> <p><b>E14,5:</b> “Isso é complicado. Nem sei. Se fosse em relação à minha esposa e filhos, essa é muito boa. Agora (pausa) é uma família como muitas outras. (...)”.</p> <p><b>E14,6:</b> “Se calhar nesta altura, felizmente é uma família que está muito bem na vida, que é feliz”.</p>

<p><b>E14,7:</b> “Não sei como hei-de descrevê-la. Acho que é uma família média. Não somos muito bons, mas também não somos muito maus”.</p> <p><b>E14,8:</b> “Pronto. A minha família é de origem rural onde se vive 24h sobre 24h. Normalmente não se saia dali. Era vivido muito profundamente a família. Depois havia os valores espirituais e sociais. Portanto, aqueles valores, daquela altura podem-se considerar ultrapassados, mas o modernismo, pelo que eu vejo, também não o vejo a ir a lado nenhum. Portanto, tudo isso, desde a formação religiosa à social, a atividade económica na quinta, tudo isso contribuiu para uma família muito unida”.</p> <p><b>E14,10:</b> “Uma família clássica, funcional, muito unida e equilibrada que sempre põe o valor da amizade à frente de tudo, nomeadamente das mesquinhas materiais”.</p> <p><b>E14,11:</b> “Damo-nos todos bem”.</p> <p><b>E14,13:</b> “Nós somos unidos. Uns mais do que os outros. Eu, por exemplo, sou mais chegado, sou o que convivo mais”.</p> <p><b>E14,14:</b> “Ora bem. A minha mãe é assim... a minha mãe viuvoa muito cedo, com 49 anos e a partir daí, ela passou a viver em função dos filhos. Ela deixou de ter vida própria. Ela preocupa-se às vezes até de mais com os filhos, os netos... eu às vezes até evito contar-lhe certas coisas. Ela acha que devíamos vir cá todos os dias, esquece-se que vivemos longe. Mas uma vez por semana tem sempre um filho. Mas à partida damo-nos todos bem. Mas a minha mãe às vezes tem assim um feitiozinho (risos) às vezes perco a paciência, às vezes tenho que lhe responder torto, mas depois arrependo-me”.</p> <p><b>E14,15:</b> “Uma família normal. Até àquele desentendimento, a minha mãe falava que eramos uma família muito unida”.</p> <p><b>E14,16:</b> “Já foi muito unida, mas agora não”.</p> <p><b>E14,18:</b> “Dos meus. Morreram quase todos. Não temos assim muita ligação. Se passem por mim falam, se não passarem, não falam. Se eu passar falo se não passar não falo”.</p> <p><b>E14,19:</b> “Eu acho que é uma família unida. Às vezes há assim divergências, mas acho que é uma família unida. Se houver um problema, basta ligar a um ou a outro que eles apoiam logo”.</p> <p><b>E14,20:</b> “É uma família normal. Acho eu. Quando podemos, juntamo-nos. (risos) Há famílias piores”.</p> <p><b>E14,21:</b> “É assim. A família... como hei-de dizer... eu não tenho assim muita família. Eu só tenho tios e todos já com uma certa idade. Se formos a ver, a minha mãe não se dá com a família do meu pai. Houve uma altura que nem com os irmãos se dava. Sempre se afastou... Lá está... é um bocado complicado... o seu feitio. Eu em</p>	<p><b>E14,7:</b> “(...) Acho que é uma família média. Não somos muito bons, mas também não somos muito maus”.</p> <p><b>E14,8:</b> “(...) uma família muito unida”.</p> <p><b>E14,10:</b> “Uma família clássica, funcional, muito unida e equilibrada (...)”.</p> <p><b>E14,11:</b> “Damo-nos todos bem”.</p> <p><b>E14,13:</b> “Nós somos unidos. Uns mais do que os outros. (...)”.</p> <p><b>E14,14:</b> “(...) damo-nos todos bem. (...)”.</p> <p><b>E14,15:</b> “Uma família normal. Até àquele desentendimento, (...) eramos uma família muito unida”.</p> <p><b>E14,16:</b> “Já foi muito unida, mas agora não”.</p> <p><b>E14,18:</b> “Dos meus. Morreram quase todos. Não temos assim muita ligação. (...)”.</p> <p><b>E14,19:</b> “Eu acho que é uma família unida. (...)”.</p> <p><b>E14,20:</b> “É uma família normal. (...)”.</p> <p><b>E14,21:</b> “É assim. A família... como hei-de dizer... eu não tenho assim muita família. Eu só tenho tios e todos já com uma certa idade. Se</p>
--	--

<p>pequena fui criada mais para o lado do meu pai, com os meus avós paternos e tios. Intimamente tenho mais ligação àquela parte. Da parte da minha mãe, como ela não se dava bem com ninguém, eu quase que não os conhecia. Ela foi sempre brusca. O que não for como ela quer, como ela manda, está o caldo entornado. Mesmo o que ela sismar que há-de ser e não se fizer à maneira dela... E desde que veio para aqui foi pior. Eu se fosse outro tipo de filho virava-lhe as costas. Só mais tarde é que comecei a criar um certo laço. Agora, nos meus, acho que é uma família normal”.</p> <p><b>E14,22:</b> “É uma família que sempre cumpriu os seus compromissos..., sendo por conseguinte uma família conhecida e respeitada”.</p> <p><b>E14,23:</b> “É uma família com uma relação normal”.</p> <p><b>E14,25:</b> “É uma família, não sei se o termo existe (risos), mas eu vou inventá-lo, moderno-tradicional ou tradicional-moderno (risos) em que nós somos todos independentes, mas em que todos vivem a vida do outro. É capaz de não acreditar, mas isto é uma realidade. Cada um tem a sua vida, não se interfere nas opções, escolhas, etc, embora sempre que o outro peça conselhos... a casa está sempre de portas abertas. Particularmente é isso, mas que cada um faz as suas vidas”.</p> <p><b>E14,26:</b> “Descrevo tipo assim... (pausa) são boas pessoas, né? Eu também sou. Mas tipo aquilo, quando é para fazer alguma coisa ao pai, todos ficam de fora. Depois fico triste. Ignoro. Quem quiser fazer faz, quem não quiser não faz. Não digo que é uma família que quando está mal, uns ajudam os outros, porque não somos assim”.</p> <p><b>E14,27:</b> “Acho que da parte do meu irmão podia ser mais humilde”.</p> <p><b>E14,29:</b> “Eu descrevo e bem. A família da parte do meu pai, eramos mais atirados para lá, não sei bem porquê, mais do que da família da minha mãe. Quando íamos à família do meu pai eramos mais bem recebidos do que na da minha mãe”.</p> <p><b>E14,30:</b> “A minha família. Ora bem. Os meus pais são o meu espelho, para o bem e para o mal. A minha mãe foi sempre uma querida. O meu pai tem assim um feitio... mais forte. O meu pai é uma pessoa que tem uma cultura acima da média. Sempre leu muito. O meu pai, às vezes não é assim muito fácil. Com os meus irmãos, damo-nos excelentemente”.</p> <p><b>E14,31:</b> “A família. Sinceramente, acho que é um modelo exemplo a seguir. Nós somos 12 irmãos, somos 12 em um. Somos unidos. Se um tiver um problema qualquer, estamos lá todos, por isso eu dizer que é doze em um. Foi assim que o meu pai nos ensinou. Foi essa formação que nos deu”.</p> <p><b>E14,32:</b> “Ui! (risos) São muito humanos, muito afectivos. Claro que poderíamos ser muito mais, mas a vida</p>	<p>formos a ver, a minha mãe não se dá com a família do meu pai. Houve uma altura que nem com os irmãos se dava. Sempre se afastou... (...) Agora, nos meus, acho que é uma família normal”.</p> <p><b>E14,22:</b> “(...) uma família conhecida e respeitada”</p> <p><b>E14,23:</b> “É uma família com uma relação normal”.</p> <p><b>E14,25:</b> “É uma família, não sei se o termo existe (risos), mas eu vou inventá-lo, moderno-tradicional ou tradicional-moderno (risos) em que nós somos todos independentes, mas em que todos vivem a vida do outro. É capaz de não acreditar, mas isto é uma realidade. (...)”.</p> <p><b>E14,26:</b> “Descrevo tipo assim... (pausa) são boas pessoas, né? Eu também sou. Mas tipo aquilo, quando é para fazer alguma coisa ao pai, todos ficam de fora. Depois fico triste. Ignoro. (...)”.</p> <p><b>E14,27:</b> “Acho que da parte do meu irmão podia ser mais humilde”.</p> <p><b>E14,29:</b> “(...). A família da parte do meu pai, eramos mais atirados para lá, não sei bem porquê, mais do que da família da minha mãe. (...)”.</p> <p><b>E14,30:</b> “A minha família. (...). Os meus pais são o meu espelho, para o bem e para o mal. (...). Com os meus irmãos, damo-nos excelentemente”.</p> <p><b>E14,31:</b> “A família. Sinceramente, acho que é um modelo exemplo a seguir. Nós somos 12 irmãos, somos 12 em um (...)”.</p> <p><b>E14,32:</b> “(...) São muito humanos, muito</p>
--	---

<p>também não o permite. Olhe. Pela vida que levamos podíamos ser muito piores e não somos. Somos muito dados uns aos outros. Se houver um problema, mesmo que não estejamos presentes, basta um telefonema, uma preocupação... É como eu digo, podíamos ser muito piores pela infância que tivemos e eu valorizo isso. Mesmo em relação aos meus pais, eu sempre apoiei muito o meu pai no divórcio. Eu sei que o meu pai não era fácil, mas estive sempre do lado dele”.</p> <p><b>E14,34:</b> “No geral a família entendesse bem, é unida, alegre, e uns pelos outros. Já se sabe que há sempre uma ovelha negra na família mas pronto, a gente descarta essas pessoas, porque não há famílias perfeitas e há sempre uma pessoa ou outra mais conflituosa, pois só faz falta quem lá está, não é!? (risos)”.</p> <p><b>E14,35:</b> “É assim. Nós nunca fomos assim muito..., é assim, tanto da parte da minha mãe como do meu pai, mesmo agora do meu marido, não somos muito de nos juntarmos. É assim, falamos, mas cada um tem a sua vida, mas não somos de nos juntar”.</p> <p><b>E14,37:</b> “É uma família complicada, mas é uma família que quando alguma coisa realmente é necessário toda a gente comunica com toda a gente para se resolver os problemas. Não se pode dizer que é uma família unida, não é uma família unida. Faz-se alguns esforços de alguns elementos para se unirem, mas acaba por ser muita dispar. Na globalidade acabam por se afastar muito uns dos outros. Quando é para se resolver algum problema unem-se, mas não é por natureza unida. Mas, à sua maneira, é uma família unida”.</p> <p><b>E14,39:</b> “É a minha família, acho que é uma família normalíssima como outra qualquer”.</p> <p><b>E14,40:</b> “De uma forma geral, considero que a minha família é uma família unida, que se rege pelos valores e princípios normais da nossa sociedade, tendo como base fundamental os valores cristãos”.</p> <p><b>E14,42:</b> “Talvez, da parte da minha mãe mais conservadora e da parte do meu pai, mais atual”.</p> <p><b>E14,44:</b> “No geral, é como se costuma dizer: as aparências iludem, não é? Num momento pensamos que está tudo bem e depois levamos uma punhalada pelas costas. É mesmo assim, mas pronto. Tentamo-nos unir, ser fortes e levar as coisas para a frente”.</p> <p><b>E14,45:</b> “A minha família? Poderei dizer que é uma família unida apesar de não conviver no tempo em que estamos, devido à idade. Por exemplo, os meus tios já têm um patamar de idade dos 70 para cima e já têm muita dificuldade em conduzir. Alguns já nem conseguem conduzir. Isso faz com que a distância entre eles seja uma ruptura”.</p> <p><b>E14,46:</b> “É uma família normal. Tem os seus defeitos e também tem virtudes. Eu acho que é uma família normal”.</p>	<p>afectivos. (...). Somos muito dados uns aos outros. (...), podíamos ser muito piores pela infância que tivemos e eu valorizo isso. (...)”.</p> <p><b>E14,34:</b> “No geral a família entendesse bem, é unida, alegre, e uns pelos outros. (...)”.</p> <p><b>E14,35:</b> “É assim. Nós nunca fomos assim muito(...) de nos juntarmos. É assim, falamos, mas cada um tem a sua vida, mas não somos de nos juntar”.</p> <p><b>E14,37:</b> “É uma família complicada, mas é uma família que quando alguma coisa realmente é necessário toda a gente comunica com toda a gente para se resolver os problemas. (...)”.</p> <p><b>E14,39:</b> “(...) é uma família normalíssima como outra qualquer”.</p> <p><b>E14,40:</b> “De uma forma geral, considero a que minha família é uma família unida, (...)”.</p> <p><b>E14,42:</b> “Talvez, da parte da minha mãe mais conservadora e da parte do meu pai, mais atual”.</p> <p><b>E14,44:</b> “(...). Tentamo-nos unir, ser fortes e levar as coisas para a frente”.</p> <p><b>E14,45:</b> “A minha família? Poderei dizer que é uma família unida apesar de não conviver no tempo em que estamos, devido à idade (...)”.</p> <p><b>E14,46:</b> “É uma família normal. Tem os seus defeitos e também tem virtudes. (...)”.</p>
--	---

**E14,47:** “Olhe. Fomos sempre muito unidos. O meu pai foi sempre uma pessoa que gostou muito de festas e fomos sempre muito unidos. De facto, quando o meu pai faleceu, as coisas ficaram assim um bocado mais... No Verão nós passávamos sempre 8 dias todos juntos e agora após a morte do meu pai, acho que as coisas se complicaram um bocado. Prontos. A gente, quando o meu pai era vivo, a gente quase que se sentia na obrigação de que aquela semana era para estarmos juntos e agora... os miúdos também cresceram, é mais complicado. Mas eu acho que a morte de um pai ou de uma mãe marca muito. Acho que sim. Acho que o meu pai é que nos unia. Ele dizia e nós íamos atrás”.

**E14,48:** “É uma família normal. É normal”.

**E14,50:** “Ora bem. A minha família, além de não haver assim muito aconchego durante os anos, é uma família espetacular. Nunca tive problemas com ninguém, dou-me bem com todos, não guardo rancor a nenhum. Sinto por dentro aquilo que me fizeram quando o meu pai esteve doente, mas tudo se esquece. Sou uma pessoa que me dou a toda a gente, não é por isso que desejo mal...”.

**E14,52:** “Uma família muito equilibrada. Foi sempre. Tanto da parte da minha mãe como do meu pai”.

**E14,54:** “(risos) eu acho que deve ser uma família normal, mas nem sei. Anda sempre tudo tão fora e dentro em horários tão tolos, que se calhar não é normal. (risos) Tenho 3 filhos que são todos da área da música, isso faz já com que os horários sejam muito diferentes, muito disparatados. De resto, acho que é uma família normal. Para mim é normal. Desde que tive um problema de saúde bastante grave, sempre tentei que os meus filhos fossem autónomos, por isso eles têm muita autonomia”.

**E14,55:** “A minha família é: são muito boas pessoas, dão-me todo o apoio. São muito espontâneos, tudo o que tiverem para dizer dizem, não deixam por dizer. Não são nada conflituosos, dão-se bem com toda a gente. Entre os familiares são muito unidos para o que der e vier. Falando mais nos meus pais, para mim e para ao meu irmão são, como hei-de dizer, são muito fixes connosco mas quando tiverem que pôr ali um ponto final também põe. Claro, que como em todas as famílias há aquelas zangas, berram, mas depois volta tudo ao normal. Gosto dos meus tios todos e dou-me bem com todos”.

**E14,56:** “Como é que hei-de dizer, como é que hei-de explicar... é uma família, damo-nos todos muito bem, mas temos realmente atividades e modos de pensar um bocadinho diferentes. A divergência também ajuda. Mas não sei como a caracterizar numa palavra. Não é muito fácil. Mas acho que somos uma família, no verdadeiro conceito da palavra – família”.

**E14,57:** “Não sei por onde lhe hei-de pegar. É uma família muito unida. Eramos e somos. Há sempre aquelas divergências, mas passado um bocado já está tudo bem”.

**E14,58:** “Eu acho que somos uma família, não somos uma família de primeira classe, como se diz. Somos uma família bem relacionada uns com os outros. Não andamos sempre à guerra ou a discutir. Vivemos todos unidos uns com os outros”.

**E14,47:** “Olhe. Fomos sempre muito unidos. O meu pai foi sempre uma pessoa que gostou muito de festas e fomos sempre muito unidos. (...). Mas eu acho que a morte de um pai ou de uma mãe marca muito. Acho que sim. Acho que o meu pai é que nos unia. Ele dizia e nós íamos atrás”.

**E14,48:** “É uma família normal. É normal”.

**E14,50:** “(...). A minha família, além de não haver assim muito aconchego durante os anos, é uma família espetacular. (...)”.

**E14,52:** “Uma família muito equilibrada. (...)”.

**E14,54:** “eu acho que deve ser uma família normal, mas nem sei. Anda sempre tudo tão fora e dentro em horários tão tolos, que se calhar não é normal. (...)”.

**E14,55:** “(...) são muito boas pessoas, dão-me todo o apoio. São muito espontâneos, tudo o que tiverem para dizer dizem, não deixam por dizer. Não são nada conflituosos, dão-se bem com toda a gente. Entre os familiares são muito unidos para o que der e vier. (...)”.

**E14,56:** “(...) acho que somos uma família, no verdadeiro conceito da palavra – família”.

**E14,57:** “(...). É uma família muito unida. Eramos e somos. (...)”.

**E14,58:** “(...). Somos uma família bem relacionada uns com os outros. (...). Vivemos todos unidos (...)”.

	<p><b>E14,59:</b> “Olhe. Pronto. Eu acho... Acho não, tenho a certeza, que os meus pais são pessoas que, pronto, dentro daquilo que lhes é possível, prontos e eles não são pessoas de muita formação, mas são pessoas afetivas que nutrem um carinho muito grande pelos filhos, procuram promover a união entre todos. Ao longo da vida há sempre percalços e eles procuram, se calhar à maneira deles, às vezes fazem coisas, nomeadamente a minha mãe, faz coisas que podem não agradar, mas eu percebo que eles podem não ter a perceção de qual é a melhor forma de ver as coisas, mas para mim é importante perceber que eles tentam fazer isso. Às vezes podem não conseguir, mas tentam promover a união entre os filhos e isso para mim é importante”.</p> <p><b>E14,60:</b> “Com as minhas filhas e a minha esposa a relação é excepcional. Com os meus pais e irmãos... a gente não se dá mal, mas havia ali sempre um entrave... depois do grande mal da nossa família é não falar. (choro)”.</p> <p><b>E14,61:</b> “Amigos, atenciosos, atentos”.</p> <p><b>E14,62:</b> “Boa”.</p>	<p><b>E14,59:</b> “(...) os meus pais são pessoas que, pronto, dentro daquilo que lhes é possível, prontos e eles não são pessoas de muita formação, mas são pessoas afetivas que nutrem um carinho muito grande pelos filhos, procuram promover a união entre todos. (...)”.</p> <p><b>E14,60:</b> “Com as minhas filhas e a minha esposa a relação é excepcional. Com os meus pais e irmãos... (...) o grande mal da nossa família é não falar. (choro)”.</p> <p><b>E14,61:</b> “Amigos, atenciosos, atentos”.</p> <p><b>E14,62:</b> “Boa”.</p>
<p>Há quanto tempo conhece o idoso?</p>	<p><b>E15,9:</b> “Desde 1980, tinha 11 anos de idade nessa época”.</p> <p><b>E15,12:</b> “Desde que nasci”.</p> <p><b>E15,17:</b> “Hora bem! Estou casado à volta de 20 anos, namorei 10, por isso conheço-o há uns 30 anos”.</p> <p><b>E15,24:</b> “Conheço-o desde que veio para o Lar. Conheço-o de o ver aqui quando vinha visitar o meu falecido pai, agora continuo a visitá-lo porque dava-se bem com o meu pai. Não sei há quanto tempo. Há aqui idosos que estão sempre à espera de ver chegar alguém. E ele é um deles e isso faz-me cá uma confusão, como há filhos que abandonam aqui os pais e nunca mais cá põem os pés...”.</p> <p><b>E15,28:</b> “Há 27 anos. 26 de casada e um de namoro. (risos)”.</p> <p><b>E15,33:</b> “Há 20 anos”.</p> <p><b>E15,36:</b> “Desde que nascemos”.</p> <p><b>E15,38:</b> “Ora bem. A minha filha tem 24 anos. Para aí há 30 anos. Eu já a conhecia do negócio”.</p> <p><b>E15,41:</b> “Há 29 anos”.</p> <p><b>E15,43:</b> “Eu estou casado há 16 anos, vai fazer 17 anos. Eu conheço-o há 18 ou 19 anos”.</p> <p><b>E15,49:</b> “Há muitos anos, há mais de 20”.</p> <p><b>E15,51:</b> “Ele casou com 26 anos. Já o conhecia. Conheço-o desde criança”.</p>	<p><b>E15,9:</b> “Desde 1980, (...)”.</p> <p><b>E15,12:</b> “Desde que nasci”.</p> <p><b>E15,17:</b> “(...) conheço-o há uns 30 anos”.</p> <p><b>E15,24:</b> “(...) desde que veio para o Lar. (...) de o ver aqui. Não sei há quanto tempo. (...)”.</p> <p><b>E15,28:</b> “Há 27 anos. (...)”.</p> <p><b>E15,33:</b> “Há 20 anos”.</p> <p><b>E15,36:</b> “Desde que nascemos”.</p> <p><b>E15,38:</b> “(...) Para aí há 30 anos. (...)”.</p> <p><b>E15,41:</b> “Há 29 anos”.</p> <p><b>E15,43:</b> “(...) conheço-o há 18 ou 19 anos”.</p> <p><b>E15,49:</b> “(...), há mais de 20”.</p> <p><b>E15,51:</b> “(...) desde criança”.</p>

	<p><b>E15,53:</b> “Desde que namorei com o filho. Há 22 anos”.</p> <p><b>E15,63:</b> “Desde pequena”.</p>	<p><b>E15,53:</b> “(...) Há 22 anos”.</p> <p><b>E15,63:</b> “Desde pequena”.</p>
Quais os momentos que mais o marcaram na sua vivência com o idoso?	<p><b>E16,9:</b> “As férias e os fins-de-semana na Quinta dele que era propriedade própria e os passeios nos jardins plantados por ele”.</p> <p><b>E16,12:</b> “As longas conversas que a D. “X” tinha com a minha avó”.</p> <p><b>E16,17:</b> “O que me marcou é o pai que foi para os filhos. Um pai correto, um pai permanente, trabalhou sempre para os filhos. É aquilo que nos deixa mais satisfeitos”.</p> <p><b>E16,24:</b> “Antes não tinha ligação nenhuma, nem o conhecia”.</p> <p><b>E16,28:</b> “Quando eu fui mãe. Se eu precisasse para não deixar de trabalhar, ela ficava com os netos. Duas ou três horas. Mais não, porque ela nunca soube olhar pelas crianças”.</p> <p><b>E16,33:</b> “Marcaram-me negativamente, porque positivamente não tenho. Era uma pessoa muito agressiva para os filhos. O seu segundo casamento afastou-os ainda mais”.</p> <p><b>E16,36:</b> “Não. Não há assim nada”.</p> <p><b>E16,38:</b> “Não. Não tenho assim nada. Há sempre aquelas coisas que eles fazem, mas eu digo à minha esposa deixa lá. Não guardo rancor. Mesmo coisas más que ela fazia à minha esposa eu dizia-lhe ‘deixa lá’. Por exemplo, quando ela fugia, eu andava atrás dela. Ela fugia e não dizia a ninguém, depois quando estava mal é que ligava. Uma vez tivemos que a ir buscar a Lisboa, outra vez às Taipas”.</p> <p><b>E16,41:</b> “Bastantes. (risos) Quando era canalha... aquilo... Jesus... (risos). Quando jogávamos à bola, é que eu sou maria rapaz, quando jogávamos à bola, ela caia no terraço dela e ela furava-as logo. Ela era... tinha dias... (risos)”.</p> <p><b>E16,43:</b> “Alguns. Um deles foi o momento em que o conheci. Desde esse momento até hoje que nos conhecemos bem, que sentíamos que havia ali qualquer coisa que se poderia transportar para o futuro que é isso que se está a verificar. Temos um bom relacionamento. Marcou-me porque ele foi sempre uma pessoa muito bem-educada comigo, sempre me respeitou como eu o respeito e acho que é neste respeito mútuo que existe a nossa amizade”.</p> <p><b>E16,49:</b> “Marcam todos os dias, sempre que a vou ver. Cada dia é único. Ver aquela senhora muito só. É uma senhora muito sozinha”.</p>	<p><b>E16,9:</b> “As férias e os fins-de-semana na Quinta dele (...)”.</p> <p><b>E16,12:</b> “As longas conversas que a D. “X” tinha com a minha avó”.</p> <p><b>E16,17:</b> “O que me marcou é o pai que foi para os filhos. Um pai correto, (...) permanente, (...)”.</p> <p><b>E16,24:</b> “Antes não (...) o conhecia”.</p> <p><b>E16,28:</b> “Quando eu fui mãe. Se eu precisasse para não deixar de trabalhar, ela ficava com os netos. (...)”.</p> <p><b>E16,33:</b> (...) Era uma pessoa muito agressiva para os filhos. (...)”.</p> <p><b>E16,36:</b> “Não. Não há assim nada”.</p> <p><b>E16,38:</b> “(...) Ela fugia e não dizia a ninguém, depois quando estava mal é que ligava. Uma vez tivemos que a ir buscar a Lisboa, outra vez às Taipas”.</p> <p><b>E16,41:</b> “Bastantes. (risos) Quando era canalha... aquilo... Jesus... (risos). Quando jogávamos à bola, (...), ela caia no terraço dela e ela furava-as logo. (...)”.</p> <p><b>E16,43:</b> “Alguns. Um deles foi o momento em que o conheci. Desde esse momento até hoje (...). Temos um bom relacionamento. (...)”.</p> <p><b>E16,49:</b> “Marcam todos os dias, sempre que a vou ver. Cada dia é único. (...)”.</p>

	<p><b>E16,51:</b> “Parece que não houve quase nada. Olhe, marcou as bodas de ouro dele, porque o meu marido tinha morrido há quatro meses (choro)”.</p> <p><b>E16,53:</b> “O falecimento dos dois filhos que ela tinha”.</p> <p><b>E16,63:</b> “Quando manifestou a sua carência e fragilidade depois do que a filha lhe fez”.</p>	<p><b>E16,51:</b> “(...) marcou as bodas de ouro dele, porque o meu marido tinha morrido há quatro meses (choro)”.</p> <p><b>E16,53:</b> “O falecimento dos dois filhos (...)”.</p> <p><b>E16,63:</b> “Quando manifestou a sua carência e fragilidade”.</p>
<p>Que tipo de actividades tinham em comum?</p>	<p><b>E17,9:</b> “Filatelia: momentos em que ele me ensinou a cuidar dos selos”.</p> <p><b>E17,12:</b> “Nenhuma. Ela foi sempre muito dada à Igreja. É daquelas pessoas que tratam mal todas as pessoas, ela é mesmo má, ruim de si. Mas depois anda sempre dentro da Igreja. Por isso nunca fizemos nada juntas. Deve reparar aqui que ela não quer fazer nada, porque tem muito que rezar e depois que não tem tempo. Só se for pelos pecados que faz. Às vezes pede-me que lhe escreva nomes de pessoas para rezar, depois anda atrás das meninas para lhe dizer o que está ali escrito porque ela não sabe ler. Devia era portar-se melhor”.</p> <p><b>E17,17:</b> “Fazíamos festas, juntávamo-nos todos”.</p> <p><b>E17,24:</b> “Nada”.</p> <p><b>E17,28:</b> “Nenhuma. Eu também não. Não vou dizer que sim, porque é mentira”.</p> <p><b>E17,33:</b> “Não tínhamos nenhuma”.</p> <p><b>E17,36:</b> “Não convivíamos assim muito, era mais em adultas.”</p> <p><b>E17,38:</b> “Não. Eram só aqueles jantarzitos que íamos lá a casa, jantar ou almoçar. Ajudávamo-la e ela como compensa dava-nos o almoço”.</p> <p><b>E17,41:</b> “Não. Eles tinham a vida deles”.</p> <p><b>E17,43:</b> “Algumas. Nós temos alguns convívios que fazemos no Verão em que a família se reúne toda. E o meu sogro acompanha-nos porque é uma pessoa muito divertida, que não é conflituoso... São coisas que marcam”.</p> <p><b>E17,49:</b> “Sim. Já. Em festas”.</p> <p><b>E17,51:</b> “O tempo era outro”.</p> <p><b>E17,53:</b> “Não muito, como ela anda pouquinho, é só lá em casa”.</p> <p><b>E17,63:</b> “Nenhuma”.</p>	<p><b>E17,9:</b> “Filatelia (...)”.</p> <p><b>E17,12:</b> “Nenhuma”.</p> <p><b>E17,17:</b> “Fazíamos nas festas, (...)”.</p> <p><b>E17,24:</b> “Nada”.</p> <p><b>E17,28:</b> “Nenhuma (...)”.</p> <p><b>E17,33:</b> “Não tínhamos nenhuma”.</p> <p><b>E17,36:</b> “Não convivíamos assim muito, (...)”.</p> <p><b>E17,38:</b> “Não. Eram só aqueles jantarzitos que íamos lá a casa (...)”.</p> <p><b>E17,41:</b> “Não. (...)”.</p> <p><b>E17,43:</b> “Algumas. Nós temos alguns convívios que fazemos no Verão em que a família se reúne toda. (...)”.</p> <p><b>E17,49:</b> “Sim. Já. Em festas”.</p> <p><b>E17,51:</b> “O tempo era outro”.</p> <p><b>E17,53:</b> “Não muito, (...)”.</p> <p><b>E17,63:</b> “Nenhuma”.</p>

<p>O que o levou a aproximar-se da vida do idoso?</p>	<p><b>E18,9:</b> “O facto de ele ter casado com a minha mãe quando ainda era uma pré-adolescente”.</p> <p><b>E18,12:</b> “Saber que não tinha ninguém e sei que a minha avó ficaria contente se soubesse que eu continuo a visitar a sua melhor amiga”.</p> <p><b>E18,17:</b> “No meu caso foi a filha, a minha esposa”.</p> <p><b>E18,24:</b> “O ter pena de o ver só. Venho cá e visito os idosos no geral”.</p> <p><b>E18,28:</b> “Foi o ter pena da pessoa”.</p> <p><b>E18,33:</b> “Porque vivia na mesma zona e conhecia a sua situação. Apesar de não ser um bom testemunho para os filhos, custou-me o que a segunda mulher lhe fez. Roubou-lhe tudo, prejudicando assim os seus filhos”.</p> <p><b>E18,36:</b> “Crescemos na mesma freguesia. E depois de uma certa idade foi mais por causa da Igreja”.</p> <p><b>E18,38:</b> “Foi depois a minha esposa, quando começamos a namorar”.</p> <p><b>E18,41:</b> “Nada. Eramos vizinhos”.</p> <p><b>E18,43:</b> “Foi a filha. (risos) claro”.</p> <p><b>E18,49:</b> “Por estar sozinha. Eu passava por ela na rua e via que era uma senhora muito sozinha, a quem quase ninguém ligava”.</p> <p><b>E18,51:</b> “Crescemos quase juntos”.</p> <p><b>E18,53:</b> “No princípio foi o meu marido e depois o ela não ter ninguém que fizesse alguma coisa por ela”.</p> <p><b>E18,63:</b> “A intenção de a apoiar e perceber se está a ter o mínimo de qualidade de vida possível”.</p>	<p><b>E18,9:</b> “(...) ter casado com a minha mãe (...)”.</p> <p><b>E18,12:</b> “Saber que não tinha ninguém (...)”.</p> <p><b>E18,17:</b> “(...) foi a filha, a minha esposa”.</p> <p><b>E18,24:</b> “O ter pena de o ver só. (...)”.</p> <p><b>E18,28:</b> “Foi o ter pena da pessoa”.</p> <p><b>E18,33:</b> “(...), custou-me o que a segunda mulher lhe fez. (...)”.</p> <p><b>E18,36:</b> “(...) foi mais por causa da Igreja”.</p> <p><b>E18,38:</b> “(...) a minha esposa, (...)”.</p> <p><b>E18,41:</b> “Nada. Eramos vizinhos”.</p> <p><b>E18,43:</b> “Foi a filha. (...)”.</p> <p><b>E18,49:</b> “Por estar sozinha. (...)”.</p> <p><b>E18,51:</b> “Crescemos quase juntos”.</p> <p><b>E18,53:</b> “No princípio foi o meu marido e depois o ela não ter ninguém que fizesse alguma coisa por ela”.</p> <p><b>E18,63:</b> “A intenção de a apoiar e perceber se está a ter o mínimo de qualidade de vida possível”.</p>
<p>De forma breve, como descreve a sua relação com o idoso?</p>	<p><b>E19,9:</b> “É uma relação afável e de grande respeito que nunca teve um mau momento. Apesar de sem grandes manifestações exteriores mas com profundidade e verdade”.</p> <p><b>E19,12:</b> “A minha relação com a idosa é uma relação de carinho, afeto, vigilância e fico contente por saber que ela se encontra institucionalizada e bem cuidada”.</p> <p><b>E19,17:</b> “É boa. Ele confia muito em mim. A relação é ótima. É como se fosse filho, quase. Ele quando precisa de mim pede tudo”.</p>	<p><b>E19,9:</b> “É uma relação afável e de grande respeito (...) mas com profundidade e verdade”.</p> <p><b>E19,12:</b> “(...) é uma relação de carinho, afeto, vigilância (...)”.</p> <p><b>E19,17:</b> “(...) é ótima. É como se fosse filho, (...)”.</p>

<p><b>E19,24:</b> “Procuro que seja uma relação de amizade. Compensar, de certa forma, os familiares. Quebrar a solidão que muitos sentem”.</p> <p><b>E19,28:</b> “Como é que eu vou responder a essa pergunta... Ora bem... Tem dias de tudo. Dias melhores, dias piores. Não vou dizer que todos os dias são santos, mas estou a fazer o meu papel de nora e de filha”.</p> <p><b>E19,33:</b> “Não existe relação, é mero conhecimento e alguma pena de o ver nesta idade abandonado por todos”.</p> <p><b>E19,36:</b> “Ora bem. Sou franca. Amizade... foi mais... foi o ter pena dela. Olhando à situação dela ser uma mulher assim... aleijada. Comecei olhando a ela estar assim sozinha. Depois ela sofreu muito com a irmã que morreu, sofreu muito”.</p> <p><b>E19,38:</b> “É normal, como as outras pessoas. Estou aqui mais à vontade com as outras pessoas a conversar, brinco e coisas do que com ela. Ela não entra em brincadeira nenhuma”.</p> <p><b>E19,41:</b> “Agora não tem nada a ver. Sei lá. Nós eramos canalha... Embora, depois de eles estarem mais debilitados nos chamassem mais atenção... Era aquela coisa de serem vizinhos. Eles eram maus os dois. Sempre na vidinha deles, mas... Na brincadeira a bola caía, era normal... (risos). Agora é diferente. Tento ajudar no que puder”.</p> <p><b>E19,43:</b> “Que lhe posso dizer? A minha relação é uma relação de proximidade, embora não seja aquela proximidade diária, é uma proximidade muito grande, porque nós não estamos 15 dias sem nos vermos, sem nos falarmos. Ele procura-me sempre que tem um problema, eu procuro estar sempre por dentro daquilo que ele precisa. Há coisas que são mais com os filhos, mas naquilo que posso ajudar... Nunca faltamos ao respeito um ao outro, sempre nos demos muito bem. Falamos de todos os temas. Não existe tabus entre nós os dois, é uma pessoa aberta. O relacionamento é muito bom. A nível da proximidade podia ser mais, mas também podia ser menos. Mas acho que a nossa relação é aquela que mais se enquadra, neste momento está bem e chega”.</p> <p><b>E19,49:</b> “Gosto muito dela por ela também ser uma pessoa sincera e de estar assim muito sozinha na vida. De viver muito sozinha. Eu assim sempre que posso estou com a senhora. Dou-lhe todo o carinho que posso”.</p> <p><b>E19,51:</b> “Olhe. Como um irmão. Ela era minha irmã, mas ele era uma pessoa muito respeitadora, sempre. Se eu precisasse, ele estava sempre disponível”.</p> <p><b>E19,53:</b> “É assim. Eu sou nora, mas tenho uma vida muito ocupada. Tenho as coisas da Igreja, sou catequista, sou cantora e então... as horas são poucas. Quando passo mais tempo é ao domingo quando vou buscá-la para almoçar na minha casa. Sou eu que vejo o que lhe falta e que lhe compra as coisas. É assim. Como disse no início, eu não concordo muito. Cativou-me no início por causa da vida dela, então agora é só mesmo o básico. Não sinto aquele carinho como mãe”.</p>	<p><b>E19,24:</b> “Procuro que seja uma relação de amizade. (...)”.</p> <p><b>E19,28:</b> “(...) Não vou dizer que todos os dias são santos, mas estou a fazer o meu papel de nora e de filha”.</p> <p><b>E19,33:</b> “Não existe relação, (...)”.</p> <p><b>E19,36:</b> “(...) foi o ter pena dela. Olhando à situação dela ser uma mulher assim... aleijada. Comecei olhando a ela estar assim sozinha. (...)”.</p> <p><b>E19,38:</b> “É normal, como as outras pessoas. (...)”.</p> <p><b>E19,41:</b> “Agora não tem nada a ver. Sei lá. Nós eramos canalha (...). Tento ajudar no que puder”.</p> <p><b>E19,43:</b> “(...) é uma relação de proximidade, embora não seja aquela proximidade diária, é uma proximidade muito grande, (...)”.</p> <p><b>E19,49:</b> “Gosto muito dela por ela também ser uma pessoa sincera e de estar assim muito sozinha na vida. (...)”.</p> <p><b>E19,51:</b> “Olhe. Como um irmão. (...)”.</p> <p><b>E19,53:</b> “(...) Cativou-me no início por causa da vida dela, então agora é só mesmo o básico. Não sinto aquele carinho como mãe”.</p>
---	--

	<b>E19,63:</b> “É uma relação empática, afetuosa, carinhosa, de preocupação e prestação de cuidado”.	<b>E19,63:</b> “É uma relação empática, afetuosa, carinhosa, de preocupação e prestação de cuidado”.
--	--	--